

O CONJUNTO DO CARMO DE CACHOEIRA

The Carmo Architectonic Ensemble of Cachoeira

Maria Helena O. Flexor (Organizadora) . Ana Maria Lacerda
Maria Conceição da Costa e Silva . Maria Vidal de Negreiros Camargo









O CONJUNTO DO CARMO DE CACHOEIRA

THE CARMO ARCHITECTONIC ENSEMBLE OF CACHOEIRA

MARIA HELENA O. FLEXOR (ORGANIZADORA)
ANA MARIA LACERDA
MARIA CONCEIÇÃO DA COSTA E SILVA
MARIA VIDAL DE NEGREIROS CAMARGO

IPHAN | MONUMENTA



APRESENTAÇÃO

Este livro pretende registrar uma das intervenções mais emblemáticas promovidas pelo Programa Monumenta do IPHAN/MinC, em seus dez anos de atividades na recuperação do patrimônio cultural brasileiro. E esse registro se justifica por diversas razões.

A primeira delas diz respeito ao valor histórico, arquitetônico e artístico do monumento restaurado. O Conjunto do Carmo, construído no século XVIII, é composto pelo Convento, a Ordem Primeira e a Igreja da Ordem Terceira.. O complexo, junto com a Casa de Câmara e Cadeia, compõe o espaço urbano mais importante da cidade de Cachoeira na Bahia.

A segunda razão desse registro refere-se à qualidade do trabalho de restauro empregado nesta que foi a maior intervenção implementada ali. Na parte interna da Igreja do Carmo, as talhas contemporâneas foram retiradas da capela mor, bem como as camadas de pintura em tinta látex branca que recobriam as colunas e nichos dos altares laterais, descobrindo-se a escaiola que existia anteriormente. Os forros da nave e da capela lateral direita que se encontravam fragmentados foram restaurados e recolocados no local de origem, após um exaustivo trabalho de pesquisa em iconografia antiga que permitiu a montagem das peças como um jogo de quebra-cabeça. Já na Ordem Terceira do Carmo, as pinturas e as partes faltantes dos bens integrados foram restauradas, como, por exemplo, os suportes das tochas dos espelhos. As luminárias com espelho, consideradas exemplares raros, foram inteiramente recuperadas.

Pretendeu-se, por último, com o presente registro impedir que se formasse uma lacuna de informação a respeito desse importante acervo agora devolvido à população.

A construção, as sucessivas intervenções, os trágicos efeitos das intempéries sobre as edificações e os bens artísticos do Conjunto do Carmo, os problemas de gestão: tudo está aqui relatado em minúcia pelas experientes historiadoras que se dedicaram a dar a público o resultado de sua exaustiva pesquisa.

Merecem ainda menção os novos usos agregados para o Carmo, propostos pelo Monumenta – tais como a criação de um espaço para eventos e a transferência do Museu de Arte Sacra para a Igreja do Convento –, assim como algumas iniciativas de revitalização da cidade. A mais interessante delas criou em Cachoeira um campus para que o Ministério da Educação ali implantasse a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

O enfoque sistêmico da intervenção promovida pelo Monumenta e as propostas de uso dos monumentos recuperados buscam, assim, estabelecer paradigmas inovadores no sentido de promover a conservação sustentada de todo o conjunto urbano.

Luiz Fernando de Almeida
Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Coordenador Nacional do Programa Monumenta
Novembro de 2007



CRÉDITOS

Presidente da República do Brasil
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro de Estado da Cultura
Gilberto Passos Gil Moreira

Presidente do Instituto do
Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Coordenador Nacional do Programa Monumenta
Luiz Fernando de Almeida

Coordenação editorial
Sylvia Maria Braga

Edição
Caroline Soudant

Revisão e preparação
Denise Costa Felipe

Tradução para o inglês
Johann Weber

Revisão do inglês
Maíra Mendes Galvão

Design gráfico
Cristiane Dias

Fotos
Arquivos Monumenta e IPHAN
Caio Reisewitz
Leo Caldas/Editora Horizonte

Capa
Detalhe de talha da Ordem Terceira do Carmo.
Foto de Caio Reisewitz, 2007.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 05

INTRODUÇÃO 08



O CONVENTO E A IGREJA DO CARMO 34



A ORDEM TERCEIRA 58



AS INTERVENÇÕES 84

GLOSSÁRIO 174

ENGLISH VERSION 180

PRESENTATION 180
INTRODUCTION 182
THE CARMO CONVENT AND CHURCH 191
THE THIRD ORDER OF CARMO 197
INTERVENTIONS IN THE CARMO ENSEMBLE 204

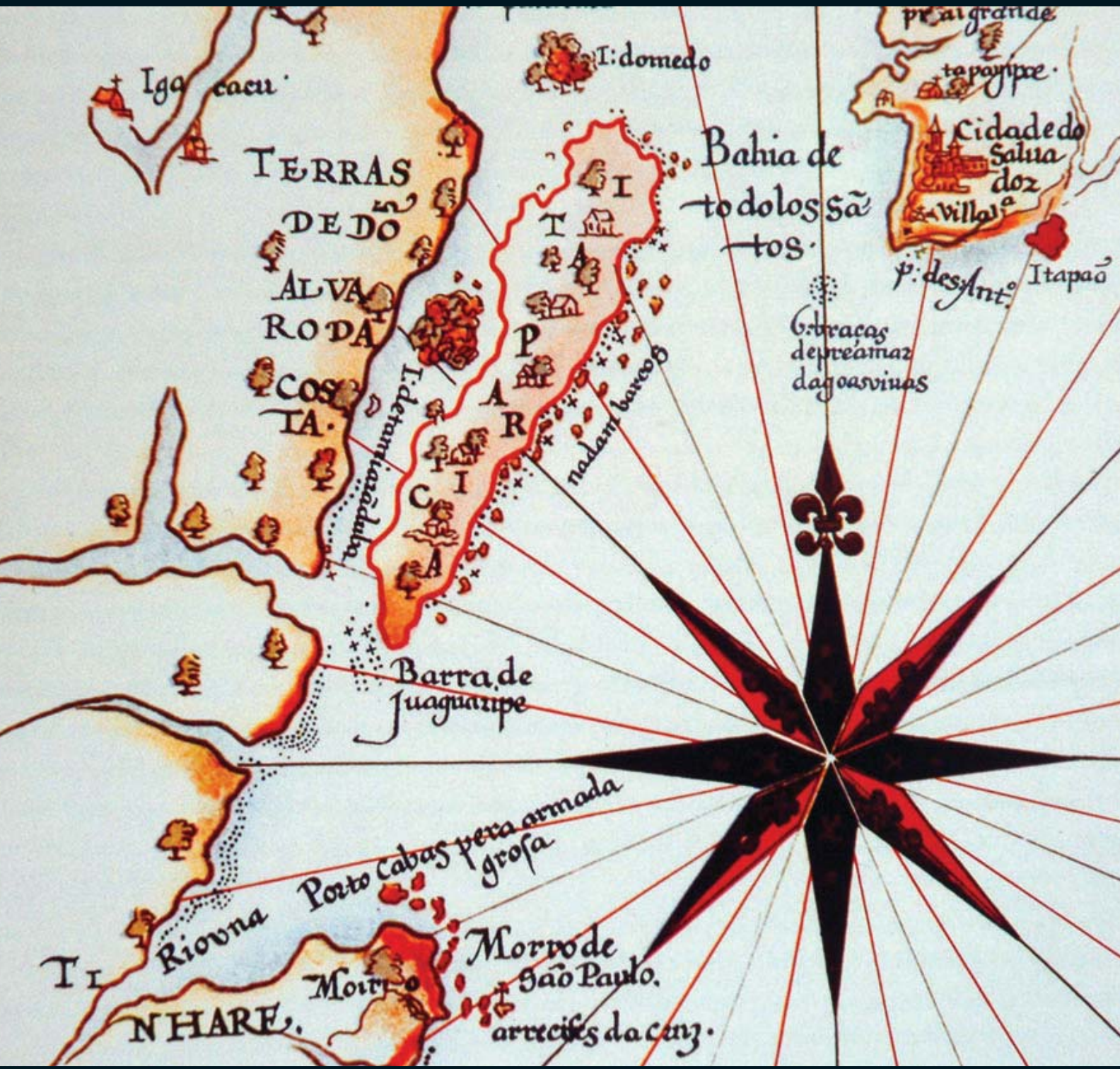
GLOSSARY 226

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 230


Palmos
TERRAS DE DÕ
ALVARO
DA
COS
TA
Barra de Pargassu
I: do medo
Ilhas Alagadisas.
Cubertas de
Manguez
Engenho de
Duarte Orques
Engenho de
Sebastião Pacheco
I: alagadiça
I: alagadiça
I: alagadiça
FORTE DE
SANTO ALBERTO
Palmos
ILHA DE TAPARI
CA. DO CONDE
DA CASTANHEIRA


dos Frades
BAHIA DE TODOS OS SANTOS.
CAPITANIA DE SVA MAGESTADE
Forte de S. Antonio
FORTE DE S. ANTONI

INTRODUÇÃO



Iga cacu
TERRAS DE DO ALVARO DA COSTA
I: domedo
Bahia de todolos sãtos
I T A P A R I C A
I: detamiarãdaba
nadam barcos
Barra de Juaguaripe
Porto Cabas pera armada grosa
Riovna
Morro de São Paulo
arrecifes da cenz
NHARE
Cidade do Salua doz
Villa
p: des Ant.º
Itapaõ
6 braças de preamar dagoas viuas



CONTEXTO HISTÓRICO

BAÍA DE TODOS OS SANTOS
João Teixeira Albernaz, 1666.

BAY OF ALL SAINTS
João Teixeira Albernaz, 1666.

A cidade de Cachoeira, situada no Recôncavo Baiano, abrange as regiões adjacentes à Baía de Todos os Santos, tanto na zona costeira quanto em terras mais interiores, banhadas por rios. Disso decorre uma paisagem bastante variada, com terras relativamente baixas junto à costa, e terras mais altas, principalmente os terraços que flanqueiam os vales dos rios, como os do rio Paraguaçu. Cachoeira foi fundada numa das margens do trecho navegável desse rio.

A ocupação das terras junto ao Paraguaçu, da foz até o trecho encachoeirado rio acima, não se fez de forma tranqüila. Foi sangrenta e, por isso mesmo, demorada.

No governo de Duarte da Costa, a partir de 1553, os moradores tiveram uma certa tranqüilidade, graças às campanhas vitoriosas contra os índios, empreendidas por seu filho D. Álvaro. Como recompensa pelos serviços prestados, o rei D. João III concedeu-lhe, por carta de sesmaria, em janeiro de 1557, as terras entre o rio Paraguaçu e o Jaguaripe. Eram terras que, por sua extensão, constituíam uma verdadeira capitania, condição à que foram elevadas em março de 1566, com o nome de Capitania do Paraguaçu. Os sucessores de D. Álvaro arrendaram as terras a outros colonos.

A situação de insegurança perdurou até a chegada do terceiro governador, Mem de Sá. Em 1558, atendendo ao pedido de socorro de colonos da região, ele organizou duas campanhas. Na segunda, em setembro do ano seguinte, chamada Guerra do Paraguaçu, sob o comando do próprio governador, consta que foram incendiadas 70 aldeias indígenas.

Desenvolveu-se, então, o processo de ocupação da região, com os primeiros agrupamentos de colonos, a partir de Iguape. Dessa ocupação tem-se notícias pela obra de Gabriel Soares de Souza (1974, p. 77), que detalha a região do baixo Paraguaçu, enumerando e descrevendo os engenhos ali existentes. Cachoeira concentrou-se no cultivo da cana para produção de açúcar, o produto mais valioso para os interesses da metrópole e a razão primeira de seu desenvolvimento. Não é de estranhar que suas origens remontem a um engenho. Gabriel Soares descreveu também o engenho que, segundo alguns autores, estava instalado no local onde, no século seguinte, se ergueria um outro que teria dado início à povoação de Cachoeira.

Apesar de várias iniciativas, até meados do século XVII não houve paz na região. Em 1651, uma carta régia nomeou Gaspar Rodrigues Adorno como capitão para combater os índios que atacavam os moradores, através das margens do Paraguaçu, na parte mais próxima do litoral, destruindo casas e lavouras. Após algumas expedições, e pacificados os índios, pelo menos temporariamente, esse capitão recebeu como recompensa quatro léguas de terras em ambas as margens do Paraguaçu.


CACHOEIRA
SALVADOR


FEIRA DE SANTANA
S. GONÇALO DOS CAMPOS
C. da FEIRA
CACHOEIRA
MURITIBA
SAPEAÇU
MARAGOGIPE
S. FELIPE
MACEDO COSTA
S. ANTÔNIO DE JESUS
NAZARÉ
ARATUÍPE
JAGUARIPE
SALVADOR
BAIA DE TODOS OS SANTOS
OCEANO ATLÂNTICO

MAPA DO ESTADO DA BAHIA

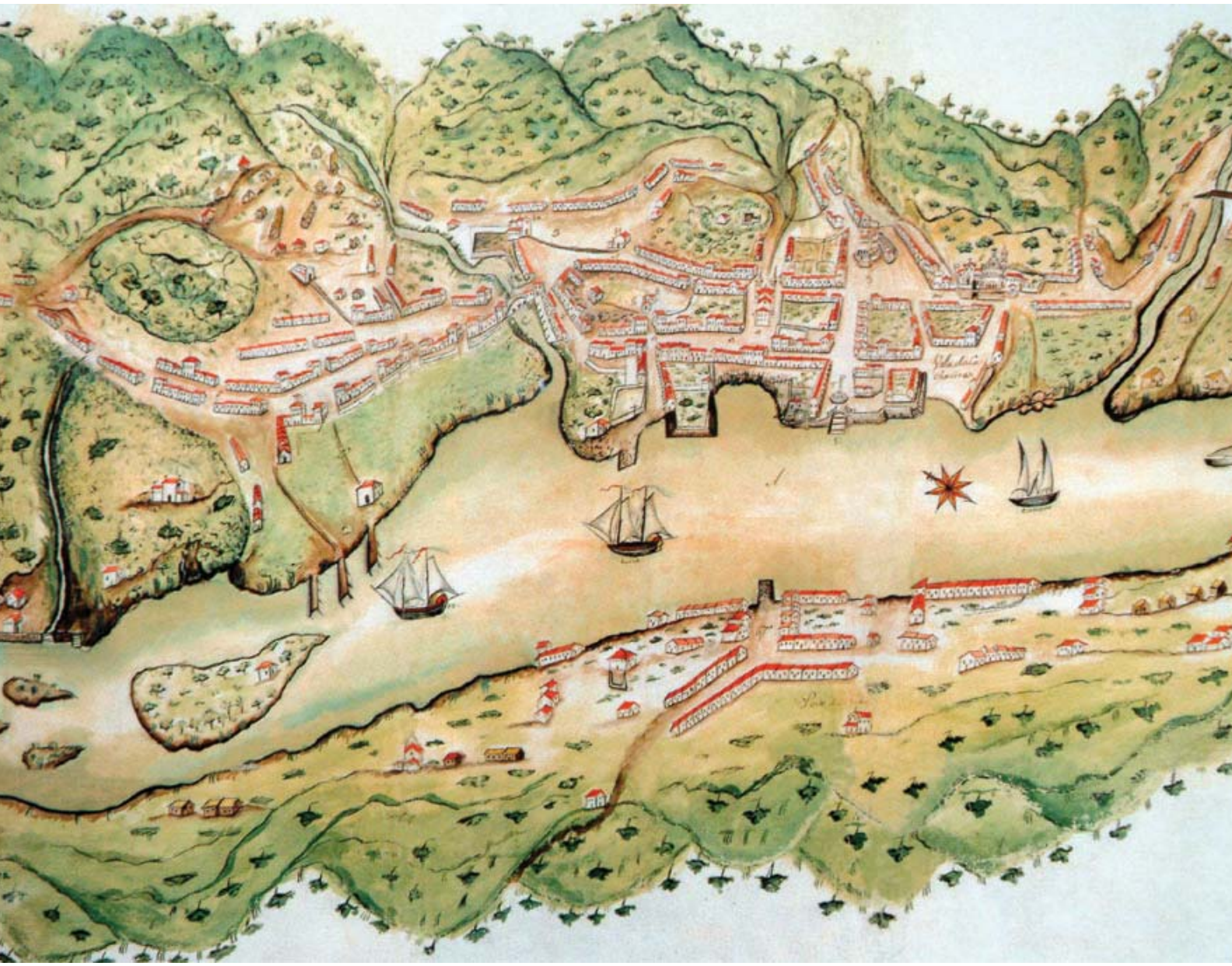
e mapa do recôncavo Baiano, à esquerda.

Ao lado, planta de situação da Igreja e Convento do Carmo de Cachoeira.

STATE OF BAHIA MAP and Recôncavo Baiano map, on the left.

Beside, overview of the Carmo Convent and Church of Cachoeira.





O capitão João Rodrigues Adorno, filho de Gaspar, instalou-se no sítio de Cachoeira no correr de 1654, incentivando o povoamento da região, graças ao bom relacionamento que mantinha com os índios. Reconstruiu, em 1673, a pequena ermida do povoado pioneiro, que datava do fim do século XVI, a capela de Nossa Senhora do Rosário. Doou essa capela, em 1674, para nela se erigir a paróquia de Cachoeira[1], que se tornaria a matriz da freguesia até que se construísse

VILA DE CACHOEIRA

Desenho aquarelado, de autor desconhecido, que acompanha o manuscrito do livro de Joaquim de Moreira Castro "*Memória sobre as espécies de tabaco*"...George Arents Collection da New York Public Library, 1792.

VILLAGE OF CACHOEIRA Watercolour by unknown author featured in the manuscript of the book by Joaquim de Moreira Castro "Memorial of the Tobacco Species", George Arents Collection, New York Public Library, 1792.

a atual, dedicada a Nossa Senhora da Ajuda. Em 1683 levantou seu sobrado acastelado, sobre novos alicerces, fronteiro ao lado direito dessa capela, num ponto elevado do povoado.

Na povoação, a construção do Convento do Carmo teve início em 1688, em terrenos do capitão João Rodrigues Adorno e de sua mulher, dona Úrsula de Azevedo, doados no ano anterior à Ordem, então representada por frei Manoel da Piedade.

No final do século XVII, o povoado já era suficientemente importante para habilitar-se à condição de uma das vilas da Capitania da Bahia, conforme recomendação da carta régia de 1693 ao governador-geral D. Antônio Luís Coutinho da Câmara. Criada em 27 de setembro do mesmo ano, transcorreram quatro anos até que fosse instalada, em 24 de janeiro de 1698, pelo desembargador Estevão Ferraz de Campos[2] e com todas as "formalidades de estilo", a Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, cuja Câmara tomou posse no mesmo dia, lavrando o competente registro com a eleição de seus integrantes e estabelecendo os limites do termo da nova vila.

Esse termo da Vila de Cachoeira compreendia uma vasta extensão de terras férteis, próximas de rios. Era o caso, por exemplo, da freguesia de Santiago de Iguape[3], que Vilhena[4] (1969, p. 484) apontava ter nada menos que 14 engenhos em que se fabricava "o melhor açúcar do Recôncavo da Bahia". Em 1825 a mesma região foi descrita por Arnizau (1998, p. 28) como o "novo éden ou paraíso terreal" que, segundo o autor, tinha 20 engenhos, além de fazendas e alambiques.

A localização próxima aos rios era favorável em vários aspectos: a água podia ser utilizada como fonte de energia para a movimentação das moendas, os cursos serviam para o transporte da cana da roça para o engenho, para trazer lenha e outros insumos. E, o mais importante, permitiam que o açúcar chegasse rápida e economicamente a seu porto de embarque, perto de Salvador.

Assim, entre outras razões, Cachoeira desenvolveu-se por sua localização privilegiada. Situada perto da foz do maior rio desaguando no Recôncavo, em sua parte navegável, a cidade tornou-se um importante ponto de contato, de chegada e saída e de trocas de mercadorias entre o mar e o interior e vice-versa.

O documento, ou termo, de instalação da nova Câmara já continha informações importantes sobre as diretrizes urbanas que eram propostas para a vila, como a colocação do pelourinho provisório num terrapleno[5], "fronteiro ao porto de mar" (CELESTINO, 1937, p. 95) no mesmo Paraguaçu. O terrapleno, que se achava devoluto, deveria ser transformado em praça para uso dos moradores. O documento determinava ainda o sítio em que se deveria levantar a Casa da Câmara e Cadeia, e estabelecia posturas a serem observadas. Por volta de 1700, o edifício da Câmara e Cadeia estava construído. A partir de então, novos equipamentos começaram a guarnecer a vila.

Os mesmos Adorno, em escritura datada de 21 de abril de 1721, passaram as terras a frei Antonio Machado, de Nossa Senhora de Belém, para a fundação de um hospital, concluído em 1734. Em 1756 sua administração passou aos frades da Ordem de São João de Deus, de Lisboa, de onde vem o nome Hospital de São João de Deus.

A Casa da Câmara e Cadeia já estava em ruínas em 1726, com risco de desabamento; sua reconstrução começou três anos depois. Entre 1740 e 1744, a Câmara viu-se às voltas com as obras do cais, mas não se tem informações sobre a conclusão dos trabalhos. Documentos informam que a Câmara cuidou do calçamento de ruas, da conservação de caminhos e ladeiras – uma constante preocupação –, da ponte sobre os riachos Caquende e Pitanga, conhecida como Ponte Velha. Concluiu o novo pelourinho de cantaria, com coluna pedestal de pedra e, em 9 de março de 1754, manifestava-se sobre a necessidade de se construir uma ponte ligando a vila ao povoado de São Félix.

Em outubro de 1755, viajando de Goiás a Salvador, o sexto conde dos Arcos D. Marcos de Noronha, vice-rei do Brasil, fez sua última escala em Cachoeira. Para facilitar o embarque e desembarque dos visitantes, além de recomendações para boa recepção, mandou-se que fossem feitos os cais em Cachoeira e São Félix – conforme os Termos de Arrematação, que informam as obras e os serviços a serem executados, seu preço, quem as arrematou e as condições estabelecidas. O conde encontrou Cachoeira com algumas das obras já prontas.

Entre as mais importantes, arrematadas no período coberto pelos Termos de Arrematação, estão a Casa do Açougue; o Curral do Conselho; as de drenagem das águas, que corriam dos outeiros em canalização subterrânea; obras de acabamento da Casa da Câmara; terraplanagem do trecho fronteiro à Praça da Câmara, seguindo-se a construção da plataforma elevada da frente do edifício e respectiva escada de acesso, assim como o adro, em cima, calçado de pedra e cal. Foi também contratada a construção de um chafariz, erguido na praça do hospital para abastecimento de água para a população, mas, talvez por insuficiência de recursos, associada às dificuldades técnicas, a obra não foi concluída.

Em 1792, Joaquim do Amorim Castro, naturalista baiano e juiz de fora de Cachoeira, dedicou ao ministro da Marinha, Martinho de Melo e Castro, um manuscrito descrevendo a cultura do fumo, com um relato sumário da vila no final do século XVIII (apud SMITH, 1948), apontando seus principais equipamentos: o cais, com parapeito de pedra, que fora construído pelo capitão João Rodrigues Adorno em 1712; o pelourinho[6]; o Largo da Praça; o edifício do antigo Senado da Câmara; o conjunto de edifícios carmelitas; a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, a mais antiga e a já citada primeira sede paroquial da vila; e a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário.

VISTA GERAL DE CACHOEIRA
tomada de São Félix. Foto de Caio Reisewitz, 2007.

OVERVIEW OF CACHOEIRA taken from São Félix. Photo by Caio Reisewitz, 2007.



VISTA GERAL DE SÃO FÉLIX
tomada de Cachoeira. Foto de Elias Mascarenhas, 2006.

OVERVIEW OF SÃO FÉLIX taken from Cachoeira. Photo by Elias Mascarenhas, 2006.





Outra descrição, do mesmo período, se deve a Vilhena (1969, p. 482), que destacava ser Cachoeira "a mais comerciante", e ter, além dos edifícios e equipamentos citados, as capelas da Conceição do Monte, São Pedro e Amparo, o chafariz sem funcionar e pontes sobre os rios Pitanga e Caquende – a Ponte Velha e a Ponte Nova, esta última construída entre os anos de 1792 e 1817.

A maior parte dessas obras foi patrocinada pela Câmara ou pela população. No final do século XIX, seriam construídos o cais da Manga e a ponte entre Cachoeira e São Félix, com recursos de outras fontes[7].

A Câmara da Vila de Cachoeira apresentava, no final do século XVIII, situação financeira suficientemente saudável para torná-la credora, em outubro de 1796, de 40 mil cruzados de um empréstimo feito à Câmara da Cidade da Bahia, por ordem do governador e capitão-geral D. Fernando José de Portugal, empréstimo este do qual nunca foi ressarcida, embora o tenha tentado por várias vezes. No século XIX, ao contrário, a situação financeira da Câmara foi sempre de penúria, dependendo a vila, e depois cidade, de recursos provindos do governo da província, estes em geral também escassos.

POPULAÇÃO
Senhoras componentes da Irmandade da Boa Morte. Foto de Adenor Gondim, 2004.

THE PEOPLE Participants of the Good Death Brotherhood. Photo by Adenor Gondim, 2004.

Isso acontecia apesar de Cachoeira, e sua região, ser também grande produtora de fumo, a segunda lavoura mais importante da Bahia depois da cana-de-açúcar. Já no final do século XVIII, o fumo se destacava não só como artigo de exportação – para Lisboa, Porto, Gibraltar, Marselha, Hamburgo e Liverpool –, mas também como moeda de escambo para aquisição de escravos na África.

PRODUÇÃO DE CHARUTOS
na antiga fábrica Danneman, de São Félix, detalhe abaixo. Foto de Leo Caldas/ Editora Horizonte, 2007.

CIGAR PRODUCTION at the old Danneman Factory from São Félix, detail below. Photo by Leo Caldas/Horizonte Publishing, 2007.

Antes de 1802, não se exportava senão fumo de corda. No início do século XIX começaram a surgir manufaturas na Bahia. A primeira delas de rapé, a Areia Preta, de propriedade do suíço Frédéric Meron. Na segunda metade do século abriram-se as primeiras fábricas de charutos. As manufaturas, quase uma extensão da atividade exportadora, em geral tinham como proprietários o mesmo grupo exportador, normalmente constituído por alemães[8]. O sistema de manufatura permaneceu no século XX, com destaque para a hoje cidade de São Félix. Moraes (1866, p. 82) informava que existiam em Cachoeira dez armazéns de fumo e cinco fábricas de charuto.

Praticava-se também no Recôncavo a agricultura de abastecimento, com a produção de gêneros alimentícios perecíveis, como frutas, verduras e legumes; e não perecíveis, como feijão, milho e, principalmente, farinha de mandioca.

Além de sediar uma vasta região produtora de cana-de-açúcar, fumo e gêneros de abastecimento, o grande diferencial de Cachoeira em relação a outras cidades, vilas e povoações do Recôncavo era sua localização. Essa localização permitia que fosse um entreposto de mercadorias de Salvador para o interior, e de confluência e exportação para Salvador dos produtos de abastecimento e de exportação oriundos da região e do interior.

Um bom resumo da importância de Cachoeira, nesse aspecto, foi fornecido pelo requerimento que a Câmara dirigiu ao oitavo conde dos Arcos, em 6 de novembro de 1816, solicitando sua gestão junto a D. João VI para que se construísse a ponte entre Cachoeira e São Félix, justificando sua necessidade.





RIO PARAGUAÇU

Importante meio de comunicação até meados do século XX.
Arquivo Ordem Carmelita.

PARAGUAÇU RIVER
Important means of communication until mid-20th century. Carmelite Order Archive.



NAVEGAÇÃO BAIANA

Entrada pelo Rio Paraguaçu, anterior a 1940. Arquivo Ordem Carmelita.

NAVIGATION COMPANY
Entrance by the Paraguaçu River, before 1940. Carmelite Order Archive

> A Vila da Cachoeira [...] é o ponto fixo onde se deposita grande parte dos gêneros que fazem o principal objeto do Comércio de exportação da Capitania da Bahia. A lavoura de tabaco é quase privativa deste distrito, e é pouco o que deixa de vir aqui depositar-se para ser transportado para a Bahia. O algodão de Minas Novas, Caetité, e do Alto e Baixo Sertão, todo vem procurar este ponto de embarque, e os Engenhos estabelecidos e que anualmente se estabelecem nestas vizinhanças, fazem com que já hoje se embarque neste porto grande número de caixas de açúcar; bem como é avultada a quantidade de courama que presentemente se exporta para o mercado daquela cidade. Todos estes gêneros, que aqui vêm depositar-se para serem exportados, e os que da Bahia vêm aqui desembarcar, tanto para o consumo da terra, como para o fornecimento dos Campos, Sertões, e minas, têm feito com que esta Vila tenha crescido a um ponto tal de consideração, que não será fácil encontrar-se outra, em todo o reino do Brasil, que a iguale em comércio, riqueza e população (Arquivo Nacional, documentação, 1810-1818).

Anos depois, Arnizau (1998, p. 30-31) confirmava essa vocação de Cachoeira, assinalando as tropas de "diversas minas, Caetité e Rio de Contas, que além de trazerem todos os gêneros comestíveis de minas, trazem grande quantidade de algodão, solas, couros salgados e curtidos, ouro em pó e em barras, gados cavalar e vacum".

Tudo isso se transportava em carros de boi, lombos de mula ou burros, barcos a vela, canoas, saveiros, jangadas. Embarcações, das mais seguras às mais precárias, eram usadas para o transporte de pessoas e de mercadorias pela via flúvio-marítima. Uma das razões pela qual, já em 1816, a Câmara solicitara a construção da ponte entre Cachoeira e São Félix era para evitar os desastres que ocorriam, principalmente em épocas de cheias, quando canoas viravam, com perdas de vidas e de gêneros.

Já nesse tempo, o general Felisberto Caldeira Brandt, o marquês de Barbacena, importou da Inglaterra um motor que adaptou a um barco. Em 4 de outubro de 1819, o barco a vapor realizava sua primeira viagem a Cachoeira, levando a bordo o governador, conde da Palma, o marquês e seus sócios, mas não passou de experimento.

Como seu próprio nome indica, Cachoeira avizinhava-se do ponto em que o rio descia abruptamente para a região próxima da costa. Era, e é, um sítio baixo, mas não plano. É estreito, pois fica apertado entre o rio e a montanha, limitado pela serra do Timborá, que se prolonga ao Norte, e pelas ladeiras do Capoeiruçu e do Caquende. Foi uma constante a atenção necessária, e nem sempre devidamente prestada, por carência de recursos, às ladeiras de Belém, do Capoeiruçu e da Muritiba, mesmo depois de adotado o calçamento com pedras, a partir dos anos quarenta do século XVIII[9].



IGREJA DO CONVENTO DO CARMO
antes de 1941.
Arquivo IPHAN/
Ligia Maria.

CARMO CONVENT CHURCH
before 1941.
IPHAN Archive/
Ligia Maria.

A Heróica Cidade de Cachoeira

Em 1826, uma representação dos habitantes de Cachoeira solicitou a elevação da vila à condição de cidade. Uma das exigências para se atender ao pedido – colocada pelo imperador D. Pedro I – era transformar o Hospital de São João de Deus em Santa Casa de Misericórdia, com os privilégios e prerrogativas das demais. Segundo as informações de Moraes (1866), Cachoeira não era dos melhores lugares, pois além da falta de chafariz, que fornecesse água potável à vila, a iluminação pública, de azeite, era péssima. As ruas, tortuosas, mal calçadas, retinham água da chuva e lixo nos buracos.

Os cachoeiranos esperariam até 1837, quando a Lei Provincial nº 47 elevaria a Vila de Cachoeira à categoria de cidade, com o título de Heróica, já na condição de município. A cidade recebeu esse título pelo fato de ter sido palco de lutas de cunho patriótico. (Sediou o governo provisório da Bahia e comandou a resistência brasileira na guerra de Independência, por exemplo. Proclamada a Independência em São Paulo, a 7 de setembro de 1822, esta só foi consolidada com a libertação da Bahia do jugo português, a 2 de julho de 1823[10].)

No mesmo ano em que se tornou cidade, Cachoeira voltou a sediar o governo da província. Em Salvador, Francisco Sabino Álvares da Rocha Vieira proclamava a "Republica Bahiense", numa ação vitoriosa da revolta que ficou conhecida como Sabinada. O novo presidente da província, Antônio Pereira Barreto Pedroso, tomou posse do cargo em Cachoeira, em 1837, onde permaneceu até o final de novembro, quando partiu para Pirajá, iniciando a campanha de retomada de Salvador, que ocorreu no ano seguinte.

Apesar de tudo, entre os anos de 1805 e 1846, organizada em irmandades de brancos, negros e pardos, a população não deixava de contribuir para a construção de novos templos religiosos, ou para a revitalização de outros, como as igrejas de Nossa Senhora da Ajuda e de Nossa Senhora do Amparo, e as capelas de Nossa Senhora do Rosário do Santíssimo Coração de Maria e de Nossa Senhora da Conceição do Monte.

Quanto à construção civil, a situação de penúria se prolongou. Em abril de 1831, em resposta a um ofício de Luís Paulo de Araújo Basto, presidente da província – exigindo que a cadeia estivesse em condições de receber criminosos –, a Câmara informava, sobre o prédio completamente arruinado, que não havia recursos para a construção de um novo. O mesmo documento (Presidencia da Província, 1831), anexo aos relatórios de 1829 e 1830 pela comissão designada para visitar as prisões, cárceres e estabelecimentos públicos de caridade, dava notícia do estado precário da cadeia em termos de segurança e salubridade. Informava, ainda, que a prisão do cárcere do Convento do Carmo, que servia como prisão do Destacamento de Segunda Linha, era "terribellissima"; que o hospital, o único estabelecimento público de caridade, carecia de espaço e de higiene, problemas que os administradores afirmavam não poder resolver, devido à falta de recursos[11].

Ao lado das vicissitudes já expostas, é preciso mencionar as enchentes do Paraguaçu, que assolaram Cachoeira e São Félix em diversos momentos. A expansão da vila, então, deu-se no sentido do afastamento do rio. E os monumentos religiosos, como o conjunto do Carmo, as igrejas da Ajuda, Conceição do Monte e Amparo, foram erguidos em pontos elevados, provavelmente não só expressando o espírito barroco que norteava as construções religiosas, mas também para colocá-los a salvo dessas enchentes.

Já em 1792, Cachoeira sofrera uma grande enchente, quando as águas do Paraguaçu chegaram à altura dos três primeiros degraus do edifício da Câmara. Em 1839 houve outra enchente, e as águas, mais uma vez, alagaram as ruas de Cachoeira e São Félix. Mas a enchente que permaneceu na memória da cidade como a "enchente grande" começou no dia 19 de dezembro desse mesmo ano, prolongando-se até 1º de janeiro de 1840, com a água atingindo pontos nunca antes alcançados. Na matriz, o altar-mor escapou por pouco da destruição. Alcançou também as igrejas do Convento e da Ordem Terceira do Carmo que, segundo informou a Câmara, ficaram em péssimo estado. A água também cobriu as casas à beira do rio, em ambas as margens. E mais de cem desabaram. O trecho urbano da Conceição do Monte terminou ilhado.

Num longo relato, datado de 14 de janeiro de 1840, o presidente da província, Thomaz Xavier Garcia de Almeida, indagava sobre a demora das providências. A Câmara não só se justificava, alegando absoluta impossibilidade de reunir seus membros, como também dava informações sobre a calamidade que se abatera sobre Cachoeira e São Félix, "que cauzou tantas ruinas e prejuizos a tantos individuos, que nunca mui bem serão calculados... O estado em que esta cidade se acha he o mais deplorável..." (Presidência da Província, 1841).

Na fase final da enchente, o governo da província enviou à Cachoeira o engenheiro Carlos Augusto Weyll para fazer um diagnóstico da situação e propor soluções. Ele sugeriu a construção de um dique de 6,6 metros de altura, acima do cais, duas eclusas para escoar as águas de chuva, e aqueduto para o desaguamento dos riachos Pitanga e Caquende, que também transbordavam. As soluções propostas visavam sanar o problema em Cachoeira, pois para São Félix acarretariam gastos avultados. Nem o governo da província nem a Câmara de Cachoeira possuíam recursos para arcar com a despesa. E a execução das obras nunca foi sequer tentada.

Em 1844 houve uma pequena enchente. Sem muito êxito, a Câmara pediu autorização ao presidente da província, conselheiro Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos, para fazer as despesas necessárias a fim de evitar que a saúde da população fosse comprometida pelos "miasmas pútridos" exalados pelo lixo e imundícies deixados pelo transbordamento do Paraguaçu. Essa situação se repetiria, e as enchentes se prolongariam até o século XX, sendo as mais calamitosas as de 1960, 1963-1964, 1969, 1980[12].

Os próprios equipamentos urbanos, ou sua ausência, contribuíam para essas enchentes. Ainda no ano de 1853, a cidade necessitava de um cais.

> [o fato de estar] collocada esta Cidade á margem do rio Paraguassú, lugar extremamente pantanozo tem em frente de si apenas algumas braças de cáes por fazer-se. Nesta grande extensão paus extraordinariamente grandes existem, que [...] alterão a salubridade publica, entrevendo as febres reumáticas, catharraes, e outras affecções que são indubitavelmente por cauza desses pantanos, endemicos desta Cidade, devendo sobremodo concorrer para o apparecimento da febre amarella, este terrível flagello, que se bem que esporadico, está na actualidade reinando nesta Cidade (Livro de Correspondência, 1853).

A obra solicitada teve andamento no governo do presidente Álvaro Tibério Moncorvo e Lima, em 1856, mas não foi concluída. Essa situação propiciou o aparecimento de doenças.

Em 1850 a febre amarela atingiu a cidade, como epidemia. E se prolongou por três anos. Como a febre amarela, outro grande flagelo também partiu de Salvador: o "cholera-morbus" (a cólera). E em agosto de 1855 chegou à Cachoeira. A devastação provocada pela doença é um dos capítulos mais terríveis da história da Bahia, mas particularmente da história de Cachoeira. Calcula-se que só na cidade – cuja população na época tinha cerca de 15 mil habitantes – ocorreram 3 mil óbitos[13]. Em outubro, o ímpeto inicial provocado pela epidemia começou a diminuir. E as pessoas que haviam abandonado a cidade, espalhando a doença para fora dela, começaram a voltar.

A epidemia de cólera colocou para a administração pública a necessidade de se resolver o problema dos enterramentos, que até então eram feitos dentro ou junto às igrejas. Por ocasião da epidemia de febre amarela, uma lei provincial proibiu esses enterramentos nos templos, mas nunca foi cumprida. De um lado, pela falta de cemitérios públicos; e de outro, pela resistência das irmandades e confrarias religiosas em abrir mão da prática que lhes garantia rendimentos e filiados. Estes, também apegados à tradição, relutavam em se desligar dos lugares "sagrados", para ali ter suas sepulturas. Em 1855 foi promulgada nova lei provincial, no mesmo sentido, que obrigava a construção de cemitérios públicos.

No final de 1855, a Câmara dirigiu-se ao presidente da província, João Maurício Wanderley, comunicando que a cidade continuava a ser vítima da epidemia de cólera, e atribuía o fato à carência de cemitérios, seguindo os preceitos higiênicos que então se impunham. Solicitava a construção de um cemitério em terreno que já havia disponibilizado. Em outubro do mesmo ano foi benzido um terreno para o cemitério destinado às vítimas da doença, localizado na área em que posteriormente se construiu o cemitério da Santa Casa de Misericórdia.

Em 1857, uma comissão foi nomeada para se incumbir da construção do cemitério municipal, para o qual já havia um projeto. Mais uma vez, por falta de recursos, a obra não foi feita.



PRAÇA DA ACLAMAÇÃO

Ao fundo, Casa de Câmara e Cadeia. Foto de Leo Caldas/ Editora Horizonte, 2007.

ACLAMAÇÃO SQUARE
In the background, the Town Council and Jail. Photo by Leo Caldas/Horizonte Publishing, 2007.

Apenas em 1864 lançou-se a pedra fundamental do cemitério da Irmandade do Rosário[14], no Monte Formoso. Isso se deu após a confraria ter vencido a disputa que, desde o ano anterior, travava contra a idéia da Câmara de construir um cemitério público em volta de sua capela. Em 1881, Cachoeira ainda não tinha cemitério público municipal. O cemitério da Santa Casa de Misericórdia – o mais importante da cidade – foi inaugurado em 1868, mas seu pleno funcionamento só se efetivou em 1890.

Com o intuito de disciplinar a venda de gêneros alimentícios, que era feita nas ruas da cidade, e a higiene, a Câmara aprovou a proposta – apresentada já em 1856 por uma associação de particulares – de construir um mercado na Praça da Manga, à margem do rio, junto ao novo cais. Seria feito mediante contrato, que foi aprovado pela Assembléia Provincial.

Um dos artigos do contrato previa que o uso seria regulamentado por posturas municipais, atendendo a interesses das duas partes, que estipulavam que a "praça do mercado" seria local exclusivo para venda de tudo que era comercializado pelas ruas, praças e becos da cidade, inclusive debaixo dos Arcos. Acabou prevalecendo, por força da tradição e dos maus hábitos, o costume antigo. O mercado foi aberto ao público em 1°. de outubro de 1858, mas nem as posturas, nem a polícia, chamada para auxiliar a Câmara no seu cumprimento, foram capazes de vencer a resistência do povo de fazer do edifício o centro de comércio de cereais, frutas e verduras. O edifício, como testemunhou Moraes (1866, p. 82) "serve presentemente de albergue a muitos vadios e meretrizes, que ahi vivem na mais hedionda immoralidade, e em

continuo uso de jogos illicitos". O prédio foi demolido no final do século e, no seu lugar, foi erguida a estação ferroviária.

No mesmo ano da inauguração do prédio do mercado, constituiu-se uma empresa para a construção de um teatro no alto da Conceição do Monte. Os cálculos mal elaborados dos custos do empreendimento frustraram a iniciativa, e o prédio não passou das fundações. Mais um projeto falido... Um teatro em Cachoeira justificava-se, pois, dada a importância da cidade, companhias teatrais dirigiam-se diretamente a ela, muitas vezes antes mesmo de passar por Salvador.

A partir desse período, vários fatores concorreram para a decadência da produção de açúcar no Recôncavo e, por extensão, na Bahia. A diminuição da mão-de-obra, provocada pela suspensão do tráfico de escravos, apenas somou-se a outros fatores de declínio, como a queda de preços do açúcar. Utilizando bagaço de cana nas caldeiras, para economizar lenha, os senhores de engenho esforçaram-se para aumentar a produção, com economia de recursos. Viajavam para a Europa para atualizarem-se sobre inovações técnicas e científicas[15] ou buscar novas variedades de cana, trazidas das Ilhas Maurícias. Na década de 60 do século XIX, porém, faltavam escravos, não havia crédito nem estradas.

Em 1880 começaram a funcionar os engenhos centrais, numa tentativa de estabelecer uma divisão de trabalho entre lavoura e indústria, alterando também as relações de trabalho no fabrico do açúcar. Nos engenhos tradicionais, e na lavoura, o predomínio do trabalho era escravo, enquanto a mão-de-obra livre qualificada estava nos modernos engenhos centrais. A baixa produtividade do trabalho servil, com conseqüente irregularidade de fornecimento de matéria-prima, levou os engenhos centrais a estenderem suas atividades também à lavoura – subvertendo o objetivo para o qual foram criados –, arruinando os antigos engenhos no final dos anos 1880. As usinas, implantadas no final do século, não chegaram a reabilitar a economia da cana na região e, finalmente, após a abolição, o Recôncavo açucareiro se retraiu.

Entre as necessidades do município, apresentadas no já mencionado ofício de março de 1876 à presidência da província, a Câmara apontava a iluminação pública de Cachoeira e de São Félix, informando que a iluminação em uso – com gás querosene em candeeiros com bicos – era insuficiente, tanto pela pouca luz produzida pelo combustível quanto pelo diminuto número de lampiões nas ruas. Até 1878 seguiram-se vários contratos de arrematação dos serviços de iluminação pública de Cachoeira e de São Félix, mantidos pela municipalidade. A luz elétrica chegou à região no século XX.

E continuava a constar nas correspondências da Câmara a necessidade de obras nas ladeiras da Muritiba e do Capoeiruçu, que se achavam em péssimo estado, e da sequência das obras do cais.



PONTE D. PEDRO II
ligando Cachoeira a São Félix sobre o Rio Paraguaçu.
Arquivo Ordem Carmelita.

Ao lado, detalhe da ponte, Foto de Leo Caldas/ Editora Horizonte, 2007.

D. PEDRO II BRIDGE connecting Cachoeira to São Félix over the Paraguaçu River. Carmelite Order Archive

Beside, detail of the bridge. Photo by Leo Caldas/Horizonte Publishing, 2007.

Do final do século XIX, há descrições de Cachoeira, apresentadas na obra de Durval Vieira de Aguiar (1888)[16], que informava serem as ruas da cidade todas calçadas. Em duas das mais importantes, a da Matriz e a do Pasto, se encontravam belos edifícios, a maioria sobrados. A cidade contava com iluminação pública, bons hotéis, excelentes filarmônicas, tipografias[17],médicos, três farmácias, sociedades literárias e de beneficência. Só não tinha teatro, pois o que existia fora transformado em açougue, obrigando as companhias ambulantes a se apresentarem nos armazéns de fumo. A grande inovação que aparecia na descrição, e que marcava definitivamente a paisagem de Cachoeira, era a ponte metálica que liga Cachoeira a São Félix, velha aspiração do povo e do poder público, iniciada em princípios de 1882 e concluída em junho de 1885.

Como se viu, em 1819 o marquês de Barbacena havia inaugurado a era do vapor, mas só em 1858 foi criada a Companhia Bahiana de Navegação a Vapor que, no final do século, realizava três viagens diárias entre Salvador e Cachoeira, tocando em Maragogipe e em outros locais, já na Baía de Todos os Santos. Buscavam-se novos meios de transporte, inspirados na Europa e Estados Unidos.

Em setembro de 1850 foi aprovada pela Câmara de Cachoeira uma representação ao governo sobre a urgência de se construir uma estrada de ferro que, partindo da cidade, atingisse o sertão. O pleito só veio a ser considerado em 1865, quando a Lei Geral do Império, de 16 de



junho, autorizou a concessão de uma ferrovia, que sairia de Cachoeira ou São Félix para as lavras diamantinas, com ramal para Feira de Santana.

No ano seguinte, foi assinado um contrato dando privilégio a John Charles Morgan para a construção da estrada, privilégio transferido um ano depois para a Paraguaçu Steam Transroad Company Limited. Foram aprovados os estudos para a linha principal de Cachoeira à Chapada Diamantina, e o projeto definitivo da ponte sobre o Paraguaçu.

Com a falência da Companhia em 1869, após ter construído 25 quilômetros do ramal de Feira de Santana, os trabalhos só foram retomados em 1874 pela Companhia Central da Bahia – Imperial Central Railway Company Limited –, organizada em Londres a partir de longos tratados entre empresários ingleses e representantes dos governos provincial e imperial.

À nova companhia foi dado o prazo de dois anos para a construção do ramal para Feira de Santana e da ponte entre Cachoeira e São Félix. Com a finalização das obras do túnel do Capoeiruçu e do viaduto do Batedor, em 2 de dezembro de 1876, foi oficialmente inaugurado o tráfego naquele ramal, sob a presidência do conselheiro Luiz Antônio da Silva Nunes.

Faltavam ainda as estações de trem. E a ponte, que teve sua pedra fundamental assentada no dia 22 de dezembro de 1881 na Praça da Manga, em Cachoeira. A obra foi dirigida pelo engenheiro Frederico Merei e fiscalizada pelo engenheiro Affonso Glycerio da Cunha Maciel.

É deste último a *Memoria Descriptiva* (MACIEL, 1960), que trata minuciosamente dos trabalhos realizados, com descrição do processos e relação dos materiais utilizados, dando uma idéia da importância da obra, sem dúvida notável para o seu tempo. Enfim, em 7 de julho de 1885, com Esperidião Eloy de Barros Pimentel na presidência da província, inaugurou-se a Ponte D. Pedro II, dividida em quatro vãos, com 355,64 metros de comprimento e 9,13 metros de largura. Atendendo requerimento da Companhia, o imperador concedeu permissão para que as Armas Imperiais fossem colocadas no fecho da ponte.

A estrada de Cachoeira não só confirmou a importância de que a cidade já desfrutava, como também reconheceu o papel que tinha a desempenhar no grande movimento comercial, desencadeado na Chapada Diamantina com a descoberta das minas de diamante.

No início do século XX, o Paraguaçu voltou a ser objeto de estudos, dessa vez para se avaliar a possibilidade de instalação de uma hidroelétrica, aproveitando-se uma de suas quedas d'água. Para verificar o melhor lugar para instalação da usina, o engenheiro Américo Furtado Simas foi contratado pela Guinle e Companhia, que havia adquirido terrenos junto às quedas de Macela e Gameleira.

Os estudos apontaram a Cachoeira de Bananeiras, a alguns quilômetros a montante de Cachoeira e São Félix, como a de mais fácil aproveitamento, inclusive por ser perto de Salvador. As obras começaram em 1907, mas a etapa inicial só foi concluída em 1920, pois as restrições ocasionadas pela Primeira Guerra Mundial prejudicaram o andamento dos trabalhos, simplificados para que se garantisse o fornecimento mais rápido de energia para São Félix e Cachoeira.

Nessa mesma época, a equipe técnica reunida em Cachoeira e São Félix, com a participação de recursos humanos da Companhia Brasil de Energia Elétrica, cuidou da construção do serviço de abastecimento de água para os dois núcleos urbanos.

O controle acionário da Companhia Brasileira de Energia Elétrica, à qual a Guinle havia transferido a concessão em 1909, passou para uma empresa americana, que deu continuidade à construção da barragem em 1929, concluindo os trabalhos em 1931.

Na primeira metade da década de 1980 foi construída a barragem de Pedra do Cavalo, a 40 quilômetros da foz do Paraguaçu e a quatro a montante de Cachoeira e São Félix. Sua finalidade inicial foi a de controlar as cheias, mas hoje é também utilizada para o suprimento de água de núcleos urbanos e pólos industriais do vale do Paraguaçu e da Região Metropolitana de Salvador. Já fazia parte do projeto sua ampliação para aproveitamento hidroelétrico – a empresa Votorantin venceu a licitação para a construção da hidrelétrica. O anúncio da instalação dos trabalhos foi feito no dia 30 de setembro de 2003, com prazo de dois anos para o funcionamento das turbinas para geração de energia não só para a Bahia, mas para todo o Nordeste. Como toda obra em Cachoeira, ainda não foi implementada.

O crepúsculo de Cachoeira

No primeiro momento, a ferrovia teve papel importante para a ampliação e manutenção do raio de influência exercido por Cachoeira. De maneira geral, se pretendia que a estrada de ferro servisse a centros que de algum modo já evidenciassem importância, principalmente pelo seu porto, mas também por sua produção e, em conseqüência, por sua população. Isso tornou esses centros melhor servidos para o papel nuclear que já exerciam. Entretanto, quando tais localidades foram ligadas a Salvador por ferrovia, seus portos deixaram de ser relevantes. Foi o que ocorreu com Cachoeira. As mercadorias já não precisavam ser distribuídas a partir dali.

Cachoeira foi um entreposto e residência de senhores de engenho, agricultores, fazendeiros e comerciantes. Uma verdadeira metrópole do Recôncavo. A produção local constituía-se de gêneros de exportação, e muitas vezes era financiada por negociantes de Salvador. Ao perder o papel de conexão com a capital baiana, Cachoeira perdeu também seu papel de ponto de contato com o interior.

O fator decisivo para a perda de importância de Cachoeira – e de outras cidades do Recôncavo – foi o desenvolvimento das rodovias e a utilização do caminhão como meio de transporte. Com a abertura de rodovias para o sertão – a conclusão da BR-05 e da BA-324 –, a agricultura comercial e alimentar, tradicionalmente praticada no Recôncavo, preferiu o transporte mais rápido e de pronta entrega. E o papel que os portos flúvio-marítimos do Recôncavo tinham exercido por quase quatro séculos, agora passava a ser desempenhado por Feira de Santana, um entroncamento rodoviário no semi-árido. "O Recôncavo passou a olhar para dentro, comunicando-se com Salvador por terra" (Santos apud Brandão, 1998, p. 85).

Essa nova realidade caracterizou-se a partir da década de 1940, quando fatores de decadência já existentes se agravaram com o surgimento de outros, como a superposição de estradas de rodagem aos antigos caminhos e ferrovias, e a interligação destas, constituindo uma rede. Somava-se, ainda, o agravamento do declínio da produção de açúcar e de fumo. Por fim, o aumento do consumo em Salvador, devido ao crescimento da população e elevação do seu padrão de vida, exigiu maior quantidade e maior variedade de gêneros de abastecimento.

No final dos anos 1940, inaugurava-se a exploração do petróleo no Recôncavo. E a atuação da Petrobras – criada em outubro de 1953 – não se deu de maneira uniforme na região. Desenvolveu-se da área do massapé para o Norte, deixando de fora o alto e o baixo Recôncavo, afetando profundamente o centro da antiga região da cana. Em 1950 foi concluída a primeira etapa da Refinaria Landulfo Alves, em Mataripe, município de São Francisco do Conde e, em 1957, foi instalado o terminal marítimo em Madre de Deus, na Baía de Todos os Santos.

Local de residência do novo operariado, base de operação de firmas contratadas pela Petrobras, o povoado de Candeias e a Vila de São Francisco do Conde – um dos centros urbanos do complexo da cana, ao norte da Baía de Todos os Santos – apresentaram um crescimento vertiginoso num curto espaço de tempo. A vida de Santo Amaro, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé e Candeias foi profundamente transformada pelo impacto dos campos de pesquisa, extração, refinaria, acampamentos para técnicos e operários.

A Petrobras dinamizou os processos econômicos, gerou enormes transformações no sistema viário, no mercado de trabalho e imobiliário, no sistema bancário. Mas todo esse dinamismo passou ao largo do complexo do açúcar e, apesar de sua estrutura gigantesca, "criou um mundo novo e relativamente fechado, que se mostraria incapaz de revitalizar a região no seu conjunto, e as cidades de Santo Amaro, São Félix, Cachoeira, Nazaré", como o circuito de casarões e templos, continuaram a morrer (Brandão, 1998, p. 45).

O Centro Industrial de Aratu (CIA), criado e patrocinado pelo governo do estado com incentivos da Sudene na década de 1960, o Complexo Petroquímico de Camaçari (Copec), criado pelo governo federal na década seguinte, assim como a Petrobras, tiveram impacto muito maior no universo financeiro e de consumo em Salvador do que em suas respectivas áreas de operação. Por se tratar de industrialização, baseada em capitais originários de fora da região, e não em um processo de acumulação local, deixou completamente à margem a economia do velho Recôncavo.

Mas surgiu, no início do século XXI, partindo de Salvador, a iniciativa de restabelecer esse vínculo ou, talvez, de devolver ao Recôncavo aquilo que por origem lhe pertencia. Iniciou-se na Universidade Federal da Bahia um movimento para a criação de uma universidade no Recôncavo, com sede na Escola de Agronomia de Cruz das Almas. A Lei 11.151, de 29 de julho de 2005, criou a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como desmembramento da já citada Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia, com sede e foro na cidade de Cruz das Almas – e unidades instaladas também nos municípios de Amargosa, Cachoeira e Santo Antônio de Jesus. É uma autarquia com autonomia administrativa, patrimonial, financeira e didático-pedagógica, nos termos da lei e de seu estatuto (www.ufrb.edu.br.).

Considerando a importância histórica de Cachoeira e de seu patrimônio arquitetônico, a unidade universitária ali instalada é constituída pelos cursos de História, de Museologia e de Comunicação.

A decisão de se estabelecer em Cachoeira um Campus da Universidade Federal do Recôncavo sustenta-se na importância de seu patrimônio artístico e cultural, na convicção de que um estímulo mútuo será desencadeado. E tanto a cidade quanto a universidade terão maior visibilidade. Resta fazer votos para que a instituição – ao atrair estudantes, professores, funcionários – propicie um novo clima de efervescência cultural e também econômica, com o crescimento do comércio, do mercado imobiliário, do setor de serviços. E que revitalize o turismo em Cachoeira.

Notas

1 - Antes filiada à freguesia de Santiago de Iguape.

2 - Era um ouvidor, ou juiz de fora, com poderes especiais que, formalmente, criava as vilas.

3 - Foi um proprietário de Iguape, Manoel de Lima Pereira, quem introduziu na Bahia a cana-caiana, variedade mais resistente.

4 - Luís dos Santos Vilhena foi um professor de grego em Salvador, e escreveu sobre a Bahia no final do século XVIII e começo do XIX, dirigindo suas crônicas a um amigo imaginário.

5 - O pelourinho, ao contrário do que se tem difundido, era o marco de fundação das vilas ou cidades, e indicava que naquele novo lugar existia a justiça, visto que o Senado da Câmara, além do poder legislativo e executivo também cumpria, até certa quantia em dinheiro (6:000$00 réis), o poder judiciário. Tinha jurisdição sobre os processos que, hoje, competem ao juizado de pequenas causas.

6 - Destruído após a Independência.

7 - O cais, empreendido pelo governo provincial e concluído em 1897, e a ponte, pela companhia da Estrada de Ferro Central, concluída em julho de 1885.

8 - Entre 1850 e 1890 há referências a várias manufaturas de rapé, charutos e cigarros.

9 - *Os Relatorios e Fallas dos presidentes da província* dão testemunho de que essas ladeiras, durante o século XIX, mereceram a atenção da administração provincial muita vezes, principalmente na década de 1850, sob as presidências de João Maurício Wanderley (1855) e de Álvaro Tibério Moncorvo e Lima (1856).

10 - Essa data cívica é comemorada até os dias atuais, fazendo-se desfile com a presença do caboclo, a quem se juntou a cabocla. Tanto Salvador quanto Cachoeira guardam imagens representando essa figuras simbólicas da Independência da Bahia, no dia 2 de julho de cada ano.

11 - Essa fase correspondia ao período em que Cachoeira se transformou em sede provisória do governo da Bahia, devido ao bloqueio da Baía de Todos os Santos em virtude da resistência dos portugueses na guerra de Independência.

12 - Nessa última década se construiria a Barragem de Pedra do Cavalo, para evitar, entre outras coisas, as enchentes. O Arquivo do IPHAN no Rio de Janeiro possui fotos que testemunham os estragos causados nos monumentos históricos tombados da cidade.

13 - Na comarca foram 8.500, e na província da Bahia 29.600 mortes.

14 - Essa igreja e cemitério também foram alvos da intervenção do Programa Monumenta, no mesmo período em Na comarca foram 8.500, e na província da Bahia 29.600 mortes.

15 - Com a influência das pesquisas em ciências agrárias e agropecuárias, foi criado na Bahia o Imperial Instituto Bahiano de Agricultura, em primeiro de novembro de 1859 – instalado em São Bento das Lages, próximo a Santo Amaro e São Francisco do Conde, no antigo mosteiro beneditino de Nossa Senhora das Brotas. Em 1904 suas atividades foram encerradas, e o governo do estado o assumiu integralmente com o nome de Instituto Agrícola, que fechou em 1911 – seu acervo passou para o governo federal. Em 1920, mais uma vez o governo estadual retomou a direção da instituição, por meio da Secretaria da Agricultura, e recriou o Curso de Agronomia. O curso tem continuidade até hoje, funcionando em Cruz das Almas, e vinculado, a partir de 1970, à Universidade Federal da Bahia. (DECISA - Escola de Agronomia/UFBA. Disponível no site <http://www.decisa.ufba.br/histórico.html>. Acesso em 20/07/2007.)

16 - A descrição otimista do autor, como de resto, sobre toda a Bahia, foi feita para atrair trabalhadores europeus e asiáticos, dentro do programa imperial de colonização de várias partes do Brasil.

17 - O primeiro jornal de Cachoeira, o *Daguerreotipo*, surgiu em 1817, seguido pelo *Independente Constitucional*, de 1825. Bem mais tarde surgiriam *A Ordem* (1870) e *O Guarani* (1877).





O CONVENTO E A IGREJA DO CARMO



O CONVENTO E A IGREJA DO CARMO

IGREJA DO CARMO
Nota-se o Convento na sua lateral direita. Foto de Caio Reisewitz, 2007.

CARMO CHURCH Sided on the right by the convent. Photo by Photo by Caio Reisewitz, 2007.

Ainda no final do século XVII, na condição de aldeia, Cachoeira foi agraciada com mais uma devoção mariana. O culto à Virgem do Carmo passou a fazer parte da vida religiosa dos que habitavam o florescente povoado de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira do Paraguaçu. Tal fato integrava a expansão das ordens religiosas, que chegaram às terras brasileiras no primeiro século da colonização. Depois dos jesuítas e beneditinos, foram os carmelitas a aportarem na Bahia em 1586. E se estabeleceram fora da povoação, no Monte Calvário, onde ergueram o convento em terreno doado.

A ordem carmelitana chegou a Pernambuco em 1580. Oito anos depois, já estavam em construção os conventos das cidades da Bahia[1], Rio de Janeiro e Santos. Foi constituída uma vigararia da ordem, tendo por cabeça, ou convento principal, o de Olinda, por resolução do capítulo celebrado em 1595 no Convento do Carmo de Lisboa.

Durante o período holandês em Pernambuco (1630-1654), os religiosos do convento de Olinda foram forçados a recolherem-se ao convento da Bahia. E só voltaram a seu antigo predicamento – de cabeça da Vigararia Provincial do Brasil – após a restauração pernambucana, em 1654.

Um documento pontifício de 1686 dividiu a vigararia em duas províncias. Uma na Bahia, compreendendo todas as casas religiosas existentes nessa capitania e nas de Pernambuco e da Paraíba. A outra, sediada no Rio de Janeiro, abrangendo os conventos daquela diocese.

Tão logo nomeado vigário provincial para a Bahia e Pernambuco, o mestre frei Manoel da Assunção enviou a Cachoeira – entreposto do sertão – uma representação da ordem carmelitana. A acolhida à nova ordem partiu da família Adorno. O capitão João Rodrigues Adorno e sua mulher dona Úrsula de Azevedo doaram "um sitio de terras" na área central da aldeia, "ao pé da ladeira pela parte detrás das cazas de Francisco Lopes", com a finalidade de fazerem nas ditas terras "seo Hospício ou recolhimento para descanso dos missionários que andão confessando e pregando pelo destricto dos certões para ter aqui onde descançar quando se recolhem das missões ..." (ACBH, Memória, doc. 15.136). As obras, iniciadas em 14 de março de 1688 pelo frei Manuel da Piedade, parece que terminaram em 1692.

Somente em 1720 – por meio da bula *Sacrosanctum* de 22 de abril, do papa Clemente XI –, a ordem carmelitana do Brasil foi separada da província de Portugal, o que resultou na autonomia das vigararias da Bahia e do Rio de Janeiro (Pereira, 1976, p. 26-29).



IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO CARMO
Século XVIII.
Studio Argolo 2004.

IMAGE OF OUR LADY OF MOUNT CARMEL (Nossa Senhora do Carmo). 18th century. Studio Argolo, 2004

Atestam as crônicas que, findo o seiscentos, a comunidade contava com a presença de seis religiosos atuantes junto à população cachoeirana e na evangelização dos índios. Percorrendo longas distâncias para levar a doutrina cristã aos gentios, seguindo o mesmo método de outras ordens, com um bom número de índios, os frades tomaram a resolução de fundar um aldeamento, com hospício, que denominaram "Capoeirossú". Esse trabalho não era totalmente reconhecido pelo governador e capitão-general da época, Antônio Luiz Gonzaga da Câmara Coutinho, pois entre outras coisas, em carta enviada à metrópole em julho de 1692, referindo-se ao Hospício de Cachoeira dos Religiosos de Nossa Senhora do Carmo, disse: "Quando cheguei a este Governo o achei feito; terá quatro até seis religiosos que ali assistem. Não sei que tenham missão nenhuma naquella parte: a utilidade que se pode ter delles é achar-se ali algum confessor que o for buscar a sua Igreja" (Calderón, 1976, p. 13).

Informações esparsas sobre o antigo convento falam da existência de uma igreja anexa a ele. Segundo relato de frei Agostinho de Santa Maria, na segunda década do século XVII, essa igreja possuía no altar-mor uma imagem de madeira de Nossa Senhora do Carmo, de considerável estatura, "perfeytissimamente estofada, de cor carmelitana". E, na capela colateral, do lado do evangelho, havia uma imagem em madeira de Nossa Senhora da Conceição, com rico manto e coroa de prata na cabeça. A outra capela colateral abrigava duas esculturas em madeira. A primeira, sob invocação de Nossa Senhora da Luz, com uma coroa de prata na cabeça, carregava no braço esquerdo o Menino Jesus. A outra imagem, dizia a mesma fonte, fora aí colocada por "devotos pretos", respondendo pela invocação de Nossa Senhora da Salvação (Calderón, 1976, p. 14).

Não demorou muito para se verificar a inconveniência do local onde fora edificado o convento dos carmelitas. Para sanar as dificuldades, ficaram resolvidas a demolição dessa construção primitiva e a construção de uma nova igreja em terreno um pouco abaixo, de acesso bem mais fácil.

Pela atuação que vinham tendo, os religiosos conseguiram sensibilizar os cachoeiranos e arrecadar contribuições para levar avante a nova casa. Recorreram também a um outro expediente: o da venda de capelas e sepulturas. Esse novo convento contou com as dependências necessárias, entre as quais nove celas, dois salões, refeitório/cozinha e catacumbas.

A autoria do projeto e início das obras não foram estabelecidos, dada a ausência de documentos reiteradamente apontada por estudiosos do conjunto do Carmo de Cachoeira.



IGREJA EM CONSTRUÇÃO

A fachada



FRONTISPÍCIO DA IGREJA DO CARMO
Foto de Caio Reisewitz, 2007.

À direita, fachada da Igreja do Convento com escada em dois lances e guarda-corpo em balaústres. A retirada dos balaústres fez parte da reforma de Frei Ignácio de Jong. Arquivo IPHAN/Hess.

FAÇADE OF THE CARMO CHURCH. Photo by Photo by Caio Reisewitz, 2007.

To the right, the convent church's façade with two flights of stairs and balustrade. The removal of the balustrade was part of Friar Inácio de Jong's intervention. IPHAN Archive/Hess.

A forma estética barroca de fausto e esplendor, luxuosa, que predominou na arquitetura baiana do período colonial, dividiu a preferência com o rococó, a partir da segunda metade do século XVIII. A profusão decorativa do barroco, que transformava o edifício em verdadeiro monumento escultórico, deu lugar à permanência das curvas, porém suavizando-as. Isso levou os historiadores da arte a rotularem de rococó o frontispício da Igreja do Carmo de Cachoeira, que segue o modelo padrão de divisão horizontal em três módulos superpostos, cada um com suas repartições específicas (CASIMIRO, 1996, p. 144).

Assentado sobre um pequeno lance de degraus de pedra, o pavimento térreo é provido de galilé com arcadas em arco pleno. O segundo plano, correspondente ao andar superior, possui seis janelas de guilhotina, estas já do oitocentos, conservando o ritmo e a simetria com as arcadas do pavimento térreo. Sobre elas, Robert Smith (apud CALDERÓN, 1976, p. 16) diz: "A fachada da Igreja de N. Sra. do Carmo tem cornijas nas janelas com perfilados sobrepostos por composição 'rocaille' em estuque, remates de vasos e decorações frontais, em curvas de evidente estilo rococó". Por fim, no frontão – ladeado por adornos mais rebaixados com concheados, seguindo a linha graciosa do rococó – se visualizam três partes, sendo a central mais alta. À direita, por trás da fachada, ergueu-se uma torre em bulbo de ressalto sobre uma cúpula.

Referindo-se à Igreja do Convento dos Carmelitas de Cachoeira, German Bazin (1956, p. 174) afirmou: "... temos um templo datado, sua fachada traz inscrita a data 1773". Prosseguindo sua análise, chamou atenção para o frontão: "Cristado de chamas, reflete a influência chinesa, tão perceptível no rococó português. Tocheiros substituem os coruchéus, como no Rosário dos Pretos de Salvador".

Durante o priorado de frei Antônio de Belém Lemos, de 1752 a 1759 teria sido feita "uma obra notável, muito necessária ao convento", razão pela qual o prior foi reeleito em 1755. Não se sabe que obra seria essa, mas Carlos Ott, em mais uma de suas hipóteses, acreditava ser a construção da igreja, que, segundo Bazin, só ficaria pronta em 1773.



ALTAR-MOR

Igreja do Convento do Carmo. 1940-1950. Arquivo Ordem Carmelita.

HIGH ALTAR
Carmo Convent Church. 1940-1950. Carmelite Order Archive.

IGREJA DO CONVENTO

Planta baixa.
Arquivo Monumenta.

CONVENT CHURCH
Blueprint.
Monumenta Archive.

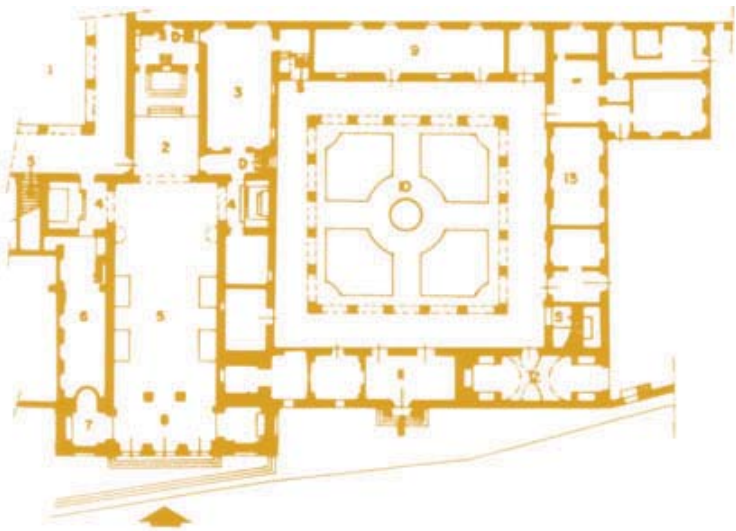
O CORPO DA IGREJA

O traçado interno é espaçoso, composto de nave única, com corredores laterais superpostos por tribunas, de acordo com os ditames da Contra-reforma: as igrejas deveriam ter uma única nave para que todos pudessem ver o altar-mor e a celebração da missa. A iluminação vem das janelas do coro. A capela-mor apresenta profundidade, deixando de lado o padrão encontrado em igrejas conventuais (Bazin, 1956, p. 177). De cada lado do altar abrem-se duas portas, e mais outras duas nas paredes laterais do plano inferior.

No espaço central da capela-mor estava a imagem de Nossa Senhora do Monte do Carmo, ladeada por dois santos carmelitas: Elias e Eliseu. Ornavam suas paredes, entre as janelas das tribunas, quadros emoldurados com figuras ligadas ao ciclo carmelitano (Moraes, 1866, p. 44).

O retábulo seguiu o padrão barroco, estilo dominante nas igrejas baianas da primeira metade do setecentos. Colunas salomônicas, folhas de acanto, anjos, grinaldas com margaridas e aves eucarísticas faziam parte da composição ornamental (Calderón, 1976, p. 16). O tempo não foi indulgente com esse retábulo. Moraes confirmava, em 1866, a riqueza dos ornatos esculpidos na capela-mor, porém alertava para o arruinamento, provocado pelo abandono por que passava o convento naquele momento. A inclemência dos cupins destruiu esse retábulo. Do altar-mor, chegaram ao século XX apenas algumas cabeças de anjos e quatro colunas salomônicas, de estilo joanino (Calderón, 1976, p. 16).

A bela pintura ilusionista barroca completa o trabalho decorativo da capela-mor, com temática centralizada na figura da Senhora do Carmo, envolta por dezenas de anjos que flutuam entre nuvens e elementos arquitetônicos. Dois medalhões com santos carmelitas arrematam essa cena "apoteótica". A forma do forro é de abóbada de meio canhão, em tabuado de madeira. E, pelas características apresentadas, ficam patentes as influências dos pintores Antônio Simões Ribeiro e José Joaquim da Rocha, aos quais se deve boa parte de tetos pintados dentro da linha ilusionista em diversas igrejas da cidade do Salvador.





Os altares do arco cruzeiro foram consagrados a São José – do lado do Evangelho – e a Santana Mestra – do lado oposto. Aí se encontrava o túmulo da família Navarro de Andrade (Moraes, 1866, p. 45). Junto ao altar de São José foi erguida uma capela, dedicada a Santa Tereza, fronteira à do Santíssimo Sacramento, patrocinada e construída pelo coronel Lourenço Correia de Lisboa, aí sepultado em 1734 (Calderón, 1976, p. 15).

O emblema da ordem, em estuque, assinalava o espaço sobre o arco cruzeiro. A ampla nave, com piso em tijolo de barro, segundo Moraes (1866, p. 45) era ladeada pelos altares dedicados a Nossa Senhora da Conceição, ao Senhor dos Martírios, a Nossa Senhora da Boa Morte e ao Senhor da Paciência. Esses altares, na segunda metade do século XIX, estavam em estado de arruinamento; e lamentavelmente acabaram desaparecendo. Deles chegou, até o presente, a imagem de Nossa Senhora da Conceição.

O forro da nave manteve na sua composição a mesma escolha pictórica do forro da capela-mor. Utilizando a técnica criada pelo italiano Andrea Pozzo, o autor desconhecido passou, por meio da perspectiva, a sugestão de que o teto abria-se para o céu. O ilusionismo da pintura elevava elementos arquitetônicos em círculo – balcões e arcadas, muros-parapeitos, grupos de santos e anjos –, fechando o painel central, naturalmente dedicado a Nossa Senhora do Carmo.

Calderón (1976, p. 20) buscou uma datação para esse forro, por meio da análise das características das pinturas. Situou o da capela-mor entre 1770-1775. E o forro da nave em 1780, pela "simplificação da arquitetura simulada, o colorido mais claro e a profusão de guirlandas de flores". A história pitoresca desse forro se verá mais adiante.

A decoração interna era complementada por dois painéis de azulejos do século XVIII, estudados por Simões (1965, p. 56). Segundo esse autor, "são painéis de pintura azul, de tipo figurado, com enquadramentos concheados, da transição para o rococó: entre os elementos ornamentais, já está bem definida a 'asa de morcego' e outros termos gramaticais deste gosto. A figuração, também convencional, representa alegorias bíblicas ...".





PINTURA EM PERSPECTIVA
sob o coro da igreja do Carmo. Foto de Caio Reisewitz, 2007.

PAINTING WITH PERSPECTIVE under the choir of the Carmo Church. Photo by Caio Reisewitz, 2007.

SANTO ELISEU
e Nossa Senhora da Conceição, após serem restaurados pelo Studio Argolo em 2002. Fotos de Caio Reisewitz, 2007.

SAINT ELISEU and Our Lady of the Conception, after being restored by Studio Argolo in 2002. Photo by Caio Reisewitz, 2007.



FORRO DA IGREJA DO CONVENTO DO CARMO
restaurado e reintegrado. À esquerda. Foto de Caio Reisewitz, 2007.

À direita, o mesmo forro em data desconhecida. Arquivo do IPHAN/Hess.

CARMO CHURCH CEILING restored and reintegrated, to the left. Photo by Caio Reisewitz, 2007.

To the right, the same ceiling, unknown date. IPHAN Archive/Hess.





A sacristia era ampla, com decoração carregada de detalhes de influência *rocaille*. Na junção teto/parede havia um friso moldurado (CALDERÓN, 1976, p. 21), circundando e delimitando as paredes. Dele pendiam elementos de talha, imitando uma sanefa em gomos, interrompida por cordões com borlas, provocando sentido de movimento, e que servia, por sua vez, de moldura para a pintura ilusionista do forro. As sanefas complementavam o cortinado, em geral vermelho, usado continuamente até o século XIX.

SACRISTIA DA IGREJA DO CARMO
Altar, lavabo e demais ornamentos. Arquivo Ordem Carmelita.

CARMO CHURCH SACRISTY
Altar, sink and other ornaments. Carmelite Order Archive.

Seguindo a mesma linha, adotada no forro da nave e na capela-mor, a sacristia também teve seu teto em madeira pintado em tons suaves, de gosto rococó, trazendo como quadro central a imagem da padroeira, num harmônico conjunto de nuvens e anjos, tendo a seus pés um carmelita. Como era característica da pintura ilusionista, desenhos de elementos arquitetônicos circundavam e complementavam essa cena central. Tudo leva a crer que esses forros – da capela-mor, nave e sacristia – foram executados na sétima ou oitava década do século XVIII, pelo mesmo anônimo pintor do ciclo de Simões Ribeiro e de José Joaquim da Rocha. Calderón (1976, p. 21) considerou a pintura do forro da sacristia como obra pictórica de qualidade superior a desses pintores.

Nessas três pinturas, a temática do quadro central sempre destaca Nossa Senhora do Carmo com fisionomia serena, tendo a seu lado a figura do carmelita São Simão Stock, difusor da devoção do escapulário. Nossa Senhora lhe teria aparecido e dado – como privilégio especial – um escapulário que livrava da chama do inferno a todo aquele que o portasse[2].

Destacava-se na sacristia um grande arcaz com bela ferragem e, sobre ele, um nicho sóbrio. O concheado decorava as sanefas de bicão, colocadas nas sobreportas que serviam de suporte às cortinas que cobriam altares, portas e janelas. A peça de maior realce era o lavabo, em pedra de lioz, recortado com motivo floral e palmas, que ornamentavam a área central. A bacia era totalmente decorada, num formato de flor abrindo suas pétalas.

Painéis com temática religiosa preenchiam os planos das paredes. Esses painéis não fazem mais parte da decoração da sacristia, não se sabendo a causa de sua retirada nem o destino que tiveram.

Uma porta, ornada com estuque, ligava a sacristia ao claustro do convento, que seguiu o modelo mais simples, adotado em conventos portugueses, presos ao esquema medieval românico. O claustro era formado por uma galeria, coberta por vigas de madeira, que contornava os quatro lados do pátio interno do convento. Era sustentado por grossos pilares de alvenaria, e cornija, sobre os quais descansavam cinco arcadas de meio ponto, de cada lado. Serviam para suportar também o claustro superior que, por sua vez, possuía cinco janelas de cada lado, correspondentes às cinco arcadas do pavimento térreo. Como elemento de ornamentação, destaca-se em estuque o escudo da ordem, colocado sobre a porta que dá acesso à escadaria ao andar superior do convento.

No centro do pátio, como era freqüente, havia uma cisterna que abastecia o convento de água. Ela foi substituída mais tarde por uma espécie de pia circular.

Internamente, o convento seguiu o risco padrão de simplicidade. Dois grandes salões acolhiam as irmandades do Senhor dos Martírios e do Senhor da Paciência, dividindo espaço com as nove celas que abrigavam os religiosos. É possível que, na época da sua construção, esse





PÁTIO DO CONVENTO
Vista interna e vista para o exterior.
Arquivo Ordem Carmelita.

CONVENT PATIO
Internal view and, from there, outside view.
Carmelite Order Archive.

número de celas fosse suficiente. Porém, na medida em que a ação missionária se intensificou em Cachoeira, o problema de alojamento se fez sentir para os religiosos.

No priorado de frei José da Purificação, em 1743, o Convento do Carmo possuía 15 frades, dois irmãos coristas e seis irmãos de vida ativa (Loureiro apud Calderón, 1976, p. 23). Outra fonte documental, dando notícia dos "conventos de Religiosos que há nesta Cidade", quantificava em 25 o número de religiosos, em 1758 (Caldas, 1951, p. 14).

Enquanto aumentava seus rendimentos financeiros, a comunidade encolhia, terminando o século XVIII com apenas quatro frades e um leigo, devido à proibição de admissão de noviços a partir do período de D. José I. Em requerimento enviado a Lisboa em 1780, o "Provincial dos Carmelitas descalços da cidade da Bahia" solicitava licença no sentido de poder admitir "novos religiosos nos diferentes conventos de sua ordem para preencher a falta que nelles havia" (Annaes, 1914, v. 32, p. 480).

Em relação ao seu habitat, são escassas as informações sobre construções, ou alterações, feitas no século XVIII. Muitas informações dos arquivos da ordem se perderam, mas restaram alguns *Livros de despesas*, a partir dos quais é possível resgatar alguns dos pagamentos de serviços de reforma.

Em 1816 pagou-se a um escultor para consertar uma imagem, fazendo "hum dedo mínimo para o Senhor dos Passos e soldar os ombros que estavam quebrados", e "... ao pintor Maxado de incarná-lo"[3].

Durante o século XIX, o Convento passou por obras de manutenção, fazendo-se reparos de pequena monta, tanto interna quanto externamente. Foram reformados os telhados, frontispícios, janelas, portas, pisos, mobiliário, pinturas, imagens etc.

A epidemia de cólera de 1855, que se alastrou de Salvador para o Recôncavo, levou o convento, num gesto de caridade, a transformar-se no Hospital dos "Pestosos". Os religiosos se tornaram enfermeiros, e um deles, frei Estanislau, morreu por contágio. As obras no convento e a recuperação de imagens e alfaias só foram retomadas no ano seguinte.

Durante o ano de 1857, os consertos das alfaias continuaram a ser feitos com regularidade. Contudo, em 14 de novembro de 1857, o prior, frei Manuel de São Joaquim Teixeira, enviou correspondência à Assembléia Provincial, queixando-se do mísero estado do convento, onde se abrigava o Paço da Câmara, e da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, que ameaçava ruína e para a qual pedia auxílio. Não se sabe se o auxílio solicitado foi concedido.

Em 4 de novembro de 1872, o visitador apostólico frei José Caetano de Souza permitiu "que se incorporem os bens que ficaram por morte do nosso Rev.^{mo} P^{e} Provincial Frei Antônio de Santa Inês no Convento de Cachoeira". Este foi provincial entre 1780-1785, como consta das Atas de 1720-1780 e de 1780-1850[4].

> Representando-nos o Rev.^{mo} Frei Antônio de Santa Inês, Provincial da nossa Província do Carmo da Bahia a pobreza e penúria em que se acha o nosso Convento do Carmo de Cachoeira e que ele tendo ahi vivido por espasso de quasi quarenta annos, tinha adquirido naquelles distritos algumas esmollas pelos sermoens que pregou, as quaes desejava aplicar em beneficio da Sachristia do dito Convento por se achar falta de ornamentos, e outras coisas necessárias ao culto divino.

Esse documento abre uma nova campanha de obras, a partir de 1872. Elas não interferiram na decoração da sacristia, que escapou ilesa. No mês de julho desse ano, o Convento do Carmo apelou para carapinas e marceneiros repararem o arco cruzeiro e coro. Foram removidos os caibros velhos "para tirar-se os quadros velhos quebrados das paredes da igreja", e se repregava o retábulo do altar-mor para sustentar as colunas[5].



FACHADA DO CONVENTO
com o portal sustentado por colunas, fruto da reforma de frei Margallo na década de 1920 - 30. Arquivo Ordem Carmelita.

CONVENT FAÇADE with the columnaded portal, from Friar Margallo's renovation in the 1920 – 30 decade. Carmelite Order Archive.

Consertos feitos em 1900, sob o priorado de frei Mariano Gordon, recuperaram o telhado do convento e o frontispício, sem alterar suas linhas[6] .

Houve reformas em 1931, levadas a efeito pelo prior, frei Pedro Tomás Margallo, que prejudicaram enormemente a sua já arruinada igreja. O prior alterou também a fachada do convento, inserindo o portal com colunas, e iniciou a complementação da igreja, com a construção da galeria das tribunas, que incorporou um dos arcos da galilé da Ordem Terceira.

Logo depois era criado o SPHAN, em 1937, que passaria a ter o poder de polícia nas intervenções dos edifícios tombados como monumentos nacionais.

Àquela altura, a situação do convento não era das mais favoráveis. Mesmo assim, ele serviria para o aquartelamento de tropas por diversas vezes. Em 1823, durante as lutas pela Independência, por exemplo, nele foi instalado o quartel dos primeiros patriotas do Recôncavo e de todas as tropas que se dirigiram a Cachoeira, como já foi referido.

Nem bem se aliviaram os cachoeiranos desse período angustiante, novo movimento, esse de caráter federalista, envolveu o Convento do Carmo em 1832-1833. Os revolucionários, comandados pelo capitão Bernardo Miguel de Guanais Mineiro, tomaram o convento, com munição suficiente para enfrentar as forças governamentais. Mas a resistência durou apenas três dias.

As paredes e o teto do Carmo descansaram pouco do burburinho militar. Em 1865 ali se abrigaram batalhões de Voluntários da Pátria, em trânsito para a Guerra do Paraguai. Embora a participação do convento nesses acontecimentos enalteça a ordem carmelitana de Cachoeira, as sucessivas ocupações militares desgastaram a construção centenária, trazendo prejuízos materiais.

De situação idêntica se queixaram os carmelitas de Recife. Sua tranqüila vida de clausura foi interrompida em 1817, quando o governador Luís do Rego Barreto impôs a transformação do Convento de Nossa Senhora do Carmo em quartel e hospital militar. A devolução do convento aos religiosos só ocorreu em 1846. Além dos danos materiais no prédio, os carmelitas perderam sua grande biblioteca, que funcionava em amplo salão, no pavilhão superior do convento. Ao se retirarem em 1817, rumo à casa da Paraíba, os religiosos levaram algumas caixas com livros. Os que ficaram, desapareceram (Costa, 1976, p. 134).

A essas utilizações do espaço conventual se sucederam outras, temporárias. Dentre elas uma classe de Latim, freqüentada por Augusto Teixeira de Freitas, mais tarde notável jurista, e Elpídio Tapiranga, que ingressou no Seminário da Bahia, tornando-se figura brilhante do clero secular.

Sua parte térrea passou também a ter função pública, abrigando, em 1857 – enquanto se faziam obras no Paço Municipal –, a Câmara Municipal, o Tribunal do Júri, a Audiência de Correição e o Quartel da Polícia.

Provavelmente esse empréstimo fora feito na intenção de contar com o poder público nos serviços de que urgentemente a igreja necessitava, sem esquecer o estado de estrago que também rondava o próprio convento (Calderón, 1976, p. 29).

Se conseguiram o auxílio desejado, não se sabe. Porém, ficou o registro de que D. Pedro II esteve em Cachoeira, e assistiu missa no Carmo, conforme testemunhou:

> … às 5 da manhã do dia 6 SS.MM. [suas majestades], sempre seguidos de grande acompanhamento de povo, e de repetidos vivas, dirigiram-se à igreja matriz para ouvir missa, mas estando ela ainda fechada, foram ao convento do Carmo donde acabada a missa dirigiram-se para Vila de Feira de Santana (Pedro II, 1959, p. 272).

Sinais de desgaste eram evidentes nas narrativas oitocentistas. Em 1866, Moraes (1866, p. 44) testemunhou o estado de ruína em que se encontrava a igreja, começando pelo frontispício e penetrando na nave. Descreveu, pormenorizadamente, o abandono e desgaste da talha, da imaginária, das pinturas, do prédio como um todo, motivados pela ação do tempo e seus agentes agressivos, tais como cupins, infiltrações e poeira.



ENCHENTE DO RIO PARAGUAÇÚ

fenômeno que por várias vezes causou prejuízos ao Conjunto do Carmo. Arquivo Ordem Carmelita.

FLOODING OF THE PARAGUAÇU RIVER phenomenon that damaged the Carmo Ensemble many times. Carmelite Order Archive.

O convento estava praticamente deserto de religiosos, ainda como reflexo das prescrições legais, como o Aviso, expedido em 19 maio 1855 pelo ministro da justiça José Tomás Nabuco de Araújo, que proibia a admissão de noviços em todas as comunidades religiosas. Tal ato começou a fechar as portas dos claustros, levando a um quase desaparecimento dessas casas em todo Brasil. Os velhos religiosos que morriam não eram substituídos. Isso fez minguar o número de frades e freiras, levando à extinção das ordens, cujos bens e rendimentos ficaram para o governo.

No Carmo, tudo desmoronava. O frontispício ameaçava ruir e o estado de todo o prédio era de causar tristeza, pelo abandono a que estava entregue. A igreja não apresentava melhor situação:

> Paredes escuras, nuas e despidas dos enfeites e molduras, que, por estragadas, tém pouco a pouco cahido em destroços. Os retabulos acham-se partidos e corroídos pelo cupim; as pinturas, quadros e emblemas, tudo está coberto de grossa camada de pó e arruinado. A capella-mor [...] segue com rapidez para a ruína. Os finos dourados dos remates enegrecidos pela poeira e nodoados pelos morcegos. A capella do Santíssimo Sacramento [...] está muito estragada pelas chuvas que penetrão pela clarabóia [...] águas durante as invernadas descem-lhe pelas paredes (Moraes, 1866, p. 37, 44-45).

Com o advento da República, a Igreja separa-se do Estado, ficando, então, tais proibições desconsideradas. Assim, as ordens religiosas puderam ser restauradas. Em vista do longo período de restrições, eram muito poucos os religiosos brasileiros que ainda mantinham alguma congregação funcionando. Velhos, desmotivados, recorreram às suas matrizes, que lhes enviaram confrades estrangeiros. Desse modo, para reerguer as casas carmelitas, vieram frades espanhóis e holandeses. O reverendo frei Mariano Gordon e frei Joaquim Romero Olmos chegaram ao Convento de Cachoeira em 1899.

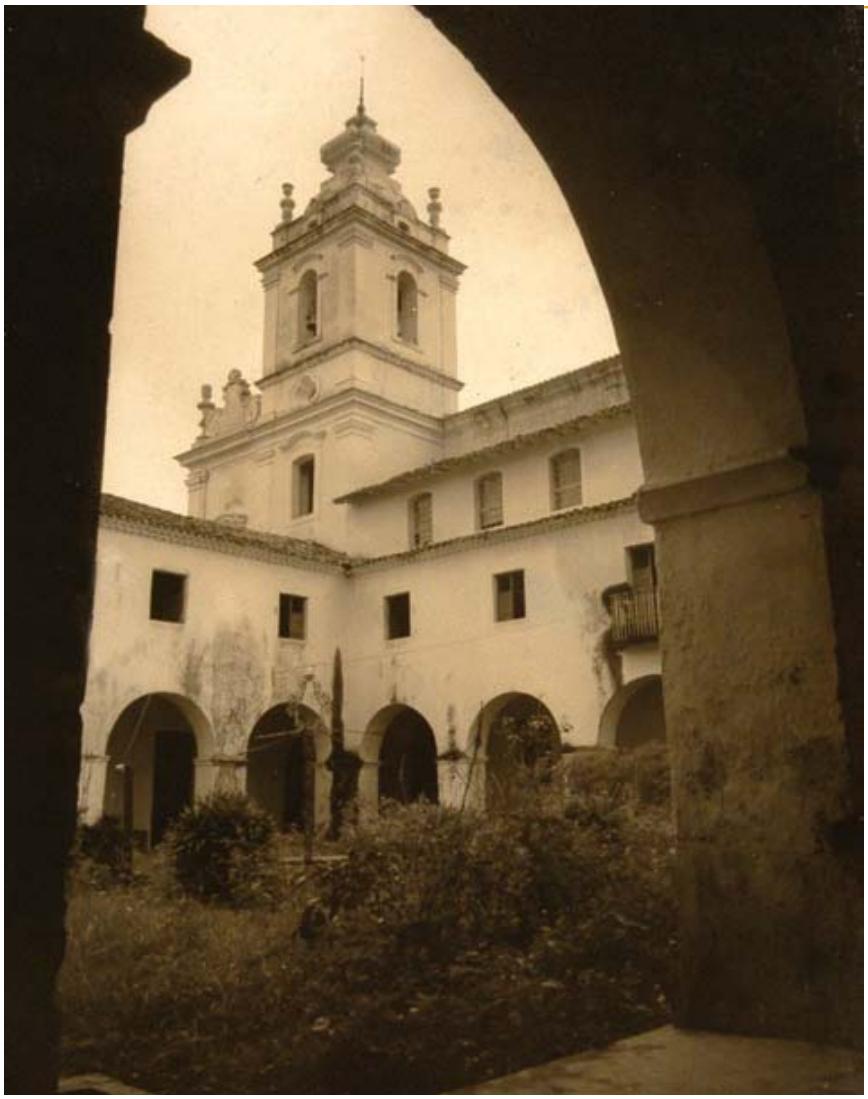
Chegaram agindo. Providenciaram obras emergenciais no convento, pois não tinham condições de habitá-lo no estado em que se encontrava. As intervenções começaram pelo telhado, passaram pelas dependências internas e alcançaram a igreja, cujo uso estava comprometido por estragos no frontispício. Os trabalhos seguiam adiante, com muito esforço, quando novo transtorno apareceu, comprometendo o que havia sido restaurado. As águas do Paraguaçu tomaram Cachoeira com força em 1914, atingindo a igreja e o convento. Mesmo em situação emergencial, o convento abrigou centenas de pessoas. Mas a enchente deixou marcas em toda a edificação, que voltou a apresentar sinais de arruinamento.

Quatro anos depois, outros frades vieram para Cachoeira, entre eles, o espanhol frei Pedro Tomás Margallo. Este assumiu a incumbência de restaurar o convento. Assim, um conjunto arquitetônico tão importante não desapareceria da cidade. Frei Margallo começou pela limpeza interna do claustro, onde a sujeira, o mato e o desmoronamento de várias partes o levaram a reconstruir toda a ala direita do pavimento térreo, ocupada outrora pela Casa da Moeda.

Estendendo os trabalhos para o edifício da igreja, tendo encontrado a talha que revestia os retábulos do século XVIII em total ruína, tomou a decisão de mandar restaurá-la, substituindo aquele ornamento artístico por escaiole e marmorite. Embora haja comentários de que os trabalhos desenvolvidos por frei Margallo tenham atingido as pinturas dos forros, por meio de repintura, conforme Calderón (1976, p. 33), documentos atestam o contrário. Um deles diz que: "… o forro da capela-mor carinhosamente conservado se não restaurou porque pretendê-lo seria crime contra a arte colonial" (ACBH. Livro de inventário dos bens, 1935, fl. 46).

Frei Margallo concluiu sua intervenção com a colocação de um piso cerâmico sobre as lajotas de barro originais, ocultando, desse modo, as lápides sepulcrais que havia na nave e nas capelas da igreja. Frei Margallo governou o convento de 1914 a 1936, quando assumiu a paróquia de Ituaçu, Diocese de Caetité. (ACBH. Catálogo dos priores ... 1688-1954).

A presença carmelita na Bahia restringiu-se a Salvador e a Cachoeira. Sua ação missionária e suas terras, nos séculos XVIII e XIX, alcançavam outras áreas no Recôncavo, a exemplo da fazenda do Tombo, na freguesia do Iguape, onde se cultivava cana, ou a São João, na freguesia de São Gonçalo do Campo, onde se plantava fumo. Registrada no seu *Livro de*



CONVENTO DO CARMO
Pátio abandonado.
Arquivo IPHAN/Hess.

CARMO CONVENT
Abandoned patio.
IPHAN Archive/Hess.

inventário dos bens do convento, 1852-1936, só consta a fazenda de São João e seus escravos. No ano de 1893, há uma nota referindo-se a essa fazenda que estava em questão judicial e, mais adiante, a notícia do seu desmembramento do patrimônio da comunidade religiosa de Cachoeira.

Conforme dado colhido numa sinopse da hierarquia eclesiástica brasileira, incluindo também as ordens e congregações, a Província Carmelitana da Bahia totalizava 15 frades e três irmãos em 1943. Mantinha o Convento do Carmo, de Salvador, uma escola primária com 70 alunos externos. Contava 10 frades e três irmãos, sendo prior o frei Emídio Ter Beke. Em Cachoeira

havia uma escola primária com sete alunos internos e 25 externos. Sob as ordens do prior, frei Inácio de Jong, havia quatro frades. Eram responsáveis pelas paróquias do Iguape e de São Félix, frei Inácio Jong e frei Estanislau Twaalfhoven, respectivamente (LEHMANN, 1943, p. 467).

Novos períodos de abandono atingiriam o Conjunto do Carmo no século XX. Em novembro de 1974, um enviado especial do jornal *Estado de São Paulo* foi encarregado de fazer reportagem sobre o estado de ruína das igrejas de Cachoeira. As igrejas citadas no texto eram as do conjunto do Carmo e a Matriz do Rosário. Das três, a que apresentava pior situação era a do convento: "um quadro desolador, [...] portas e janelas da igreja se encontram escoradas [...] A nave central, o altar-mor e a sacristia já foram despojados dos seus antigos retábulos e ornatos ..." O jornalista registrou que o desabamento do forro da nave, por ação de cupins e das goteiras, fez com que suas imagens fossem transferidas para a Capela da Ordem Terceira. Era uma lenta agonia.

A ordem Carmelita, em Cachoeira, não mais conseguiu equilibrar-se. E finalmente fechou as portas do seu convento. História que também se repetiu com o de Salvador. No entanto, a devoção à Virgem do Carmo se mantém firme, quer na simplicidade de um escapulário, quer na fiel devoção do leigo que, por opção, convite ou *status* tornou-se Irmão Terceiro.

A Ordem Primeira, que trouxe a devoção de Nossa Senhora do Carmo, no declinar do século XVI lançou sua semente no solo fértil cachoeirano. Com ela, os carmelitas viabilizaram a criação da Venerável Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira que, de 1691 aos dias atuais, tornou-se herdeira do trabalho carmelita, compondo, com sua capela, o maior conjunto arquitetônico da cidade.

NOTAS

1 - Como era e é chamada Salvador até hoje.

2 - São Simão Stock viveu no século XIII e foi o décimo sexto geral da ordem dos carmelitas. Morreu em Bruxelas, no ano de 1265. É cultuado em 16 de maio (Tavares, 1990, verbete Simão Stock).

3 - Arquivo do Convento do Carmo de Salvador, *Despesa do Convento Carmo Cachoeira (1816)*, Arquivo BH, fl. 68v.

4 - Arquivo do Convento do Carmo de Salvador, *Atas 1780-1850*, ms, Arquivo de BH, fls. 13v, 36r, 38r, 39v.

5 - Idem, fl. 231r.

6 - Bahia, v. 2, 1982, p. 40.





A ORDEM TERCEIRA DO CARMO





A ORDEM TERCEIRA DO CARMO

FACHADA DA ORDEM TERCEIRA
recém-restaurada. Foto de Caio Reisewitz, 2007.

THIRD ORDER FAÇADE recently restored. Photo by Caio Reisewitz, 2007.

No século XVI, tão logo Cachoeira ganhou seu primeiro e único espaço conventual, o Convento e a Igreja do Carmo, principiaram ali as atividades de associações leigas. Duas delas eram conventuais: a Ordem Primeira, masculina, e a Ordem Segunda, feminina. Seus membros faziam voto perpétuo, a exemplo das congregações religiosas. A Ordem Terceira, leiga e secular, obedecia à regra, ou estatuto especial.

Na época, a filiação dos colonos a associações como as Santas Casas, as confrarias, irmandades e ordens terceiras era uma das formas mais usuais de manifestação religiosa – herança portuguesa que se espalhou pelo Brasil, desde o início da colonização. A Ordem Terceira era parte do conjunto de associações religiosas de leigos, constituído de irmandade, ou confrarias, para praticar atos de caridade e/ou piedade, como mutualismo e enterramentos.

Na época, quando o catolicismo era religião obrigatória, todos os homens e mulheres pertenciam a uma irmandade ou ordem terceira, pois isso lhes garantia assistência material e espiritual, supostamente até após a morte. As ordens terceiras, com algumas exceções, estavam ligadas a uma ordem primeira. Nas igrejas conventuais, nas matrizes ou paróquias, existiam irmandades que tinham em comum uma devoção, ou semelhanças econômicas, raciais ou sociais.

Segundo conta a tradição, a maioria dessas ordens era constituída por colonos brancos de descendência portuguesa, em geral senhores de terras e prósperos comerciantes. Ao lado delas, irmandades e confrarias acolhiam negros e mulatos. Não há estudos ou notícias acerca da inserção dos índios nessas comunidades. "Não era gratuito esse desejo de agremiação. A população encontrava nas poderosas corporações religiosas seis e setecentistas uma forma orgânica para realizar suas necessidades, ou reivindicações dentro de uma estrutura legal e eficiente" (Calderón, 1971, p. 151).

Tais associações possuíam caráter assistencialista, com forte sentido previdenciário. Nelas as pessoas encontravam apoio em situações de carência – enfermidades, velhice, invalidez e morte. E a satisfação de ser admitido como irmão terceiro, participante de todas as graças espirituais concedidas aos religiosos carmelitas (Costa, 1976, p. 148). Pertenciam às associações só pessoas de "qualidade comprovada". Quando eleitos para a mesa diretora dessas entidades, os fiéis conquistavam a honraria de desfilar nas procissões e festas trajando um hábito ou uma capa (opa). Segurar o pálio na condução do Santíssimo era desejo comum na Bahia barroca.



ALTARES LATERAIS,
tribuna e púlpito. Foto de Caio Reisewitz, 2007.

SIDE ALTARS,
tribune and pulpit. Photo by Caio Reisewitz, 2007.

> Prodigalidade e excessos ornamentais que não se reduziram ao plano da vida material, porém, que atingiram à própria vida espiritual religiosa, daquela época [século XVIII], principalmente na Bahia colonial, em uma realidade, colonial sim, mas herdeira tanto da cultura portuguesa, como introduzida pelos cânones tridentinos a partir do século XVI, enfatizando os aspectos visíveis da fé. Uma igreja marcada pelo culto aos símbolos exteriores às manifestações públicas da fé ... (Casimiro, 1996, p. 62).

Existiam verdadeiras competições entre essas confrarias. Além da obrigação espiritual, as ordens leigas possuíam o dever de zelar e administrar o patrimônio com que eram dotadas, ou o que lhe viesse a ser destinado. O controle legal era feito por meio de estatuto ou compromisso.

A partir do século XVIII, as normas espirituais dessas associações foram adequadas, em todo Brasil, às *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, de 1707, Livro IV, Títulos 60-62 (Vide, 1853).

O crescimento desse modelo associativo foi notório em todo o Brasil, atingindo seu apogeu no setecentos e prenunciando seu declínio no primeiro quartel do século XX. Em Salvador, destacaram-se, entre outras, a Ordem Terceira de São Francisco (1635), a Ordem Terceira do Carmo (1636) e a de São Domingos de Gusmão (1723).

> No Brasil não se estabeleceram no Período Colonial os Dominicanos da Primeira ou Segunda Ordens. Desta forma, diferentemente do que ocorreu com a Ordem Franciscana e a Carmelita, os Terceiros vão ser os responsáveis pela introdução dos Dominicanos no Brasil (Martinez, 1969, p. 30).

A Ordem Terceira de São Domingos em Salvador recebia orientação religiosa de Lisboa.

Se a fundação da Ordem Terceira do Carmo de Salvador "era o corolário da fundação do Convento do Carmo", dizia Carlos Ott (1998, p. 21), o mesmo se pode dizer da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira. Três anos depois de instalados, na então aldeia de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, os frades empenharam-se em criar sua Ordem Terceira.

Em seu trabalho sobre a *Venerável Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira*, Calderón (1976) levantou a probabilidade de ter sido instituída primeiramente como irmandade e, cinco anos depois, elevada à Ordem Terceira, regendo-se pelos estatutos – organizados pelo vigário provincial, frei Manoel Ferreira da Natividade, comissário, reformador e visitador da Ordem – promulgados em 1696 no Convento de Salvador. Na realidade, as ordens terceiras já nasciam sob a forma de irmandade, primeiro instalando-se no edifício da Ordem Primeira, onde tinham altar próprio, e, depois, quando conseguiam recursos, construíam suas próprias instalações ou partiam de pequenas instalações pré-existentes. De fato, segundo informações de Godofredo Filho, a Ordem Terceira já tinha capela e sacristia no lugar do terreno doado[1]. Os estatutos deviam ter a aprovação do Rei. Provavelmente, 1696 se refira a essa data da aprovação real. Nos Estatutos da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira, de 1915, se dizia que esta foi "fundada nesta cidade em 1691"[2].



A história do edifício da Ordem Terceira, pode-se dizer, começou uma década depois com a obtenção de terras vizinhas ao Convento, onde os irmãos terceiros já tinham uma capela: a de Santa Tereza. As terras foram doadas em 1702 pelos religiosos carmelitas. Frei Antônio de Santa Rosa era o prior.

Os detalhes da construção não são conhecidos. Há somente referências esparsas e algumas suposições, baseadas nos estilos arquitetônicos e decorativos. Conforme ocorreu com a Ordem Primeira, apenas depois da criação do IPHAN, em 1937, a memória das obras começou a ter registro com alguma regularidade.

Em geral, os trabalhos escritos sobre a Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira são unânimes em tratar com cautela essa fase inicial de instalação, devido à dificuldade de se localizar documentos, ou ao estado de fragilidade deles, quando encontrados.

Costa (1976, p. 145) também notou a falta de dados mais precisos sobre essas ordens em relação aos Terceiros em Pernambuco. Afirmou que a Ordem Terceira do Convento de Olinda foi a primeira a ser instituída, sem definição de data, a qual presumiu anterior a 1694, quando em documento já constava como incorporada à Ordem Primeira. Em seguida, foi instituída a de Recife. Essa afirmação mostra que – mesmo sendo a área mais antiga de presença carmelita no Brasil – a inserção dos Terceiros em Pernambuco e na Bahia foi contemporânea.

Conforme declara o Cap. I, Art. 1º, de seus estatutos, a

> Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, fundada nesta cidade [Cachoeira] em 1691, continua ser a corporação religiosa de fieis cathólicos de um e outro sexos, que para melhor promoverem a salvação eterna da sua alma, colocam-se sob a poderosa proteção de Nossa Senhora do Monte do Carmo, abraçando e praticando a regra da preclara Ordem Carmelitana ... (ACBH. Estatuto… 1915).

FACHADA DA IGREJA e dependências da Ordem Terceira recém-restauradas. Foto de Caio Reisewitz, 2007.

CHURCH FAÇADE and Third Order facilities, restored. Photo by Caio Reisewitz, 2007.

Como suas co-irmãs, tinha por finalidade a manutenção do culto divino e a observância das práticas de suas regras (cf. *Estatuto…*, Art. 2º), além da prestação de socorro aos irmãos que necessitassem.

Com a mesma acolhida que dispensou aos carmelitas, João Rodrigues Adorno apoiou a idéia da implantação da Ordem. Tornando-se irmão terceiro, fez parte da mesa, assumiu o cargo de prior e também doou terreno de sua propriedade para a construção de igreja própria. A Ordem funcionou provisoriamente na Capela de Santa Tereza, cedida pelos religiosos no primitivo hospício da Ordem Primeira.

Até o século XVII as confrarias e irmandades "se contentavam com uma capela na igreja paroquial, ou algum convento da qual faziam as despesas. No XVIII, elas quiseram ter sua própria capela", segundo Bazin (1956, p. 32).

Por escritura de doação, passada em 1702, Adorno legalizou a posse do terreno, onde seriam levantados a capela, a sacristia e o consistório, anexos ao Convento do Carmo.

Aqueles que participaram do projeto e das etapas construtivas permaneceram incógnitos. E a data do início da construção é imprecisa. Porém, tudo leva a crer que os Terceiros se mobilizaram para começar as obras assim que receberam o terreno.

A capela forma, juntamente com a Igreja do Convento, os dois lados menores do claustro que fica no centro, em formato retangular. Possuía quatro arcos rebaixados nos lados menores e, nos maiores, arcos com pilastras octogonais, constituindo esse elemento um diferencial que, na visão de Bazin (1956, p. 120), é uma "exceção elegante no claustro da Ordem 3ª de Cachoeira", vez que o mais comum eram pilares quadrangulares nesse tipo de edificação. Em 1778 estariam concluídos a *loggia* e esse claustro.

A planta da igreja seguiu um traçado simples, retangular, de modelo tridentino. Do lado do claustro foi construída uma ampla sacristia com três janelas e duas portas. Por sobre esta se ergueu a varanda de arcadas – que se vê na fachada principal –, um pequeno espaço para funcionar a Casa dos Milagres e o amplo salão do consistório com duas portas de cada lado. Dando para o claustro, uma sacada de madeira formava um harmônico conjunto.





VISTA PARCIAL DA NAVE
e passagem para o claustro. À esquerda. Foto de Caio Reisewitz, 2007.

PARTIAL VIEW OF THE NAVE and access to the cloister. To the left. Photo by Caio Reisewitz, 2007.

CAPELA-MOR
e vista parcial da nave. À direita. Foto de Leo Caldas/ Editora Horizonte, 2007.

MAIN CHAPEL and partial view of the nave. To the right. Photo by Leo Caldas/ Horizonte Publishing, 2007.

Espaços bem definidos, capela, sacristia, consistório e a parede externa das carneiras constituem a fachada da Venerável Ordem Terceira do Carmo. Esses espaços apresentam estilos diferentes, pois não foram construídos todos no mesmo período. Apesar da diversidade estilística, a fachada mantém um traço rígido, amenizado pelas arcadas que transmitem uma sensação de leveza.

Descrevendo a fachada da capela, Calderón (1971, p. 154) a destacou "… pelas pilastras dóricas dos cunhais e a cornija, ricamente emoldurada, sem imposta nem divisão entre as plantas …". No plano térreo, coroado em arco românico, o portal apresentava uma linha inovadora, ladeado por duas ordens de pilastras sustentando um frontão de voluta partida, de onde saía, bem centralizado, em gesso, o escudo da Ordem.

Abaixo do escudo é visível uma data, 1724 ou 1742, registrando, talvez, a conclusão da fachada. A disposição circular dos números leva a uma certa indefinição de leitura. Na leitura feita por Calderón, 1724 foi tomada como a data da conclusão das obras de alvenaria da igreja. Ele baseou sua argumentação nos seguintes pontos: data da doação do terreno (1702), o "estilo arcaizante" da composição e as datas atribuídas à decoração da parte interna da capela. A essa análise, soma-se a interpretação feita por Germain Bazin (1956, p. 168), de a obra ter sido concluída no início do século XVIII, devido à presença decorativa de frontão com

volutas no portal de entrada do templo, elemento característico desse período. Para Carlos Ott (1998, p. 166) e Simões (1965, p. 60), a data é 1742, referindo-se o primeiro a uma modificação da fachada, e o segundo a uma fase da obra.

Partido utilizado nas capelas jesuíticas do século XVII, duas janelas, com rígidas jambas, foram rasgadas na altura do coro. Trata-se de "frontaria típica do estilo missionário", como classificou Robert Smith (1854, p. 33). Isso porque, para coroar a composição, um frontão triangular acompanha o telhado de duas águas, trazendo no tímpano um óculo bem centralizado. Como arremate final, sobre o frontão, o acrotério sustenta uma cruz ladeada por dois ornamentos em forma de ponteira. A fachada, no seu todo, possui um aspecto singelo, de linhas retas renascentistas, só quebrado pelo portal barroco do início do século XVIII.

FACHADA DA IGREJA
com arcadas inferiores e superiores. Foto de Caio Reisewitz, 2007.

CHURCH FAÇADE with superior and inferior arcades. Photo by Caio Reisewitz, 2007.

Complementando esse quadro das fachadas, destaca-se – como ligação da Igreja da Ordem Terceira com a conventual – a ala que abriga a sacristia e o consistório, composta por arcada, tanto na parte térrea quanto no nível superior. Carlos Ott (1998, p. 164) chamou a atenção para o uso dos arcos achatados, no segundo pavimento, de feitura muito mais trabalhosa, e afirmou que foram executados por Francisco Pinheiro, "chamado de nosso Irmão Engenheiro pelos Terceiros do Carmo de Salvador, embora de profissão tenha sido apenas carpinteiro". É apenas uma possibilidade.

Os cinco arcos rebaixados dessa parte foram fechados por um balcão de madeira e sustentados por pilastras octogonais. A identificação dessas arcadas, com as do claustro, leva à possibilidade de terem sido feitas no mesmo período de 1778. O jogo de altura entre o plano térreo e superior com o conjunto de arcos sobrepostos forma um contraste singular no prédio.

O lado oposto, correspondendo ao lado do Evangelho na capela da Ordem, foi reservado às carneiras. Apresentava também, como decoração de fachada, um grande arco ladeado por aberturas em óculo. O arco foi fechado, possivelmente pela necessidade de ampliação das carneiras.

Protegendo esse edifício, Moraes (1866, p. 46) informava que um "muro exterior que se destina a fechar o espaço e o átrio de fora ostenta a data de 1813 no seu portão".

A simplicidade dessas fachadas é totalmente esquecida quando se entra na capela. Com reduzido espaço interno, composto por nave e capela-mor, Germain Bazin (1956, p. 302) mencionou ser "o mais belo conjunto de talha existente no Estado da Bahia", só superado pela talha da Igreja de São Francisco, em Salvador, que pode ter servido de modelo aos Terceiros carmelitas.

Consideradas as mais antigas do edifício, as talhas do altar-mor e arco cruzeiro seriam de 1730-1740. A talha que reveste a capela-mor foi trabalhada com primoroso jogo cromático. Provavelmente a obra é posterior a 1750. A do retábulo do altar-mor ostenta o segundo



barroco, também conhecido como estilo joanino. Na predela foram distribuídas oito mísulas, em forma de atlantes, margeando o painel central, no qual o sacrário complementa o ondulado da talha. Encimando a predela está o trono, destacado pelas colunas salomônicas do nicho que o acolhe, enfeitadas por folha de acanto e aves próprias da iconografia barroca. Entre essas colunas sobressaem pequenos consoles que sustentam duas imagens, uma delas de São José.

O trono, inicialmente concebido em degraus, mais tarde foi encoberto, e mesmo cortado, para se encaixar em sua frente o nicho com a imagem de Nossa Senhora do Carmo. No alto do trono, colocou-se um imponente Crucificado, invocado pelo título de Senhor do Bonfim, que mostrava características barrocas e cumpria as determinações tridentinas, enfatizando o culto à Santíssima Trindade, especialmente ao Cristo Crucificado, agora representado em atitude de sofrimento.



ALTAR-MOR
ladeado por altares colaterais. Foto de Caio Reisewitz, 2007.

HIGH ALTAR sided by collateral altars. Photo by Caio Reisewitz, 2007.

Carlos Ott (1998, p. 169) supôs que o esboço ou o risco da obra de talha para a Ordem Terceira de Cachoeira foi executado pelo mestre entalhador que trabalhou na Igreja de São Francisco, em Salvador. Apoiado em informações de Bazin, Ott levantou a possibilidade dessa obra ter sido esculpida nas oficinas do convento franciscano de Salvador, e transportada em saveiro até Cachoeira. Trata-se apenas de uma suposição, visto que cada convento tinha seus próprios artífices, ou contratava leigos, mas dificilmente trabalhava para ordens diferentes da sua.

O labirinto de ornatos desse retábulo da capela-mor foi arrematado por "… dois arcos concêntricos, sobre mênsulas descentradas, que descansam em cima do cornijamento das colunas. Sentados nas mênsulas do primeiro arco, rapazes simulam pegar na cúpula concheada com sanefa de bicões, que suportam as mênsulas do segundo arco, e, sobre esta, o grande docel piriforme sustentado por dois anjos …". Assim comentou Calderón (1971, p. 157) a respeito da decoração barroca desse espaço.

A exuberância da talha dourada da capela-mor dá continuidade à forma abobadada do forro, em madeira, criando desenhos circulares, entrelaçados geometricamente, que se espalham por toda a abóbada, chamada de berço, trazendo elementos de estilo rococó, misturados ao neoclássico. O estilo rococó é também percebido nas paredes da capela-mor e nos ornamentos que decoravam os vãos das tribunas. Um largo friso de talha foi colocado sobre elas. Essas tribunas são alternadas por seis quadros emoldurados, assim identificados, a partir do altar-mor: do lado esquerdo, São Zacarias, São Porto e Santa Pelágia e, do lado direito, São Osias, São Jacinto e Santa Maria Egipcíaca (Calderón, 1971, p. 157).

Antes de se abrirem os vãos das tribunas e as portas laterais na capela-mor, silhares de azulejo davam seu toque de elegância. Estudando os exemplares de azulejos dessa igreja, Simões (1965, p. 62) assim os descreveu: "na capela-mor o alizar sobe até o nível das janelas [...] e tem dois grandes painéis, um de cada lado, infelizmente mutilados e truncados. A mutilação teve lugar principalmente nos emolduramentos, tendo salvo a parte iconográfica". Esses painéis, segundo a análise do mesmo autor, seriam de 1745-1750. A figuração retrata a Virgem do Carmo abrigando sob seu manto um "grupo de personagens da Igreja" e, do lado da epístola, Santo Elias "subindo ao céu no carro de fogo".

A beleza plástica da Capela da Ordem Terceira foi assunto de matéria assinada por Domingos Meireles para o jornal *O Estado de São Paulo*, em 1974. O articulista exaltou a escolha estética dos irmãos terceiros, encontrando no estilo barroco dessa igreja ligeiras diferenças daquele observado em outros templos da Bahia, Pernambuco e Minas Gerais. Para embasar sua descrição, tomou do pintor paisagista fluminense, Antonio Diogo da Silva Parreiras (1860-1937), a afirmação de que "nem mesmo no Vaticano, como obra de talha, como beleza de ornato, formando um conjunto de linhas estéticas extraordinárias, se encontre coisa melhor do que o altar-mor da igreja da Ordem Terceira do Carmo, em Cachoeira" (Meireles, 1974).



ALTAR-MOR
Detalhe do forro. Foto de Caio Reisewitz, 2007.

HIGH ALTAR
Ceiling detail. Photo by Caio Reisewitz, 2007.

Passando-se da capela-mor para a nave, o arco cruzeiro, provavelmente construído na década de trinta do setecentos, serve de suporte à talha dourada, com detalhes fitomorfos e zoomorfos nas pilastras, não deixando nenhum espaço vazio. Ladeado por anjos, um grande escudo com as insígnias da Ordem, que sustentava coroa e cartelas, arrematava o arco.

Os altares colaterais ao arco cruzeiro seguem o ritmo barroco, com predela, semelhante ao do altar-mor. Às suas colunas salomônicas, revestidas de detalhes florais e capitéis coríntios, juntavam-se pilastras recobertas por ramicelos em curvas, forma que também se encontrava nas arquivoltas que contornavam os nichos. Esses altares abrigavam imagens do ciclo da Paixão: Nossa Senhora das Dores e Senhor dos Passos. Por serem imagens de roca, mereceram proteção especial de vidro – modificação provavelmente realizada em fins do século XIX. Calderón (1971, p. 158) levantou a hipótese de que outras imagens ocupavam esses espaços anteriormente, e sugeriu que ali ficava uma imagem de Santa Tereza, datada da primeira metade do século XVIII, depois colocada na Casa dos Milagres.

Os vãos de parede sobre esses altares são recobertos com elementos decorativos em forma de mísulas, sobre as quais descansam pequenos querubins e nichos falsos com cortinados figurados. Num dos lados há um pelicano alimentando seus filhotes, e no lado do altar do Senhor dos Passos, uma fênix num dossel com sanefas de bicão. Novos elementos em curvas e contracurvas complementam o nível superior desses altares.

Os especialistas que estudaram esse templo foram unânimes em classificar essas talhas do altar-mor e do arco cruzeiro como sendo de fase mais antiga que as demais.

A nave, de proporções reduzidas, abriga do lado direito os altares dedicados a São Luís de França e Santa Joana, e do lado oposto, os dedicados a São Esperidião e Santa Isabel, todos datados da segunda metade do século XVIII. A mescla estilística se faz notar. Os frontais desses altares, na visão de Carlos Ott (1998, p. 169), eram de "puro rococó assimétrico", e o restante dos altares em "neoclássico puro, embora sobrecarregado". Eles foram cobertos por frontão elevado, bastante recortado, com influência "extremo-oriental", na leitura de Bazin (1965, p. 302-303). Dessa fase tardia também eram os púlpitos e respectivas cornijas, com a bacia recortada por motivo circular central. A terminação inferior dessas peças tem formato de cone. Esses altares, junto com os púlpitos, datariam de 1760.

Rodeando a nave, e separando desta os altares laterais, foi colocado um gradil todo trabalhado em madeira de lei, trazendo mostras da transição do rococó para o neoclássico.

Na parte superior, abrem-se as tribunas, seguindo o mesmo ritmo decorativo dos altares, com cornijas recortadas, coroadas de sanefas franjadas e balcões rematados por bicões. As tribunas duplas da capela-mor são mais antigas do que as da nave.

De qualidade pictórica mediana, seis painéis com moldura entalhada separam essas tribunas. Retratam os oragos dos altares colaterais, além de São Franco e Santo Eduardo, da Inglaterra, todos do hábito carmelitano.

Nas paredes da nave se encontram ainda seis braços-tocheiros, encaixados em fundo espelhado, com moldura recortada e com motivos concheados. Tal qual a capela-mor, mas de época tardia, a cornija que circula a nave mantém o movimento da talha já descrita, apresentando cachorros espaçados e vasos flamejantes.

Seguindo o ritmo decorativo da nave, o coro é fechado por balaustrada, cujos extremos curvados se ligam aos balcões das últimas tribunas. O piso assoalhado segue o modelo predominante no século XVIII, com recorte sinuoso na parte voltada para nave, sem que realmente date daquele século. Foi todo renovado no século XX. Os cantos são arredondados por baixo, de forma a apresentar uma abóbada rebaixada. Nos ângulos que formam arco com as paredes da nave, se observam bustos de figuras masculinas, como que suportando a junção do coro com as tribunas. Debaixo do coro, o forro pintado exibe três grandes medalhões com molduras, circundados por pintura floral singela. A temática central desses painéis narram passagens da história carmelitana. A boa qualidade pictórica desses quadros e o cromatismo chamam a atenção. A pintura que circunda os medalhões lembra influência oriental. É uma imitação do floral comumente usado na pintura de papel japonês ou chinês.

A crônica do século XIX revelou ter havido, outrora, um órgão no coro, da talha barroca ou do hibridismo barroco/rococó (Moraes, 1866, p. 45).

Não satisfeitos com todo esse emaranhado de talha dourada, da policromia das pinturas, das molduras recortadas, das portas, janelas, pisos trabalhados, os Terceiros mandaram revestir as paredes com primoroso conjunto de azulejos portugueses do século XVIII. Em tons azuis, sobre fundo branco, cenas bíblicas são narradas, combinando quadros com cenas figurativas e molduras barrocas.

Segundo o estudo feito por Simões (1965, p. 60), os silhares de azulejo da nave "repartem-se em painéis de cabeceira recortada, atingindo quase 3 m (vinte e um azulejos) na parte central [...], e na capela-mor alcançam 3,30 m". O par de painéis reproduz a imagem de Nossa Senhora do Carmo, abrigando seguidores sob seu manto, e, do lado oposto, de Santo Elias subindo ao céu no carro de rodas de fogo. Cercaduras ponteadas emolduram esses conjuntos, permitindo sobressair os elementos figurativos, de características maneiristas.

Todos os painéis foram descritos por Simões, que traduziu as cenas, esclareceu as legendas e constatou as mutilações que sofreram nas reformas por que tem passado esse templo. Presumiu que esses painéis foram produzidos entre os anos 1745-1750, como foi dito anteriormente, tomando por indicador o estilo dos enquadramentos.

PAINÉIS DE AZULEJO
com representação de Santo Elias e Nossa Senhora do Carmo, a protetora. Fotos de Caio Reisewitz, 2007.

TILE PANELS
representing Saint Elijah and Our Lady of Mount Carmel, the protector. Photo by Caio Reisewitz, 2007.





A cobertura da nave é do tipo forro abaulado, cujo tratamento ornamental complementa-se com os demais elementos arquitetônicos e artísticos. Atribui-se sua execução ao mestre pintor José Teófilo de Jesus, mas não há prova documental dessa autoria. O artista teria feito as pinturas do teto em algum momento entre 1802 e 1847. São onze quadros, distribuídos em toda extensão da nave, desde o arco cruzeiro até o coro, com temática concentrada em fatos narrativos da história carmelita. Para exemplificar, toma-se o painel que fica sobre o coro. Retrata Santa Tereza de Ávila em pé, junto a uma mesa. Num livro aberto sobre essa mesa, se contempla Nossa Senhora do Carmo com o Menino Jesus, envoltos em nuvens e cabecinhas de querubins.



FORRO DA NAVE
Ordem Terceira do Carmo. Foto de Caio Reisewitz, 2007.

NAVE CEILING
Third Order of Carmo. Photo by Caio Reisewitz, 2007.

O piso da nave segue o padrão freqüentemente usado nas igrejas, isto é: o ladrilho cerâmico de utilização mais recente substituiu o piso de madeira que, por sua vez, já substituíra o de lajotas.

A sacristia dispõe de um amplo salão. O acesso a ele é feito pela igreja ou pelo claustro. Suas portas são guarnecidas por cornijas trabalhadas com motivos concheados. Nas paredes, um longo friso, pintado com motivo floral, tem sanefas de bicão.

O forro mereceu atenção dos irmãos terceiros, que provavelmente o encomendaram ao mesmo mestre pintor que executou a pintura do forro da capela. Circundado por uma barra de flores e concheados azul, vermelho e cinza, traz no centro um medalhão de tendência neoclássica, apresentando imagem de Nossa Senhora do Carmo salvando as almas do Purgatório.

O móvel que preenche esse salão é um grande arcaz de jacarandá, de estilo barroco, com dezoito gavetas, que eram guarnecidas lateralmente com puxadores trabalhados. Embutido no centro há um altar com frontal rococó. Esse móvel chama atenção pelos adornos de suas extremidades. São figuras de indígenas com seus cocares de plumagem colorida.

Em outra parede pode-se apreciar também um grande armário, usado outrora para guardar as imagens do ciclo da Paixão. Ali estavam acondicionados o Senhor do Horto, o Senhor da Coluna, o Senhor da Pedra Fria, o *Ecce Homo*, Maria Madalena e São João Evangelista. Pela presença de pintura imitando tartaruga, e de singelas flores pintadas nas partes externas e internas das portas, esse móvel foi visto por Germain Bazin (apud Calderón, 1976, p. 60) como de forte influência oriental. No corpo menor do armário, as pinturas diferem dos outros campos e só aparecem externamente.

É possível que esse armário tenha sido feito por etapas. Os três corpos de tamanho maior são mais antigos, fechados por duas portas, com frontões entalhados. Internamente são divididos de forma a acolher a diversidade de tamanho das imagens. O corpo menor foi acrescido posteriormente e não tem divisões internas. Na parte inferior é ocupado por grandes gavetões.

Outra peça que decora a sacristia é o lavabo de lioz, de origem portuguesa, que está mutilado por sofrer as inclemências do tempo. Na opinião de Carlos Ott (1998, p. 175), tratava-se de uma "peça razoável, mas modesta, feita provavelmente por volta de 1750. Os motivos decorativos são bastante escassos ...", o que, na conclusão do autor, era um sinal de empobrecimento de quem fez a encomenda num "tempo de decadência econômica que nem podiam gastar um conto de réis por um bom lavabo".

A porta de acesso à sacristia, tal qual a da igreja, era almofadada com ornato em forma de losangos salientes, de influência nitidamente renascentista, mas que conviveu com o barroco torneado e com o entalhado durante todo o século XVIII, especialmente nos móveis de guardar, portas e janelas.



Acima da sacristia, no pavimento nobre, foi instalado o consistório. O salão principal foi adornado com esmero. Das paredes pendem sanefas de bicão – divididas por um friso de papel, outrora pintado – e a talha dourada. A pintura do teto, em madeira, é centralizada pelo escudo da Ordem.

Uma descrição desse salão, na segunda metade do século XIX, fazia referência a um altar (Moraes, 1866, p. 46) em local hoje ocupado por um armário de madeira – o armário chinês, como é conhecido pela característica orientalizante da pintura de suas portas e jambas. Em forma de pequenos quadros, sob fundo branco, desenhos em nanquim estampam animais, flores e figuras humanas, copiados de modelos orientais. Esses painéis revestem as portas interna e externamente.

Tem-se buscado uma explicação para o uso desses motivos orientais na ornamentação do conjunto do Carmo de Cachoeira. Vem sempre à lembrança a passagem do padre Charles Belleville pela cidade. Belleville, que foi missionário na Ásia, deve ter trazido para o Brasil a técnica de aplicação e os temas. Mas isso constitui pura especulação, porque Belleville era jesuíta, e normalmente cada ordem religiosa tinha seus próprios artistas, ou contratava o serviço de leigos, especialmente as ordens terceiras, que controlavam seus próprios recursos.

CONJUNTO DE CARNEIRAS
do Cemitério da Ordem Terceira do Carmo. Foto de Caio Reisewitz, 2007.

SET OF TOMBS
of the Third Order of Carmo Cemetery. Photo by Caio Reisewitz, 2007.

Ainda em Cachoeira, os mesmos motivos podem ser vistos na Igreja de Belém, de origem jesuítica, onde as pinturas encontradas internamente demonstram uma forte presença oriental. Há quem levante a hipótese de que o armário do consistório da Ordem Terceira tenha pertencido à comunidade jesuítica. Trata-se de outra hipótese sem comprovação. Inspiração oriental também foi vista por Carlos Ott (1998, p. 164) na varanda de madeira que se abre para o claustro.

Cumprindo determinação de seus estatutos, em 1768-1769 (Bahia, Secretaria, 1982, p. 41-42) os irmãos terceiros ocuparam o terreno anexo ao lado esquerdo da igreja, para construção de sepulturas temporárias de seus filiados. Um longo corredor, fechado por grossa parede e teto em abóbada, foi construído para abrigar as carneiras.

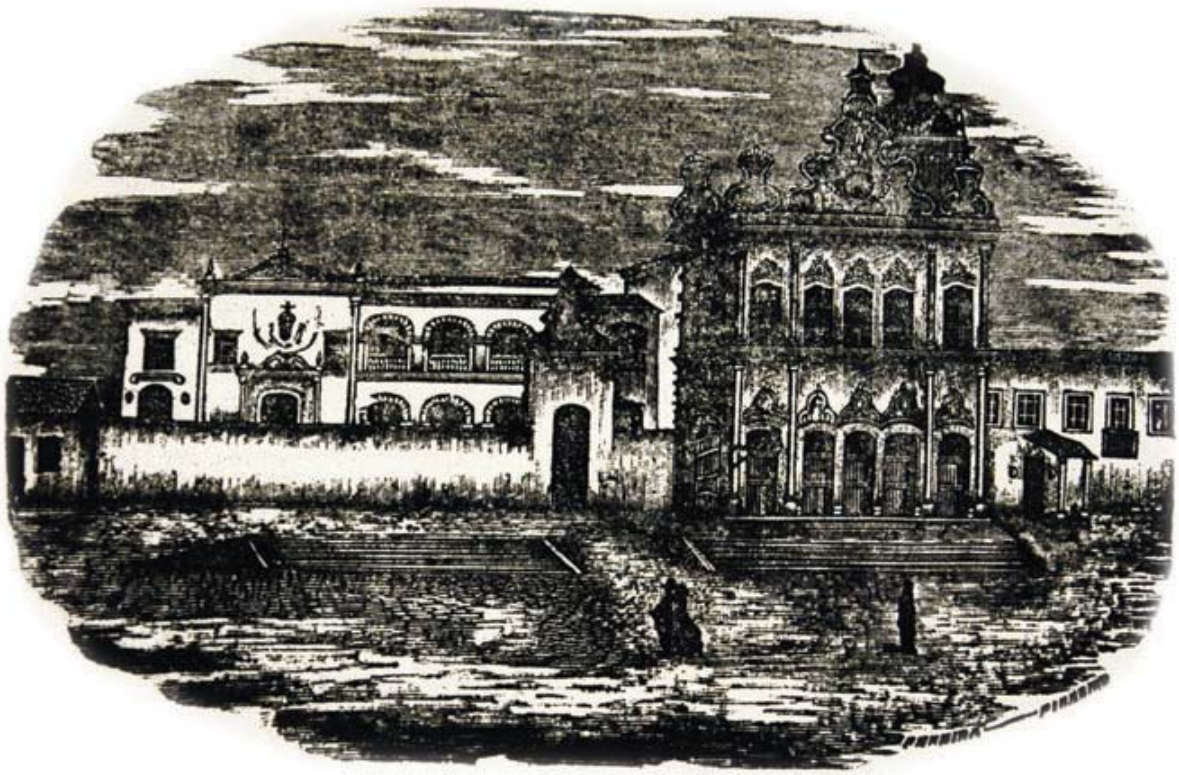
Para aproveitar bem o espaço, abriram-se três fileiras sobrepostas, divididas verticalmente em quatro grupos, totalizando doze de cada lado, de modo que os corpos fossem ali depositados paralelos à parede. A preocupação estética com a igreja e demais dependências também acompanhou a vontade dos irmãos terceiros nesse recinto. Cada carneira foi coroada por uma cornija de estuque, toda trabalhada em relevo. A graça e a leveza do estilo rococó serviram de base para essa ornamentação.

O tempo demonstrou a necessidade de ampliação desse local, o que levou os irmãos a mandar fechar a grande arcada da fachada principal, acrescentando nesse espaço mais seis carneiras. Entretanto, o detalhe que sobressai e causa um impacto nesse ambiente são as tampas de suas coberturas. Consideradas a mais rica coleção de pintura funerária do estado da Bahia – recentemente restauradas[3] –, todas são fechadas por um tampo de madeira com pintura policromada, próxima ao estilo rococó. A temática central são alegorias que buscam transmitir um sentido funerário, entre curvas e contracurvas e outros detalhes rococó. Os modelos dos desenhos, num primeiro momento, parecem repetitivos, mas depois de bem observados, notam-se elementos que lhes dão certa individualidade, embora não sejam identificados nominalmente.

Nesse recinto, encontra-se um pequeno altar com retábulo, seguindo a linha estética dos retábulos da nave, mas em estuque. A imagem de Nossa Senhora do Carmo ocupa o centro do altar. A capela do cemitério, com seu altar em estuque, atribuído ao mesmo artista que executou a fachada da Ordem Primeira, é provavelmente de 1773.

Na segunda metade do século XIX foram proibidos os enterramentos no interior de templos. A construção de cemitérios públicos levou as ordens religiosas e agremiações a tomar providências para dar sepultura digna a seus associados, devido a compromissos estatutários. A Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira decidiu construir seu próprio cemitério, em 1898. As construções de cemitérios públicos têm sido interpretadas por alguns estudiosos como uma das fortes causas do esvaziamento e decadência dessas associações, pois o direito a uma sepultura servia de atração para se conseguir filiados. Na verdade, o que mudou foi a mentalidade e a diminuição da religiosidade, sob a influência do novo mundo positivista.





VISTA DO CONJUNTO DO CARMO na segunda metade do século XIX, acima. Arquivo IPHAN.

VIEW OF THE CARMO ENSEMBLE, in the second half of the 19th century, above IPHAN Archive

FORRO DA NAVE porta de saída sob o coro. Foto de Caio Reisewitz, 2007.

NAVE CEILING Exit door under the choir. Photo by Caio Reisewitz, 2007.

Acompanhando-se as notícias sobre a Ordem, encontrou-se alguma documentação atestando que períodos de ascensão e queda fizeram parte do quotidiano da instituição. As dificuldades financeiras estão registradas em atas desde a primeira metade do século XIX.

No entanto, há evidências de obras realizadas após o término do edifício. Embora não estejam documentadas, é o caso, por exemplo, das tribunas abertas na capela-mor, que mutilaram os azulejos que recobrem a parede. E da construção da capela do Senhor dos Passos, que acabou fechando um dos arcos da *loggia*.

Em 1810, teria sido fechado o adro com um muro alto e portão. Acredita-se que a data, no portão, indique a época de construção desse muro, que ainda existia, em 1867, segundo relatos de Moraes, em seu *Brasil Histórico*.

Há algumas outras referências esparsas sobre as obras e consertos de peças sacras. Em 1813, o irmão Manuel Fernandez ajudou com 23$000 no conserto da "alampada"[4]. Aos 19 de novembro de 1855, José Teixeira de Assis recebeu 10$000, "de uma ambula que dorei", e Joaquim Manoel, 2$000 pelo conserto de um par de castiçais de prata. Em 22 de novembro foram pagos a Manoel Rodrigues dos Santos 2$000 "do pratiado de quatro castiçaes que fiz para a banqueta do Sr. Bom Jesus dos Passos"[5].



ORDEM TERCEIRA
Grades de ferro substituíram o muro demolido por volta de 1920. Arquivo IPHAN/Pinheiro.

THIRD ORDER
Iron railings substituted the wall that was demolished circa 1920. IPHAN Archive/Pinheiro.

Manoel Bernardino recebeu 8$000 do "concerto que fiz no telhado do corpo da Igreja e claustros da nova ordem, dando eu a cal", em julho de 1856[6].

Em 1855, a Ordem Terceira realizou diversos investimentos na recuperação das alfaias e da imaginária, ao contrário da Ordem Primeira. Era época da epidemia de cólera. Em tal situação, de início pareceu incoerente investir na recuperação de peças sacras. Mas, em face do desespero da população, as rezas, procissões, novenas e missas pelos mortos devem ter funcionado como consolo e esperança, e exigido que os objetos de culto estivessem em boas condições.

O cronista oitocentista, Moraes (1866, p. 46), dizia que, ao contrário da igreja do Convento, a igreja da Ordem Terceira apresentava-se impecável, e afirmava: "penetrando-se neste templo sente-se um certo contentamento na contemplação de suas capellas, de suas imagens, e de seu gosto arquitetônico".

Como aconteceu com a Ordem Primeira, as intervenções pontuais na Ordem Terceira se confundem com a história de sua construção. Em julho de 1896, consertava-se o forro da igreja e retelhava-se de novo o edifício, pagando-se a soma pela traça[7]. Em maio do ano seguinte, consertava-se a porta da igreja por 15$000[8], e em janeiro de 1899, pintava-se o portão por 34$000[9]. Finalmente, em setembro de 1900, consertava-se um lustre da igreja por 36$000[10].

Em 1920, mais ou menos, teria sido demolida parte do muro alto que fechava o adro. E, em seu lugar, foram instaladas grades de ferro e um segundo portão.

As desavenças entre a mesa diretora e os irmãos, as despesas excessivas, as discordâncias com os frades da Ordem Primeira e, por fim, os novos modos de pensar a vida e a religião, levaram a maioria dessas instituições à decadência.

Muitas ordens fecharam suas portas, mas não os Terceiros Carmelitas de Cachoeira. Ainda é possível ver em pleno funcionamento seu conjunto arquitetônico – igreja, sacristia, consistório e cemitério –, que conta, como contará sempre, com as bênçãos e proteção de Nossa Senhora do Carmo.

NOTAS

1 - Arquivo IPHAN-SSA, Caixa 154, pasta 130-10602116.

2 - Arquivo do Convento do Carmo de Salvador, Ordem 3ª do Carmo de Cachoeira [licenças, estatutos, eleições etc.], ms, Arquivo de BH, fl. 1 r-v.

3 - Foram restauradas com o patrocínio da Fundação Vitae, além das esculturas, viabilizando o inventário de seus bens móveis e a restauração de telas e imaginária importantes.

4 - Arquivo da Ordem 3ª do Carmo de Cachoeira, Livro de Irmãos (1754-1832), ms, Arquivo de BH, fl. 240.

5 - Idem, Livro de Contas da Ordem 3ª (1855-1856), fl. 2v, 3v, 4v.

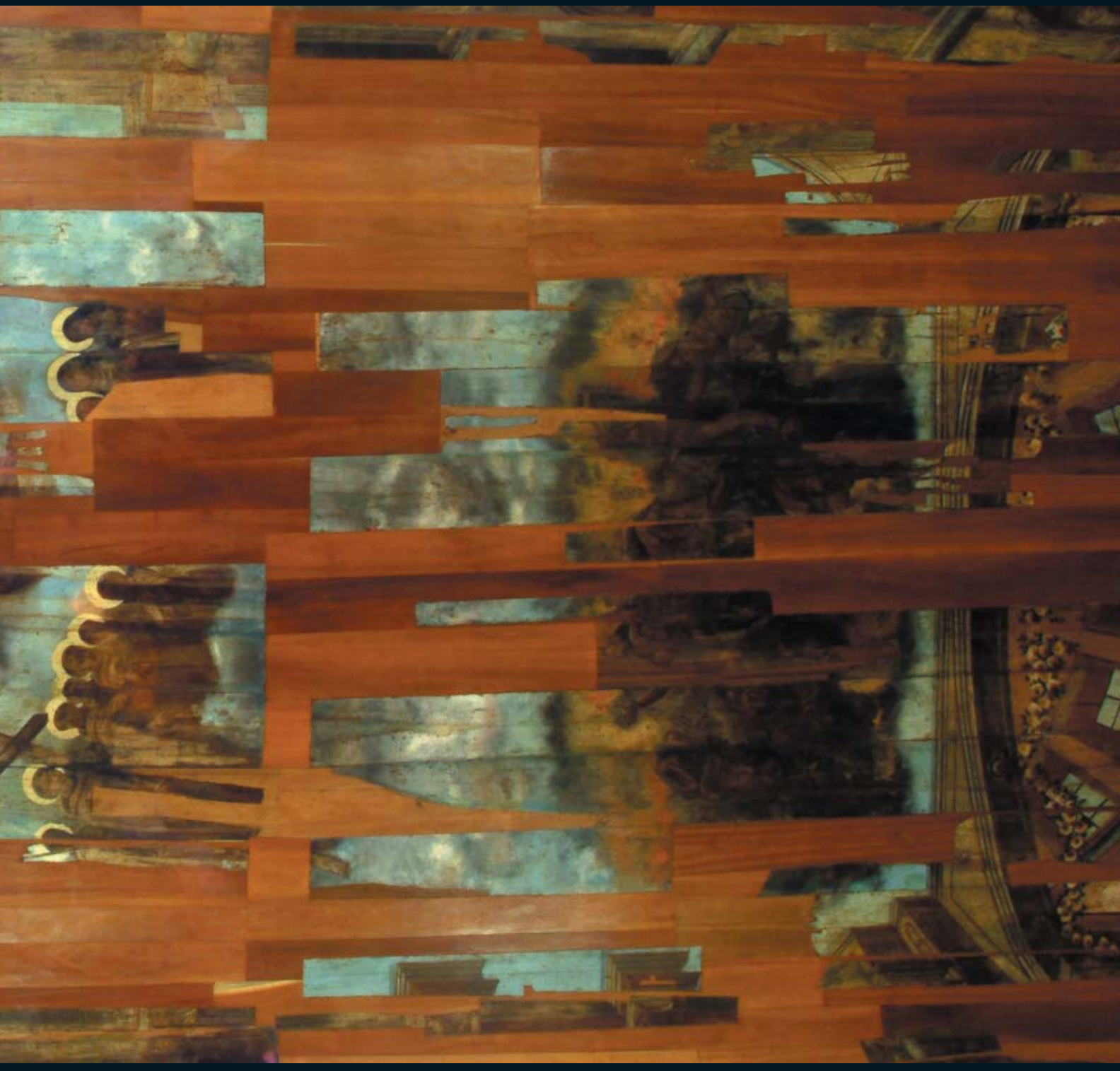
6 - Idem, fl. 21 v.

7 - Idem, Receitas e Despesa (1895-1939), fl. 2 v.

8 - Idem, fl. 5v.

9 - Idem, fl. 9v.

10 - Idem, fl. 15v.



AS INTERVENÇÕES NO CONJUNTO DO CARMO



AS INTERVENÇÕES NO CONJUNTO DO CARMO

A HISTÓRIA DAS INTERVENÇÕES

Para melhor entender as mudanças pelas quais passou o Conjunto do Carmo, e dar o devido valor à extensa obra que o Programa Monumenta executou, é importante fazer um retrospecto do passado das intervenções de manutenção ou restauro feitas nesse conjunto.

As intervenções só começaram a ser documentadas a partir de 1938, logo depois da criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) pelo governo Vargas. Entretanto, por meio de antigas descrições, livros de pagamentos a artífices ou atas da Ordem Carmelita, é possível ter uma visão mais ampla das alterações e reformas sofridas pelo Conjunto do Carmo.

De forma geral, identificam-se três fases principais na vida construtiva e de intervenções nas edificações:

Fase 1 – Da doação do terreno, por João Rodrigues Adorno, à criação do SPHAN (1688-1937).

Nesse longo período ocorreu a paulatina formação do conjunto, por meio de doações de terrenos e construção dos edifícios, estabelecendo-se ali a vida religiosa da Ordem Carmelita e a dos irmãos Terceiros.

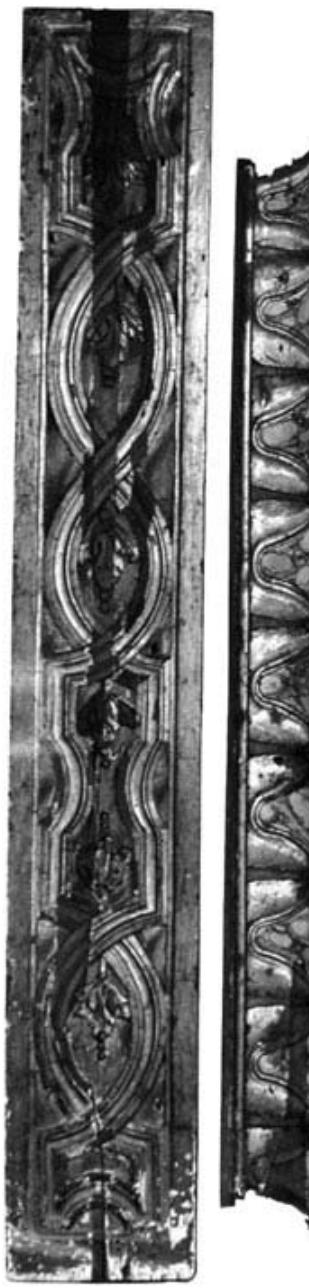
Embora a documentação seja escassa, está claro que houve dois comportamentos bem distintos quanto às edificações. Em que pese a manutenção deficiente, a comunidade Carmelita realizou diversas campanhas de obras. Tais ações, comandadas por frades e priores a seu bel-prazer, terminaram destruindo boa parte do conteúdo artístico das igrejas, sendo consideradas "desastradas" pelo SPHAN. Talvez por falta de recursos, a comunidade leiga da Ordem Terceira efetuou intervenções menos freqüentes e menos danosas.

Fase 2 – Da criação do SPHAN ao Programa de Recuperação de Cidades Históricas (PCH) da SEPLAN-PR (1937-1985).

Apesar do empenho do SPHAN, suas ações foram limitadas pelas distâncias, pelas dificuldades de comunicação, escassez de pessoal e, pelos problemas de relacionamento com a Ordem Carmelita. As enchentes periódicas do rio Paraguaçu, também complicaram bastante os serviços de manutenção e as grandes obras de valorização do conjunto, que o SPHAN nem sempre tinha condições de coordenar.

São dessa época os primeiros registros disponíveis sobre mobilizações em favor do Carmo. Com o passar do tempo, os priores do convento abordaram várias autoridades em defesa de seu patrimônio.

O período posterior à classificação de Cachoeira como Monumento Nacional pautou-se por uma mudança sensível nas funções do Conjunto do Carmo. Mudanças sociais e populacionais haviam tornado ociosa a estrutura da Igreja da Ordem Primeira, assim como a do Convento, abandonado pelos religiosos desde 1955, aproximadamente.



Para reverter a decadência do imóvel, um projeto do estado da Bahia foi financiado pelo PCH - Programa de Reconstrução de Cidades Históricas do Nordeste, transformando o Convento em uma pousada para uso turístico, entre 1981 e 1983. Esse projeto também retirou a função religiosa da igreja, transformando-a num salão para eventos.

FASE 3 – DA INTERVENÇÃO DO PCH-SEPLAN À INTERVENÇÃO DO PROGRAMA MONUMENTA (1985-2006).

Após a implantação da pousada, as intervenções no conjunto praticamente terminaram, uma vez que os espaços estavam sob uma administração particular que, só eventualmente, solicitava permissão ao IPHAN para pequenos reparos.

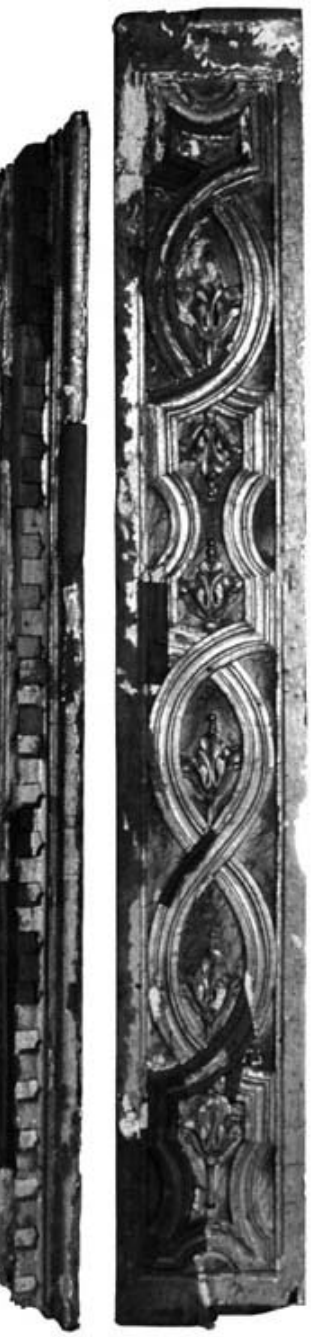
A partir de 2003, o Programa Monumenta do MinC - Ministério da Cultura começou a atuar sobre o núcleo formado pela Ordem Terceira e Igreja da Ordem Primeira, dentro da nova filosofia de sustentabilidade que atribui aos imóveis funções adequadas e capazes de promover a manutenção do edifício, como convém a uma boa restauração.

Serão tratadas aqui as intervenções feitas a partir da criação do SPHAN e do tombamento desses edifícios religiosos como monumentos nacionais. Essa passagem não ocorreu sem dificuldades.

Em 1938, as intervenções estavam em franca atividade no Convento do Carmo. E foram bruscamente afetadas pela notícia do tombamento do conjunto.

A informação de que seu convento e igreja haviam sido tombados em 22 de agosto de 1938[1], e de que – de acordo com o decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937 –, qualquer obra teria de ser submetida à aprovação e fiscalização do SPHAN, foi um grande choque para frei Inácio de Jong. Como as intervenções haviam sido iniciadas antes do tombamento, de repente, frei Inácio se via diante de obra inacabada, e sem meios de concluí-la, dada a nova conjuntura.

Os serviços que pretendia fazer em geral eram simples: troca de peças na cobertura e pintura externa e interna da igreja. Analisada a parte artística do monumento, e estabelecida a forma de executar os revestimentos e a pintura, o SPHAN não levantou nenhum problema quanto à execução.



Outros trabalhos previstos eram: a retirada da balaustrada de uma pequena escadaria em dois lances, colocada paralelamente à fachada da igreja, e a impermeabilização das áreas da torre, onde os azulejos se haviam perdido. Também essas obras não receberam qualquer oposição do SPHAN, que depois se envolveria no demorado e custoso empreendimento de projetar uma nova escadaria para interligar e harmonizar as fachadas das duas Ordens.

No entanto, a intenção de completar a ala direita da igreja, "acrescentando-se-lhe a parte que falta, isto é, a galeria ou salão das tribunas"[2], e incorporando uma das arcadas da Ordem Terceira, provou ser um problema de magnitude maior do que o prior era capaz de administrar. A obra fora intentada cerca de uma década antes por frei Pedro Tomás Margallo, prior do convento entre 1923 e 1926 que trabalhou até 1931 em diversas obras, entre elas a de complementação da igreja. Frei Margallo chegou a iniciar o corredor das tribunas e a construir a parede, que atingiu quatro metros de altura, sem, no entanto, conseguir completar a ampliação. Ao que se sabe, a interrupção da obra foi provocada pelos protestos dos irmãos Terceiros, senhores das terras "místicas"[3] à Igreja do Convento, pois estava prejudicando suas instalações.

De fato, segundo a análise de Godofredo Filho, responsável na década de 1940 pela 5ª Região do SPHAN de Salvador, isso aconteceu porque a situação era dúbia, uma vez que a doação não estabelecia os limites da área cedida. A doação das terras, ao lado do convento, onde está a Ordem Terceira, foi feita legalmente por meio de escritura de 1702, mas esse documento não indicava as medidas das terras doadas, causando a referida dúvida. De qualquer forma, essa doação tornar-se-ia irrevogável, depois de construídas as novas instalações da Ordem Terceira. Em 1936, o então superior do convento esclareceu que os frades do convento doavam as terras – onde já havia uma capela de Santa Teresa e uma sacristia muradas – à Ordem Terceira, para todo o sempre. Como eles tinham recebido todas essas terras de João Rodrigues Adorno, ninguém, no futuro, poderia revogar ou reclamar dessa doação[4].

A empreitada de frei Margallo foi abandonada, permanecendo a parede como testemunho do intento. Em 1938, uma nova tentativa de continuar a obra, aceita pelos Irmãos Terceiros, foi embargada pelo SPHAN. As discussões sobre a oportunidade e a forma de executar essa complementação arrastaram-se por muito tempo. Na época, a repartição era carente de funcionários. E, para tomar decisões, dependia de longas trocas de correspondência entre a Regional da Bahia e a sede do Serviço, no Rio de Janeiro.

Por outro lado, os técnicos do SPHAN, no Rio de Janeiro, contrapunham a necessidade de uma planta, de cortes longitudinais e transversais e de fotos, que lhes permitissem a correta análise do problema, antes de emitir qualquer parecer.

Administrativamente, Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor geral do SPHAN, transmitiu à 5ª Regional a decisão da repartição sobre as obras de complementação da igreja:



VISTA DO CONJUNTO
com a parede da tribuna incompleta. Este aspecto, posterior à reforma de frei Margallo, foi recomposto pelo SPHAN. Arquivo IPHAN.

VIEW OF THE ENSEMBLE with the incomplete tribune wall. This job, started after Frei Margallo's intervention, was resumed and concluded by SPHAN. IPHAN Archive.

VAPOR DE CACHOEIRA,
à direita.
Arquivo Ordem Carmelita.

CACHOEIRA STEAMSHIP, to the right. Carmelite Order Archive.

> Quanto ao complemento da planta da igreja que se pretende levar a efeito, acrescentando-lhe a parte que falta à direita (lado do evangelho), isto é, a galeria ou salão das tribunas, tenho a comunicar-vos que só poderei autorizar o prosseguimento desse serviço depois que o Revdo. Superior do convento do Carmo providenciar no sentido de apresentar a esta repartição a planta do conjunto do monumento em apreço, planta essa acompanhada dos cortes longitudinal e transversal do salão projetado, compreendendo as partes que interessam à Ordem 3ª e bem assim com a indicação dos vãos, reentrâncias e saliências da fachada e mais a do terreno disponível na frente da igreja, a calçada, o meio fio e a largura da rua. Torna-se, portanto, necessário que, à falta de pessoa habilitada em Cachoeira, para incumbir-se desse trabalho, o Revdo. Superior ajuste um profissional competente na Capital para realizar o serviço[5].

Esse processo, ainda que necessário dentro do funcionamento da repartição, era lento, pois dependia de comunicações entre os estados, por cartas, telegramas e, muitas vezes, remessas de correspondência pelo vapor de Cachoeira. Era também difícil, na época, conseguir um profissional para fazer o levantamento métrico e desenhar a planta, pelo menos a preços módicos, como relatou frei Inácio: "comunico que até agora não foi possível tirar a planta que V. Excia. pediu, pois os engenheiros pedem 1:500$000 para fazer esta planta e V. Excia. compreende que é quase impossível ajuntar este dinheiro"[6].

Entretanto, alguém notou que haviam sido colocadas calhas, de aspecto moderno, na fachada lateral da igreja, dando origem a nova polêmica sobre a necessidade de retirar essas calhas. O problema foi ultrapassado com o compromisso formal do prior de embutir as calhas na primeira obra de caiação que se fizesse. Voltando ao tema da complementação do templo, o religioso pedia



> … encarecidamente suspender o embargo, pois este vão já está feito, somente falta rebocar as paredes e assentar as janelas. Os irmãos Terceiros já reclamaram por não ter acabado ainda este vão, porque fica feio deixar assim a obra tanto para a nossa igreja como para a igreja da Ordem Terceira. Sabendo que V. Excia se interessa pelo acabamento da obra tombada e convencido da boa vontade da parte do Patrimônio Nacional, espero um despacho favorável para evitar aborrecimentos com o povo de Cachoeira que está tão contente com a reforma final desta obra secular e está já revoltado por causa do embargo[7].

A igreja, com a obra inacabada, não oferecia condições de utilização para culto, e a impossibilidade de realizar as quatro missas diárias costumeiras prejudicava financeiramente a Ordem Carmelita. Desesperado, frei Inácio de Jong enviou telegrama ao SPHAN, ameaçando retirar os andaimes da igreja e renunciar ao cargo de prior:

> "Peço resposta urgente respeito caiação interna igreja acabamento obra externa já esperei dois meses não vindo resposta arriarei andaimes desistindo Convento cargo"[8].

A resposta do SPHAN não se fez tardar. Um telegrama da diretoria explicava que:

> Quanto complemento planta ala direita edifício pondero que demora ocorrida resultou não terdes fornecido levantamento necessário a fim habilitar esta repartição elaborar projeto que mais conviesse à obra obrigando-nos enviar engenheiro Ayrton Carvalho a essa cidade afim executar referido trabalho cujo custo alegáveis exceder recursos vossa disposição"[9].



IGREJA DO CONVENTO

Vista da parede lateral com a presença das janelas, anteriores a 1940. Ao lado. Arquivo Ordem Carmelita.

CONVENT CHURCH
View of the lateral wall with the windows, dated from before 1940. Beside. Carmelite Order Archive.



VISTA DA PAREDE DA TRIBUNA,

após a reforma da década de 40, já com cobertura e óculos em vez de janelas. Abaixo. Arquivo IPHAN.

VIEW OF THE TRIBUNE WALL,
after the 40's renovation, featuring roofing and oculi instead of windows. Below. IPHAN Archive.

FACHADA DA ORDEM PRIMEIRA

com escada em dois lances e guarda-corpo em balaústres. A retirada dos balaústres fez parte da reforma de frei Inácio de Jong. À direita. Arquivo IPHAN/Hess.

FIRST ORDER FAÇADE
with two flights of stairs and balustrade. The removal of those balustrades was part of Friar Inácio de Jong's renovation. On the right. IPHAN Archive/Hess.



Godofredo Filho foi objetivo na sua análise sobre o procedimento de frei Inácio, e disse, em carta, a Rodrigo Melo Franco de Andrade: "O frade está atrapalhado com as medidas tomadas, perspectivas de prejuízo, ameaça das trovoadas que paralizarão qualquer reforma no telhado etc. etc. Afigura-se-me ele um homem de boa intenção, embora incapaz de compreender o que seja conservar ou preservar a beleza de um monumento arquitetônico"[10].

Ultrapassado o problema, a obra foi aprovada em junho de 1939, e a parede que dava para o adro, complementada com três óculos recortados, conforme as instruções e o dimensionamento fornecidos pelo SPHAN. Não se sabe exatamente quando se completou a obra, mas em novembro do mesmo ano as atenções do SPHAN e do prior se voltavam para novo empreendimento, o projeto da escadaria fronteira ao conjunto.

Na frontaria da Igreja do Convento existia uma escada em forma de L, que se prolongava até à Ordem Terceira, ocupando toda a frente ou, pelo menos, parte dela. Em frente à Ordem Terceira, no passado também houve um grande adro ou patamar, para o qual se abria o arco da galilé da Igreja do Convento. Isso foi comprovado por fotos antigas e dados constantes de correspondências trocadas entre a Regional da Bahia e a sede do SPHAN, que tiveram os moradores antigos como fontes de informação.

De qualquer forma, no final da década de 1930, o acesso ao convento era feito por uma pequena escada, de dois lances paralelos à fachada, protegida por guarda-corpos de balaústres. Chegava-se à Ordem Terceira, de acordo com fotos da época, subindo um terreno em aclive, em cujo pendente se engastava uma pequena escadaria que não chegava a atingir o muro e o portão de acesso.

O novo projeto, várias vezes alterado, pretendia retomar a escadaria em L, desde a frente da igreja, reduzindo a quantidade de degraus à medida que se aproximasse do limite do muro lateral da Ordem.

As fotos, plantas, orçamentos e debates sobre a obra projetada tramitaram por vários anos entre Cachoeira e o Rio de Janeiro, e a execução dos trabalhos exigiu a compra de uma pequena casa térrea, fronteira à Ordem Terceira, que foi demolida para que se liberasse a visão da capela e se desse o devido acabamento aos degraus projetados.

A compra e demolição dessa casa, localizada na praça da Aclamação, nº 15, marca outra história interessante. Vale a pena contá-la em poucas palavras.

Durante as discussões sobre o projeto da nova escadaria – desenvolvidas pelos técnicos do SPHAN, no Rio de Janeiro, e Godofredo Filho –, foi levantada a necessidade de liberar a visão do edifício da Ordem Terceira do Carmo, obstruída pelo muro e por casas anexas ao seu terreno. Logo se verificou que a liberação do visual iria criar problemas de composição do espaço. E a decisão de retirar o muro e demolir as casas limítrofes foi abandonada por motivos financeiros. Entretanto, existia uma pequena edificação térrea, quase engastada no muro, que convinha ser demolida para que a escadaria pudesse ser construída.

A pedido do SPHAN, a 5ª Regional fez contatos em Cachoeira, ficando mais ou menos acertados com o prefeito, João Vieira Lopes, os trâmites necessários para realizar as desapropriações, desde que o SPHAN colaborasse com algum auxílio[11]. Ao mesmo tempo, fizeram-se contatos com o proprietário, concordando este em vender o imóvel por 4:000$000[12].

Parece que o trato com o proprietário foi feito no momento certo. Por alguma razão, o prefeito, sem ter desapropriado a casa e sem ter nenhum plano de melhoramentos, resolveu demoli-la e, para piorar a situação, o proprietário da casa, Sátiro Teixeira, enlouqueceu.

Felizmente a prefeitura desistiu da idéia de demolir a casa, e o Ministério Público interditou o proprietário, passando à esposa o direito de dispor dos bens. Dessa forma, a transação foi consumada e, em 1944, a casa estava sendo demolida para a execução da escadaria[13].

Chegou-se, finalmente, a uma versão da obra que satisfazia as condições do terreno e o orçamento disponível. A casa térrea de nº 15 foi demolida, e cortada uma parte do anexo e do quintal da casa de esquina, de nº 13. Feito isso, o muro frontal da Ordem Terceira foi prolongado até esta última casa, liberando parte da visão do monumento.

Terminada em 1945, a escadaria ficou reduzida a um lance de quatro degraus, em frente aos arcos da galilé da Igreja do Carmo, e a um grupo de três degraus em L, que se prolongavam desde o limite da galilé até ao limite do terreno da Ordem Terceira. O número de degraus foi reduzido, obedecendo a elevação do terreno. Entre o nível do degrau superior e o nível do adro da Ordem Terceira ficou um terreno em aclive suave, que hoje em dia forma um jardim.





CASA DE Nº 15,
demolida pelo IPHAN na década de 40 para liberar a visual do conjunto e permitir a execução da escadaria.

HOUSE Nº 15, demolished in the 40's by IPHAN to open up the view of the set and allow the building of the stairway.

CASA DE Nº 13,
que teve parte do anexo e do quintal cortados para permitir o agenciamento da escadaria.

HOUSE Nº 13, that was deprived of part of its annex and backyard to make room for the stairway.

VISTA DA ESCADARIA
recém-completada, com os dois patamares de acesso. Arquivos IPHAN.

VIEW OF THE STAIRWAY, recently finished, with two flights of access. IPHAN Archive.

No ano seguinte, o diretor da então DPHAN recebeu correspondência do prior do convento, comunicando o mau estado dos telhados e os danos que as infiltrações estavam causando às pinturas. As obras de retelhamento iniciaram-se em maio, mas foram paralisadas. Dois anos e meio depois, em novembro de 1948, por intermédio do prior, a comunidade apresentou um protesto ao presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, solicitando a conclusão dos serviços e a volta do Senhor dos Passos à sua igreja, o que terminou acontecendo apenas em 1952.

Em 1955, o convento estava praticamente desabitado, com graves problemas na cobertura. A DPHAN orçou em Cr$ 50.000,00 as obras de emergência necessárias – execução de remendos, conserto de esquadrias e retirada de mato. Obras que se completaram no ano seguinte.

Em 1963, o representante da Diretoria de Ensino Industrial da Bahia solicitou à DPHAN permissão para instalar um ginásio feminino no convento. A diretoria da DPHAN pronunciou-se favoravelmente, mas deixou clara a impossibilidade de restaurar a edificação, por falta de verbas e pelos pesados encargos já assumidos com a restauração de outros monumentos de Cachoeira.

Em setembro de 1971, Cachoeira foi declarada Monumento Nacional, e o assentamento, sob o nº 49, consta do *Livro de tombo arqueológico, etnográfico e paisagístico*, sancionado pelo presidente da República, Emílio G. Médici, por meio do decreto-lei nº 68.045, de 13 de janeiro de 1972. Baseado nesse documento legal, o presidente da Câmara, Geraldo Simões Santos, dirigiu ao ministro da Educação e Cultura, Jarbas Passarinho uma solicitação para que fosse celebrado um convênio com o estado, ou com o município, para restauração do Convento do Carmo.

Aparece nessa época, pela primeira vez, a solicitação para que o convento fosse transformado em pousada turística, e a igreja em auditório para conferências e seminários educacionais.

Nada se fez até 1976, quando a Ordem Terceira pediu ao IPHAN e à Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC) da Bahia que fossem recuperados os telhados e a fachada do convento, que estavam em mau estado e ameaçavam desabar sobre a Ordem. Sugeriu-se a reconstrução do telhado e o desmonte dos forros. Mas nada foi feito, até que finalmente parte do forro acabou desabando sobre a nave.

Começaram, então, as providências para restaurar o convento, sendo posta em andamento a idéia de transformá-lo em pousada de turismo e dar-lhe uso contínuo. Em 1977, um primeiro projeto foi realizado pelo GRAU – Grupo de Renovação Arquitetônica e Urbanística, da Faculdade de Arquitetura da UFBA, e aprovado pelo IPHAN. Posteriormente apresentado à SEPLAN-PR, o projeto foi aprovado e sugeriu-se a sua inclusão no Programa Integrado de Cidades Históricas do Nordeste.

Houve várias tramitações, enquanto o projeto era modificado para se adaptar às exigências da EMTUR – Empreendimentos Turísticos da Bahia S. A. e ser enquadrado dentro da classificação de pousada. Aprovado o projeto em todas as instâncias, em 1981 formalizou-se um convênio entre a SEPLAN e a Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia para a execução das obras de restauração do Convento do Carmo. Depois, foi aprovado o projeto de restauração pela resolução CNTur 1692, de 25 de novembro de 1981. As obras prolongaram-se por todo o ano de 1982 e parte de 1983. Em maio desse ano, a Pousada do Convento foi por fim inaugurada.

A proposta de transformar a Igreja do Carmo em um espaço multiuso surgiu posteriormente. E só em junho de 1984 o projeto foi encaminhado à SPHAN/FNPM, tendo a aprovação do Ministério do Interior, ocorrida em dezembro do mesmo ano.

No ano seguinte surgiu uma discordância entre a SPHAN/FNPM[14] e o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Secretaria de Indústria e Comércio do Estado da Bahia (IPAC-SIC) quanto ao agenciamento do altar-mor da Igreja do Carmo. A discordância poderia ter sido resolvida sem maiores problemas, não fosse o fato de as obras já estarem em pleno andamento antes da aprovação.

A situação foi criada porque, da decoração original da igreja, restavam apenas quatro colunas salomônicas, de fino trabalho de talha e grande beleza. A futura utilização da igreja como espaço de eventos permitia, dentro da concepção do projeto, uma certa liberdade de ação e, de acordo com os princípios do restauro, uma marcação das novas intervenções por uma linguagem moderna.



ALTAR-MOR
da Igreja do Carmo, depois da restauração da década de 80, que transformou a igreja em auditório, com as colunas torsas pintadas e as talhas do artista Louco. Arquivo IPHAN.

HIGH ALTAR of the Carmo Church, after the 80's renovation that turned the building into an event venue, with its curl-shaped columns painted over and featuring carvings by the artist Louco. IPHAN Archive.

A base teórica estava absolutamente correta e, para complementação das áreas ocupadas pelo altar-mor, foi decidido que seriam usados painéis de talha, de feitura moderna, que seriam aplicados no arco do coroamento, nos espaços entre as colunas salomônicas, na porta do sacrário e no frontão da mesa do altar. Os painéis, entretanto, foram encomendados ao atelier de Louco, um artista popular de Cachoeira, que iniciou a produção das talhas *naïf* que deveriam ser instaladas na igreja.

Analisado o projeto, a SPHAN/FNPM[14] reprovou os painéis e, numa visita a Cachoeira, os técnicos do instituto descobriram que eles estavam quase concluídos e já parcialmente aplicados na igreja. As colunas originais, por sua vez, haviam sido pintadas em creme e dourado, com técnica inadequada. Depois de várias reuniões, a situação foi contornada com a remoção da pintura das colunas salomônicas e o escurecimento dos painéis de talha.

As referências a obras feitas pela SPHAN/FNPM[14] cessam a partir da entrega do novo espaço multiuso e da inauguração da pousada, que funcionava sob administração da EMTUR. É apenas com a deflagração do Programa Monumenta, e com a decisão de alterar o uso da Igreja do Carmo, que esta volta ao âmbito do SPHAN.

No que diz respeito à ordem leiga, criado o SPHAN em 1937, foram tombadas a capela e casa de oração da Ordem Terceira do Carmo, em 22 de agosto de 1938, conforme assentamentos nºs 103 do *Livro histórico* e 210 do *Livro das belas artes*. Como já ocorrera com as obras em realização no convento, o prior recebeu a carta intimando-o a suspender as intervenções que vinha fazendo na Igreja da Ordem Terceira e comunicando-o de que todas as obras a serem executadas nos imóveis tombados precisariam de aprovação prévia.

Não se sabe com exatidão que serviços estavam sendo feitos. O SPHAN encontrava-se, então, envolvido com as obras do convento. E as intervenções na Ordem Terceira eram provavelmente de caráter apenas emergenciais.

Em algum momento o SPHAN assumiu essas obras, ou iniciou outras, pois um ofício de fevereiro de 1940 dava conta de obras que o Serviço do Patrimônio estava realizando na Capela da Ordem Terceira. Foram feitas grandes obras, que se iniciaram em 1939 e se prolongaram até 1942, que abrangiam a edificação e a recuperação dos bens integrados, consideradas por Godofredo Filho, "até o presente, as mais importantes, extensas e trabalhosas que o SPHAN empreendeu, na 5ª Região"[15].

Entre os trabalhos realizados contou-se a retirada do revestimento cerâmico do piso da capela, "ladrilhos impróprios, feios, de cor azulada com desenhos negros"[16], que foi substituído por tabuado de madeira, retomando-se as características antigas do espaço. Antigas é modo de dizer, pois se imagina que os engenhos e igrejas tinham seus pisos revestidos em madeira. Na verdade, os pisos originais de edificações civis e religiosas eram de lajotas.

São comuns na história do conjunto os movimentos dos priores junto à comunidade, ou junto às autoridades, em favor da recuperação das edificações ou do acervo artístico. A comunidade sempre respondeu positivamente, dentro de suas possibilidades, doando recursos ou materiais de construção. As autoridades, dependendo da burocracia e de interesses outros, nem sempre deram resposta.

A primeira manifestação de que se tem conhecimento foi relatada pelo prior Augusto de Azevedo Luz, numa palestra no Rotary Club Cachoeira – São Félix, durante uma visita do presidente Getúlio Vargas a Cachoeira. Nessa ocasião, em nome da irmandade, o prior transmitiu o pedido para que o governo federal financiasse a restauração das obras de arte da igreja, que o tempo estava destruindo. Posteriormente, em rápida conversa, o presidente confessou ao prior o seu desejo de criar um Departamento de Patrimônio, que se responsabilizasse pelos monumentos nacionais, a exemplo do que já existia em muitos países da Europa e América.

Pouco tempo depois, segundo o prior, era efetivamente criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Cachoeira, iniciado o serviço de tombamento, teve de imediato 13 de seus imóveis registrados nos livros competentes.

SENHOR DOS PASSOS
Obra do século XVIII.
Foto de Caio Reisewitz, 2007.

LORD OF STATIONS
Statue from 18th century.
Photo by Caio Reisewitz, 2007.



Onze anos depois, em razão da longa paralisação das obras iniciadas pelo SPHAN no Convento do Carmo, a comunidade movimentou-se de novo. Dessa vez visava forçar o Serviço do Patrimônio a concluir as obras que se encontravam paradas há vários anos, e trazer a imagem do Senhor dos Passos de volta à Igreja da Ordem, como já foi referido.

Entre 1940 e 1945, as atenções do SPHAN estiveram voltadas também para o projeto e construção de uma grande escadaria que deveria integrar as edificações do conjunto. Concluída a escadaria, os trabalhos no Carmo estavam paralisados. A partir de 1946, houve muitos protestos do prior Augusto de Azevedo Luz, movimentos da comunidade e reportagens nos jornais em favor da conclusão das intervenções. Inclusive um apelo ao presidente da república, Eurico Gaspar Dutra[17].

Esgotadas as opções de negociação, o prior foi forçado a apelar para o presidente da República, conforme relatou o jornal *A Ordem*, em matéria de 2 de novembro de 1948.

> Já que o Dr. Rodrigo Andrade, Diretor do referido Serviço na capital da República e o Dr. Godofredo Filho, representante do Patrimônio na Bahia, não acham uma solução satisfatória para a conclusão de tais obras, apelamos para o gal. Eurico Dutra, Presidente da República, para que s. excia, encontre uma fórmula definitiva que o caso requer. Possível não é, entretanto, que obra daquele jaez seja entravada pela falta de compreensão e boa vontade. Certos estamos que, com esse apelo, o sr. gal. Eurico Dutra virá ao encontro dos desejos do povo cachoeirano.

Essas manifestações não tiveram sucesso. Os trabalhos só voltaram a ser retomados em 1950. A extensa obra de restauração na Ordem Primeira encerrou-se em maio de 1952. O Senhor dos Passos até então depositado na Igreja do Convento, pôde voltar à sua igreja. Esse era um dos principais motivos de reclamação por parte da população de Cachoeira.

Embora a imagem pertencesse ao Convento, é interessante notar que foi o prior da Ordem Terceira que liderou os movimentos da comunidade para que suas obras fossem terminadas e a devoção do Senhor dos Passos restabelecida na ordem leiga.

A descrição da entrega da obra, feita pelo engenheiro responsável, Pedro Ghislandi mostra os trabalhos executados, as condições em que a fiscalização era feita e, principalmente, traz uma descrição da vida e dos personagens típicos de Cachoeira.

> Tudo pronto. Restauração integral. O Monumento foi entregue à Irmandade no dia 27 de Março de 1952, mas prestamos assistência até a Páscoa para ajudar nos festejos e as procissões.
>
> O Senhor dos Passos estava "fora de casa" há tantos anos. A festa da transladação foi tão bonita, ligeiramente saudosa. Foi de noite, centenas de velas andando devagar em fila, como as almas. Domingo de Páscoa, foguetaria gorda, muita moça bonita, gente a valer.

> Bem, terminou tudo em paz, graças à Deus, já estava vexado. Entretanto cheguei a ficar com uma pontinha de saudade. Diacho, não vá me fazer falta agora esta campanha, as viagens noturnas no velho vaporzinho sob chuvisco frio, as noites mal dormidas pendurado na rede, na sacristia, ou o Antenor fritando as salsichas cheirosas do jantar sobre três tijolos, contando lorotas sem fim e os casos da Diú Dofona, a preta pançuda que vende caruru quente no vapor e "tem escondido na canastra uma porção de correntes de ouro antigas, deste tamanho".
>
> Muito bem, esperemos agora que a Irmandade zele o Monumento. – Deixei lá uma folha com as normas e conselhos para a manutenção. – Se cuidarem direito de tudo, serei feliz.
>
> Esta obra (nº 6) incluiu a restauração do oitão da Casa de Dona Francisca Cruz, a ligeira restauração da Casa do zelador, e a terraplenagem e limpeza do terreno do DPHAN em Cachoeira, e por último o escoramento preventivo da Igreja de Belém de Cachoeira.
>
> Encerradas as contas, tudo pago. Deixou um saldo de Cr$ 77.391,50 conforme o espelho acima.
>
> Cidade do Salvador, 4 de Maio de 1952[18].

As descrições de Pedro Ghislandi, por seus detalhes e senso de humor, são informações preciosas que deixam registrados os acontecimentos paralelos às obras de restauração.

A partir de 1954, iniciou-se a luta da DPHAN com as enchentes do rio Paraguaçu que, como se viu, periodicamente alagavam a cidade e atingiam a Igreja da Ordem Terceira. Parece que as enchentes não criavam grandes problemas à estrutura do convento, exceto por alguns revestimentos degradados, que precisavam ser substituídos com freqüência. A situação da Igreja da Ordem Terceira, entretanto, era muito diferente. O piso de madeira da capela era constantemente atingido, e as obras de recuperação, nunca feitas com a presteza necessária, eram perdidas a cada nova enchente.

De 1954 a 1962, as edificações da Ordem Terceira foram sistematicamente submetidas a obras de emergência, nas quais a recuperação do piso da nave e dos telhados era sempre contemplada. Em 1964, logo após a enchente ocorrida em janeiro, iniciou-se uma nova temporada de obras, que se prolongou até o ano seguinte. Nesse período se fez a restauração completa dos imóveis, inclusive a dos bens integrados.

Uma outra luta se desenvolveu dentro da Ordem Terceira, de 1961 a 1964: contra a depredação que o patrimônio sofria por conta da ação dos zeladores, especialmente os bens integrados, que foram os mais atingidos.

Tomando sempre como base as descrições de Ghislandi, acompanha-se primeiro a alteração das instalações elétricas, em 1961. O autor culpou o zelador por ter desviado a fiação para uso de sua casa. Descrevendo o estado em que encontrou a rede elétrica da Ordem Terceira,

Ghislandi comentava:

> Retiraram a lanterna, em cima da porta situada ao topo da escada externa, e do seu tênue circuito-ramal – apto exclusivamente a alimentar uma única lâmpada – puxaram "à la diable" fios condutores que ora vão fornecer energia à casa do zelador[19].

Não bastando os "gatos"[20] na instalação elétrica, a falta de cuidado manifestava-se também nas peças que apareciam quebradas, e nas explicações, por vezes hilariantes, que eram fornecidas para justificar os danos:

> O velho lustre de cristal, restaurado – embora incompleto – na ocasião das obras realizadas em 1960, nos apareceu desequilibrado, com um dos braços das chamas quebrado em fragmentos. Duas lâmpadas igualmente quebradas. O novo zelador (a toda hora cambiam de zelador e o zelo continua a cair) responsabiliza a coruja que "esvoaçando para lá e para cá na Nave, acabou se arrumando em cima do lampadário" (peste de coruja cega esta. E as janelas, quem as largou abertas?)[21].

Mas, a situação tornou-se mais séria no ano seguinte, quando se descobriu que faltavam vários puxadores de prata nos gavetões do arcaz da sacristia[22]. Com base numa fotografia tirada em 1952, quando se encerraram os trabalhos de restauração anteriores, verificou-se que parecia faltar, então, apenas um puxador. Agora faltavam 23. As suspeitas, dessa vez, caíram sobre o filho do zelador, ou sobre algum dos visitantes que ele costumava introduzir na igreja sub-repticiamente, a troco de gratificações.

> O atual zelador nos parece em si uma humilde, boa e honesta pessoa, embora de personalidade menos indicada para conta da função de zelar e guardar monumento de tal importância, entretanto correm versões estranhas quanto à conduta de um rapazelho que com ele convive – não sabemos ao certo se filho realmente ou adotivo.
>
> Por outras, parece estar tomando forma aguda, entre turistas e visitantes, a mania de levar "souvenirs". Comenta-se que alguns, discretamente, adiantam propostas na base de gratificações. Poderá suceder, porventura, haver entre os grupos de visitantes algum interessado ligado ao comércio de antiguidades[23].

Um inquérito policial foi aberto para averiguar os fatos e tentar recuperar os puxadores. Fizeram-se comunicações às polícias de Feira de Santana e de Santo Amaro, mas o zelador e o filho não foram localizados, e as investigações não trouxeram nenhum resultado efetivo.

Os telhados sempre foram alvo de sucessivas intervenções. O engenheiro encarregado entregou no mesmo ano os telhados recuperados, na sua opinião afetados "pela invernada de 1964 e pela ação da prole do zelador".



Em 1967, novamente estavam concluindo os serviços de recuperação dos danos provocados pela inundação, e alertou-se para a necessidade de imunizar a talha e proceder a uma completa e minuciosa restauração. Por essa época, a maior parte da talha já fora substituída. Recompostas, reproduzindo os modelos anteriores, dificilmente se pode dizer se há, ainda, talhas originais.

Apesar dos investimentos, o conjunto continuava em progressivo arruinamento. Ele estava fechado em 1969, quando o governador Luiz Vianna Filho designou um funcionário do estado para a única função de abrir o edifício para os visitantes.

No início desse ano ocorreram roubos de peças na Capela da Ordem Terceira. Quatro anjos tocheiros, em talha, e um espelho-candelabro desapareceram. Dessa vez não houve a indicação de suspeitos e, novamente, a investigação policial não conseguiu apurar nada[24].

Em 1970, iniciaram-se obras de estabilização e restauração, a cargo da Empresa Nacional de Engenharia e, no final do ano seguinte, a firma Irmão Santos e Cia. executou pequenas obras classificadas como reparos gerais.



O monumento continuou a se desgastar, apesar das pequenas obras de manutenção realizadas. As instalações elétricas estavam outra vez deterioradas em 1975. O risco para a integridade do conjunto era tão grande que o IPHAN deu ordens expressas ao zelador para que desligasse a chave geral, e não acendesse as luzes por nenhum motivo, nem para o visitante mais ilustre.

Fora algumas obras de emergência, pouco foi feito na Ordem Terceira até 1976. A situação do conjunto era tão grave que o prior pediu ao IPHAN a recuperação dos telhados e da frontaria da Igreja do Carmo, que ameaçavam desabar sobre a Ordem Terceira.

A necessidade de recuperar o telhado da Capela da Ordem Terceira fez com que o prior recorresse à comunidade e obtivesse dela caibros e telhas para a obra. No seu pedido de ajuda ao IPHAN, o prior lembrou que no ano anterior tinham caído cerca de 30 metros da cornija da Igreja do Carmo sobre o claustro da Ordem Terceira. A parte danificada foi recuperada com ajuda da população.

Na época, as atenções estavam voltadas para o convento e para o projeto de sua adaptação para pousada, que iria ser aprovado e implementado dentro do Programa de Cidades Históricas do Nordeste. Em termos comparativos, pouco se interferiu na Ordem Terceira.

Há uma referência a verbas que estariam sendo aguardadas para a reconstrução do telhado, em 1977. Novos relatos de obras na Ordem Terceira só voltariam a ser registrados em 1981, quando repetidos pedidos de recuperação, feitos pelo prior, foram justificados pela situação da cidade.

> Cumpre-nos esclarecer que esta Ordem não dispõe de recursos financeiros para a realização dos serviços de que a capela necessita e muito menos a comunidade, que vive premida por dificuldades insuperáveis, em decorrência das sucessivas e catastróficas enchentes do rio Paraguaçu, de que esta cidade vem sendo vítima, que a deixa com a vida econômica totalmente arrasada[25].

As enchentes cobraram seu tributo e interditaram a capela. Novos problemas no piso afetavam, inclusive, a estabilidade dos altares. Liberada uma verba de emergência para a solução do problema, decidiu-se instalar uma estrutura de concreto para sustentação do assoalho. Em 1982, uma firma foi contratada para iniciar os trabalhos, que incluíam a recuperação dos pisos, dos telhados e da instalação elétrica.

Novamente, em 1985, chuvas fortes danificaram o telhado do claustro e da casa de oração, o assoalho recentemente instalado e as talhas. Provocaram também um desaprumo grave no muro do cemitério. As obras de recuperação prolongaram-se pelo ano de 1987. Foi reconstruído o muro de contenção da encosta, em alvenaria de pedra, e pintou-se todo o monumento.

A Ordem Terceira estava novamente necessitando de obras em 1992. O prior recorreu ao presidente Fernando Collor de Mello, solicitando a restauração da edificação e de seu acervo. Não parece ter tido sucesso, porque só no ano de 1994 ocorreram obras com o apoio financeiro do Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC). Criado em 1991, ligado à Secretaria da Cultura da Presidência da República, o programa era responsável por captar recursos oriundos do mecenato e canalizá-los para o financiamento de projetos de interesse cultural.

No ano seguinte, procedeu-se à restauração dos bens artísticos, que causou bastante polêmica quanto aos resultados, pois foi mal feita. Uma vistoria posterior, realizada pela SPHAN/FNPM, constatou que houve realmente problemas com a restauração.

Em 1993, o Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC), sucessor do SPHAN, resultante das mudanças do governo Collor, realizou intervenções no telhado e na talha da nave.

Foi também nesse ano que a Ordem Terceira, com apoio da Arquidiocese de São Salvador da Bahia, lançou a campanha "Não admita essa imagem, restaure-a", com o objetivo de conseguir apoio para a recuperação do acervo de imaginária. A abertura da campanha ocorreu em Cachoeira, no dia 16 de maio de 1995, com exposição das peças que necessitavam restauração, benção do cardeal d. Lucas Moreira das Neves, palestra do restaurador José Dirson Argolo e apresentação do Coral do Maciel, de Salvador.

Em 1998, o IPHAN incluiu a Ordem Terceira no seu programa de trabalho, como obra de emergência para salvar o acervo de bens móveis e integrados. Uma licitação foi realizada. Aguardava-se apenas a liberação das verbas e ordem de serviço, quando, no segundo semestre, o governo federal cancelou todos os empenhos efetuados, frustrando as esperanças de breve recuperação do acervo.

Sem se acomodar com as dificuldades, em 1996-1997, a Irmandade da Ordem Terceira do Carmo obteve o apoio da Fundação Vitae para resgatar um conjunto de cinco telas que retratam a Paixão de Cristo[26], do início do século XVIII, e as lápides em madeira do cemitério. Ainda foram restauradas mais quatro imagens e uma tela grande, em 2002, registrando-se intervenções no arcaz, no altar e no armário com *chinoiseries*, da sacristia[27].

A partir desses anos, várias intervenções foram feitas no acervo do pequeno museu das dependências da Ordem Terceira. Boa parte das esculturas exigia uma intervenção urgente, tanto na área de conservação quanto de restauração. Entre essas obras estavam as sete imagens da Paixão de Cristo, consideradas peças únicas do acervo sacro brasileiro, com características orientais, guardadas no singular armário, também pintado com motivos orientais. Foram restauradas mais sete imagens, num total de quatorze, todas em madeira policromada, a maioria em estado de conservação ruim ou péssimo.

Várias dessas imagens apresentavam grossas e sucessivas camadas de repintura, feitas por componentes da comunidade carmelitana. As camadas foram removidas, buscando-se as pinturas originais, de boa qualidade. Tudo foi cuidadosamente realizado no Studio Argolo (2005), com a participação do restaurador José Dirson Argolo e de restauradores juniores. Imunização curativa e preventiva, consolidação das fendas e fissuras, limpeza, fixação de blocos, recolocação de elementos soltos, reconstituição de elementos faltantes; fixação, obturações, nivelamento da base e limpeza, fixação, remoção de purpurina, reintegração com folhas de ouro. Finalmente se fez limpeza, fixação, aplicação de fungicida, remoção de repinturas, remoção de retoques alterados, reintegração pictórica, aplicação de verniz protetor na camada pictórica.

De autoria desconhecida, entre as esculturas restauradas encontra-se a de Nossa Senhora da Conceição, com 150 cm de altura, do fim do século XVIII. A imagem estava inteiramente repintada, com o rosto deformado e com consolidação completamente inadequada. As fotos da página 108 mostram algumas das fases do restauro e o aspecto da imagem ao recuperar sua aparência anterior. O mesmo pode-se constatar na imagem de São Esperidião, de 118 cm de altura, igualmente de autor desconhecido, também do século XVIII. Como a de Nossa Senhora da Conceição, a imagem, em péssimo estado de conservação, apresentava marcas de intervenções feitas por leigos.





IMAGENS DA PAIXÃO DE CRISTO

Peças únicas do acervo sacro brasileiro. Foto de Caio Reisewitz, 2007.

À direita, conjunto menor, restaurado por Studio Argolo.

IMAGES FOR THE PASSION OF THE CHRIST
Unique pieces of brazilian sacred art. Photos by Caio Reisewitz, 2007.

On the right, a smaller set, restored by Studio Argolo.











NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Acima, imagem antes da restauração, com camada de pintura protegida por faceamento.

À esquerda, a imagem antes e na fase final de remoção das repinturas.

À direita, imagem após o restauro do Studio Argolo. Arquivos Studio Argolo.

OUR LADY OF THE CONCEPTION
Above, the image before restoration, with a layer of paint protected by facing.

On the left,the image on the final phase of paint removal.

On the right, the image after restoration by Studio Argolo. Studio Argolo Archive.









SÃO ESPERIDIÃO

À esquerda, imagem frontal antes do restauro.

Detalhes da escultura bastante degradada por xilófagos e restaurações indevidas. Pescoço e ombro esquerdo mais afetados. Extensa área com consolidação grosseira, comprometendo a estabilidade da peça. Pintura em processo de descolamento bem avançado.

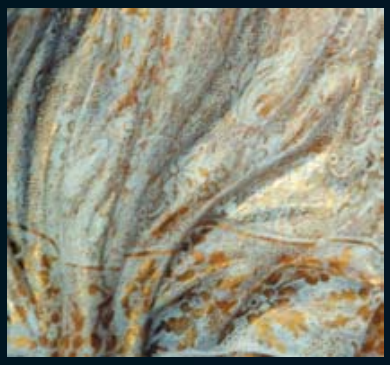
À direita, imagem após o restauro do Studio Argolo, vista na posição frontal e, abaixo, detalhe do manto. Arquivos Studio Argolo.

SAINT SPERIDION

On the left, frontal view before restoration.

Details of the sculpture very degraded by xylophagi and improper intervention. The neck and the left shoulder were the most affected. Extensive area with rough consolidation work, that compromises the stability of the piece. The painting job was in an advanced process of detachment.

On the right, the image after restoration by Studio Argolo, seen frontally; and below, a detail from the back of the image. Studio Argolo Archive.

















NOSSO SENHOR DA PEDRA FRIA
Imagem durante o restauro do Studio Argolo. Arquivos Studio Argolo.

OUR LORD OF THE COLD EARTH
Image during restoration by Studio Argolo.

As fotos que se seguem também mostram os resultados finais da intervenção do Studio Argolo. A restauração de algumas dessas peças exigiu vários meses e até mesmo um ano, de trabalho contínuo.

No total, foram restauradas 52 peças do acervo da igreja, algumas com apoio da comunidade – caso da imagem de Nosso Senhor dos Passos. Para sensibilizar o público, dar prosseguimento à campanha e conseguir restaurar o restante das peças sacras, foi feita uma outra exposição das imagens danificadas.

A alternância de intervenções mostrou-se quase contínua durante os anos de existência desse patrimônio carmelitano em Cachoeira. Priores, superiores, comunidade, instituições governamentais cuidaram sempre pontualmente dos bens móveis e imóveis.

Dentro dessa seqüência, nos anos 1998-1999, a capela e a casa de oração da Ordem Terceira foram incluídas no Plano de Ação Emergencial do IPHAN. Os procedimentos para a sua inserção, dentro das prioridades do Programa Monumenta, desenvolveram-se lentamente, até que, em outubro de 2002, em resposta a uma carta do prior, o IPHAN pôde comunicar que o Conjunto do Carmo tinha sido incluído e se encontrava entre as prioridades do Monumenta.







As obras de restauro e o Programa Monumenta

TALHA DA ORDEM TERCEIRA
À esquerda, após restauração. Foto de Caio Reisewitz, 2007.

CARVING OF THE THIRD ORDER On the left, after restoration. Photo by Caio Reisewitz, 2007.

DETALHE DA TALHA
danificada pela umidade.

DETAIL OF THE CARVING damaged by dampness.

VISTA EXTERNA DA IGREJA DO CONVENTO
danificada pela umidade, sem parte das marcações do cunhal. Arquivos IPHAN.

CONVENT CHURCH EXTERNAL VIEW damaged by dampness, without part of the corner's marks. IPHAN Archive.

Em outubro de 2002, uma carta do prior da Ordem Terceira do Carmo, Jomar Lima da Conceição, dirigida ao IPHAN, dava conta das condições deploráveis em que se encontravam a igreja e a casa de oração, cuja parte civil, telhado e estrutura física passavam por acelerado processo de deterioração.

Mas não era só o edifício que inspirava cuidados. As goteiras e infiltrações, fugindo ao controle e à capacidade de manutenção da Ordem, estendiam os danos aos bens integrados. A talha do coro encontrava-se prestes a desabar. As telas dispostas nas paredes laterais da capela tinham mais de cinqüenta por cento de sua superfície comprometida. Todo o forro da nave apresentava infiltrações, que lavavam a superfície da pintura, desgastando-a. E o forro do salão, no pavimento superior, estava totalmente comprometido, com trechos da talha ameaçando cair.

Nas palavras do prior, a situação da capela era "a pior possível e estamos apreensivos que perdas irreparáveis venham a acontecer, se não houver uma intervenção em caráter de urgência"[28].

Embora em melhor estado, a Igreja da Ordem Primeira encontrava-se também em situação difícil. Restaurada na década de 1980, para funcionar como um espaço de eventos anexo à pousada, mas independente dela, nunca conseguiu a vitalidade necessária à sua manutenção.

Ao contrário, a Ordem Terceira conservara para ela o uso religioso e o papel de sede da irmandade, que a mantivera viva enquanto símbolo e referência para a comunidade cachoeirana.



CONJUNTO DO CARMO
antes da restauração.
Arquivo IPHAN.

CARMO ENSEMBLE
before restoration.
IPHAN Archive.

A Ordem Primeira, depois de desativado o convento e retirados os frades carmelitas, entrou em decadência. Privada do uso religioso, abrigou as mais diversas funções, nem todas adequadas ao espaço. Foi colégio, repartição pública e quartel. Finalmente, na década de 1980, o novo uso de pousada desvinculou o convento da sua igreja, ambos da Ordem Terceira, colocando-os fora do quotidiano da cidade.

Dessacralizada, perdido o seu conteúdo interno e agenciada, segundo uma proposta artística que subverteu as linhas sóbrias e imponentes do espaço edificado, a Igreja da Ordem Primeira encontrava-se igualmente comprometida, embora os danos físicos não fossem tão importantes.

Lançado o alerta sobre a urgência das obras de restauração, o prior foi informado que, em breve, o Conjunto do Carmo estaria sofrendo intervenção, com o apoio do Programa Monumenta.

De fato, na lista de prioridades de conservação, elaborada por comissão especial nomeada pelo Ministério da Cultura (MinC), em outubro de 2000, o município de Cachoeira já havia

sido selecionado entre as vinte primeiras áreas nas quais seriam aplicados os recursos do Programa. Em janeiro de 2002, iniciava-se a elaboração de projetos executivos. O do Conjunto do Carmo deu entrada no IPHAN para análise um ano depois.

O Programa Monumenta, concebido pelo Ministério da Cultura e pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), foi o primeiro programa de financiamento ao patrimônio histórico com abrangência nacional e ação continuada, baseado em dois princípios-chave: a sustentabilidade e a replicação.

O princípio da sustentabilidade pode ser enunciado como sendo "a manutenção permanente das características originais dos bens, sem novos aportes de recursos federais"[29]. Sua adoção promove o efeito de replicação, isto é, de repetição por outros atores do modelo de intervenção bem-sucedido sobre outros monumentos ou trechos urbanos.

Embora não haja uma relação direta de causa e efeito entre recuperação física e revitalização econômica e social, o rompimento do círculo vicioso da destruição instaura um processo no qual o exemplo, promovido pelo setor público, se dissemina, e o afluxo de pessoas impulsiona a ação da iniciativa privada, em busca de lucros.

Esse enfoque inédito angariou para o Programa Monumenta o apoio das mais importantes instituições, nacionais e internacionais, como a UNESCO, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), a Caixa Econômica Federal e o Banco do Nordeste do Brasil[30].

Fez também com que o Monumenta se auto-replicasse, sendo adotado pelo BID e pela UNESCO como modelo de atuação a ser implantado em outros países que iniciem projetos de restauração de conjuntos patrimoniais.

O IPHAN avalia cada projeto de forma minuciosa, para verificar se as opções são adequadas aos espaços do monumento e se as soluções técnicas melhoram as condições do imóvel, sem inserir elementos destoantes ou esforços desnecessários.

Sua filosofia de restauração é a de respeitar o passado e marcar o presente, de forma discreta. Um bom trabalho de restauração é uma obra de arte, faz-se presente sem se impor aos sentidos.

O sucesso da restauração depende, além de conceitos e técnicas adequados, de uma perfeita integração entre os componentes da equipe que a executa, responsável pelas decisões no canteiro. Essa integração ocorreu entre os membros da equipe que atuou na restauração do Conjunto do Carmo. O IPHAN e o Programa Monumenta trabalharam em uníssono. O efeito dessa convivência pode ser visto nos resultados obtidos.

A integração resultou na compreensão do edifício e nos laços afetivos que se estabeleceram entre o objeto a restaurar e os atores do restauro. Na maior parte dos casos tratou-se de uma paixão infantil, que todos sabem que existe, mas que ninguém se dignará a confessar. Provavelmente cada um dos que ali trabalhou, ou trabalha, mais cedo ou mais tarde deixará escapar expressões como: "minha igreja", "meu claustro", "meu forro ..." ou como diz um dos restauradores do IPHAN, apaixonadamente: "Meu convento, o maior convento do mundo!".

O grupo de edificações que compõe o Conjunto do Carmo forma o maior e mais importante monumento de Cachoeira, tanto pela massa arquitetônica quanto por sua riqueza artística. Localizado na área principal da cidade, na vizinhança imediata da Casa de Câmara e Cadeia e dos principais sobrados, esse conjunto é um foco em potencial de atração. É um polarizador das atenções.

Torna-se, portanto, um elemento de peso considerável dentro da estrutura urbana e paisagística de Cachoeira, no qual as análises especializadas identificam um forte potencial turístico, configurado por:

Valioso patrimônio arquitetônico que apresenta, inclusive, elementos com partido específico;

Forte apelo histórico ligado a acontecimentos importantes do processo de independência nacional;

Forte apelo histórico ligado ao desenvolvimento econômico do Recôncavo e aos ciclos econômicos da cana-de-açúcar e do fumo;

Vívidas tradições religiosas e culturais; e

Condições geográficas e paisagísticas propícias.

Entretanto, a esse potencial não corresponde um real desenvolvimento das atividades culturais e turísticas na cidade. Entendendo isso, o Programa Monumenta buscou para o Conjunto do Carmo uma estratégia de atuação em que a recuperação do patrimônio físico constituiu apenas a face visível do processo. As outras vertentes, menos visíveis para o leigo, foram a revitalização da Ordem e a escolha de projetos que permitissem lançar as bases da sustentabilidade.



CASARIO DE CACHOEIRA
restaurado.
Arquivo IPHAN.

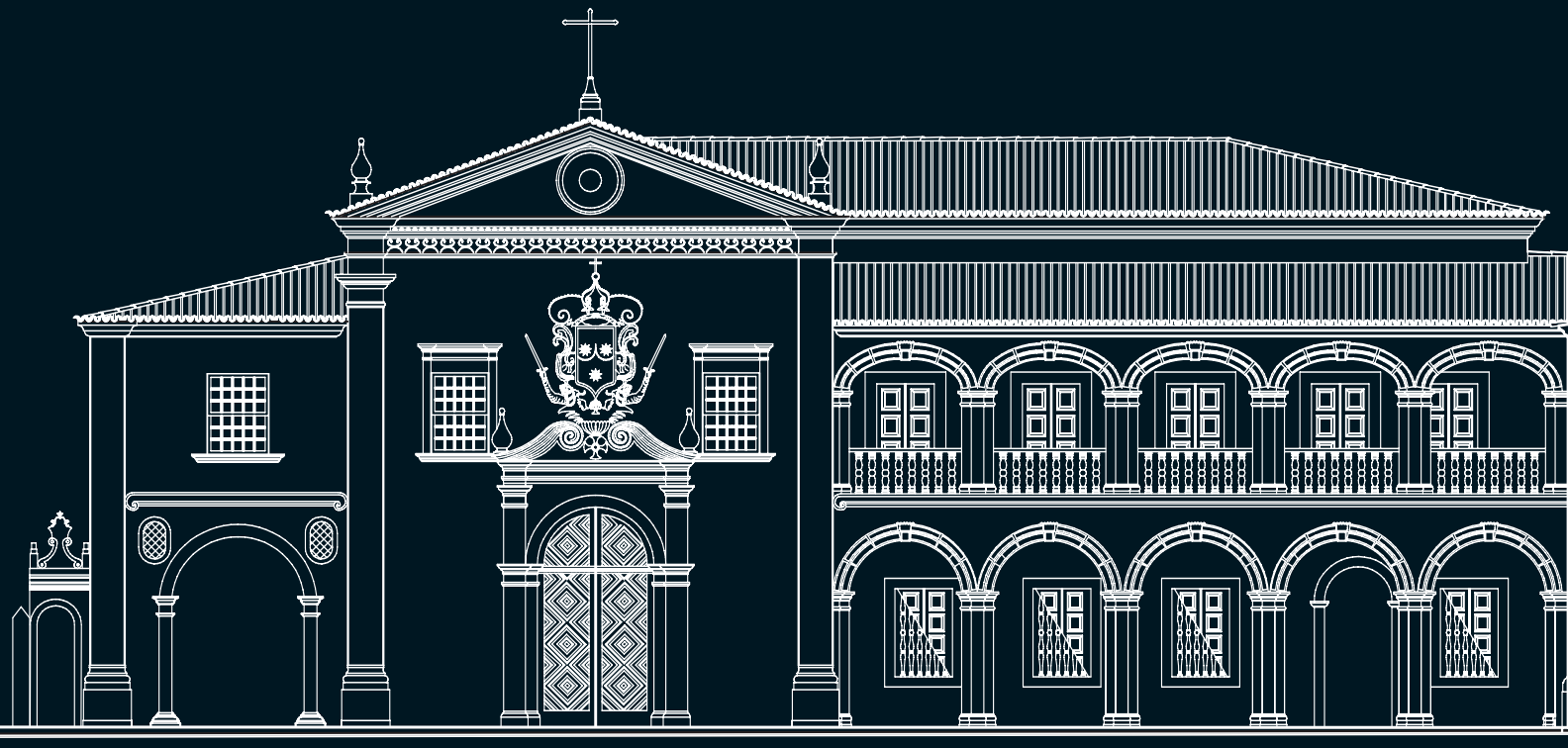
CACHOEIRA'S HOUSES
restored. IPHAN Archive.

A intervenção do Programa Monumenta descartou a área do convento e incorporou a Igreja de Nossa Senhora do Carmo ao espaço da Ordem Terceira. Essa dissociação, que parece nova, existe de fato desde o momento em que se deu a implantação da pousada no antigo convento e em que a igreja se tornou um grande salão de eventos.

A lógica econômica logo mostrou que havia demanda para os serviços de alojamento, mas não para a realização de eventos de grande porte. O espaço da igreja, ao contrário do convento, manteve-se ocioso, não gerou recursos que permitissem sua manutenção e, principalmente, por não se tornar um foco de atração de visitantes, abstraiu da fruição do público um importante elemento patrimonial.

Foi em função disso que o Programa Monumenta definiu seu princípio de sustentabilidade sobre bases reais: a ampliação e adequação do Museu de Arte Sacra, cujo embrião já existia na Ordem Terceira, e a criação de um espaço de eventos, não mais voltado para seminários e congressos, mas procurando atender atividades de menor porte e de mais estreita ligação com a comunidade local.

Esse é um enfoque viável, condizente com a capacidade da Ordem e coerente com os interesses e necessidades da população de Cachoeira.







A intervenção do Programa Monumenta

CONJUNTO DO CARMO
Nas páginas anteriores, desenhos das fachadas da Ordem Terceira e da Ordem Primeira.

Na página ao lado, vista parcial do Conjunto restaurado. Foto de Caio Reisewitz, 2007.

CARMO ENSEMBLE
On the previous pages drawings from the façades of the Third and First Order.

On the left page, partial view of the Ensemble restored. Photo by Caio Reisewitz, 2007.

O Conjunto do Carmo, para efeitos de intervenção do Programa Monumenta, é formado pela Igreja da Ordem Primeira e pela Capela e Casa de Oração da Ordem Terceira, totalizando uma área construída de 2.869,17 m^2.

A intervenção na Ordem Terceira do Carmo restringiu-se, na sua maior parte, à conservação da estrutura edificada e dos bens integrados. O programa existente foi mantido, uma vez que as atividades religiosas e de museu eram adequadas ao edifício, pois estavam em pleno funcionamento e não exigiam alterações na estrutura arquitetônica. Como é dito no memorial do projeto.

> A intervenção a ser realizada na Igreja da Ordem Terceira do Carmo e na Casa de Oração se constituirá basicamente em ações restaurativas para conservação e manutenção dos elementos arquitetônicos existentes, com prevenção de problemas que possam vir a colocar em risco a integridade do imóvel[31].

Mas cuidou-se também da imaginária e móveis, como se verá adiante. Internamente, as pinturas e as partes faltantes dos bens integrados foram restauradas, entre elas os suportes das tochas dos espelhos. As peças novas envernizadas marcam a intervenção. As luminárias com espelho, consideradas como exemplares raros, foram restauradas.

A adaptação de um espaço para a realização de eventos foi a intervenção arquitetônica mais marcante dentro do conjunto, concentrando-se quase que exclusivamente na área do pátio.

Nos espaços do Convento, a maior ênfase da restauração também recaiu sobre os bens integrados, principalmente a restauração da sacristia e a recuperação dos forros e outros remanescentes da antiga decoração da igreja.

A nova função de Museu de Arte Sacra, que foi estendida para a Igreja do Convento, exigiu adaptações do espaço, poucas e discretas, executadas com extremo bom gosto e sempre dentro do critério de marcar a intervenção atual com uma linguagem arquitetônica respeitosa e contemporânea.







O pátio

Como foi dito, as principais intervenções na Ordem Terceira concentraram-se no pátio. Este teria sido, no início, uma área de quintal da Ordem e, mais recentemente, local de moradia do zelador.

Regularizado em 1950, por uma intervenção do DPHAN, tem-se conhecimento de sua aparência por meio do testemunho de Pedro Ghislandi, engenheiro encarregado da obra: "foi realizada uma primeira remoção de terras e entulhos do pátio adjacente à ala das Catacumbas. Foram derrubadas as árvores e demais vegetais impróprios, deixando apenas o velho coqueiro central"[32].

Esse velho coqueiro ainda permanece ali, hirto e solene, como sentinela do espaço. Há algumas décadas, o pátio vem sendo utilizado para recepções de casamentos, batizados, formaturas, geralmente em seqüência a uma missa ou ato religioso. Para continuar exercendo essas funções, foi demolida a antiga edícula, que se encontrava em ruínas. Em seu lugar construiu-se um novo anexo, onde se localizam a copa e instalações sanitárias de apoio aos eventos e ao museu. O piso, regularizado e pavimentado com pedra irregular, criou um espaço amplo e agradável, que se liga à galeria das tribunas por uma escada externa, independente.

A escada, originalmente uma estrutura de alvenaria de tijolinho retangular, encontrava-se revestida por cimento, colocado em época recente, provavelmente devido ao desgaste do material construtivo. Durante os trabalhos de intervenção, que visavam retirar a camada de cimento e devolver à escada sua feição original, encontrou-se, no arranque dessa escada, uma gravação no reboco, ostentando a data de 1778. Consta em Moraes[33] a existência dessa inscrição, que é indicada como sendo a data de conclusão das obras da capela.

A posição do pátio, localizado na lateral da capela, separado do adro por um muro alto, e dispondo de acessos por este e pelo fundo do terreno, dá às atividades ali realizadas uma certa privacidade, ao mesmo tempo em que impede sua interferência na visibilidade e na dinâmica do conjunto.

Ao iniciar-se a obra no Conjunto do Carmo, em janeiro de 2005, realizou-se uma vistoria

VISTAS DO PÁTIO
antes e depois da intervenção do Monumenta que incorporou instalações sanitárias de apoio aos eventos e ao museu. Arquivos IPHAN e Monumenta.

VIEWS OF THE PATIO before and after the intervention by Monumenta wich included Bathroom facilities to support events and museum. IPHAN and Monumenta Archives.





COMPLEMENTAÇÃO DO MURO
do claustro para reduzir o impacto das construções vizinhas. Arquivo Monumenta.

COMPLEMENT TO THE WALL of the cloister, aimed at reducing the impact of neighboring buildings. Monumenta Archive.

ARCADAS E PASSAGEM DO CLAUSTRO
Obras de restauração, à direita. Arquivo Monumenta.

ARCADES AND ACCESS TO THE CLOISTER Restoration. On the right. Monumenta Archive.

cuidadosa nas condições dos imóveis, confirmando-se que estes se encontravam estáveis, sem fissuras, recalques, desaprumos, falhas na amarração das alvenarias ou qualquer outro dano estrutural importante.

Verificou-se que a degradação ocorria por falta de manutenção periódica que impedisse a ação da umidade. A cobertura em mau estado permitia a infiltração de água das chuvas. Havia também umidade ascendente do lençol freático ou de águas retidas no terreno. A umidade funciona como veículo para uma série de ataques, pois cria ambientes favoráveis à proliferação de térmitas, fungos e vegetais superiores que desagregam as alvenarias. É também um elemento de degradação em si mesma, ao permitir a ação de sais solúveis.

Para o controle da umidade nos edifícios procedeu-se à revisão geral dos telhados, com limpeza, substituição e imunização de peças, e recuperação das telhas. Entre o telhado e a estrutura de sustentação criou-se uma superfície estanque, com a aplicação de um sobreforro. Os sistemas de drenagem de águas pluviais passaram por reparos e limpeza, e as águas acumuladas foram bloqueadas ou canalizadas.

No pátio, a forte infiltração detectada no muro de arrimo, localizado nos fundo do terreno, foi resolvida com a limpeza e desobstrução da calha que coletava as águas da encosta.

Em janeiro de 2005, já começadas as intervenções, o prior Jomar Lima da Conceição pediu que fossem tomadas providências contra construções indevidas nas proximidades da igreja. De fato, havia uma série de anexos espúrios nas casas vizinhas ao pátio: caixas d'água e muros de bloco sem revestimento atingiam visualmente o conjunto, e bloqueavam o acesso a uma velha portada que se pretendia reativar.

Os proprietários foram notificados e retomou-se o antigo acesso que serve à área de eventos. Infelizmente, o IPHAN ou o Programa Monumenta nada podiam fazer para eliminar os reservatórios de água. Optou-se por uma complementação do muro do pátio e do claustro. Tal providência reduziu os impactos da interferência visual daqueles elementos estranhos aos edifícios religiosos.











ORDEM TERCEIRA

Intervenções nos telhados e dependências do claustro. Arquivo Monumenta.
THIRD ORDER. Interventions on the roof and cloister facilities. Monumenta Archive.















O adro

Separado do pátio por um muro, existe um adro – amplo espaço fronteiro à Capela da Ordem Terceira, criado pela diferença de alinhamento entre os dois templos carmelitas.

Esse adro foi fechado por muro alto com portão, que deve datar de 1810, segundo interpretação de Moraes (1866, p. 37). O muro ainda existia em 1866, conforme a gravura que o mesmo autor apresenta, tendo sido rebaixado e complementado por grades em 1920[34], para permitir a visão da Capela da Ordem Terceira.

Em 1940, havia a intenção de se liberar a visão lateral da Ordem Terceira com a retirada do muro que fechava o adro, mas aos poucos as dificuldades e a falta de recursos levaram ao abandono da idéia.

Numa tentativa de resolver os problemas de umidade, um amplo canal de drenagem foi aberto em 1940, atravessando o adro.

As atuais prospecções, feitas com a finalidade de identificar níveis de antigos pisos e verificar a situação das calhas de drenagem, abriram espaço para algumas hipóteses sobre a formação desse trecho do conjunto.

Na primeira prospecção, do lado direito do muro fronteiro, notou-se que a atual tijoleira estava assentada sobre uma camada de barro de pouca espessura. Abaixo dela existia uma camada de aterro, de cerca de 0,70 cm e, sob o aterro, um piso antigo de barro batido, que se assentava sobre terreno natural, de cor escura, provavelmente de mangue.

Na segunda prospecção, próxima à primeira arcada da galilé, identificou-se um piso de pedra argamassada, a cerca de 0,15 cm abaixo do nível atual.

Na terceira prospecção, na direção da entrada lateral da Ordem Terceira, foi encontrado um piso em pedra "cabeça de nego", também situado a cerca de 15 cm abaixo do nível da atual tijoleira.

VISTA DAS INTERVENÇÕES feitas pelo SPHAN sob o adro, na década de 40. À esquerda, vista da grande galeria de drenagem. Acima e à direita, vistas do adro. Arquivo IPHAN/Pinheiro.

VIEW OF THE CONSTRUCTION SITE of the interventions conducted by SPHAN in the parvis, in the 40's. On the left, view of the great drainage gallery. Above and on the right, views of the parvis. IPHAN Archive/Pinheiro.





Na mesma direção do acesso lateral, junto à catacumba, encontraram-se indícios de uma galeria que passava junto ao muro direito, e outra, de grandes dimensões (com 2,50 m de diâmetro aparente), localizada 0,40 cm abaixo do piso atual .

Com base nessas descobertas, acredita-se que o terreno original foi aterrado, por ser mais baixo (menos 0,70 cm), o que provavelmente ocorreu na época da construção da Ordem Terceira. Talvez, então, tivessem sido criados acessos distintos para a entrada lateral, secundária, com piso "cabeça de nego", e para a galilé, com pedra argamassada (menos 0,15 cm). O nível superior foi criado com a construção do muro e das pequenas escadas, vistos na foto dos Arquivos da Ordem Carmelita.

A partir de informações orais, coletadas junto à população idosa de Cachoeira, em 1941 o SPHAN inferiu que teria existido um átrio ocupando toda a frente da Igreja do Convento e, fronteira a ele, uma escada em forma de L que se prolongava até à frente da Ordem Terceira. Aí se localizaria um patamar para o qual se abria o arco lateral da galilé da Igreja do Convento[35].

Exceto pela abertura da galilé, foi mais ou menos a reprodução desse sistema de acesso que o SPHAN implantou ao construir a nova escadaria.

A grande galeria, localizada pelas prospecções no início das obras do Programa Monumenta, foi, sem dúvida, fruto da intervenção do SPHAN, em 1943, cuja documentação encontra-se no Arquivo Central da Instituição, no Rio de Janeiro.

A compreensão do espaço, dada por essas prospecções, permitiu que as intervenções do Programa Monumenta se pautassem em critérios corretos, recuperando e colocando em funcionamento as galerias de drenagem, restabelecendo a pavimentação, recuperando a estrutura do muro, os portões e requalificando a portada de acesso ao pátio, que se comprovou, por meio de fotos antigas, ter sido decorada por pináculos.







O claustro

Quem atravessar a galilé, em arcadas de arenito, e entrar pela porta principal da casa de oração, verá ao fundo, após o corredor sombreado, abrir-se o luminoso espaço do claustro. Restaurado recentemente, é uma festa para os olhos, com seu piso de tijoleira rústica e paredes brancas, que o enchem de luz, e valorizam, por contraste, os corredores silenciosos e escuros que o rodeiam.

Na época do início das obras do Programa Monumenta, o claustro era usado como jardim. Em uma de suas laterais estavam restos de uma antiga bomba manual, fazendo suspeitar que, em algum momento, teria existido aí uma cisterna. Como acontecia na grande maioria das edificações antigas que possuíam claustros, ou pátios internos, essas áreas sempre funcionaram como coletoras das águas dos telhados. Tratava-se de recurso universalmente adotado, em especial nos edifícios de grandes dimensões, para armazenamento de água das chuvas, numa época em que o abastecimento dependia de nascentes e minadouros.

O claustro da Ordem Terceira, exercendo a função de coletor de águas da chuva, ficava numa situação crítica, devido a dois fatores que provocavam danos graves: a alta taxa de umidade ascendente, que é característica em toda a cidade de Cachoeira, e as prováveis falhas do antigo sistema de armazenamento de águas.

Foram feitas prospecções nos pisos, para que se entendessem os problemas de umidade ascendente e se identificassem antigos níveis de pavimentação e canos de drenagem . Como

VISTA DO CLAUSTRO,
a partir da porta principal de acesso. O contraste entre as áreas de luz e sombra valoriza os espaços.

VIEW OF THE CLOISTER, from the main access door. The contrast between light and shade embellishes the space.

VISTA DO CLAUSTRO
após a restauração, marcando de novo as áreas de luz e sombra.

VIEW OF THE CLOISTER after restoration, again with marked light and shade areas.

VISTA DA BOMBA DE ÁGUA
existente numa das laterais do claustro, recuperada pelo Monumenta.
Arquivos Monumenta.

VIEW OF THE WATERPUMP located in one of the sides of the cloister, recuperated by Monumenta. Monumenta Archive.





VISTA DO CLAUSTRO
antes da intervenção. O jardim cobria a tijoleira antiga e a cisterna central. Arquivo Ordem Carmelita.

VIEW OF THE CLOISTER before the intervention. The garden covered the old brick-tiles as well as the central cistern. Carmelite Order Archive.

RETIRADA DA COBERTURA VEGETAL
do centro do claustro, recuperando-se a tijoleira antiga. Arquivo Monumenta.

REMOVAL OF GREEN COVERAGE to recuperate the old brick-tiles. Monumenta Archive.

resultado, junto à entrada da sacristia, foi encontrada uma soleira de mármore, que era na verdade um degrau, com bocel recortado e espelho com cerca de 0,15 cm. Mais tarde, identificaram-se restos de tijoleira de piso e estruturas de calhas, que pareciam vir do lavabo e se prolongavam em direção ao adro. Em parte dessas calhas ainda corria água, cuja origem não se conhecia.

Retirou-se, então, toda a terra vegetal do claustro, descobrindo-se grandes trechos de tijoleira antiga, em mau estado. Onde a recuperação era possível, a tijoleira foi consolidada, reaplicada e, quando necessário, complementada com tijolos recentes, que obedeceram às dimensões e paginação dos antigos.

Para bloquear a umidade ascendente, executou-se um contrapiso de impermeabilização, que se estendeu pela área central e pelos corredores do claustro. Sobre o contrapiso foi aplicada a tijoleira. O antigo sistema de drenagem foi recuperado e colocado em funcionamento, canalizando as águas do telhado e aumentando a estanqueidade da área.

No centro do claustro acharam-se restos de um espelho de água e a cisterna, um poço de 4,5 metros de profundidade, quase cheio de água, que se descobriu ter no fundo um minadouro. Estava esclarecida a origem de pelo menos parte das águas que se infiltravam no edifício. Decidiu-se mandar analisar a água, para ver se ainda era potável, e recuperar a velha bomba.

O resultado dessa intervenção foi um espaço limpo e claro, onde a recuperação trouxe à superfície a beleza e o silêncio da antiga construção.











CLAUSTRO DA ORDEM TERCEIRA

Várias obras: piso, paredes, colunas. Arquivo Monumenta.

CLOISTER OF THE THIRD ORDER. Several works: floors, walls, columns. Monumenta Archive.















Os telhados

Nas áreas internas da Ordem Terceira, as intervenções tiveram caráter conservativo, isto é, seu objetivo era recuperar os danos provocados pelo intemperismo e pela falta de manutenção, tanto nos paramentos do imóvel quanto nos bens integrados, que fazem dessa capela, no dizer de Clarival do Prado Valladares (1986) "um dos três maiores templos do país".

Para colocar a edificação em condições de uso, foram realizados extensos trabalhos de substituição de peças de madeira atacadas por xilófagos, substituição de rebocos degradados, correção dos problemas de umidade, revisão dos telhados e recuperação de pisos escondidos por camadas de cimento.

A recuperação dos telhados exigiu uma revisão geral, seguida pela limpeza, substituição e imunização de peças, recuperação e grampeamento de telhas e, principalmente, a criação de uma superfície estanque com a aplicação de um sobreforro. As telhas, retiradas e limpas, foram depois reaproveitadas. As mais antigas, que já possuíam a pátina do tempo, foram colocadas nas áreas mais visíveis do telhado.

Durante uma obra de restauração, muitas surpresas ocorrem. Um edifício de trezentos anos tem seus segredos e, não importa quantas prospecções sejam feitas, nem quantos modelos de planejamento sejam aplicados, sempre aparece um imprevisto, para desespero dos engenheiros responsáveis. Alguns imprevistos são frustrantes, mas a grande maioria é surpreendente e estimulante. E sempre encerra uma lição, um aprendizado.

VISTA DA INTERVENÇÃO
nos telhados do claustro.

VIEW OF THE INTERVENTION
in the cloister roofs.

VISTA GERAL
da intervenção nos telhados do conjunto.
Arquivos Monumenta.

OVERVIEW
of the intervention in the roofs of the ensemble.
Monumenta Archive.

Uma situação insólita mostrou a dificuldade dos trabalhos de restauração. Após o exame de diversas marcas de mantas para sobreforro, a equipe técnica optou por placas de fibra de vidro, com tratamentos antichama e anti-UV, do tipo veneziana, nas áreas das igrejas do Convento e da Ordem Terceira, consistório e sacristias. Para as áreas restantes foram escolhidas placas planas. Concluído o serviço no telhado da Igreja do Convento, foi retirada a cobertura provisória e, em vez do sucesso que todos esperavam, detectou-se uma grande quantidade de infiltrações.

Para identificar as causas foram necessárias algumas semanas de trabalho árduo. A preocupação de que as infiltrações pudessem ocorrer em outros panos de cobertura fez com que se revisassem todos os telhados e se refizessem todas as emendas entre as placas de fibra de vidro. Mas, apesar de tantos cuidados, os vazamentos na nave continuavam.

Por fim, descobriu-se que, para a instalação do forro, a fibra era pregada sobre calços, e as perfurações dos pregos eram as responsáveis pelas muitas infiltrações em toda a área coberta. O problema foi resolvido com a simples impermeabilização dos calços.

Na Ordem Terceira, a violenta descarga de água dos telhados superiores sobre as coberturas do claustro deslocava e danificava telhas, atingindo as estruturas de madeira. O problema é recorrente em toda a história das intervenções no edifício. O engenheiro Pedro Ghislandi, do SPHAN, fez uma das mais expressivas descrições do problema, já em 1945:

> Se não se eliminar ou corrigir a queda em cataratas das águas do telhado das duas igrejas e ala frontal, atualmente todas sem calhas, águas estas que precipitam de uma altura de cerca de 8 m sobre o claustro, o conserto do telhado do dito claustro será tempo e dinheiro perdidos. Aqui trata-se mesmo de água dura em pedra mole. Queda violenta deslocando e triturando as telhas. A água com o choque também pulveriza-se, passando a impregnar, lavar as vigas e madeiras subjacentes, apodrecendo tudo. As paredes laterais ainda estão encharcadas da última chuva, e o pavimento de lajotas de barro, o que resta do mesmo, causa constrangimento. O telhado todo acha-se escorado com pontos de caibros para não ruir. Tudo está recoberto de espessa camada de musgo[36].

O projeto não previu a instalação de sobreforro nas coberturas do claustro. Esperava-se que o cravejamento das telhas, fixando-as em seu lugar, fosse suficiente para manter a estanqueidade do telhado. Subestimou-se a violência das águas que, embora não afastassem as telhas, continuaram penetrando pelos vãos do telhamento. Foi necessário moldar placas de fibra de vidro e instalá-las entre as telhas capa e canal, em toda a área em que ocorria a descarga dos telhados superiores.











ORDEM TERCEIRA

Diversas fases do trabalho nos telhados da *loggia* e da Igreja. Arquivo Monumenta.
THIRD ORDER. Different phases of the interventions on the roofs of the loggia *and the church. Monumenta Archive.*







Os revestimentos

No que diz respeito à integridade dos revestimentos do Conjunto do Carmo, havia duas situações diferentes. Na Igreja do Convento, o índice de substituição dos rebocos, à base de cal, por argamassas novas à base de cimento, era muito alto. Na Ordem Terceira, pelo contrário, apesar de múltiplas intervenções anteriores, o índice de rebocos à base de cimento era baixo. Foi comum, entretanto, em ambos os edifícios, a presença de cloreto de sódio nas pedras utilizadas para a construção das alvenarias.

A presença de sais é responsável pela degradação dos materiais de revestimento, através de um processo chamado eflorescência. O sal presente nos materiais é dissolvido pela água que tem acesso às alvenarias, e migra, junto com a umidade, para a superfície das paredes. Aí a evaporação da água faz com que o sal se cristalize, aumentando de volume e desagregando o reboco. Esse processo é tão mais agressivo quanto maior for a quantidade de água na alvenaria e a capacidade de evaporação do ambiente.

Porém, há um diferencial que afeta o nível de degradação provocado. Se a argamassa do reboco é porosa, e permite a migração do sal até à superfície, este se cristaliza, pulverizando levemente a camada superficial da parede. Se, pelo contrário, a argamassa de reboco ou a pintura superficial são impermeáveis, o sal cristaliza dentro da parede, fazendo com que se destaquem placas inteiras de argamassa. Naturalmente a opção correta é o uso de argamassas de cal, por sua maior porosidade e ausência de sais e, pela mesma razão, de pinturas sílico-minerais.

A restauração dos rebocos antigos no Conjunto do Carmo pelo Programa Monumenta foi exemplar. Quando possível, os rebocos foram recuperados, procedendo-se, em diversos

VISTA DO REBOCO
degradado na fachada da Igreja do Convento – salinização provocando eflorescência e destaque do reboco.

VIEW OF THE FACING degraded, in the Convent Church's façade – salinization causing efflorescence and detail of the facing.

VISTA DO REBOCO
Substituição parcial do reboco.

VIEW OF THE FACING Partial substitution of the facing.

SISTEMA DE ESCORAMENTO
para consolidação de reboco em processo de descolamento. À direita. Arquivos Monumenta.

SUPPORT SYSTEM for the consolidation of facing in the process of detachment. On the right. Monumenta Archive.





pontos, ao seu escoramento e consolidação com injeções de acetato de polivinila diluído em água. Quando a recuperação não foi possível, ensaios de granulometria e de calcimetria, realizados pelo Laboratório do Núcleo de Tecnologia da Preservação e da Restauração, da Escola Politécnica da UFBA, permitiram a recuperação do traço original das argamassas de assentamento e revestimento, para que fossem utilizados na restauração materiais adequados ao edifício antigo.

Esses cuidados, associados ao controle da umidade, reduziram sensivelmente os efeitos da salinização introduzida pelas pedras contaminadas, assim como suprimiram as reações de salinização provocadas pelo cimento.

Um exemplo interessante de conservação de um reboco especial ocorreu na sala do consistório, na sala dos ex-votos e num depósito situados no pavimento superior da Ordem Terceira.

Aí, durante as prospecções, foi encontrado, sob uma camada de papel de parede, um reboco liso e brilhante de coloração acinzentada, com feitura semelhante à de um estuque, ou escaiole, sem decoração. Esse revestimento, tradicional na área do Recôncavo, conhecida por seus artesãos de estucaria, é importante porque sua datação o situa num período coerente com o da construção do imóvel.

Foi consensual a decisão de retirar a camada de repintura que escondia o reboco original e de recuperar as áreas entre os esteios das portas, onde havia necessidade de consolidação. Essa operação realizou-se com injeções de acetato de polivinila dissolvido em água, e um sistema de escoramento duplo, que sustentou a camada descolada, até que a ligação entre ela e o substrato de alvenaria se restabelecesse.











ORDEM TERCEIRA

Etapas de cobertura das paredes; impermeabilização e reboco. Arquivo Monumenta.
THIRD ORDER. Wall coverage phase; insulation and facing. Monumenta Archive.





ORDEM TERCEIRA
ladrilhos existentes na nave da Igreja da Ordem Terceira. Retirados em 1940 pelo SPHAN. Arquivo IPHAN/ Vosy Lins.

THIRD ORDER
tiles in the church nave. Removed by SPHAN in 1940. IPHAN Archive/ Vosy Lins.

Os pisos

Um clima tropical, quente e úmido, é favorável à rápida proliferação de vegetação, de fungos e de insetos que atacam vorazmente as peças de madeira. Em todo o conjunto carmelita, as estruturas de madeira estavam atacadas por xilófagos e tiveram de ser cuidadosamente limpas e revisadas, substituindo-se as peças deterioradas e imunizando-se todas, novas e velhas.

Barroteamentos e tabuados de pisos e forros, frechais e tesouras de telhados, escadarias, esteios e folhas de portas, talhas e imagens, nada escapou ao ataque silencioso das térmitas. A revisão é essencial, porque uma peça aparentemente sã pode revelar-se uma simples casca oca. Um furo pequeno, que passa despercebido, pode ser um foco de futura infestação, colocando a perder todo o investimento.

A varanda principal da Ordem Terceira, um dos muitos locais em que o piso de madeira sofreu intervenção, servirá como exemplo do que foi feito em outros espaços.

Quando a intervenção se iniciou, o piso da varanda estava coberto por uma camada de cimento liso, sob a qual se encontrava um assoalho de tabuado antigo. Esse fato não foi exatamente uma surpresa. O relatório de inspeção feita na Ordem Terceira, em março/abril de 1961, informava que o piso daquela área era de madeira, e que a Capelinha do Senhor dos Passos, construída sobre a varanda principal, fechando um dos arcos superiores, tinha seu piso de mármore, assentado sobre o tabuado que estava apodrecido, a ponto de provocar o afundamento do piso da capela[37].

Retiradas, as tábuas do piso foram limpas, restauradas e imunizadas, ao mesmo tempo em que era limpo, revisado e imunizado o barroteamento que as sustentava. Foram, então, lixadas e reassentadas pelo verso – que não estava danificado pelo cimento –, calafetadas e de novo lixadas e enceradas, para que ficassem aparentes.

Outro assoalho, cuidadosamente restaurado pelo Programa Monumenta, foi o da nave da

Capela da Ordem Terceira. Esse piso, situado na área baixa da construção, era sistematicamente invadido pelas águas das enchentes, até que fosse construída a Barragem de Pedra do Cavalo.

Ao longo de anos, autores de muitos relatórios descreveram os danos e se arriscaram a propor soluções. Algumas – como a criação de câmara de ventilação sob o piso, a criação de pequenos pilares de tijoleira para assentar os barrotes de madeira e, finalmente, a troca dos barrotes por estrutura de concreto[38] – foram implantadas. Outras, que propunham complicados sistemas de comportas, ou aquecimento[39], ficaram só no papel.

Em 1940, o piso da nave da capela apresentava, segundo informação de Godofredo Filho, "ladrilhos aí postos em reforma feita há dez ou quinze anos passados; ladrilhos impróprios, feios, de cor azulada e com desenhos negros"[40].Planejava-se, então, substituí-los por pedra, mas os estudos fizeram com que se optasse por tabuado de madeira, numa volta ao material originalmente utilizado depois das lajotas de barro.

Parece interessante usar as palavras de Pedro Ghislandi, o engenheiro responsável pelo acompanhamento das obras do IPHAN em Cachoeira, para dar uma visão do estado do piso da nave em 1961, após a enchente ocorrida no ano anterior. A situação mostra-se mais impactante se tivermos em mente que, em 1956, a capela totalmente recuperada havia sido entregue à irmandade.

> A situação do grande assoalho da nave é agora desanimadora. O solo de terra por baixo ainda guarda forte umidade da enchente que em Março do ano passado invadiu o edifício. O taboado saltado, contorcido e embolorado. A estrutura suportante de baixo por certo deve estar perdida. Há um ano o Monumento aguarda os recursos destinados à restauração dos danos decorrentes da enchente e da falta de conservação, os quais a esta altura, já pela situação econômica geral, já pelo agravar-se dos danos não mais serão suficientes para atender a tanto estrago. Isto infelizmente agora que o monumento sofre como que uma onda visível de decadência[41].

Em 1962, quando por fim se empreendiam as obras, o assoalho foi totalmente desmontado. O terreno, inundado em 1960, ainda estava saturado de umidade. Os pilares tinham cedido e afundado no solo amolecido. O engenheiro Ghislandi alegrou-se com a notícia de que haviam sido adquiridas, na demolição de um casarão em Salvador, toras de vinhático de dimensões "descomunais", que seriam utilizadas na pavimentação da Capela da Ordem Terceira[42].

Foi nessa época que se escavou a câmara de ventilação e se construíram novos pilares de alvenaria de tijolo, para substituir os que tinham afundado. O solo foi apiloado, e feita uma camada de impermeabilização[43].

Em dezembro de 1962, estavam quase prontas as obras do assoalho, e as peças já tinham sido imunizadas. A capela foi entregue com seu assoalho de toras de vinhático, recém-instalado,





IGREJA DO CONVENTO E CASARIO
em uma das inúmeras inundações provocadas pelo rio Paraguaçu. Arquivo Ordem Carmelita

CONVENT CHURCH AND HOUSES after one of the several floodings by Paraguaçu River. Carmelite Order Archive.

ORDEM TERCEIRA
Estrutura de concreto, construída em 1981, para sustentação do piso da nave. Arquivo IPHAN.

THIRD ORDER Concrete structure, built in 1981, to support the nave floor. IPHAN Archive.

protegido por uma câmara devidamente impermeabilizada e com nova estrutura. Por fim, se recuperava da enchente de 1960[44].

Mas, por alguma razão, Yemanjá não foi propícia a Cachoeira. Nos finais de 1963 aconteceu outra inundação, sobre a qual não se tem muitas informações, mas um desolado Ghislandi, na *Informação Técnica*, de janeiro/fevereiro de 1964, relatava que "em Janeiro p.p. o edifício foi de novo invadido pelas águas"[45]. A campanha de obras continuou, misturando agora os consertos da enchente de 1960 com os da enchente de 1963.

Quase vinte anos depois, em 1981, as informações dadas pelos técnicos do SPHAN/FNPM[46] não mudaram, nem mudou a violência das enchentes.

> Os barrotes apodreceram pela ação da umidade que emana do vão entre o piso (terra) e as tábuas, onde, por ocasião das enchentes se depositou água, não tendo sido abertos depois, trechos para a necessária evaporação. O mesmo problema já ameaça comprometer as tábuas, apodrecendo-as também[47].

Atualmente a Barragem de Pedra do Cavalo, construída na primeira metade de 1980, protege Cachoeira das constantes enchentes do Paraguaçu. Mas, ainda assim, o teor de umidade na caixa de ventilação sob o piso é alto e acaba afetando a estrutura de concreto que sustenta o assoalho.

Na época do início das obras pelo Projeto Monumenta, a estrutura estava fortemente atacada pela umidade. Para recuperar a estabilidade e a eficiência do sistema, as vigas foram limpas, retirando-se o concreto desagregado e lixando-se a ferragem exposta. Depois, o recobrimento com concreto foi refeito, e a seção das peças recomposta na sua dimensão original.











ORDEM TERCEIRA

Obras do piso da nave sobre pilares. Arquivo Monumenta.
THIRD ORDER. Works on the nave floor, over pillars. Monumenta Archive.









A torre

Há uma única torre na Igreja do Convento, situada à esquerda do frontispício. A segunda torre, inacabada, segundo Epifânio Meireles, teria sido cedida pelos religiosos aos Irmãos Terceiros, que nunca a concluíram e a deixaram arruinar-se por várias vezes, a tal ponto que ameaçava tombar[48].

Em finais de 1939, entre as intervenções feitas por frei Inácio de Jong, prior do Convento, estava a complementação das lacunas nos azulejos que cobriam sua cúpula, então já muito danificados. A complementação que ele pretendia realizar com cimento foi vetada pelo SPHAN, que exigiu a aplicação de azulejos de mesma cor e dimensão.

Não se sabe exatamente que outros serviços foram feitos na torre durante os setenta anos que medeiam o governo de frei Inácio de Jong e o Programa Monumenta, mas ela chegou a 2005 com graves deteriorações nos azulejos e nos peitoris de cantaria.

Pingos das chuvas arrastaram partículas de ferro dos sinos, deixando manchas no arenito dos peitoris. Por sua vez, os diversos elementos de ferro engastados oxidaram sob a ação da água, aumentaram de volume e deslocaram placas do arenito que, aos poucos, foi sendo corroído, perdendo a forma.

Para solucionar o problema, os vãos sul e sudeste da torre, exatamente aqueles que recebem maior ação de chuva, foram fechados com painéis fixos de vidro temperado, que não afetaram sua transparência, nem a visualização dos sinos.

Complementou-se a intervenção com a recuperação dos peitoris, a limpeza superficial dos sinos e a restauração dos mancais que os sustentavam. Esses mancais estavam quase ameaçando ruína.

TRATAMENTO DOS AZULEJOS
remanescentes na cobertura da torre.

TREATMENT OF THE TILES that remained in the tower coverage.

DEGRADAÇÃO DOS PEITORIS
de cantaria da torre.

DEGRADATION OF THE MASONRY PARAPETS of the tower.

PINÁCULO DA TORRE
após a restauração dos azulejos remanescentes. Arquivos Monumenta.

TOWER PINNACLE after restoration of the remaining tiles. Monumenta Archive.





As cantarias

IGREJA DO CONVENTO
Inserção de prótese num degrau de cantaria.

CONVENT CHURCH. Insertion of a prosthesis in a masonry step.

PRÓTESE EM CANTARIA
Pinos de aço inox para sustentação. Arquivos Monumenta.

MASONRY PROTHESIS supported by stainless steel pins. Monumenta Archive.

A exemplo do que acontecia nos peitoris da torre, muitos dos elementos de cantaria do edifício se encontravam atacados pelo intemperismo ou pela falta de cuidado dos usuários.

O lavabo da Igreja do Convento tinha vários trechos quebrados. O mesmo acontecia com as colunas, os cunhais, as bases dos emolduramentos das capelas laterais, os peitoris da torre e o patamar superior do acesso à porta principal.

Na Ordem Terceira a situação não era diferente. O degrau de convite da escada de acesso à varanda, os socos das colunas e as soleiras da galilé apresentavam danos que iam desde as lacunas na pedra original até intervenções inadequadas e complementações feitas com granito bruto.

A restauração executada pelo Programa Monumenta foi cuidadosa. A limpeza das superfícies líticas foi feita com métodos não abrasivos, usando emplastos de argila bentonita e água destilada. As fissuras e lacunas, de pequenas dimensões, foram obturadas com uma pasta de resina e pó de pedra e, nas maiores, foram inseridas próteses de pedra arenítica, presas por pinos de aço inoxidável, em substituição às inserções de granito bruto que haviam sido aplicadas em restaurações anteriores.

Recuperou-se assim a integridade estrutural e estética do conjunto, tendo-se o cuidado de trabalhar as novas peças com arestas vivas, detalhe que, sem inserir elementos destoantes, permite sua diferenciação dos elementos antigos e/ou originais.











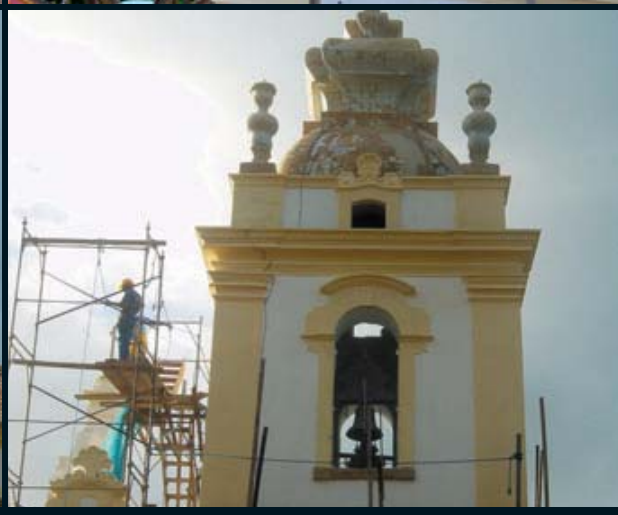
IGREJA DO CONVENTO
Obras de restauração da torre. Arquivo Monumenta.
CONVENT CHURCH. Restoration of the tower. Monumenta Archive.





















ORDEM TERCEIRA

Obras de restauração das estruturas de pedra. Arquivo Monumenta.
THIRD ORDER. Restoration works in masonry structures. Monumenta Archive.





As intervenções

IGREJA DO CONVENTO
Capela-mor após a restauração. Recuperadas as pinturas marmorizadas e as colunas torsas. Foto de Caio Reisewitz, 2007.

CONVENT CHURCH
Main chapel after restoration. Marbled paintings and curl-shaped columns restored. Photo by Caio Reisewitz, 2007.

Essa diferenciação entre o antigo e original e as novas inserções constitui um dos princípios básicos da restauração, que se traduz por honestidade histórica, como Cesare Brandi (1988, p. 17) enunciou: "A restauração deve dirigir-se ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, sempre que isto seja possível sem cometer uma falsificação artística ou uma falsificação histórica, sem apagar testemunho algum da passagem da obra de arte através do tempo".

As intervenções modernas, destinadas a adaptar o espaço da Igreja do Convento do Carmo à nova função de Museu de Arte Sacra, obedeceram a esse princípio, inserindo elementos de linhas simples e materiais industrializados, gerando um espaço que, além da beleza, tem duas grandes virtudes: a verdade histórica e a qualidade arquitetônica.

As dimensões da intervenção são modestas. A galeria das tribunas necessitava de um acesso a partir da nave. Para isso foi projetada uma escada metálica, com estrutura leve e transparente, instalada na capela lateral esquerda, próxima ao coro.

No corredor lateral direito, que se abre para o adro da Ordem Terceira, foi instalado um bloco de sanitários. A ventilação e iluminação são adequadas; e o local é reservado, pois existe um *hall* que permite a privacidade necessária a esse tipo de instalação. As cores são claras, os materiais de boa qualidade e de fácil manutenção. Trata-se de uma adaptação funcional e discreta, que não compromete o edifício.

Invisível aos olhos dos visitantes, mas não menos importante, é a intervenção moderna que sustenta o forro da nave da Igreja do Convento. Vale a pena contar a vida atribulada desse forro, maltratado pelo tempo e pela incúria dos homens. Na história do Conjunto do Carmo, ele insere alguns momentos não rotineiros que ajudam a dar um sopro de vida ao que seria, de outra forma, uma mera sucessão cronológica de fatos.

Segundo uma descrição antiga, a pintura do forro da Igreja do Convento do Carmo foi atribuída à escola de José Joaquim da Rocha ou Antônio Simões Ribeiro. Originalmente era uma estrutura gamelada, fixada com cravos de ferro em cambotas semicirculares, e apresentava uma pintura ilusionista do século XVIII, em óleo sobre madeira.

Em 1997, o forro estava em ruínas e acabou desabando. Um ofício do Diretor da Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC) informava ao IPHAN que:

> Visitando, no próximo domingo passado, o Convento do Carmo em Cachoeira [...] constatamos que grande parte do forro que ainda resistia na nave central da Igreja do Convento do Carmo ruiu, trazendo consigo a pintura e fragmentando em centenas de pedaços as tábuas de suporte. A única providência que nos é possível, no momento, é o recolhimento e guarda desses



fragmentos, quando dispusermos de algum operário nas nossas obras"[49].

IGREJA DO CONVENTO
forro da Capela-mor após a restauração. Foto de Caio Reisewitz, 2007.

CONVENT CHURCH
Main chapel ceiling after restoration. Photo by Caio Reisewitz, 2007.

Começava sua longa via-sacra. Desenvolvia-se, nessa época, o projeto de adaptação do convento para pousada. A proposta de transformação da igreja num centro de convenções e eventos surgiria posteriormente, e só seria encaminhada ao SPHAN/FNPM em 1984, quando a pousada já tinha sido inaugurada há mais de um ano.

Em meio ao burburinho, entre o desabamento e o início das intervenções IPAC com financiamento do PCH - Programa de Cidades Históricas - na igreja, o forro desapareceu. Em 1985, um relatório de vistoria de um técnico do SPHAN/FNPM, que discutia a colocação de talhas modernas no altar-mor, denunciou que algumas tábuas do forro estavam servindo como piso dos andaimes utilizados na obra[50].

Os detalhes não são claros, mas conta um arquiteto do IPHAN que durante a obra foi procurado por Antero Gomes de Freitas, chamado Seu Doró, personagem tradicional de Cachoeira, que ganhava a vida fazendo transportes numa velha carroça.

Seu Doró tinha sido contratado para um carreto e, apesar de feliz pelo trabalho, estava preocupado com o serviço. Devia jogar fora umas tábuas velhas, saídas do convento. Mas as tábuas tinham pinturas e ele não queria assumir a responsabilidade. Achou melhor consultar um amigo na SPHAN/FNPM para evitar problemas. Eram tábuas de um forro que haviam sido resgatadas e acondicionadas no entreassoalho do edifício sede da SPHAN/FNPM, na praça da Aclamação, em Cachoeira. Ali elas ficaram quase esquecidas, por vinte anos.

E foram salvas do lixão pela consciência do carroceiro, seu Doró. O patrimônio deste país tem para com aquele homem simples uma dívida que nunca poderá ser paga.

As tábuas de forro depositadas na sede do IPHAN foram lembradas e levadas para a igreja pelo Programa Monumenta. Ali foi montado um imenso quebra-cabeças. Imaginava-se que todos os fragmentos pertencessem ao forro da nave, mas aos poucos surgiram peças discordantes, que complicaram a montagem, mas encheram a equipe de alegria. "Junto aos fragmentos do forro da Nave da Igreja do Convento de Nossa Senhora do Carmo, foram encontradas várias tábuas que fazem parte do forro do Coro e da Capela Lateral Direita"[51].

Montado o quebra-cabeças, surgia um novo problema. Como instalar um forro de cujas cambotas não havia o menor vestígio? Uma situação semelhante já fora enfrentada pela equipe do Programa Monumenta nas obras do Seminário de Belém da Cachoeira. Aproveitou-se essa experiência e adotou-se, na Igreja do Carmo, a solução de criar uma estrutura de sustentação do forro completamente nova, formada por um conjunto de cinco cambotas metálicas, interligadas por um perfil, que lhes deu rigidez.









hideout


FORRO DA IGREJA DO CONVENTO DO CARMO
Etapas da restauração do forro da nave. Arquivo Monumenta.
CARMO CONVENT CHURCH CEILING. Phases of the restoration of the nave ceiling. Monumenta Archive.



As cambotas metálicas funcionaram perfeitamente, dando ao forro a curva exata, sobre a qual se remontaram as tábuas recuperadas. As tábuas de forro não conseguiram cobrir toda a superfície, mas o bom gosto da equipe de bens móveis conseguiu integrar as peças originais e peças de madeira nova, na cor base da pintura.

O resultado foi bastante positivo. E, graças a Seu Doró, hoje a igreja ostenta seus forros. Várias partes da igreja estavam também recobertas com tinta látex branca, como as colunas, nichos e frontais dos altares laterais. As camadas de repintura foram retiradas, e descobriram-se a escaiola que existia anteriormente, deixando-a exposta.

IGREJA DO CONVENTO
imagem de Nossa Senhora da Conceição após ser restaurada pelo Studio Argolo. Foto de Caio Reisewitz, 2007.

CONVENT CHURCH
Image of Our Lady of the Conception after restoration by Studio Argolo. Photo by Caio Reisewitz, 2007.

Recuperado o imóvel, a ênfase da intervenção se transferiu para os bens integrados. Talhas, ornatos, pinturas, imagens, luminárias, balaústres, elementos que completam a arquitetura e dão caráter religioso ao espaço, agenciando-o para que cumpra, adequadamente, a função que lhe foi destinada. No Conjunto do Carmo tudo foi primorosamente restaurado, recuperando a beleza e o esplendor da decoração.

O resultado final é visível para quem passa por Cachoeira. O conjunto está restaurado e novo. Mas, além do resultado técnico e da beleza recuperada, a restauração executada pelo Programa Monumenta conseguiu algo mais, que se manifesta em todos os edifícios. Algo que o jargão técnico chama de requalificação, mas que se prefere chamar aqui de respeito.

O conceito é difícil de ser colocado em palavras, mas acredita-se que qualquer pessoa dotada de um mínimo de sensibilidade, que tenha conhecido o monumento antes e depois das intervenções, entenderá o significado.

Acredita-se que cada espaço tem seu caráter, uma característica que lhe foi dada na época da sua concepção arquitetônica. Quando sofre intervenção e, principalmente, quando passa a abrigar um uso diferente daquele que lhe foi originalmente atribuído, o espaço em geral perde o caráter, se apequena, se banaliza. Isso é mais profundamente sentido nos espaços sacros que, além da característica arquitetônica, têm um forte componente simbólico que lhes é atribuído pela forma e pela função, pelas ações e ritos que aí se celebram, pela intenção que dirigiu seu desenho.

Uma clara expressão desse sentimento é apresentada por Antoine de Saint-Exupéry no livro *Cidadela*.

> Aquele que, no vão intuito de conhecer a casa, resolve destruí-la, passa a ter na sua frente um montão de pedras, de tijolos e de telhas. Que é feito da sombra, do silêncio, da intimidade que pedras, tijolos e telhas serviam? Chega a ser difícil descobrir que outro uso pode ter esse montão informe. E tudo isto por quê? Porque as pedras, os tijolos e as telhas se viram sem a invenção que os dominava. [...] Ausentaram-se da pedra a alma e o coração do homem.



De fato, mesmo sem destruir uma edificação é possível retirar dela a alma. Manter os materiais em perfeito estado e, no entanto, retirar do espaço seu caráter, suprimir os significados que contém e os sentimentos que evoca, mostram um outro lado desconhecido e sem previsão de futuro.

Terminadas as grandes e pequenas intervenções, as obras foram entregues ao público cachoeirano e aos Irmãos Terceiros pelo ministro da Cultura, Gilberto Gil, em 24 de agosto de 2006, contando com a presença do presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e coordenador do Programa Monumenta, Luiz Fernando de Almeida. O Programa Monumenta, do IPHAN/MinC, investiu R$ 4,44 milhões (U$ 2,4 milhões) no Conjunto do Carmo, composto pela Igreja e Convento da Ordem Primeira do Carmo e Ordem Terceira do Carmo.

A restauração do Programa Monumenta conseguiu esse equilíbrio tênue entre mudança de uso e manutenção de caráter. Ainda que o claustro da Ordem Terceira seja agora um espaço de lazer, será possível ouvir os sons de água jorrando da velha bomba. Ainda que a nave da Igreja do Carmo seja apenas um lugar de exposições, o visitante poderá entrar no recinto de forma reverente, e seus olhos poderão apreciar o que foi salvo e que se oferece à visão.

Muitas foram as pessoas que contribuíram para a construção, conservação e restaurações desse patrimônio arquitetônico, mas em especial, deve-se homenagear a memória do engenheiro do IPHAN, Pedro Ghislandi, que dedicou boa parte de sua vida e de sua paixão às obras do Conjunto do Carmo. Nada melhor que repetir suas próprias palavras, registradas num documento de 27 de março de 1952: "se cuidarem direito de tudo, serei feliz!".











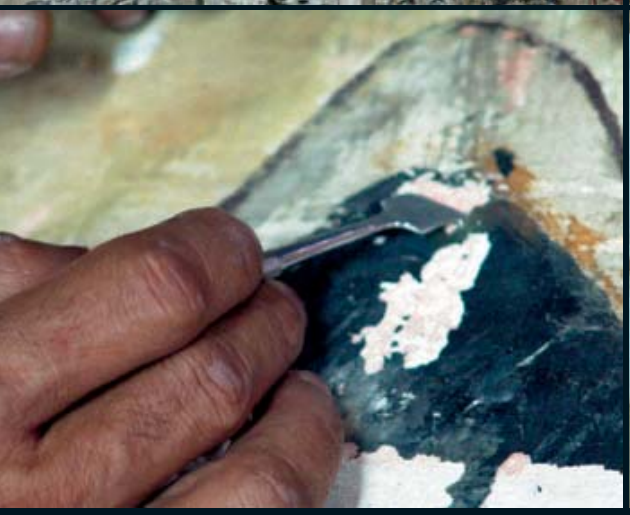
IGREJA DO CONVENTO DO CARMO
Etapas da restauração das colunas torsas do altar-mor. Arquivo Monumenta.
CARMO CONVENT CHURCH. Phases of the restoration of the curl-shaped columns by the high altar. Monumenta Archive.













IGREJA DO CONVENTO DO CARMO
Etapas da restauração forro do coro. Arquivo Monumenta.
CARMO CONVENT CHURCH. Phases of the restoration of the choir ceiling. Monumenta Archive.










1810

Notas

1 - Assentamento 102 do *Livro histórico*, e 209 do *Livro das belas artes*.

2 - Arquivo IPHAN-RJ, Seção obras, Pasta 36, Envelope 1, Doc. 2885. Informação de 26 out.1938, anexa à carta de Godofredo Filho ao diretor do SPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade, fl. 35.

3 - Junto à Igreja do Convento.

4 - Arquivo IPHAN-SSA, Caixa 154, Pasta 130.106-2116. Certidão. S. paginação. Pública Forma de Escritura de doação, feita à Venerável Ordem Terceira do Carmo desta cidade pelo então vigário do Convento de Nossa Senhora do Carmo desta mesma cidade, frei Antônio de Santa Rosa, emitida em 9 jul. 1936 pelo Tabelião Joaquim Batista Carneiro Sobrinho, conforme assentamento de 30 nov. 1702, constante no Livro de Notas nº 1, fls. 141v, do Cartório do Tabelião Sapucaia – Cachoeira.

5 - Idem, Carta de 16 nov. 1938, de Rodrigo Melo Franco de Andrade ao assistente técnico da 5ª Região do SPHAN, fl. 48.

6 - Idem, Carta de 2 mar. 1939, de frei Inácio de Jong, superior do Convento do Carmo de Cachoeira, a Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor do SPHAN, fl. 10.

7 - Idem, Envelope 2, Doc. 2899, Carta de 2 mar. 1939, de frei Inácio de Jong, superior do Convento do Carmo de Cachoeira, a Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor do SPHAN, fl. 10.

8 - Idem, Doc. 2908, Telegrama urgente, de 24 maio 1939, de frei Inácio de Jong, superior do Convento do Carmo de Cachoeira, a Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor do SPHAN, fl. 21.

9 - Idem, Doc. 2909, Telegrama de 1 jun. 1939, do diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rodrigo Melo Franco de Andrade, ao superior do Convento do Carmo de Cachoeira, frei Inácio de Jong, fl. 22.

10 - Arquivo IPHAN-SSA, Caixa 149, Pasta 130.200-2044, Carta de 26 out. 1938, de Godofredo Filho, assistente técnico da 5ª Região, para o diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rodrigo Melo Franco de Andrade, s/fl.

11 - Idem, Caixa 155, Pasta 130.100-2109, Proc. 01502.000145/96-92. Reforma. Consulta nº 2, anexa ao ofício nº 28, de 8 abr. 1940, do assistente técnico da 5ª Região do SPHAN, Godofredo Filho, para o diretor do SPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade, s/fl.

12 - Idem, Seção Obras, Caixa 9, Pasta 40, Envelopes 1 a 8, Doc. 186. Carta confidencial, de 19 fev. 1944, de Godofredo Filho para Rodrigo Melo Franco de Andrade. s.p.

13 - Idem, Doc. 184, Carta confidencial, de 16 fev. 1944, de Rodrigo Melo Franco de Andrade para Godofredo Filho. s.p.

14 - FNPM – Fundação Nacional ProMemória.

15 - Arquivo IPHAN-SSA, Caixa 155, Pasta 130.100-2109, Proc. 01502.000145/96-92. Reforma. Nota de correspondência, sem data, encaminhada a Rodrigo Melo Franco de Andrade por Godofredo Filho. s.p.

16 - Idem, Consulta nº 1A, anexa ao ofício nº 28, 8 abr. 1940, do assistente técnico da 5ª Região do SPHAN, Godofredo Filho, para o diretor do SPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade. s.p.

17 - Idem, Caixa 154, Pasta 130.102-2112. Recorte do jornal *A Ordem*, de direção e propriedade do bel. Euvaldo Silva, de 2 nov.1948, intitulada *Um apelo ao Presidente da República contra o Serviço do Patrimônio Artístico*. s.p.

18 - Arquivo IPHAN-RJ, Série Obras, Caixa 10, Pasta 41, Envelope 2, Doc. 501. Boletim Mensal de Informações nº 24, referente a mar./abr. 1952. Datado de 4 maio 1952, assinado por Pedro Ghislandi.

19 - Arquivo IPHAN-RJ, Série Obras, Caixa 10, Pasta 42, Envelope 1-5 (1960), Doc. 556. Carta, sem data, de Pedro Ghislandi para Rodrigo Melo Franco de Andrade. s.p.

20 - Ligações elétricas feitas clandestinamente.

21 - Idem, Envelope 1-5 (1960), Doc. 556. Carta, sem data, de Pedro Ghislandi para Rodrigo Melo Franco de Andrade. s.p.

22 - Esse tipo de móvel, no século XVIII, era denominado caixão. E as arcas chamavam-se caixas. Arcaz, bem como arcas, são denominações usadas a partir da criação do SPHAN.

23 - Arquivo do IPHAN-SSA, Caixa 154, Pasta 130.100-2105. Carta de 28 mar. 1962, de Pedro Ghislandi para Godofredo Filho. s.p.

24 - Idem, Caixa 155, Pasta 130.100-2109. Carta de 3 jan. 1969, do chefe do 2º Distrito do DPHAN, Godofredo Filho, para titular da Delegacia de Furtos, Roubos e Falsificações, Moisés Luiz de Almeida. s.p.

25 - Idem, Caixa 155, Pasta 130.100-2109, Proc. 01502.000145/96-92. Reforma. Carta de 14 jan. 1981, do prior da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, Manoel Martins Gomes, ao diretor da 4ª DR da SPHAN/FNPM, Ary Guimarães. s.p.

26 - Restauração executada pela profissional Ana Maria Vilar.

27 - Executado pelo Studio Argolo.

28 - Arquivo IPHAN-SSA, Caixa 152, Pasta 130.001-4113, Processo 01501.000308/2002-64 (37), Carta do prior da Ordem Terceira do Carmo, Jomar Lima da Conceição, à superintendente da 7ª SR do IPHAN, Adalgisa Maria Bonfim d´Eça, com cópia para o coordenador da UEP, Projeto Monumenta, Gabriel Gonçalves, datada de 3 out. 2002.

29 - Taddei, Pedro. *Os grandes projetos*. Disponível em <www.archi.fr/SIRCHAL/seminair/sirchal4/TaddeiVPT.htm>. Capturado em ago. 2006.

30 - Baseado no texto *Os grandes projetos*, de autoria de Pedro Taddei, coordenador geral do Programa Monumenta, Idem, ibidem.

31 - Arquivo IPHAN-SSA, Caixa 152, Pasta 130.001-4113, Processo 01501.000308/2002-64 (Anexo 2). Projeto Cachoeira/Bahia – Igreja da Ordem Terceira do Carmo e Casa de Oração, Projeto Executivo Parte I, Memorial Descritivo e Especificações Técnicas, nov. 2002. fl. 101.

32 - Arquivo IPHAN-RJ, Série Obras, Caixa 10, Pasta 41, Doc. 498. Boletim Mensal de Informações nº 12, referente a mar./abr. de 1950, datado de 12 mar. 1950, assinado por Pedro Ghislandi.

33 - "Segundo uma data, que se lê junto á escada de pedra que conduz para o salão superior ás carneiras, parece que as obras desta igreja ficarão acabadas no anno de 1778" (Moraes, 1866).

34 - Arquivo IPHAN-SSA, Caixa 155, Pasta 130.100-2109, Proc. 01502.000145/96-92. Reforma. Consulta nº 2, anexa ao ofício nº 28, de 8 abr. 1940, do assistente técnico da 5ª Região do SPHAN, Godofredo Filho, para o diretor do SPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade. s.p.

35 - Arquivo IPHAN-RJ, Seção Obras, Pasta 36, Envelope 1, Doc. 2906. Parecer nº 7, do assistente técnico da 5ª Região, Godofredo Filho, para o diretor do SPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade, datado de 2 maio 1939. fl. 19.

36 - Arquivo IPHAN-SSA, Caixa 155, Pasta 130.100-2109, Proc. 01502.000145/96-92. Reforma. Relatório do engenheiro Pedro Ghislandi para o chefe do 2º Distrito do SPHAN, Godofredo Filho, 18 dez. 1945. s.p.

37 - "O piso da Capelinha interna, no andar de cima, onde é venerada a conhecida imagem do Senhor dos Passos, afundou. A imagem, retirada às pressas foi acomodada provisoriamente na Sala da Mesa. A pavimentação da Capelinha e constituída de lageotas de mármore claro e escuro, assentes com argamassa (esses famosos antigos!) sobre soalho de madeira carente de qualquer arejamento. O madeiramento está inteiramente pútrido." Arquivo IPHAN-RJ, Seção Obras, Caixa 10, Pasta 42, Envelopes 01-05 (1960), Doc. 556. Carta, sem data, de Pedro Ghislandi para Rodrigo de Melo Franco. s.p.

38 - "Os serviços de restauração do piso da nave ficaram sob a responsabilidade da firma empreiteira RESCON, cujos trabalhos foram iniciados em abril de 1982, [...] sendo retirado o tabuado e o barroteamento de sustentação em estado deteriorado e [...] construído vigamento em concreto armado, substituindo o antigo barroteamento, apoiado em pequenos pilares de tijolos, com chapuzes pregados em sua face superior para receber a pregação do assoalho. "Arquivo IPHAN-SSA, Caixa 155, Pasta 130.100-2109, Proc. 01502.000145/96-92. Reforma. Relatório do arquiteto Alberto João da Cruz para o diretor da 5ª Regional da SPHAN/FNPM, datado de 27 jan. 1983. s.p.

39 - Arquivo IPHAN-RJ, Caixa 10, Pasta 42 – E 01-05, Doc. 581. Carta de Pedro Ghislandi para Rodrigo Melo Franco de Andrade, datada de 6 jul. 1961. s.p.

40 - Arquivo IPHAN-SSA, Caixa 155, Pasta 130.100-2109, Proc. 01502.000145/96-92. Reforma. Consulta nº 1A, anexa ao ofício nº 28, de 8 abr. 1940, do assistente técnico da 5ª Região do SPHAN, Godofredo Filho, para o diretor do SPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade. s.p.

41 - Idem, Seção Obras, Caixa 10, Pasta 42, Envelopes 01-05 (1960), Doc. 556. Carta, sem data, de Pedro Ghislandi para Rodrigo de Melo Franco. s.p.

42 - Idem, Doc. 587. Boletim Mensal de Informações nº 31 – jan./fev. 1962. s.p.

43 - Idem, Doc. 591. Boletim Mensal de Informações nº 32 – mar./abr. 1962. s.p.

44 - Idem, Doc. 605. Boletim Mensal de Informações nº 34 – jul./ago. 1962. s.p.

45 - Idem, Doc. 617. Boletim Mensal de Informações nº 31 – jan./fev. 1964. s.p.

46 - Fundação Nacional ProMemória.

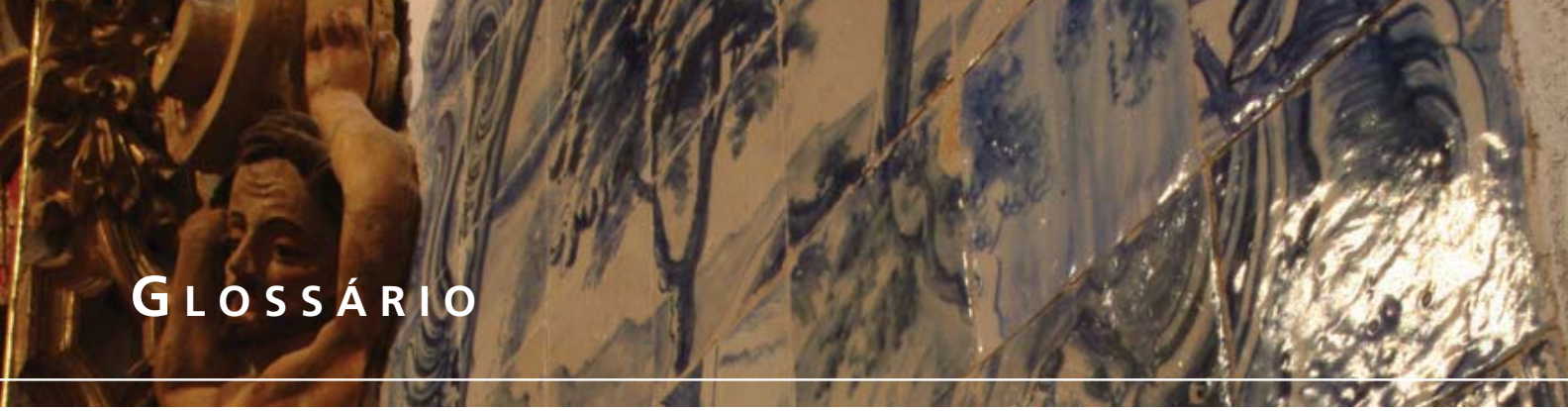
47 - Arquivo IPHAN-SSA, Caixa 155, Pasta 130.100-2109, Proc. 01502.000145/96-92. Reforma. Informação Técnica nº 12/81, da arquiteta Nadir Santana para o diretor da 4ª DR da SPHAN/FNPM, datada de 26 jan.1981. s.p.

48 - Meireles, Epifânio. *A cidade de Cachoeira*, p. 45. In: Arquivo IPHAN-RJ, Seção Obras, Pasta 36, Envelope 1, Doc. 2885. Informação anexa à carta de Godofredo Filho ao diretor do SPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade, 26 out. 1983, fl. 38.

49 - Arquivo IPHAN-SSA, Caixa 149, Pasta 130.200-2044. Ofício nº 308/77, de 9 ago. 1977, do diretor executivo da F.P.A.C. BA, Mário Mendonça de Oliveira, para o chefe do 2º Distrito do IPHAN, Fernando da Rocha Peres. s.p.

50 - Idem, Pasta 130.200-2048. Informação Técnica 042/85, 20 mar. 1985, da arquiteta Nadir Gomes Franco Lima para o diretor da 5ª Região da SPHAN, Ary Guimarães. s.p.

51 - Arquivo IPHAN-SSA, Caixa 151, Pasta 130.001-4113, Processo 01501.000414/2002-48. Projeto Cachoeira/Bahia, Igreja da Ordem Primeira do Carmo, Projeto Executivo, Parte I, Anexo I. Especificações Técnicas para Intervenções nos Bens Integrados, set. 2003. fl. 229.



Glossário

A

Abóbada – Cobertura côncava e autoportante feita de tijolo, pedra ou concreto.

Abóbada de berço – Cobertura côncava gerada por um arco que se desloca ao longo de um eixo situado na maior dimensão do cômodo.

Abóbada de meio canhão – O mesmo que abóbada de berço.

Acanto – Planta cujas folhas estilizadas são utilizadas como tema decorativo desde a Grécia antiga.

Adro – Espaço livre, fronteiro à igreja, que antigamente era murado ou gradeado.

Alfaias – Objetos de adorno e de culto, necessários aos rituais.

Altar – Mesa de ritual em qualquer religião. Originalmente, eram mesas simples. Depois, foram encostadas às paredes e recobertas por decoração, formando os retábulos.

Altar colateral – Altar situado na parede do arco cruzeiro. Em geral são dois.

Altar lateral – Altar situado no lado da nave. Normalmente são em números múltiplos, à direita e à esquerda.

Altar-mor – Altar principal de igreja, colocado na capela-mor.

Amarração das alvenarias – Ligação entre as paredes, feita por tijolos cruzados e, em caso de restauração, por peças de bronze ou aço, que servem para restabelecer a ligação perdida.

Âmbula – Cálice com tampa, onde se guardam as hóstias.

Anjo tocheiro – Peça de talha em forma de anjo, que sustenta uma tocha de iluminação.

Arca – Grande caixa com tampa abaulada. A peça, hoje identificada nos museus com o nome de arca, era chamada caixa no século XVIII.

Arcada – Sucessão de arcos.

Arcada de meio ponto – Arcada formada por uma sucessão de arcos plenos, ou seja, semicircunferências perfeitas.

Arcaz – Peça de mobiliário religioso. Arca com gavetas destinadas a guardar paramentos ou objetos de culto. Localiza-se na sacristia. No século XVIII, era denominada caixão.

Arco achatado – Também chamado arco abatido, é composto por um arco de círculo cuja altura é menor do que o raio.

Arco cruzeiro – Arco que faz a ligação entre a capela-mor e a nave.

Arco pleno – Arco correspondente a um semicírculo perfeito. Nesse caso a altura do arco é igual ao raio.

Argila bentonita – Argila absorvente, utilizada em restauração para limpeza de pedras.

Arquivolta – Moldura decorada, ou não, que faz acabamento no extradorso do arco.

Atlante – Figura masculina, de pé ou ajoelhada, que sustenta peças horizontais – entablamentos ou cornijas – na composição das talhas. O nome vem do gigante mitológico Atlas, que sustentava o mundo nas costas.

B

Bacia – Base de pedra, ou madeira, na qual se apóiam os balaústres das sacadas ou peitoris. Por extensão, peça de base de sacada ou púlpito.

Balaustrada – Sucessão de balaústres, em pedra ou madeira, delimitando uma área.

Balaústre – Elemento vertical, de pequena altura (coluna ou pilar), geralmente trabalhado, que sustenta um peitoril ou corrimão.

Barrote – Peça de madeira de seção retangular, usada para formar a estrutura mestra de pisos e forros.

Bens integrados – Peças decorativas que se integram à estrutura arquitetônica, como azulejos, talhas, forros decorados, altares, pias batismais, fontes etc.

Bocel – Parte do piso do degrau que sobressai do apoio vertical, formando um dente. Tem geralmente poucos centímetros e um acabamento arredondado na parte inferior da coluna.

Braço-tocheiro – Peça de talha em forma de braço humano segurando uma tocha, utilizada como elemento de iluminação.

Bulbo de ressalto – Peça em forma de bulbo, que se destaca pelo volume ou relevo.

C

Cabeça de nego – Tipo pedra de formato irregular, com uma face levemente aplainada, usada em calçamento de rua.

Cachorro – Peça saliente que sustenta uma cornija ou cimalha. Tem como fundamento de sua resistência a parte posterior encravada na parede. Também pode sustentar sacadas, ressaltos de edifícios, telhados.

Caibro – Peça de madeira, de seção quadrada ou roliça, que faz parte da estrutura secundária dos telhados e, por vezes, dos pisos.

Calha – Sulco ou canal para escoamento de águas. O nome pode referir-se aos condutores, colocados nos telhados ou a canais de maiores dimensões, implantados em terreno.

Câmara de ventilação – Espaço vazio, entre duas paredes ou entre o edifício e o terreno, que tem por finalidade facilitar a evaporação da umidade nas alvenarias.

Cambota – Molde de madeira, utilizado na confecção de arcos. Peça curva que estrutura e sustenta os forros abobadados em madeira.

Capela lateral – Estrutura construída dos lados da nave. Tem como finalidade conter o altar ou retábulo lateral.

Capela-mor – Capela maior ou principal de igreja.

Carneira – Gaveta ou urna, nos cemitérios, onde se enterram os cadáveres.

Carpina ou carapina – Carpinteiro.

Catacumba – Sepultura ou cemitério subterrâneo.

Chinoiserie – Ou chinesice, se refere a objetos de arte e curiosidades vindos da China ou inspirados em coisas chinesas.

Cisterna – Reservatório de água, geralmente de chuva, localizado abaixo do nível do solo.

Claustro – Nos conventos e mosteiros, pátio interior, descoberto, geralmente quadrado e rodeado por corredores em arcadas.

Coluna salomônica – Também chamada coluna torsa, é aquela em que o fuste, ou a parte entre a base e o capitel, é helicoidal ou em espiral, simples ou decorado, característica da decoração barroca.

Concheado – Decoração rococó. Utiliza as formas ou ornatos de conchas.

Consistório – Também chamado sala da mesa. Salão situado geralmente sobre a sacristia, onde se realizavam as reuniões da Ordem Terceira.

Console – Peanha. Peça saliente na parede, serve de apoio a elementos da estrutura ou decorativos.

Contrapiso – Base que tem como finalidade apoiar o piso, protegendo-o do contato com o terreno ou dos efeitos da umidade.

Cor carmelitana – Marrom.

Cornija – Elemento decorativo horizontal, formado por molduras salientes, que servem de remate à construção. Quando se situa no limite superior do edifício, apoiando o beiral, é chamado cimalha.

Coro – Setor da igreja onde os clérigos se reúnem para cantar durante os ofícios religiosos. Antigamente o coro situava-se na capela-mor. Após a reforma do Concílio de Trento, passou a localizar-se em posição elevada sobre a entrada do templo.

Coruchéu – Remate cônico, ou piramidal, que decora os telhados, geralmente colocado nas torres e campanários.

Cravejamento da telha – Consolidação das telhas com argamassa, para evitar escorregamento.

Cristado de chamas – Terminação com decoração em forma de chamas. A chama, assim como a concha, são temas da decoração estilo rococó.

Cunhal – Marcação do ângulo do edifício, por pilastra decorativa de argamassa ou pedra de cantaria.

Curral do conselho – Curral público para abrigar o gado destinado ao açougue da Câmara.

D

Degrau de convite – Degrau ou conjunto de degraus que dão acesso à escada propriamente dita. Geralmente têm maior dimensão e decoração, além de material diferenciado.

Desaprumo – Perda de prumo, desalinhamento vertical, falta de perpendicularidade.

Dossel – Qualquer cobertura situada a meia altura no interior de um cômodo. Em geral é colocado sobre um altar, um púlpito, uma cama ou trono real. Quando sustentado por colunas, chama-se baldaquino.

E

Eflorescência – Camada de sal cristalizado na superfície da alvenaria. A eflorescência ocorre quando o material contém sais solúveis, que são transportados pela umidade até à superfície da alvenaria. Ali, em contato com o ar, esses sais se cristalizam, formando a eflorescência e deteriorando a camada superficial do revestimento.

Emolduramento – Moldura, friso de acabamento em torno de um elemento arquitetônico (janela, porta, beiral, cunhal etc.).

Emplasto – Pasta consistente que se aplica sobre uma superfície, geralmente como veículo de um produto de limpeza.

Engastar – Prender, embutir, encaixar.

Entreassoalho – Pavimento intermediário, de pequeno pé direito, localizado entre o forro do térreo e o piso do primeiro andar. Muito comum nos sobrados de Cachoeira, e utilizado como depósito na época das enchentes.

Escaiole – Reboco decorativo, de acabamento liso e brilhante, geralmente com pigmentos e texturas marmorizadas. Típico do século XIX na Bahia. Também chamado escaiola ou escariole.

Escapulário – Usado sobre os ombros, consiste em duas peças de pano marrom, unidas entre si por fitas ou cordões. Um lado do pano traz a estampa de Nossa Senhora do Carmo, e o outro a do Sagrado Coração de Jesus, ou o emblema da Ordem do Carmo. Símbolo de consagração para os religiosos carmelitas, para os fiéis leigos é sinal de devoção e afeto à Senhora do Carmo. Às vezes substituído por uma medalha-escapulário, seu uso data da Idade Média.

Escariole – O mesmo que escaiole ou escaiola.

Espelho – Nome que recebe a face vertical do degrau. Sobre ela se apóia a face horizontal ou piso.

Espelho de água – Lago artificial de pequena profundidade.

Esteio – Peça vertical que sustenta uma estrutura. Também chamado escora ou pé-direito.

Estuque – Massa de revestimento que se torna dura e impermeável. O escaiole é um tipo de estuque. A palavra estuque é usada também para descrever uma parede com estrutura em entramado de madeira, sobre o qual a massa de revestimento é aplicada.

F

Fissura – Fenda, rachadura em elemento de alvenaria ou concreto.

Formalidades de estilo – Formalidades de costume.

Frechal –Viga de madeira que se apóia ao longo do topo de uma parede para distribuir a carga de outros elementos, como as peças do telhado.

Friso – Nome genérico que recebem as barras pintadas ou esculpidas em uma parede.

Frontal – Plano da frente de uma mesa de altar, geralmente decorado.

Frontão – Conjunto arquitetônico que adorna a parte superior de portas, janelas ou da entrada principal de edifícios. O frontão clássico é triangular. A parte lisa, compreendida entre as linhas do frontão, chama-se tímpano.

Frontispício – Parte da frente do edifício; frontaria, fachada.

Fungo – Organismo vegetal privado de clorofila.

G

Galeria – Corredor largo.

Galeria das tribunas – Corredor que se situa no pavimento superior de igreja. Abre-se para a nave por meio de janelas rasgadas com balcões, as chamadas tribunas.

Galilé – Área coberta, integrada à fachada da igreja, geralmente delimitada por colunas ou arcadas, formando uma varanda.

Grampear – Prender as telhas com grampos metálicos, para evitar que escorreguem ou sejam levantadas pelo vento.

Guarda-corpo – Proteção em volta de um ponto alto, como uma varanda, balcão, escada. O guarda-corpo pode ser uma parede, uma grade de madeira ou ferro, uma balaustrada etc.

H

Hospício – Hospedaria; casa religiosa que recebia viajantes e peregrinos. Hoje é quase um sinônimo de estabelecimento de caridade ou abrigo que recebe órfãos, velhos, loucos.

I

Imagem de roca – Imagem para ser levada em procissão. Para ficar mais leve, o corpo é feito a partir de uma estrutura de madeira vazada, coberta pela roupagem. Apenas o rosto e as mãos são trabalhados.

Imaginária – Conjunto de imagens de uma igreja ou de um determinado período.

Intemperismo – Ação das intempéries. Degradação ou desgaste sofrido pelos materiais que se acham expostos ao meio ambiente.

J

Jamba – Ombreira. Cada uma das duas partes verticais de que se compõe uma janela ou porta.

Janela de guilhotina – Janela com duas folhas que correm em trilhos, verticalmente, como uma guilhotina.

L

Lacuna – Vazio, falta. Diz-se da peça ou material que tem partes quebradas e faltando.

Lampadário – Nas igrejas, peça em prata lavrada e ricamente decorada.

Lavabo – Pia localizada na sacristia, utilizada para a lavagem das mãos e dos utensílios rituais. Geralmente são estruturas de pedra trabalhada com bacias em forma de concha.

Lençol freático – Massa de água retida entre duas camadas impermeáveis de terreno. Quando superficial, pode atingir as fundações dos edifícios, tornando-os úmidos e insalubres.

Lioz – Pedra calcária, tipo mármore, geralmente de origem portuguesa.

***Loggia* ou lójia –** Palavra italiana que descreve uma galeria em arcos; pórtico abobadado, galeria.

M

Mancal – Eixo de madeira, reforçado com ferro, sobre o qual se apóia um eixo de rotação. No caso de Cachoeira trata-se dos apoios do sino.

Marmorite – Massa feita com cimento e fragmentos de pedra, usada como revestimento de pisos. Também chamada granilite.

Massa arquitetônica – Volume da construção.

Mísula – Saliência que serve de apoio a uma peça de estrutura ou de decoração. Também chamada peanha ou mênsula por alguns autores contemporâneos.

Muro de arrimo – Alvenaria de contenção de um terreno.

N

Nave – Corpo de uma igreja. Espaço livre que vai da porta até ao altar-mor.

O

Óculo – Abertura arredondada – circular, oval ou lobulada – feita nas empenas ou frontões para iluminar e ventilar principalmente os desvãos do telhado.

Orago – Santo de devoção de uma igreja ou entronizado num altar secundário.

Outeiros – Pequenos montes.

P

Paginação – Ordem das páginas de um livro e, por extensão, disposição das peças de um piso, obedecendo a um desenho previamente definido.

Pano de cobertura – Cada uma das superfícies revestidas de telhas.

Paramento – Superfície visível de uma parede; fachada.

Pátina – Alteração/escurecimento das superfícies pela ação do tempo.

Pátio – Área descoberta no interior de uma construção; quintal murado.

Peitoril – Mesmo que parapeito. Peça horizontal que dá acabamento à parte inferior de uma janela. Local onde o peito se apóia ao debruçar.

Pendente – Cada um dos triângulos que fazem a concordância entre os cantos de uma sala quadrada e uma cobertura circular, abóbada ou cúpula. Elemento pendurado, conta. Por exemplo, os pendentes de cristal que compõem a franja de um lustre.

Perfilados *rocaille* – Delineamentos com formas em *rocaille*.

Pilastra – Pilar que tem uma das faces colada à construção.

Pináculo – A parte mais alta do edifício. Elemento decorativo colocado nas zonas altas da construção, coruchéu.

Pintura ilusionista – Pintura perspectivada que visa dar a sensação de profundidade ao espaço. Muito comum nos forros das naves das igrejas barrocas, geralmente utilizando elementos arquitetônicos para criar ilusão de altura maior.

Portada – Porta principal de grandes dimensões e geralmente decorada.

Posturas – Código de leis, então da alçada do Senado da Câmara, que ordenava a vida em comunidade nas vilas e cidades.

Predela – Base de sustentação ou espaço que marca a parte inferior de retábulos. Na Idade Média e Renascimento era ornada com pequenos quadros, numa tábua estreita, sob o tema principal, em geral ilustrando a vida da figura retratada na imagem maior.

Presidente da província – No Império era o cargo que equivalia ao de governador e capitão-general, no período colonial, e governador no regime republicano.

Programa – Conjunto das necessidades de espaço e função que o projeto de construção ou restauração deve atender.

Prospecção – Levantamento, verificação.

Púlpito – Balcão elevado, localizado em um ou nos dois lados da nave, de onde se procedia à pregação durante o ritual da missa.

R

Ramicelos – Pequenos ramos, ramalhetes.

Recalque – Desaprumo da fundação, devido ao rebaixamento ou deslizamento do terreno.

Requalificar – Retomar a qualidade. Recuperar uma edificação ou uma área urbana, restabelecendo a qualidade da estrutura física, do funcionamento e do ambiente.

Retábulo – Construção ornamental de pedra ou madeira que se eleva sobre o altar e que encerra geralmente quadro religioso ou painel; nicho e trono para a exposição de imagens.

Risco – Esboço, desenho, projeto.

***Rocaille* –** Termo francês usado para designar o estilo Luís XV, que se caracteriza pelas curvas caprichosas, folhagens e conchas de contornos barrocos, com elementos de rochas e aspectos da natureza. Normalmente está conjugada a uma tarja assimétrica.

S

Sacristia – Dependência que serve para a guarda de objetos litúrgicos e paramentos, geralmente situada nas proximidades da capela-mor. Na sacristia se localizam o arcaz e o lavabo.

Sais solúveis – Sais que se dissolvem facilmente em água e que são absorvidos pela porosidade do material das alvenarias. A evaporação da água provoca a cristalização do sal na superfície da parede, formando a eflorescência.

Sanefa – Elemento decorativo, aplicado transversalmente na parte superior dos vãos de portas ou janelas, arrematando e suportando cortinas ou reposteiros.

Sanefa de bicão – Ornamento rococó, seriado, em forma de pontas, rodeando toda a moldura do forro e das tribunas.

Silhar – Larga faixa decorativa. Recobre do rodapé até o meio da parede, e pode ser de pedra, azulejo, escaiole etc. Além da função decorativa, serve para proteger a parede.

Sobreforro – Camada de material impermeável – manta betuminosa, fibra de vidro etc. – instalada acima do forro, visando protegê-lo de infiltrações de chuva e de poeira.

Sobreporta – Área acima da porta. Verga.

Soco – Base da coluna, pedestal.

Soleira – Parte inferior do vão da porta, nivelada com o piso ou com elevação de poucos centímetros.

T

Talha – Madeira trabalhada, em alto relevo, podendo ser pintada e dourada.

Térmita – Inseto xilófago.

Termo da vila – Equivalia, na América portuguesa, ao território que ficava sob a sua jurisdição.

Terras "místicas" – Terras vizinhas, limítrofes.

Tesoura – Peça principal da estrutura do telhado, em forma de triângulo, que apóia as peças secundárias e o telhamento.

Tijoleira – Tijolo de grande dimensão e pequena espessura, geralmente utilizado para revestimento de pisos.

Tímpano – Trecho triangular de alvenaria, limitado pelos três lados do frontão.

Tocha – Facho, archote. Cabo longo com material inflamável na extremidade. Usado para iluminação.

Tocheiros – Suporte ou castiçal para conter uma tocha ou vela.

Toras – Peças de madeira de grande dimensão.

Trono – Trecho superior do retábulo, situado acima do altar, onde se colocava o Santíssimo Sacramento, e hoje a imagem principal do orago.

U

Umidade ascendente – Umidade proveniente da água do lençol freático, absorvida por capilaridade pelos materiais da alvenaria.

V

Vegetais superiores – Plantas e pequenas árvores, em oposição aos fungos, mofos e liquens, que proliferam nas paredes e telhados.

Vigararia – Território sob a jurisdição de um vigário.

Vinhático – Tipo de madeira muito usada desde o período colonial. Tem cor amarelada, fibras finas e talhe macio.

X

Xilófagos – Insetos que atacam a madeira.

Z

Zoomorfos – Em forma de animais.



FOREWORD

The purpose of this book is to register one of the most emblematic interventions that the Monumenta Program, conducted by IPHAN – National Institute of Historical and Artistic Heritage and MinC – Ministry of Culture, has promoted during its ten years of restoration activities beneffiting Brazilian cultural heritage. And there are several reasons that justify such register.

The first one concerns the restored monument's historical, architectural and artistic value. The Carmo Ensemble, built in the 18th century, is constituted by the Convent, the First Order and the church of the Third Order. The Ensemble, along with the Town Council and Jail, is in fact the most important urban space in the city of Cachoeira, state of Bahia.

The second reason why this register exists refers to the quality of the restoration efforts employed in this intervention, that was the greatest ever accomplished in the Ensemble. Inside the Carmo Church, contemporary carvings were removed from the main chapel, as well as the layers of white latex paint that covered the columns and niches of the lateral altars, so that the previously featured scagliola could be once again exposed. The ceilings of the nave and right lateral chapel, that were fragmented, were restored and reinstalled in their original spot, after an exhaustive research on ancient iconography that allowed for a jigsaw-puzzle re-assemblage work. As for the Third Order of Carmo, the paintings and missing parts of the integrated pieces were restored, such as, for instance, the mirrors' torch-bearing supports. Mirrored chandeliers, considered rare specimens, were completely recuperated.

Finally, the present register intended to prevent an information gap on this important collection, that was now returned to the population.

The construction, the successive interventions, the tragic wearing effects of time on the buildings and the artistic assets of the Carmo Ensemble, the administration issues: everything is laid down in detail here by the experienced historians that were dedicated to the task of presenting the public the results of their exhausting research.

The new functions bestowed on the Carmo Ensemble, proposed by Monumenta, are also worth mentioning – such as an event venue and the transfer of the Sacred Art Museum to the Convent Church –, as well as some initiatives of revitalization works in the city. The most interesting of which created in Cachoeira a school campus destined to the Recôncavo da Bahia Federal University, to be implemented by the Ministry of Education.

The systemic focus of the intervention promoted by Monumenta, as well as the proposals for usage of the restored monuments, seek to establish innovative paradigms to promote a sustainable preservation of the entire urban apparatus.

Luiz Fernando de Almeida
President of the National Institute of Historical and Artistic Heritage – IPHAN
National Coordinator of the Monumenta Program
November 2007



ENGLISH VERSION

INTRODUCTION - HISTORICAL CONTEXT

The Town of Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira

Located in the Recôncavo Baiano (*recôncavo* meaning "concavity") bay area in the state of Bahia, the city of Cachoeira (meaning "waterfall") embraces regions bathed by several rivers adjacent to the Baía de Todos os Santos (All Saints Bay), both along the coast and inland. The area features a varied landscape, with relatively low lands near the coast and also parts with higher ground, especially terraces that flank the valleys of rivers such as those alongside the Paraguaçu River. Cachoeira was founded on the margins of the navigable part of this river.

The occupation of lands near the Paraguaçu River – from its mouth to the waterfalls upstream – was by no means conducted peacefully. The effort was bloody and, for this reason, prolonged.

But beginning in 1553, during the Duarte da Costa government, residents in the area enjoyed some tranquility thanks to the victorious campaigns conducted by his son, D. Álvaro, against the natives. As a reward for the services he provided, in January 1557 King D. João III awarded D. Álvaro a grant for the land between the Paraguaçu and Jaguaripe rivers. Due to its size, this territory constituted a real province or captaincy (*capitania*), a status to which it was eventually raised in March 1566. D. Álvaro's successors later leased the land to other settlers.

The state of insecurity, however, continued until the arrival of the third governor, Mem de Sá. Fulfilling a plea for help from the settlers in the region, in 1558 he organized two campaigns. During the second, called the Paraguaçu War and conducted in September the following year under the command of the governor himself, it is said that seventy indigenous villages were set on fire.

As a result, the occupation process of the region began to develop with the first groups of settlers around Iguape. Gabriel Soares de Souza (1974, p. 77) writes about this occupation and details the lower Paraguaçu region, enumerating and describing the mills that existed there. Cachoeira concentrated on the cultivation of sugarcane for the production of sugar, the most valuable product in terms of business interests in the metropolis and the primary reason for its development. It is only natural, therefore, that its origins can be traced to a sugar mill farm. Gabriel Soares also described a mill which, according to some authors, was installed in the location where in the following century another one would come up, later leading to the settlement of Cachoeira.

In spite of many initiatives, until the middle of the 17th Century there was no peace in the region. In 1651, a royal letter nominated Gaspar Rodrigues Adorno as captain in charge of combating the natives that kept attacking the residents along the banks of the Paraguaçu River – especially the area closest to the coast –, destroying houses and crops. After a number of expeditions and as a reward for having pacified the natives, at least temporarily, this captain was given four leagues of land along both margins of the Paraguaçu River.

Gaspar's son, Captain João Rodrigues Adorno, settled at the site of Cachoeira in 1654, encouraging human occupation in the region thanks to the good relationship he maintained with the natives. In 1673 he rebuilt the small chapel of Nossa Senhora do Rosário (Our Lady of the Rosary) in the pioneering settlement, which construction dated to the end of the 16th Century. In 1674 he donated the chapel for the establishment of the parish of Cachoeira[1], and it became the mother church for the parish until the construction of the current minster, dedicated to Nossa Senhora da Ajuda (Our Lady of Help). In 1683 his castellated edifice was raised on new foundations to the right of this chapel, on a high point overlooking the town.

The construction of the Carmo (Carmel) Convent in the settlement began in 1688 on land belonging to Captain João Rodrigues Adorno and his wife, Úrsula de Azevedo, donated the previous year to the Order, then represented by Friar Manoel da Piedade.

By the end of the 17th Century the settlement was already sufficiently important to obtain the status of a town in the Captaincy of Bahia, as recommended in a 1693 royal letter to Governor-General D. Antônio Luís Coutinho da Câmara. Founded on September 27th of the same year, it took four years for the town of Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira to be officially installed in January 24th, 1698 by judge Estevão Ferraz de Campos[2]. With all due "formalities of style," the Town Council took office on the same day with the election of its members and the establishment of the new community's boundaries.

The Town of Cachoeira's territory covered a vast area of fertile land close to the rivers. Such was the case, for example, of the parish of Santiago de Iguape[3], which Vilhena[4] (1969, p. 484) mentioned as having no less than fourteen mills where "the best sugar in the Recôncavo Baiano" was made. In 1825 the same region was described by Arnizau (1998, p. 28) as the "new Eden or earthly paradise" that – according to the author – boasted twenty mills, besides farms and stills.

The closeness to rivers favored the town in various aspects: the water could be used as a source of energy for driving the mills, the courses transported sugarcane from the countryside to the mills, in addition to firewood and other inputs. And, most importantly, they allowed the sugar to quickly and economically reach its port of shipment near Salvador.

For these and other reasons, Cachoeira developed rapidly. Located near the mouth of the largest river emptying into the Recôncavo bay area along its navigable part, the city became an important point for contacts, arrivals, shipments and exchanges of goods between the coast and the inlands, and vice-versa.

The document or "term" instituting the new town council already contained important information on the urban guidelines that were proposed for the town, such as the placement of a provisional pillory on leveled ground[5] "bordering the sea port" (Celestino, 1937, p. 95) on the Paraguaçu River. The leveled ground, which was vacant, was to be transformed into a square for the use of the town's residents. The document also determined the site where the Town Council and Jail (Casa da Câmara e Cadeia) was to be built, and established various ordinances to be observed. The Council and Jail building was erected around 1700. After that, new equipment began to furnish the town.

In a deed dated April 21st, 1721, the same Adornos donated land to Friar Antonio Machado of Nossa Senhora de Belém (Our Lady of Bethlehem) for the founding of a hospital, completed in 1734. In 1756 its administration was transferred to the friars of the Order of São João de Deus (Saint John of God Order) from Lisbon, which is where the name Hospital de São João de Deus derives.

The Council and Jail was already in ruins by 1726, with a risk of collapsing; its reconstruction began three years later. Between 1740 and 1744, the Town Council was revived with the building of the wharf, but there is little information on the conclusion of these works. Documents reveal that the Council was responsible for paving the streets and conserving the paths and slopes – a constant concern –, besides the bridge over the Caquende and Pitanga streams, known as the Ponte Velha (Old Bridge). It concluded the new masonry pillory (with a stone column pedestal) and, on March 9th, 1754, expressed the need to build a bridge linking the town to the village of São Félix.

Traveling from Goiás to Salvador in October 1755, the viceroy of Brazil, the sixth Count of Arcos D. Marcos de Noronha, made his last stop in Cachoeira. To facilitate the arrival and departure of visitors, besides recommendations for good reception, he ordered that wharfs be built in Cachoeira and São Félix (according to the Auction Terms that described the works and services to be executed, their price, who they were awarded to and the conditions established). Upon his arrival in Cachoeira, the count found some of the works already completed.

Among the important works tendered during the period covered by the Auction Terms are the butchery (Casa do Açougue); the council corral (Curral do Conselho); drainage works to channel water from the hills through underground canals; works to finish the Town Council and Jail; and leveling of the ground facing the Council Square (Praça da Câmara), followed by the construction of a raised platform in front of the building, its respective access stairway and the *parvis* on top, paved with stone and lime. The erection of a a drinking fountain in the hospital square to supply water for the population was also commissioned, but perhaps due to insufficient funds and technical difficulties, the project was not concluded.

In 1792 Joaquim do Amorim Castro, a naturalist from Bahia and circuit judge for Cachoeira, dedicated a manuscript to the minister of the Navy, Martinho de Melo e Castro, in which he described the local tobacco culture and included a short report of the town at the end of the 18th Century (*apud* Smith, 1948), citing its main apparatuses: the wharf with a stone parapet that had been built by Captain João Rodrigues Adorno in 1712; the pillory[6]; the public square; the building of the old Council Senate; the ensemble of Carmelite buildings; the church of Nossa Senhora da Ajuda, the oldest and already mentioned first parochial seat for the town; and the mother church of Nossa Senhora do Rosário.

Another description from the same period comes from Vilhena (1969, p. 482), who emphasizes Cachoeira as being "more commercial" and, besides the buildings and apparatuses just mentioned, includes the chapels of Conceição do Monte, São Pedro (Saint Peter) and Amparo, the non-functioning drinking fountain and bridges over the Pitanga and Caquende rivers – Ponte Velha and Ponte Nova, the latter built between 1792 and 1817.

Most of these works were sponsored by the Council or the population. By the end of the 19th Century, the Manga wharf and bridge connecting Cachoeira and São Félix would be constructed with funds from other sources[7].

By the end of the 18th Century the Cachoeira Town Council was in a sufficiently sound financial situation to become a creditor. By order of Governor and Captain-General D. Fernando José de Portugal, in October 1796 it lent 40,000 *cruzados* to the City of Bahia: a loan which was never repaid, although it was demanded on various occasions. During the 19th Century, on the other hand, the financial situation of the council was always one of penury, with first the town and later the city depending on funds provided by the provincial government, usually scarce.

This occurred in spite of Cachoeira and its region also being a large producer of tobacco, the second-most important crop in Bahia after sugarcane. In fact, by the end of the 18th Century tobacco stood out not only as a product for export – to Lisbon, Porto, Gibraltar, Marseilles, Hamburg and Liverpool – but also as an exchange currency for acquiring slaves in Africa.

Before 1802 there were few exports other than rope tobacco. Manufacturing began to emerge in Bahia at the beginning of the 19th Century. The first of these was snuff, the so-called "black sand" produced by Frédéric Meron from Switzerland. During the second half of the century the first cigar factories were opened. But being almost an extension of the original export activity, the manufacturers were generally owned by the same exporting group, usually Germans[8]. This production system remained intact until the 20th Century, with prominence today for the city of São Félix. Moraes (1866, p. 82) informs that ten tobacco warehouses and five cigar factories once existed in Cachoeira.

Alimentary agriculture was also practiced in the Recôncavo Baiano area, with the production of perishable goods such as fruit, greens and legumes and non-perishable products such as dried beans, corn and, especially, manioc flour.

Besides featuring a vast productive region for sugarcane, tobacco and alimentary goods, Cachoeira's major differential in relation to the other cities, towns and villages in the bay area was its location. This allowed it to develop into a supply station for goods from Salvador to the inlands and a place for gathering and shipping to Salvador food and export products originating from the region and the state's inlands.

In this respect, a good summary of the importance of Cachoeira was provided by the requisition that the Council sent to the eighth Count of Arcos on November 6th, 1816, asking his administration and D. João VI to build a bridge between Cachoeira and São Félix, justifying its need as follows:

The Town of Cachoeira (...) is the fixed point where a large part of the goods exported by the Captaincy of Bahia are deposited. Tobacco farming is almost restricted to this district, and there is little that does not come here to be stored and transported to Bahia. The cotton from Minas Novas, Caetité, and the High and Low Hinterlands [the province's inlands] all arrive at this point of shipment, and the sugar mills that are established and each year appear in these areas have already resulted in a large number of crates of sugar being shipped from this port; in addition, the volume of rawhide currently exported to the market of this city has also increased. All those goods, those which arrive here to be deposited for export and those that are unloaded here from Bahia, as much for local consumption as to supply the fields, inlands and mines, have made this town grow to a such point of consideration that it would not be easy to find another in the entire kingdom of Brazil that equals it in trade, wealth and population (Arquivo Nacional, documentation, 1810-1818).

Years later, Arnizau (1998, p. 30-31) confirmed this vocation for Cachoeira, citing the caravans from "diverse mines, Caetité and Rio das Contas that, besides carrying all edible goods for the mines, also bring a great quantity of cotton, sole leather, salted and cured leather, powdered gold and gold in bars, besides horses and cattle."

All this was transported in wagons, on the backs of mules or donkeys, in sailboats, canoes, barges or rafts. Shipping vessels, from the safest to the most precarious, were used to transport people and goods along the fluvial-maritime route. One of the reasons why the Council had already requested the construction of a bridge between Cachoeira and São Félix in 1816 was to avoid the disasters that occurred when canoes overturned, especially in times of flooding, with losses of lives and goods.

Around this time General Felisberto Caldeira Brandt, the Marquis of Barbacena, imported an engine from England that was adapted to a boat. On October 4th, 1819, the steamship accomplished its first trip to Cachoeira, carrying aboard the Governor Count of Palma, the marquis and his partners, but it was never more than an experiment.

As its very name indicates, Cachoeira (waterfall) lies near the point where the river descends abruptly to the area adjacent to the coast. It was – and is – a low site, but not flat. It is also narrow, squeezed in between river and mountain and limited by the Timborá Mountains extending to the north and the slopes of Capoeiruçu and

Caquende. The slopes of Belém, Capoeiruçu and Muritiba required constant and necessary attention, which was not always adequately provided due to shortage of resources, even after having been paved with stones beginning in the 1740s[9].

The Heroic City of Cachoeira

In 1826 a representation of Cachoeira residents requested the elevation of the town to the status of a city. One of the requirements – placed by Emperor D. Pedro I – was to transform the São João de Deus hospital into a Santa Casa de Misericórdia (Holy House of Mercy), with all the privileges and prerogatives of other institutions of the kind. According to information from Moraes (1866), Cachoeira was not the best of places since, besides the lack of a drinking fountain to supply potable water to the town, its public lighting (using olive oil) was terrible. The streets, sinuous and badly paved, retained rainwater and garbage in their manholes.

The town's citizens would have to wait until 1837, when Provincial Law Nº. 47 elevated the town of Cachoeira – already instated as a municipality – to the category of a city, with the title Heroic. The city received this title due to its role as a stage for patriotic struggles. It hosted the provisional government of Bahia and was the seat of command for the Brazilian resistance during the War of Independence, for example. Although independence was proclaimed in São Paulo on September 7th, 1822, it was only effectively consolidated after the liberation of Bahia from the Portuguese on July 2nd, 1823[10].

In the same year it became a city, Cachoeira once again held the seat of the provincial government. In Salvador, Francisco Sabino Álvares da Rocha Vieira proclaimed the "Bahian Republic" in a victorious revolt that was known as the "Sabinada." The new president of the province, Antonio Pereira Barreto Pedroso, took office in Cachoeira in 1837, where he remained until the end of November, at which time he left for Pirajá to begin the campaign to retake Salvador, occurring the following year.

Despite everything, between the years 1805 and 1846 and organized into fraternities of whites, blacks and mulattos, the Cachoeira population never ceased contributing to the construction of new religious temples or the revitalization of others, such as the churches of Nossa Senhora da Ajuda and Nossa Senhora do Amparo (Our Lady of Support) and the chapels of Nossa Senhora do Rosário do Santíssimo Coração de Maria (Our Lady of the Rosary of the Sacred Heart of Mary) and Nossa Senhora da Conceição do Monte (Our Lady of the Conception from the Mount).

Nevertheless, in terms of civil construction, the state of penury persisted. In April 1831, in response to an official letter from the provincial president Luís Paulo de Araújo Basto demanding that the jail be in a condition to receive criminals, the Council informed that the building was completely ruined and that there were not enough funds for the construction of a new one. The same document (Presidência da Província, 1831), attached to reports made in 1829 and 1830 by the commission designated to visit prisons, dungeons and public charity establishments, identified the precarious state of the building in terms of security and integrity. It also informed that the dungeon of the jail at the Carmo Convent, which served as a prison for the Second Line Military Detachment, was "very terrible"; and that the hospital – the only public charity establishment – lacked space and hygiene, problems that its administrators said could not be resolved due to a shortage of funds[11].

Besides the said vicissitudes, it is necessary to mention the flooding of the Paraguaçu River, which devastated Cachoeira and São Félix at various times. The expansion of the town therefore took place in a direction away from the river. And its religious monuments – such as the ensemble including Carmo, the churches of Ajuda, Conceição do Monte and Amparo – were erected on high points, probably not only to express the Baroque spirit that guided these religious constructions but also to secure them from inundation.

In 1792 Cachoeira suffered from a major flood with the waters of the Paraguaçu reaching the height of the first three steps of the Council building. In 1839 there was another deluge and the waters once again inundated the streets of Cachoeira and São Félix. But the occurrence that remained in the memory of the city as "the big flood" began on December 19th of the same year and lasted until January 1st, 1840, with the water reaching points never before attained. In the mother church, the high altar barely escaped destruction. The flooding also reached the churches of the Convent and the Third Order of Carmo, which, according to the Council, were in a terrible state. Moreover, the water covered the houses along both margins of the river. Over a hundred collapsed. The urban section of Conceição do Monte ended up isolated.

In a long report dated January 14th, 1840, the president of the province, Thomaz Xavier Garcia de Almeida, inquired about the delay in the measures. The Council not only offered an explanation, alleging the absolute impossibility of uniting its members, as it provided information about the calamity that had befallen Cachoeira and São Félix and

which "caused so much ruin and loss to so many individuals that they could never be well calculated... The state in which this city is to be found is the most deplorable..." (PRESIDÊNCIA DA PROVÍNCIA, 1841).

During the final phase of the flood the provincial government sent an engineer, Carlos Augusto Weyll, to Cachoeira to make a diagnosis of the situation and propose solutions. He suggested the construction of a 6.6-meter-high dyke above the wharf, two dams to capture rainwater and an aqueduct to drain the Pitanga and Caquende streams, which also overflowed. The solutions proposed aimed at resolving the problem in Cachoeira, because for São Félix they would involve heavy expenditures. However, neither the provincial government nor the Cachoeira Council possessed the funds to cope with the cost. Execution of the works was never even attempted.

In 1844 there was a minor flood. Without much success, the Council asked the president of the province, Counselor Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos, for authorization to make the necessary outlays to avoid the health of the population becoming affected by the "putrid stench" generated by the garbage and grime left by the overflowed Paraguaçu. This situation would often be repeated and flooding continued well into the 20th Century, with the most calamitous events occurring in 1960, 1963-1964, 1969 and 1980[12].

The city's very apparatus – or its absence – contributed to these floods. Even by the year 1853, the city needed a wharf.

"[the fact of] this City being placed on a margin of the Paraguassú River, an extremely swampy place with just a few short wharves in front yet to be completed. Along this great extension are some extraordinarily large trunks that [...] affect the public salubrity, descrying rheumatic fever, bronchitis, and other infections that are undoubtedly caused by these marshes, endemic of this City and contributing to the appearance of yellow fever, this terrible scourge that although sporadic, currently reigns in this City." (LIVRO DE CORRESPONDÊNCIA, 1853)

The requested work was begun in 1856 during the government of President Álvaro Tibério Moncorvo e Lima, but it was never completed. A predicament such as this provoked the emergence of diseases.

In 1850 an epidemic of yellow fever reached the city, lasting three years. Like the yellow fever, another major scourge also afflicted Salvador: *cholera morbus* ("*cholera*"). And in August 1855 it reached Cachoeira. The devastation caused by the disease is one of the most terrible chapters in the history of Bahia, but particularly the history of Cachoeira. It has been calculated that in the city alone – whose population at that time was about 15,000 – 3,000 deaths occurred.[13] In October the initial strength of the epidemic began to ebb and the people who had abandoned the city, spreading the disease outside it, started returning.

The cholera epidemic revealed to the public administration the need to resolve the problem of burials, which until then had been made inside or nearby the churches. As a result of the yellow fever a provincial law was passed that prohibited burials inside the temples, but it was never obeyed: on the one hand, due to the lack of public cemeteries; and the other, resistance from religious fraternities and brotherhoods to cease a practice that guaranteed them income and affiliates. The latter, also attached to tradition, resisted in turning away from places deemed "sacred" to dig their graves. In 1855 a new provincial law was promulgated that required the construction of public cemeteries.

At the end of 1855 the Council met with the president of the province, João Maurício Wanderley, explaining that the city continued to be victimized by the cholera epidemic and attributed this fact to the lack of cemeteries, according to the hygienic precepts imposed at that time. They requested the construction of a cemetery on land which had already been made available. In October the same year land was blessed for a cemetery dedicated to victims of the disease, located in an area where later the Santa Casa de Misericórdia cemetery was built.

In 1857 a commission was nominated to begin construction of a municipal cemetery, for which a plan had already been developed. Once again, due to lack of funds, the work was not accomplished.

Only in 1864 was the foundation stone laid for the Irmandade do Rosário[14] cemetery in Monte Formoso. This occurred just after the brotherhood gained a dispute which it had waged since the previous year against the idea of the Council building a public cemetery around its chapel. In 1881 Cachoeira still did not have a public municipal cemetery. The Santa Casa de Misericórdia cemetery – the most important in the city – was officially inaugurated in 1868, but only began fully functioning in 1890.

With the idea of controlling food sales, generally conducted in the streets of the city, and for hygiene, the Council approved a proposal – already presented in 1856 by a private association – to build a proper market in the Manga square along the banks of the river, near the new wharf. It was to be executed by means of a contract approved by the Provincial Assembly.

One of the articles of the contract stated that use of the market would be regulated by municipal ordinances,

attending to the interests of the two parts and stipulating that the "market square" space would be exclusive for the sale of everything that was previously sold on the streets, squares and alleys of the city, including under its arches. But due to the force of tradition and habit, the old customs ended up prevailing. The market was opened to the public on October 1st, 1858, but neither the ordinances nor the police – summoned by the Council to enforce execution – were capable of overcoming the resistance of the people to making the building their center of trade for cereals, fruits and vegetables. As testified Moraes (1866, p. 82), the building "currently serves as a hostel for many vagabonds and prostitutes who live there in the vilest immorality, and is constantly used for illicit games." The building was demolished at the end of the century and a railway station was constructed in its place.

In the same year as the inauguration of the market building, a company was founded to build a theater at the top of Conceição do Monte. Miscalculations of the cost of such enterprise frustrated the initiative, and the building never advanced beyond its foundations. Yet another failed project... A theater in Cachoeira was justified due to the importance of the city; many theatrical companies went there directly, often even before passing through Salvador.

After this period a series of factors contributed to the decline of sugar production in the Recôncavo bay area and, by extension, Bahia. A decrease in the volume of labor caused by the suspension of slave traffic was just one element added to other influences, such as a drop in the commodity's prices. By using sugarcane pulp to heat the kettles and therefore save on firewood expenses, mill owners made an effort to increase production while reducing costs. Many traveled to Europe to learn about technical and scientific innovations[15] or to seek new varieties of sugarcane imported from the Mauritian Islands. In the 1860s, however, there was a shortage of slaves, scarce credit and no highways.

In an attempt to establish a division of labor between farming and industry, in 1880 several central sugar mills began to operate, also changing labor relations in the manufacturing segment. In the traditional mills and on the farmlands, most of the work was conducted by slaves, while skilled free labor was used on modern central mills. The low productivity of servile labor, however, with a consequent irregularity in the supply of raw materials, led the central mills to extend their activities to farming – subverting the reason why they were initially created and ruining the old mills by the end of the 1880s. Large plants installed in the end of the century were not able to rehabilitate the sugarcane economy in the region and finally, after the abolition of slavery, production in the Recôncavo area began to irrevocably retract.

Among the needs of the municipality, presented in the above mentioned official letter to the president of the province in March 1876, the Council cited public lighting for Cachoeira and São Félix, explaining that the system currently in use – based on kerosene gas in spouted lamps – was insufficient, as much due to the weak light produced by the fuel as for the low number of lanterns in the streets. By 1878 various contracts had been issued by the municipality for public lighting services in Cachoeira and São Félix. Electric lighting arrived in the region in the 20th Century.

And the need for works on the slopes of Muritiba and Capoeiruçu – which were in a terrible state – continued to be cited in the Council's correspondences, as was the continuation of works on the wharf.

Dating from the 19th Century there are descriptions of Cachoeira presented in the work of Durval Vieira de Aguiar (1888)[16] stating that all the streets in the city were paved. Beautiful buildings – the majority of them with two or more stories – could be found on two of the most important streets, Matriz and Pasto. The city benefited from public lighting, good hotels, excellent philharmonics, printing presses[17], doctors and three pharmacies, not to mention literary and charitable societies. However, it did not have a theater because it had been turned into a butchery, forcing traveling companies to present their plays in tobacco warehouses. The great innovation featured in the description, which definitively marked the landscape of Cachoeira, was the metallic bridge linking Cachoeira to São Félix – an old aspiration of the people and the public authorities –, initiated at the beginning of 1882 and completed in June 1885.

As mentioned before, in 1819 the Marquis of Barbacena inaugurated the Steam Era in Brazil, but only in 1858 was the Companhia Bahiana de Navegação a Vapor (Bahia Steam Navigation Company) created, which, by the end of the century, conducted three trips a day between Salvador and Cachoeira, stopping in Maragogipe and other ports in the Todos Os Santos bay. New means of transportation inspired on European and North American models were also sought.

In September of 1850 a request from the Cachoeira Town Council to build a railroad from the city to the inlands of the region was made to the provincial government. However, the appeal was only approved on June 16th, 1865 when a General Law of the Empire authorized a railroad concession departing from Cachoeira or São Félix to the diamond-producing areas, with an extension to Feira de Santana.

The following year a contract was signed authorizing John Charles Morgan to construct the railroad, a concession which was transferred one year later to the Paraguassu Steam Transroad Company Limited. Studies for the main line from Cachoeira to Chapada Diamantina were subsequently approved, in addition to the definitive project for a bridge over Paraguaçu River.

With the bankruptcy of the company in 1869 after having built twenty-five kilometers of the extension to Feira de Santana, the works were only resumed in 1874 by Companhia Central da Bahia – Imperial Central Railway Company Limited –, organized in London through long-term treaties between English entrepreneurs and representatives of the provincial and imperial governments.

The new company was given two years to build the extension to Feira de Santana and the bridge between Cachoeira and São Félix. With the finalization of the works on the Capoeiruçu tunnel and the Batedor viaduct on December 2nd, 1876, traffic along that extension was officially inaugurated under the presidency of Counselor Luiz Antônio da Silva Nunes.

Train stations were still lacking, not to mention the bridge, which had its foundation stone placed on December 22nd, 1881 in the Manga square in Cachoeira. The project was managed by engineer Frederico Merei and supervised by Affonso Glycerio da Cunha Maciel, another engineer. The latter, in fact, was the author of *Memoria Descriptiva* (Maciel, 1960), which relates the works in thorough detail, providing a description of the processes, a list of the materials used and conveying an idea of the importance of the project – without a doubt notable for its time. Finally, on July 7th, 1885, under Esperidião Eloy de Barros Pimentel as president of the province, the D. Pedro II Bridge was inaugurated. Divided into four spans measuring 355.64 meters in length and 9.13 meters wide, the emperor granted a request from the company to place the Imperial Arms on the bridge's keystone.

The Cachoeira railroad not only confirmed the city's importance as it recognized the role it played in facilitating the large volume of commerce brought about by the discovery of diamonds in Chapada Diamantina.

At the beginning of the 20th Century the Paraguaçu River once again became the object of studies, this time to evaluate the possibility of installing a hydroelectric power station by taking advantage of one of its waterfalls. To choose the best place for the plant, the engineer Américo Furtado Simas was hired by Guinle e Companhia, which had acquired several plots of land near the Macela and Gameleira falls.

The studies suggested that Cachoeira de Bananeiras, some kilometers upstream from Cachoeira and São Félix, would be the best location, also because it was close to Salvador. The works began in 1907 but the initial stage was only concluded in 1920, since restrictions imposed by the First World War hindered the effort, which had been simplified to ensure a faster supply of energy for São Félix and Cachoeira.

At that same time, the technical staff of Cachoeira and São Félix – together with the participation of human resources from Companhia Brasileira de Energia Elétrica (Brazilian Electric Power Company) – successfully installed a water-supply service for the two urban centers.

Stock control of Companhia Brasileira de Energia Elétrica, to which Guinle had transferred the concession in 1909, was eventually passed on to an American company, that resumed the construction of the dam in 1929 and concluded the works in 1931.

During the first half of the 1980s, the Pedra do Cavalo Dam was built forty kilometers from the mouth of the Paraguaçu River and four kilometers upstream from Cachoeira and São Félix. Its initial purpose was to control flooding, but today it is also used to supply water to the urban centers and industrial hubs of the Paraguaçu Valley and the metropolitan area of Salvador. The original plan foresaw its expansion into a hydroelectric power station, with an auction to build the plant that later was won by construction giant Votorantim. Announcement of the works was made on September 30th, 2003, with a deadline of two years for operating the turbines – slated to generate energy not only for the state of Bahia, but the entire northeast of Brazil. Nevertheless, as with all public works in Cachoeira, it has yet to be implemented.

The Twilight of Cachoeira

At first, the railroad had an important role in expanding and maintaining the ray of influence exercised by Cachoeira. Generally speaking, it was expected that the railroad would serve centers that were somehow already important, not only because of their ports but also their production and, consequently, population. However, when they were eventually linked to Salvador by railroad, their ports ceased to be relevant. This is what happened with Cachoeira. Goods no longer needed to be distributed from there.

Cachoeira was a supply station and residence for farmers and merchants. A true metropolis in the Recôncavo area. Local production constituted largely of exported goods, often financed by merchants from Salvador. In losing its connective role with the Bahian capital, Cachoeira also lost its role as a contact point with the inlands.

But the decisive factor for its decline in importance – such as the other cities in the Recôncavo area – was the development of highways and the use of trucks as a means of transportation. With the opening of paved roads to the inlands – especially the conclusion of the BR-05 and BA-324 highways –, the commercial and alimentary agriculture traditionally practiced in the Recôncavo area opted for quicker modes of transportation and ready delivery. And the role that the fluvial-maritime ports of the Recôncavo area had exercised for almost four centuries was now fulfilled by Feira de Santana, a crossroads for highways in the semi-arid inlands. "The Recôncavo area turned its glance to the inside, communicating with Salvador by land" (Santos apud Brandão, 1998, p. 85).

This new reality started setting in the 1940s, when previously existing factors of decadence deteriorated with the appearance of others, such as the overlapping of highways with old routes and railroads and their interlinking to create networks. There was, in addition, the decline of sugar and tobacco production. And, finally, there was the increase in consumption in Salvador due to the growth of its population and a higher standard of living, which required a larger amount and greater variety of goods.

At the end of the 1940s oil exploration began in the Recôncavo area, but the activities of the federal oil company, Petrobras – created in October 1953 –, were in no way uniform in the region. While the company heavily prospected the rich clay (*massapê*) in the north of the state, it ignored the high and low Recôncavo areas, profoundly affecting the old sugarcane center. In 1950 the first stage of the Landulfo Alves Refinery was concluded in Mataripe in the municipality of São Francisco do Conde, and in 1957 a marine terminal was installed in Madre de Deus in the Todos Os Santos Bay.

Home for the new working class in the region and base of operations for companies hired by Petrobras, the village of Candeias and the town of São Francisco do Conde – one of the urban centers of the sugarcane complex north of Todos Os Santos Bay – both grew very quickly in a short period of time. Life in Santo Amaro, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé and Candeias has been deeply transformed by the impact of oil exploration, extraction and refining, not to mention camps for technicians and workers.

It cannot be disputed that Petrobras has stimulated economic processes and generated enormous transformations in the local highway system, the job and real estate markets and banking system. But all this dynamism circumvented the sugar complex and, in spite of its gigantic structure, the company "created a new and relatively closed world that proved unable to revitalize the region as a whole, and so the cities of Santo Amaro, São Félix, Cachoeira and Nazaré," together with the circuit of old homes and churches, continue to die (Brandão, 1998, p. 45).

In addition to Petrobras, the Industrial Center of Aratu (CIA) – created and sponsored by the Bahia state government in the 1960s with incentives from Sudene – and the Petrochemical Hub at Camaçari (Copec), created by the federal government the following decade – have both had a much greater impact on the financial and consumption universe in Salvador than in their respective operational areas. Since they involve industrialization processes financed by capital originating outside the region and not through development of local accumulation, the economy of the old Recôncavo area has been marginalized.

But at the beginning of this 21st Century an initiative came from Salvador seeking to reestablish this bond and, perhaps, give the Recôncavo area what was originally theirs. A movement has begun at the Federal University of Bahia to create a university in the region, based on the Agronomic School of Cruz das Almas. Law Nº. 11.151 of July 29th, 2005 created the Bahia Federal University in the Recôncavo by means of a dismemberment of the already mentioned Federal University of Bahia School of Agronomy, with its main campus in the city of Cruz das Almas – and units also installed in the municipalities of Amargosa, Cachoeira and Santo Antônio de Jesus. It will be an agency with administrative, patrimonial, financial and didactic-pedagogic autonomy under the terms of the law and its statute (www.ufrb.edu.br.).

Bearing in mind the historic importance of Cachoeira and its architectural heritage, the academic unit to be installed there will offer courses in History, Museology and Communications.

The decision to establish a campus at the Recôncavo by Bahia Federal University in Cachoeira is based on the importance of its artistic and cultural heritage and the certainty that a process of mutual stimulation will thus unfold. And as much the city as the university will have greater visibility. It is hoped that in attracting students, teachers and employees, the institution will provide a new atmosphere of cultural and also economic effervescence, with resulting growth in trade, real estate and services, as well as the revitalization of tourism in Cachoeira.

NOTES

1 – Formerly affiliated with the Santiago de Iguape parish.

2 – An external justice-of-the-peace with special powers that included the formal creation of towns.

3 – It was a landowner from Iguape, Manoel de Lima Pereira, who introduced the more resistant *caiana* variety of sugar cane in Bahia.

4 – Luís dos Santos Vilhena was a Greek teacher in Salvador who wrote about Bahia at the end of the 18th Century and the beginning of 19th Century, addressing his chronicles to an imaginary friend.

5 – Contrary to what has been noted, a pillory was the foundation mark of towns or cities and indicated that justice existed in that place, since in addition to legislative and executive functions, the Council Senate also performed judiciary duties up to a certain amount of money (6:000$00 réis). It had jurisdiction over processes that are today decided by small-claims courts.

6 – Destroyed after Independence.

7 – The wharf, undertaken by the provincial government and concluded in 1897; and the bridge, completed in July 1885 by the Estrada de Ferro Central railroad company.

8 – Between 1850 and 1890 there are references to various snuff, cigar and cigarette manufacturers.

9 – The *Relatorios* e *Fallas dos Presidentes da Província* offer testimony that these slopes required the attention of the provincial government on a number of occasions during the 19th Century, especially in the 1850s under the presidencies of João Maurício Wanderley (1855) and Álvaro Tibério Moncorvo e Lima (1856).

10 – This civic date is commemorated until today, featuring parades with the presence of a *caboclo* (male mestizo) united with a *cabocla* (female mestizo). As much in Salvador as in Cachoeira, homage is paid on July 2nd every year to images representing these symbolic figures of the Independence of Bahia.

11 – This phase corresponded to the period when Cachoeira became the provisional seat of the Bahia government due to the blockade of the Todos os Santos Bay as a result of Portuguese resistance to the War of Independence.

12 – Over the past decade the Pedra do Cavalo Dam was built to prevent these floods, among other things. The IPHAN archive in Rio de Janeiro possesses photos that testify to the damage caused to the historic monuments in the city.

13 – In the district there were 8,500 deaths and in the province of Bahia, 29,600.

14 – This church and cemetery were also the target of intervention by the Monumenta Program during the same period in which the Carmo ensemble was restored.

15 – With the influence of research in the agrarian and husbandry sciences, the Bahia Imperial Institute of Agriculture was created on November 1st, 1859 – installed in São Bento das Lages near Santo Amaro and São Francisco do Conde in the former Benedictine monastery of Nossa Senhora das Brotas. Its activities ended in 1904 and the state government fully assumed the center under the name of the Agricultural Institute, which then closed in 1911; its heritage was passed on to the federal government. In 1920, the state government once again resumed management of the institution through the State Agriculture Secretariat and reestablished the course in Agronomy. This course continues until today at Cruz das Almas and, beginning in 1970, has been linked to the Federal University of Bahia. (DECISA - Escola de Agronomia/UFBA. Available on the site http://www.decisa.ufba.br/histórico.html. Access on 07/20/2007.)

16 – The author's optimistic description, as with the rest about Bahia, was made to attract European and Asian workers to the imperial program for colonizing various parts of Brazil.

17 – The first newspaper in Cachoeira, *Daguerreotipo*, appeared in 1817, followed by *Independente Constitucional* in 1825. Much later *A Ordem* (1870) and *O Guarani*.

THE CARMO CONVENT AND CHURCH

At the end of the 17th century and still as a village, Cachoeira was favored with yet another Marian devotion. The cult of the Virgin of Carmel (*Carmo*, in Portuguese) began integrating the religious life of those who inhabited the blossoming town of Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira do Paraguaçu. The phenomenon was part of the expansion of religious orders that arrived in Brazil during the first century of colonization. After the Jesuits and Benedictines, Carmelites came to Bahia in 1586, establishing themselves at a distance from the population in Monte Calvário, where they erected a monastery on donated land.

The Carmelite order arrived in Pernambuco in 1580. Eight years later, monasteries were already being built in the cities of Bahia[1], Rio de Janeiro and Santos. A vicariate for the order was duly constituted, with its head or main monastery located in Olinda, the result of a chapter resolution celebrated in 1595 at the Carmo Convent in Lisbon.

During the Dutch period in Pernambuco (1630-1654), the clerics in the Olinda monastery were forced to take refuge in the Bahia monastery, only returning to their former status – as head of the Provincial Vicariate of Brazil – after the Pernambuco restoration in 1654.

A papal document in 1686 divided the vicariate in two provinces, one of which, in Bahia, covering all the religious institutions in that captaincy and those in Pernambuco and Paraíba. The other, located in Rio de Janeiro, included all the monasteries of that diocese.

As soon as he was nominated provincial vicar for Bahia and Pernambuco, Master Friar Manoel da Assunção sent a representative of the Carmelite order to Cachoeira, a supply station in the inlands. The new order was welcomed by the Adorno family. Captain João Rodrigues Adorno and his wife Úrsula de Azevedo donated "a land site" in the center of the village "at the foot of the slope behind the houses of Francisco Lopes" with the purpose of establishing on the said land "a hospice or place of respite for the missionaries who walk about confessing and preaching around the hinterland districts so as to rely on a place to rest when they retreat to their missions..." (ACBH, Memória, doc. 15.136). Initiated on March 14th, 1688 by Friar Manuel da Piedade, the works appear to have been completed in 1692.

Only in 1720 – through a *Sacrosanctum* bull dated April 22nd and issued by Pope Clement XI – was the Carmelite Order of Brazil separated from the province of Portugal, resulting in the autonomy of the vicariates of Bahia and Rio de Janeiro (Pereira, 1976, p. 26-29).

Chronicles attest that at the end of the 1600s the community counted on the presence of six active clerics dedicated to the Cachoeira population and the evangelization of the natives. Traveling long distances to bring the Christian doctrine to the heathens and employing the same methods used by other orders on a substantial number of natives, the friars decided to found a settlement with a hospice which they called *Capoeirossú*. This effort was not completely recognized by the governor and captain-general at the time, Antônio Luiz Gonzaga da Câmara Coutinho, because, among other things, in a letter sent to the metropolis in July 1692 referring to the Cachoeira hospice of Nossa Senhora do Carmo, he said: "When I assumed this Government I found it already completed; there are between four and six clerics attending there. I do not know if they have any mission in that part: the usefulness they might have is in finding some confessor there who might look to their Church" (Calderón, 1976, p. 13).

Scattered information on the old monastery speaks of the existence of a church annexed to it. According to a report from Friar Agostinho de Santa Maria in the second decade of the 17th Century, this church featured on its high altar a wooden image of Nossa Senhora do Carmo (Our Lady of Carmel) of considerable stature, "perfectly upholstered in brown." And in the collateral chapel alongside the gospel was an image in wood of Nossa Senhora da Conceição (Our Lady of the Conception) with a rich mantle and a silver crown on her head. The other collateral chapel sheltered two wooden sculptures. The first, invoking Nossa Senhora da Luz (Our Lady of the Light) with a silver crown on her head, carried Child Jesus in her left arm. The other image, said the same source, had been put there for "black devotees" and invoked Nossa Senhora da Salvação (Our Lady of Salvation) (Calderón, 1976, p. 14).

It did not take long before it was evident that the place where the Carmelite monastery had been built was inconvenient. To remedy the difficulties, the primitive construction was demolished and a new church was then built on lower and more accessible land.

For their part, the friars were able to convince the Cachoeira population to make contributions to build the new house. They also fell back on another expedient: selling chapels and burial space. The new monastery included the necessary facilities, among them nine cells, two halls, a mess hall/kitchen and catacombs.

Nevertheless, neither the authorship of the project nor the beginning of the works can be established, given the absence of documents repeatedly pointed out by specialists on the Carmo of Cachoeira ensemble.

Church under construction

The façade

The pompous, splendorous and luxurious Baroque aesthetics that prevailed in Bahian architecture during the colonial period shared its status with the rococo shapes that appeared in the second half of the 18th Century. The ornamental profusion of Baroque architecture, that transformed a building into a true sculptural monument, saw the permanence of curves, although softened. This tendency has led art historians to label the frontispiece of the Carmo de Cachoeira church as rococo, since it follows the standard model of horizontal division in three superimposed modules, each with its specific partitions (Casimiro, 1996, p. 144).

Settled at the top of a small flight of stone steps, the ground floor features a wide-arched narthex. The second story – corresponding to the upper floor – features six guillotine windows (these already from the 1800s) that maintain the rhythm and symmetry of the arcades on the ground floor. About them, Robert Smith (*apud* Calderón, 1976, p. 16) says: "The façade of the Church of Nossa Senhora do Carmo has cornices in the windows with shapes overlaid by a *rocaille* composition in stucco, finished with vases and frontal decorations in curves that are evidently rococo style." Finally, the pediment – flanked by a shell-shaped bas-relief, following the gracious lines of rococo – is divided into three sections, the central one being the highest. To the right, behind the façade, a prominent bulb-shaped tower rises over the cupola.

Referring to the church of the Carmelite monastery in Cachoeira, Germain Bazin (1956, p. 174) affirmed: "… we have a dated temple, its façade bears the inscribed date of 1773." Continuing his analysis, he points out the pediment: "Crested with flames, it reflects the Chinese influence so perceptible in Portuguese rococo. *Torchères* substitute the gablets, such as those at Rosário dos Pretos de Salvador."

During the priorship of Friar Antônio de Belém Lemos from 1752 to 1759, "a notable work most crucial to the monastery [was accomplished]," reason why the prior was reelected in 1755. It is not known what work that would be, but Carlos Ott, in another one of his hypotheses, believes it to be the construction of the church, which, according to Bazin, would only be ready in 1773.

The body of the church

The internal plane is spacious, composed of a single nave with side corridors, superposed by tribunes according to the dictates of the Counter-Reformation: the churches were to have a single nave so that all could see the high altar and the celebration of the mass. Lighting came from the windows of the choir. The chancel is deep, diverging from the shallower standard generally found in monastery churches (Bazin, 1956, p. 177). Two doors open on each side of the altar and another two appear in the side walls of the lower plane.

The image of Nossa Senhora do Monte do Carmo (Our Lady of Mount Carmel) was in the center of the chancel, flanked by two Carmelite saints: Elijah and Elisha. Pictures framed with figures linked to the Carmelite cycle (Moraes, 1866, p. 44) adorned the walls between the windows of the tribunes.

The retable followed Baroque standards, the dominant style in Bahian churches during the first half of the 1700s. Solomonic columns, acanthus leaves, angels, garlands with daisies and eucharistic birds integrated the ornamental composition (Calderón, 1976, p. 16). But time did not spare this retable. While Moraes confirmed the richness of the ornaments sculpted in the chancel in 1866, he already warned about their ruin, caused by the neglect that the monastery suffered at that moment. Termites eventually destroyed this retable. From the high altar, only a few angels' heads and four solomonic columns in Joanine style survived until the 20th Century (Calderón, 1976, p. 16).

A beautiful illusionist Baroque painting completes the decorative work of the chancel, with its central theme in the figure of Nossa Senhora do Carmo surrounded by dozens of angels floating between clouds and architectural elements. Two medallions with Carmelite saints complete this "apotheotic" scene. The ceiling is a barrel vault made of wooden boards. Due to its characteristics, the influences of the painters Antônio Simões Ribeiro and José Joaquim da Rocha are evident; a good part of the illusionist ceilings painted in many churches in the city of Salvador is attributed to them.

The altars of the cross arch were consecrated to Saint Joseph – on the Gospel side – and Saint Anne, Mother of Mary (Santana Mestra) – on the opposite side. This is where the grave of the Navarro de Andrade family was located (Moraes, 1866, p. 45). Next to the altar of Saint Joseph, a chapel facing the Sacred Sacrament dedicated to Saint Teresa was erected, sponsored and built by Colonel Lourenço Correia de Lisboa, who was buried there in 1734 (Calderón, 1976, p. 15).

The stucco emblem of the order marked the space above the cross arch. According to Moraes (1866, p. 45), the large

nave with a clay brick floor was flanked by altars dedicated to Nossa Senhora da Conceição, Senhor dos Martírios (Lord of the Martyrs), Nossa Senhora da Boa Morte (Our Lady of the Good Death) and Senhor da Paciência (Lord of Patience). By the second half of the 19th Century these altars were already in a state of ruin and, lamentably, ended up disappearing. The only part of them that survived until today is the image of Nossa Senhora da Conceição.

The composition of the nave's ceiling reflected the same pictorial choice as the chancel ceiling. Using a technique created by the Italian artist Andrea Pozzo, the unknown author of these works employed this perspective to suggest that the roof opened up to heaven. The illusionism in the painting lifted architectural elements up in circles – balconies and arcades, wall-parapets, groups of saints and angels –, while framing the central panel, naturally dedicated to Nossa Senhora do Carmo.

Calderón (1976, p. 20) sought a date for this ceiling by analyzing the characteristics of the paintings. He placed the chancel between 1770-1775 and the ceiling of the nave to 1780 due to the "simplification of the simulated architecture, the lighter colors and the profusion of garlands of flowers." The picturesque history of this ceiling will be mentioned further on.

The internal decoration was complemented in the 18th Century with two tile panels, studied by Simões (1965, p. 56). According to this author, "they are blue-painted panels of a figurative type with shell-shaped molding, in transition to rococo: among the ornamental elements is a well-defined 'bat wing' and other grammatical terms in this style. The figuration, also conventional, represents biblical allegories...."

The sacristy was ample, featuring decoration full of details with a *rocaille* influence. At the roof/wall junction was a framed frieze surrounding and outlining the walls (Calderón, 1976, p. 21). Pending carved elements imitated a valance, shaped like half-moons "tied" by ropes with tassels and provoking a sense of movement which served, for their part, as a frame for the illusionist painting on the ceiling. Such valances put together the curtains (generally red) used continuously until the 19th Century.

Following the same pattern adopted for the ceiling of the nave and the chancel, the sacristy also had its wooden roof painted in soft tones in a rococo fashion, with the image of the patron saint as the central picture and a harmonic unity of clouds and angels with a Carmelite cleric at her feet. As was usual in illusionist painting, designs of architectural elements surrounded and complemented this central scene. Everything leads to believe that these ceilings – those of the chancel, the nave and the sacristy – were executed in the 1770s or 1780s by the same anonymous painter of the Simões Ribeiro and José Joaquim da Rocha cycle. Calderón (1976, p. 21) considered the quality of the painting on the sacristy ceiling to be superior to these painters work.

In these three paintings the central picture theme always emphasizes Nossa Senhora do Carmo with a serene physiognomy, and at her side the Carmelite figure of Saint Simon Stock, broadcaster of the devotion of the scapular. The Virgin Mary appeared to him and gave him – as a special privilege – a scapular that liberated from the flames of hell all who carried it[2].

In the sacristy there was a large chest with beautiful ironwork and over it a frugal niche. Shell shapes decorated the valances in the transoms that supported the curtains covering the altars, doors and windows. The most salient piece was a limestone lavabo in the central area carved with a flower and palm motif. The basin was entirely decorated in the shape of a flower opening its petals.

Panels with religious themes filled the planes of the walls. These panels are no longer part of the sacristy's decoration; nor is it known why they were removed or their destiny.

A door adorned with stucco linked the sacristy to the cloister of the monastery, which adhered to the simpler model adopted by Portuguese monasteries and was confined to a medieval Romanic scheme. The cloister was composed of a gallery covered by wooden beams that contoured the four sides of the monastery's internal patio. It was sustained by thick masonry pillars and a cornice that sustained five half-point arcades on each side. They also supported the upper cloister, which, in turn, featured five windows on each side, corresponding to the five arcades of the ground floor. The shield of the order in stucco stands out as an ornament on the door that gives access to the staircase leading to the upper floor of the monastery.

As was frequent, in the center of the patio there was a cistern that supplied the monastery with water. It was later substituted for a sort of circular basin.

Internally, the monastery strictly adhered to a standard of simplicity. Two large halls welcomed the fraternities of Senhor dos Martírios (Lord of Martyrdom) and Senhor da Paciência (Lord of Patience), sharing space with the nine cells that housed the friars. It is quite possible that at that time of its construction, this number of cells was enough. Nevertheless, to the extent that missionary activity increased in Cachoeira, the lodging issue was keenly felt by the religious community.

During the priorship of Friar José da Purificação in 1743, the Carmo Convent had fifteen monks, two chorister friars and six active (apostolic) friars (Loureiro apud Calderón, 1976, p. 23). Another documented source describing the "Religious monasteries in this City" quantified the number of clerics in 1758 at twenty-five (Caldas, 1951, p. 14).

Notwithstanding, while its financial income increased, the community actually shrank, finishing the 18th Century with only four friars and one layman – due to the admittance of novices being prohibited since the D. José I era. In a request sent to Lisbon in 1780, the "Provincial of the Discalced Carmelites of the city of Bahia" asked for permission to admit "new clerics in its order's monasteries as to address their deficiencies" (Annaes, 1914, v. 32, p. 480).

Concerning habitat, information on construction or alterations made in the 18th Century is scarce. Much information in the order's archives has been lost, but some expense books have survived, from which it is possible to identify some of the payments for refurbishing services made at the time.

In 1816 a sculptor was paid to repair an image, making "a small finger for the Senhor dos Passos and soldering the shoulders that were broken," and a sum was disbursed "... for the painter Maxado to make it incarnate[3]."

During the 19th Century the monastery underwent a series of maintenance works, with small repairs being accomplished as much internally as externally. Among the repaired sections were roofing, frontispieces, windows, doors, floors, furniture, paintings, images etc.

The cholera epidemic of 1855, which spread from Salvador to the Recôncavo area, led the monastery to be transformed into a hospital for the "plague-stricken" as a gesture of charity. The clerics assumed the role of nurses, and one of them, Friar Estanislau, died from infection. The works on the monastery and the recovery of images and furnishings were only resumed the following year.

During the year 1857, refurbishment works continued regularly. However, on November 14th, 1857, the prior, Friar Manuel de São Joaquim Teixeira, sent a letter to the Provincial Assembly complaining about the miserable state of the monastery – where the Municipal Court and the Church of Nossa Senhora do Carmo were housed –, threatened by ruin and in behalf of which he asked for aid. It is not known if it was granted.

On November 4th, 1872, visiting apostolic friar José Caetano de Souza "incorporated property inherited after the demise of our Most Reverend Provincial Father Friar Antônio de Santa Inês into the Cachoeira Convent." This person was provincial from 1780 to 1785, as cited in the Minutes of 1720-1780 and 1780-1850[4].

"Representing us, the Most Reverend Friar Antônio de Santa Inês, Provincial of our Province of Carmo of Bahia, [because of] the poverty and penury found at our Convent of Carmo in Cachoeira and where he lived during a period of almost forty years, had acquired in those districts some alms for the sermons he preached and which he wanted to apply to the benefit of the Sacristy of the said Convent due to its lack of ornaments and other objects necessary to the divine cult."

This document opens a new campaign of works beginning in 1872. These did not interfere with the decoration of the sacristy, which escaped untouched. During the month of July in that same year, the Carmo Convent summoned carpenters and joiners to repair the cross arch and choir. Old rafters were removed "to take down the old, broken pictures on the walls of the church" and the retable of the high altar was reinforced to sustain the columns[5].

Repairs made in 1900 under the priorship of Friar Mariano Gordon recovered the roof of the monastery and the frontispiece without altering their lines[6].

Refurbishments were undertaken in 1931 by the prior at the time, Friar Pedro Tomás Margallo, which ended up greatly harming the already ruined church. The prior also changed the façade of the monastery by inserting a portal with columns, and began to complement the church with the construction of the gallery of tribunes, which incorporated one of the arches of the narthex of the Third Order.

SPHAN (Service for National Historical and Artistic Heritage) was created soon after in 1937 and endowed with the authority to supervise interventions in buildings held as national monuments.

At this stage, the state of the monastery was not the most favorable. Even so, it was used as headquarters for troops on many occasions. In 1823, during the struggle for Independence, for example, the barracks of the first patriots of the Recôncavo area and all the troops who went to Cachoeira were installed in the monastery, as mentioned before.

As soon as the citizens of Cachoeira had been released from this anguish, a new movement, that of a federalist character, involved the Carmo Convent in 1832-1833. Fronted by Captain Bernardo Miguel de Guanais Mineiro, revolutionaries took the monastery with enough ammunition to face the government forces. But the resistance only lasted for three days.

Carmo's walls and roofs had little time to rest from the military rumble. In 1865 battalions of Homeland Volunteers took shelter there on their way to the Paraguay War. Although the participation of the monastery in these events exalted the Carmelite order of Cachoeira, the successive military occupations brought tremendous wear and tear on the centennial construction, resulting in material losses.

The Carmelites of Recife complained about the same situation. Their tranquil contemplative life was interrupted in 1817 when Governor Luís do Rego Barreto transformed the Nossa Senhora do Carmo Convent into military barracks and hospital. The monastery was only returned to the religious order in 1846. Besides suffering material damage to the building, the Carmelites lost a substantial part of their library, that functioned in a large hall in the upper pavilion of the monastery. They carried along a number of crates with books when they departed for the Paraíba monastery in 1817, but those that remained ended up disappearing (Costa, 1976, p. 134).

These occupations of the monastic space were followed by other temporary assignments. Among them were Latin classes frequented by Augusto Teixeira de Freitas, later a notable jurist, and Elpídio Tapiranga, who entered the Bahia Seminary and became a brilliant figure in the secular clergy.

The monastery grounds also hosted public functions, sheltering in 1857 – while repairs were being made on the Municipal Court –, the Town Council, the Jury Court, the Corrections Court and the Police Barracks.

It is probable that the space was lent so they could count on the public authorities for repairs that were urgently needed for the church, without forgetting the state of damage that also afflicted the monastery itself (Calderón, 1976, p. 29).

It is not known if they received the desired aid. However, it was recorded that D. Pedro II was in Cachoeira and attended mass in Carmo:

… at 5 in the morning on day 6, SSMM [their majesties], always followed by a large gathering of people and repeated cheers, went to the mother church to attend mass, but as it was still closed, they went to the Carmo Convent from where, after mass, they traveled to the Town of Feira de Santana (Pedro II, 1959, p. 272).

Signs of wear and tear were already evident in narratives during the 1800s. In 1866, Moraes (1866, p. 44) testified to the state of ruin that the church was in, beginning with the frontispiece and penetrating the nave. He described in detail the abandonment and deterioration of the carvings, the images, the paintings and the building as a whole – motivated by the action of time and aggressive agents like termites, infiltration and dust.

The monastery was practically devoid of clerics, still as the result of legal prescriptions such as the notice sent on May 19th, 1855 by the Minister of Justice, José Tomás Nabuco de Araújo, prohibiting the admission of novices in all religious communities. Such action ended up closing the doors of many monasteries, leading to the near vanishing of such houses throughout Brazil. The old monks who died were not substituted. This resulted in a sharp drop in the number of friars and nuns and led to the extinction of several orders, whose properties and income were taken by the government.

As for Carmo, everything fell apart. The frontispiece threatened to collapse and the state of the entire building was pitiful due to the abandonment to which it was left. The church was under no lesser threat:

"The walls are dark, naked and bare of decorations and moldings, that, damaged, have fallen little by little into wreckage. The retables are split apart and corroded by termites; the paintings, pictures and emblems, everything is ruined and covered with a thick layer of dust. The chancel [...] is quickly headed for demise. The fine gilding of its finishings has grown dark from dust and stained by bats. The chapel of the Sacred Sacrament [...] has been very damaged by rain that penetrates through the skylight [...] during the winter water runs down the walls" (Moraes, 1866, p. 37, 44-45).

With the advent of the Republic, the Church became separated from the State and, in so doing, the prohibitions were no longer valid. Thus, the religious orders could be restored. But due to the long period of restriction, there were very few Brazilian clerics who still kept a working congregation. Old and unmotivated, they fell back upon their mother churches, which responded by sending foreign *confrères*. Many Spanish and Dutch friars came to rebuild the Carmelite houses in Brazil. Reverend Friar Mariano Gordon with Friar Joaquim Romero Olmos arrived at the Cachoeira Convent in 1899.

They showed up ready for action, quickly implementing urgent repairs on the monastery because it was uninhabitable the way it was. The interventions began on the roof, moved on to the internal quarters and finally reached the church, that was impaired by the damage to its frontispiece. The works advanced with much effort, when a new setback appeared, compromising what had already been restored. The waters of the Paraguaçu River flooded Cachoeira fiercely in 1914, reaching both the church and the monastery. Even in an incomplete state, the monastery sheltered hundreds of people. But the deluge left marks on all the edifices, which once again started showing signs of ruin.

Four years later other friars reached Cachoeira, among them the Spanish friar Pedro Tomás Margallo, who assumed the task of restoring the monastery to ensure that an architectural ensemble of such importance would not disappear from the city. Friar Margallo began by cleaning the cloister, where the dirt, vegetation and collapse of various parts led him to rebuild the entire right wing of the ground floor, formerly occupied by the Mint.

Extending the repairs to the church building and finding the carving that covered the retables of the 18th Century in total ruin, he made the decision to order their restoration by substituting the artistic ornaments for *scagliola* and granitine. Although it was remarked that works conducted by Friar Margallo reached as far as the ceilings – through repainting –, according to Calderón (1976, p. 33) there are documents that attest to the contrary. One of them says that: "… the affectionately preserved ceiling of the chancel was not restored because it would be a crime against colonial art" (ACBH. *Livro de inventário dos bens*, 1935, pg. 46).

Friar Margallo concluded his intervention with the placement of ceramic tiles on top of the original clay paving stones, thus hiding the sepulchral tombstones in the nave and chapels of the church. Friar Margallo governed the monastery from 1914 to 1936, when he assumed the parish of Ituaçu in the diocese of Caetité. (ACBH. *Catálogo dos priores*... 1688-1954).

The building also went through many periods of abandonment in the 20th Century.

The Carmelite presence in Bahia was restricted to Salvador and Cachoeira. Nevertheless, its missionary action and lands in the 18th and 19th Centuries reached other areas of the Recôncavo area, such as the Tombo farm in the parish of Iguape, where sugarcane was cultivated, and the São João tobacco plantation in the parish of São Gonçalo do Campo. In the inventory book of the monastery's properties (*Livro de inventário dos bens do convento*) for 1852-1936, only the São João farm and its slaves are listed: in 1893 there is a note referring to this farm, which was the subject of legal dispute and, further on, the news of its dismemberment from the Cachoeira religious community's assets.

As cited in a synopsis of the Brazilian ecclesiastical hierarchy, in 1943 the Carmelite Province of Bahia – including its orders and congregations – totaled fifteen friars and three laymen. The Carmo Convent in Salvador also ran an elementary school with seventy external students. Its staff had ten friars and three laymen, with Friar Emídio Ter Beke as prior. In Cachoeira there was an elementary school with seven internal and twenty-five external students. Four friars served under the orders of the prior, Friar Inácio de Jong. Friar Inácio de Jong and Friar Estanislau Twaalfhoven were responsible for the parishes of Iguape and São Félix, respectively (Lehmann, 1943, p. 467).

In November 1974, a special correspondent of the newspaper *O Estado de São Paulo* was commissioned a report on the state of calamity of the Cachoeira churches. The churches cited were those of the Carmo ensemble and the Nossa Senhora do Rosário mother church. Among the three, the monastery church was in the worst condition: "a desolate picture, (...) doors and windows of the church are shorn (...) The central nave, the high altar and the sacristy have been robbed of their old retables and ornaments..." The journalist noted that the collapse of the nave's ceiling due to the action of termites and leaks forced the transfer of its images to the Chapel of the Third Order. It was a slow agony.

The Carmelite order in Cachoeira was no longer able to maintain its poise and finally closed the doors of its monastery, a story that was also repeated with the Salvador monastery. Nevertheless, devotion to the Virgin of Carmel remains strong, be it in the simplicity of a scapular or the faithful devotion of the laity who, by choice, invitation or status become Third Brothers.

In bringing the devotion of Nossa Senhora do Carmo at the end of the 16th Century, the First Order sowed its seed in the fertile soil of Cachoeira. As a result the Venerable Third Order of the Carmel of Cachoeira was created, with the heritage of the Carmelite task from 1691 to the present day. With its chapel, it comprises the largest architectural ensemble in the city.

NOTES

1 – As Salvador was called, and still is until today.

2 – Saint Simon Stock lived in the 13th Century and was the sixteenth general of the Carmelite order. He died in Brussels in the year 1265. He is worshipped on May 16th (Tavares, 1990, note on Simon Stock).

3 – Archive of the Carmo Convent of Salvador, *Despesa do Convento Carmo Cachoeira (1816)*, Archive BH, pg. 68v.

4 – Archive of the Carmo Convent of Salvador, *Atas 1780-1850*, ms, Archive BH, pgs. 13v, 36r, 38r, 39v.

5 – Idem, pg. 231r.

6 – Bahia, v. 2, 1982, p. 40.



THE THIRD ORDER OF CARMO

The activities of lay religious associations began in Cachoeira in the 16th Century, as soon as the settlement gained its first and only monastic space – the Carmo Convent and Church. Two of them were monastic in nature: the First Order, masculine, and the Second Order, feminine. Members of both orders made perpetual vows, following the example of other religious congregations. The lay and secular Third Order, however, followed its own rules or special statutes.

Affiliation to associations such as Santa Casas ("Holy Houses of Charity"), brotherhoods, fraternities and Third Orders was a very common religious path among early settlers – a Portuguese inheritance that was disseminated throughout Brazil soon after the establishment of colonization. The Third Order was part of a set of religious lay associations constituted by fraternities or brotherhoods that practiced acts of charity and/or mercy, such as mutualism and burials.

At that time, when Catholicism was a mandatory religion, almost all men and women belonged to a fraternity or Third Order because such membership ensured them material and spiritual assistance, supposedly even after death. With some exceptions, the Third Orders were linked to a First Order. Monastic churches, minsters and parishes were usually connected to fraternities by common devotion, or at least economic, racial or social similarities.

According to tradition, most of these orders consisted on white settlers of Portuguese descent, generally landlords and prosperous merchants. Certain fraternities and brotherhoods welcomed blacks and mulattos. However, there are no records or information regarding the inclusion of natives in these communities. "This desire for association was not gratuitous. The population found in the powerful religious corporations of the 1600s and 1700s an organic means for fulfilling their needs or claims within a legal and efficient structure" (Calderón, 1971, p. 151).

These associations had an assistance character with a strong sense of social welfare. In them people found support during difficult situations – illnesses, old age, disability and death – and satisfaction in being admitted as a Third Brother, a participant in all the spiritual grace granted to religious Carmelites (Costa, 1976, p. 148). Only those of "proven quality" belonged to these associations. When elected to offices in such entities, the faithful earned the honor of parading in processions and parties with a special habit or a surplice (*opa*). Holding the canopy while transporting the consecrated Host was a common desire in Baroque Bahia.

"Prodigality and ornamental excesses that were not reduced to the realm of material life, for they affected the very religious spiritual life of that time [18th Century], especially in colonial Bahia, in a colonial reality, yes, but inheriting as much from Portuguese culture as from the Tridentine canons beginning in the 16th Century, which emphasized the visible aspects of faith. A church marked by a cult for symbols external to public manifestations of faith..." (Casimiro, 1996, p. 62).

There was strong competitive behaviour among these brotherhoods. Besides spiritual obligations, the lay orders were in charge of caring for and managing the assets that were given to them or that they were granted. Legal control was secured by statutes or simple commitment.

Beginning in the 18th Century, the spiritual rules of these associations in Brazil were adapted to the 1707 *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* (First Constitutions of the Archbishopric of Bahia), Book IV, Titles 60-62 (Vide, 1853).

The growth of this associative model spread throughout the country, reaching its peak in the 1700s and beginning its decline in the first quarter of the 20th Century. It is worth mentioning, regarding Salvador, the Third Order of São Francisco (1635), the Third Order of Carmo (1636) and the Third Order of São Domingos de Gusmão (1723), among others.

Dominicans of the First or Second Orders were not established in Brazil during the Colonial Period. Unlike Franciscan and Carmelite Orders, the Third Orders were responsible for the introduction of Dominicans in Brazil (Martinez, 1969, p. 30).

The Third Order of São Domingos (Saint Dominic) in Salvador received its religious orientation from Lisbon.

If the founding of the Third Order of Carmo in Salvador "was a corollary to the founding of the Carmo Convent," argues Carlos Ott (1998, p. 21), that can also be said about the Third Order of Carmo in Cachoeira. Three years after being installed in the then village of Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, the friars decided to create a Third Order.

In his work on the Venerable Third Order of Carmo of Cachoeira, Calderón (1976) introduced the possibility that it was first founded as a fraternity only to be, five years later, elevated to a Third Order governed by statutes organized by the provincial vicar, Friar Manoel Ferreira da Natividade (commissary, reformer and visitor of the Order), that were promulgated in 1696 in the Salvador Convent. In reality, the Third Orders had already existed as fraternities,

at first being settled in the building of the First Order, where they had their own altar, and later, when they had enough resources, building their own facilities or occupying small pre-existing spaces. In fact, according to Godofredo Filho, the Third Order already had chapel and sacristy on donated land.[1] The statutes needed the King's approval. Most likely, 1696 refers to the date of royal approval. In the Statutes of the Third Order of Carmo of Cachoeira dated from 1915, the order is said to have been "established in this city in 1691[2]."

It is fit to say that the history of the Third Order building began a decade later with the acquisition of lands neighboring the Convent, where the Third Brothers already had a chapel: that of Santa Tereza (Saint Teresa). The lands were donated in 1702 by Carmelite clerics. Friar Antonio de Santa Rosa was the prior.

Details of the construction are not known. There are only scattered references and some suppositions based on the architectural and ornamental styles. As with the First Order, only after the creation of IPHAN in 1937 the record of interventions was to be made with some regularity.

Literature about the Third Order of Carmo in Cachoeira is generally unanimous in being cautious about this initial phase, due to the difficulty of obtaining documents or to their fragile state when found.

Costa (1976, p. 145) has also noted the lack of more precise data about these orders in relation to the Third Orders in Pernambuco. He affirms, without a defined date, that the Third Order of the Olinda Convent was the first to be instituted and that it presumably occurred prior to 1694. A document from whence already mentions it as being incorporated into the First Order. Soon afterwards, the Recife order was instituted. This statement shows that even with an older Carmelite presence in Brazil, the inclusion of the Third Orders of Pernambuco and Bahia were contemporary.

"As declares Chap. I, Art. 1 of its statutes, the Venerable Third Order of Nossa Senhora do Carmo, founded in this city [Cachoeira] in 1691, continues to be the religious corporation of faithful Catholics of one and the other sexes, which, to better promote the eternal salvation of their souls, are placed under the powerful protection of Our Lady of Mount Carmel, embracing and practicing the rule of the illustrious Carmelite Order..." (ACBH. *Estatuto* … 1915).

As with their co-sisters, these orders had a mission to maintain the divine cult and the observance of their rules (cf. *Estatuto…*, Art. 2º), besides providing help to brothers in need.

With the same welcome wishes extended to the Carmelites, João Rodrigues Adorno supported the idea of implementing the Order. A Third Brother himself, he became one of the directors, holding the office of prior and also donating land owned by him to build its own church. The Order operated temporarily in the Santa Tereza chapel, ceded by the clerics in the primitive hospice of the First Order.

Until the 17th Century the brotherhoods and fraternities "were content with a chapel in a parochial church or some monastery that made the expenses. In the 18th Century, however, they wanted their own chapel," according to Bazin (1956, p. 32).

By means of a donation deed passed in 1702, Adorno legalized the ownership of the land where chapel, sacristy and consistory would be raised next to the Carmo Convent.

Those who participated in the project and the building stages remain unknown. And the date of the construction's beginning is imprecise. However, everything leads to believe that the Third Orders were mobilized to start working as soon as they received the land.

As with the Convent church, the chapel is located on the shorter perimeters of the rectangular-shaped cloister in the center. It featured four lowered arches on its smaller sides and on the larger one, arches with octagonal pilasters; in the view of Bazin (1956, p. 120), this highlight is an "elegant exception in the cloister of the 3rd Order of Cachoeira," since square pillars were more common for this type of construction. The *loggia* and this cloister would be concluded in 1778.

The church plan followed a simple, rectangular design based on a Tridentine model. Alongside the cloister an ample sacristy was built with three windows and two doors. Above, there is a porch with arcades – which can be seen in the main façade –, a small space for the House of Miracles to function and the large hall of the consistory with two doors on each side. Putting it all together harmoniously, there is a wooden balcony that opens up to the cloister.

The façade of the Venerable Third Order of Carmo consists of well-defined spaces: a chapel, sacristy, consistory and the outer wall of the burial niches. Nevertheless, those spaces feature different styles since not everything was built during the same period. But in spite of the stylistic diversity, the façade maintains a rigid line softened by arcades that evoke a feeling of lightness.

In describing the façade of the chapel, Calderón (1971, p. 154) highlights "…the Doric pilasters of the quoins and

the richly-framed cornice without imposts or divisions between the plans…." On the ground floor and crowned with a Romanic arch, the portal features an innovative line, being flanked by two orders of pilasters sustaining a pediment with a split volute from which emerges, well centralized, the emblem of the Order in plaster.

Below the emblem, a date is visible – 1724 or 1742 –, perhaps registering the conclusion of the façade. The circular arrangement of the numbers can be confusing when read. In Calderón's understanding, 1724 is taken to be the conclusion date of the church's masonry. He grounds his argument on the following points: the land's donation date (1702), the "archaistic style" of the composition and the dates attributed to the decoration of the internal part of the chapel. Added to this analysis is the interpretation made by Germain Bazin (1956, p. 168) that the work was concluded at the beginning of the 18th Century, based on the ornamental presence of a pediment with volutes in the temple's entrance portal being a characteristic element of that period. For Carlos Ott (1998, p. 166) and Simões (1965, p. 60), the date is 1742, the first claiming that it refers to a modification of the façade, and the second, to a construction phase.

Two windows with rigid jambs, such as was commonly used in Jesuit chapels of the 17th Century, were opened at the height of the choir – "a frontispiece typical of the missionary style," as labeled by Robert Smith (1854, p. 33). To crown the composition, a triangular pediment with a well-centralized oculus in the tympanum accompanies the gable roof. As a final touch, the acroterium above the pediment features a cross flanked by two ornaments as tips. The façade as a whole has a simple aspect with straight Renaissance lines that are only broken by the Baroque portal from the beginning of the 18th Century.

Complementing this view of the façades, the wing that shelters the sacristy and the consistory – an arcade that encompasses both ground and upper levels – emerges as a link between the Third Order church and the monastery. Carlos Ott (1998, p. 164) points out to the use of flat arches in the second floor, which are harder to build, and declares that those were made by Francisco Pinheiro – "called Brother Engineer by the Third Order of Carmo in Salvador, although by profession he was just a carpenter." That is but a possibility.

The five flat arches in this section were framed by a wooden balcony and sustained by octagonal pilasters. The identification of these arcades with those of the monastery leads to the possibility that they were made during the same period in 1778. The play in height between the ground and upper levels with the set of superposed arches causes a singular contrast in the building.

The opposite side, corresponding to the Gospel in the Order chapel, was reserved for burial niches. As façade decoration it also had a large arch flanked by openings shaped like an oculus. But the arch was closed, possibly due to the need for more niches.

Moraes (1866, p. 46) informed that the building was protected by an "outer wall designed to close the space and the external atrium, with the date 1813 on its gate."

The simplicity of these façades is totally ignored when entering the chapel. Featuring a small internal space composed of nave and chancel, Germain Bazin (1956, p. 302) described it as "the most beautiful set of carvings existing in the State of Bahia," exceeded only by the carvings in the church of São Francisco (Saint Francis) in Salvador, which might have been a model for the Third Order Carmelites.

Considered the oldest in the building, the carvings of the high altar and cross arch may be dated from between 1730-1740. The carvings that cover the chancel were finished with an excellent chromatic set. The work is probably subsequent to 1750. The carvings on the high altar retable show a second Baroque influence, also known as Joanine style. For the *predella*, eight corbels distributed like *atlantes* frame the central panel, in which the sacrarium complements the carved waves. Topping the *predella* there is a throne, remarkable for the Solomonic columns of the niche that holds it and decorated with the acanthus leaf and birds characteristic of Baroque iconography. Between these columns are small consoles that hold two images, one of which is Saint Joseph.

The throne, initially conceived as a staircase, was later hidden and even sectioned in order to fit the niche with the image of Nossa Senhora do Carmo in its front. At the top of the throne there was an imposing crucifixion that invoked Senhor do Bonfim (Lord of the Good End), which exhibited Baroque characteristics and fulfilled Tridentine requirements by emphasizing the cult of the Sacred Trinity, especially the Crucified Christ, now represented in an act of suffering.

Carlos Ott (1998, p. 169) assumes that the outline or tracing of the engraving in the Third Order of Cachoeira was done by the same master woodcarver who worked at the church of São Francisco in Salvador. Based on information from Bazin, Ott raised the possibility that it was sculpted at the workshops of the Franciscan monastery in Salvador and transported by boat to Cachoeira. But this is only a supposition, because each monastery had its own authors or hired lay artisans and rarely worked for orders other than their own.

The labyrinth of ornaments on this retable of the chancel was completed with "… two concentric arches set over off-center corbels resting on top of the cornices of the columns. Seated on top of the corbels of the first arch there are boys reaching out to the shell-shaped cupola with valances that support the corbels of the second arch, and, over this, a large pyriform dossel sustained by two angels…" remarked Calderón (1971, p. 15 7) on the Baroque decoration of this space.

The exuberance of the golden carvings in the chancel provides continuity to the vaulted shape of the wooden ceiling, with geometrically-interlaced circular designs dispersed across the entire arch – called a *cradle* –, displaying elements of rococo style mixed with neoclassic. The rococo style is also noticeable in the walls of the chancel and in the ornaments that decorate the openings of the tribunes. A broad, carved frieze was placed above them. These tribunes are alternated by six framed pictures identified as, beginning from the high altar: on the left, São Zacarias (Saint Zachary), São Porto (Saint Porto) and Santa Pelágia (Saint Pelagia), and on the right, São Osias (Saint Josiah), São Jacinto (Saint Hyacinth) and Santa Maria Egipcíaca (Saint Mary Egipciaca) (Calderón, 1971, p. 157).

Before opening to the spaces of the tribunes and the side doors in the chancel, tile ashlars provided a touch of elegance. Studying the tile specimens on this church, Simões (1965, p. 62) described them like this: "the wainscot in the chancel rises to the level of the windows [...] and has two large panels, one on each side, unfortunately mutilated and truncated. The damage was mostly in the framing, but part of the iconography has been saved." According to the same author's analysis, these panels should be dated around 1745-1750. The figuration portrays the Virgin of Carmel sheltering a "group of Church characters" under her mantle and, next to the epistle, Saint Elijah "rising up to heaven in a chariot of fire."

The artistic beauty of the Third Order chapel was the subject of an article written by Domingos Meireles for the newspaper *O Estado de São Paulo* in 1974. The journalist exalted the aesthetic choice of the Third Brothers, finding slight differences between the Baroque style of this church and that observed in other temples in Bahia, Pernambuco and Minas Gerais. To support his description, he borrowed a statement from the Rio de Janeiro landscape painter Antonio Diogo da Silva Parreiras (1860-1937) that says "as an engraving work, as ornamental beauty making for a set of extraordinary aesthetic lines, not even in Vatican we find something better than the high altar of the church of the Third Order of Carmo in Cachoeira" (Meireles, 1974).

Reaching from the chancel to the nave, the cross arch – probably built in the 1730s – supports the gold carvings with phytomorphic and zoomorphic details in the pilasters and leaves no empty space. Flanked by angels, the arch was completed by a large shield with the insignia of the Order, that supported crown and cartouches.

The collateral altars in the cross arch follow Baroque lines, with a *predella* similar to that of the high altar. Their Solomonic columns, finished with floral details and Corinthian capitals, were joined by pilasters covered with small curved twigs, a shape that could also be found in the archivolts that contoured the niches. These altars featured images of the cycle of the Passion: Nossa Senhora das Dores (our Lady of Pains) and Senhor dos Passos (Lord of the Stations). Being wooden images, they required special glass protection – a modification probably made towards the end of the 19th Century. Calderón (1971, p. 158) raises the hypothesis that other images formerly occupied these spaces and suggests that there was once an image of Santa Tereza dating to the first half of the 18th Century, later placed in the House of Miracles.

The wall gaps beneath these altars are covered with ornamental elements shaped like corbels, on which rest small cherubs and false niches with figured curtains. On one side there is a pelican feeding its nestlings, and on the other side of the Senhor dos Passos altar there is a phoenix in a canopy with valances shaped like large beaks. Newer elements in curves and countercurves complement the upper level of these altars.

Specialists who studied this temple have been unanimous in classifying these carvings of the high altar and the cross arch as older than the others. Smaller in proportion, the nave features altars dedicated to São Luís de França (Saint Louis of France) and Santa Joana (Saint Joan) on the right, and on the opposite side, altars dedicated to São Esperidião (Saint Spiridion) and Santa Isabel (Saint Elizabeth), all dated to the second half of the 18th Century. The stylistic mixture is notable. In the view of Carlos Ott (1998, p. 169), the front of these altars was "pure asymmetrical rococo" and the remainder "pure neoclassic, although overdone." They were covered by a well-carved, elevated pediment with "Far East" influence, in the reading of Bazin (1965, p. 302-303). The pulpits and their respective cornices were also from this late phase, the basin cut with a central circular motif. The lower end of these pieces is shaped as a cone. Together with the pulpits, these altars date to 1760.

Surrounding the nave and separating it from the lateral altars there is a low railing carved out of hardwood that displays samples of the transition from rococo to neoclassicist. On the upper part the tribunes are laid along the same ornamental style of the altars, with carved cornices and crowned by fringed valances and balconies garnished with large beak shapes. The double tribunes in the chancel are older than those in the nave.

Six panels with carved moldings of a mediocre pictorial quality separate these tribunes and portray the patron saints of the collateral altars, besides São Franco (Saint Francis) and Santo Eduardo (Saint Edward) of England, all in Carmelite habits.

On the nave walls there are also six *arm-torchères* fitted into a mirrored background, with carved frames and shell motifs. Like the chancel, but from a later period, the cornice circulating the nave maintains the movement of the carving that was just described, displaying dogs and flaming vases, sparsely.

Following the decorative style of the nave, the choir is framed by a parapet with curved ends that connect to the balconies of the last tribunes. The wooden floor follows the predominant model of the 18th Century – with twisted carvings facing the nave – but is not really from that century. Everything was renovated in the 20th Century. The corners are rounded underneath in such a way as to present a lowered vault. Busts of masculine figures can be seen in the angles forming arches with the walls of the nave, like the one supporting the junction of the choir with the tribunes. Under the choir, the painted ceiling exhibits three large framed medallions encircled by a simple floral painting. The central theme of these panels narrates passages of Carmelite history. Attention is drawn by the good pictorial quality of these pictures and their chromatics. The painting that surrounds the medallions recalls oriental influences: it is an imitation of the floral style commonly used in Japanese or Chinese paper painting.

Chronicles from the 19th Century reveal that there was once an organ in the choir with Baroque or hybrid Baroque/Rococo carvings (Moraes, 1866, p. 45).

Dissatisfied with all this intricate golden carving, the polychrome of the paintings, the carved moldings, doors, windows and elaborate floors, the Third Brothers had the walls covered with a beautiful set of Portuguese tiles from the 18th Century. Biblical scenes are narrated in blue tones on a white background, combining pictures with figurative scenes and Baroque frames.

According to the study made by Simões (1965, p. 60), the tile ashlars of the nave "are divided into panels of cut headboards reaching almost 3m (twenty-one tiles) in the central part [...], and 3.3m in the chancel." The pair of panels reproduce the image of Nossa Senhora do Carmo sheltering followers under her mantle, and, on the opposite side, Saint Elijah rising to heaven in a chariot of fire. Stitched panels frame these sets, allowing the figurative elements with mannerist characteristics to stand out.

All the panels were described by Simões, who translated the scenes, explained their captions and catalogued the mutilations suffered during the renovations this temple has been under. He supposed that they were produced between the years 1745-1750, as said previously, taking the style of the molding as a reference.

The ceiling of the nave is cambered, with an ornamental treatment complemented by other architectural and artistic elements. Its authorship is attributed to the master painter José Teófilo de Jesus, but it has no documental evidence. The artist supposedly painted the roof some time between 1802 and 1847. There are eleven pictures distributed across the entire length of the nave – from the cross arch to the choir –, with themes concentrating on narrative facts from Carmelite history. One example is the panel over the choir. It portrays Santa Tereza de Ávila (Saint Teresa of Avila) standing next to a table. In an open book on this table there is an image of Nossa Senhora do Carmo with the Child Jesus, both surrounded by clouds and cherubs.

The floor of the nave follows the standard frequently used in churches, that is: ceramic tiles of more recent use substituting a wooden floor which, in turn, had already replaced paving stones.

The sacristy has an ample hall that can be accessed through the church or the cloister. Its doorways are adorned with cornices featuring shell-shaped motifs. On the walls there is a long frieze painted with floral motif and featuring valances garnished with ornaments shaped like large beaks.

Its ceiling won special attention by the Third Brothers, who probably commissioned it to the same master painter that did the painting on the chapel ceiling. Encircled by a molding with blue, red and gray flowers and shell shapes, there is a medallion of neoclassical tendency displaying in its center the image of Nossa Senhora do Carmo rescuing souls from the Purgatory.

The main piece of furniture filling this hall is a large Baroque-style chest (*arcaz*) of *jacaranda* wood with eighteen drawers adorned with elaborate handles. An altar with a rococo front is embedded in the center. This item is notable for the decorations on its extremities, featuring natives with cockades of colored plumage.

On another wall there is a large closet formerly used to store wrapped Cycle-of-the-Passion images: the Senhor do Horto (Lord of the Garden), Senhor da Coluna (Lord of the Column), Senhor da Pedra Fria (Lord of the Cold Stone), *Ecce Homo*, Maria Madalena (Mary Magdalene) and São João Evangelista (Saint John the Baptist). Due to the images of turtles and simple flowers painted on both sides of the doors, this piece of furniture was seen by Germain

Bazin (apud CALDERÓN, 1976, p. 60) as having strong oriental influence. The paintings on the smaller body of the closet differ from the other ones and only appear externally.

It is possible that this closet was made in stages. The three bodies of largest size are older and closed by two doors with carved pediments. Internally they are divided as to accommodate images of many sizes. The smaller body was added later and has no internal divisions; its lower part is occupied by large drawers.

Another piece decorating the sacristy is a limestone lavabo of Portuguese origin that was damaged due to the inclemency of time. In the opinion of Carlos Ott (1998, p. 175), it was a "reasonable but modest piece, probably made around 1750. Ornamental motifs are quite scarce...," which, in the author's conclusion, was a sign of the impoverishment of whoever ordered it during a "time of economic decadence when not even a single *réis* could be spent on a good lavabo."

The access door to the sacristy – just like those in the church – was cushioned in the shape of raised diamonds in a decidedly Renaissance influenced manner, but which survived with Baroque shapes and carvings throughout the entire 18th Century, especially in the storage furniture, on doors and windows.

The consistory was installed above the sacristy, on the noble floor. The main hall was decorated with care. From the walls hung valances garnished with ornaments shaped like large beaks – separated by a paper frieze, formerly painted – and golden carvings. The painting on the wooden roof featured the emblem of the Order in the center.

A description of this hall in the second half of the 19th Century made reference to an altar (MORAES, 1866, p. 46) in a place today occupied by a wooden closet – the Chinese closet, as it is known, because of the oriental style of the painting on its doors and jambs. India-ink designs in the form of small pictures on a white background featured animals, flowers and human figures copied from oriental models. These panels cover the doors, both internally and externally.

An explanation has been sought for the use of these oriental motifs in the ornamentation of the Carmo de Cachoeira set. The sojourn of Father Charles Belleville in the city always comes to the mind in this regard. Belleville, who was a missionary in Asia, may have brought the application technique and themes to Brazil. But this is pure speculation, because Belleville was Jesuit and usually each religious order had its own artists or hired lay services – especially the Third Orders, which controlled their own funds.

The same motifs can also be seen in the Jesuit Belém church in Cachoeira, where the internal paintings show a strong oriental presence. There are some who claim that the closet in the consistory of the Third Order once belonged to the Jesuit community. This is yet another hypothesis without proof. Oriental inspiration was also detected by Carlos Ott (1998, p. 164) in the wooden balcony that opens up to the monastery.

Fulfilling the requirements of their statutes, in 1768-1769 (BAHIA, Secretaria, 1982, p. 41-42) the Third Brothers acquired land to the left of the church in order to construct temporary graves for their affiliates. A long corridor enclosed by a thick wall and vaulted roof was built to shelter the burial niches.

To take better advantage of the space, they opened three superimposed rows divided vertically into four groups, totaling twelve on each side, so that the bodies deposited there would be parallel to the wall. The same aesthetic concern for the church and other buildings was also expressed by the Third Brothers in this enclosure. Each burial niche was crowned with a stucco cornice, worked in relief. The grace and lightness of the rococo style served as the basis for this ornamentation.

A need to expand the place increased over time, leading the brothers to close the large arcade of the main façade, augmenting that space with six more burial niches. Nevertheless, the detail that most stands out and which caused an impact in this environment are the tops of their coverings. Considered the richest collection of mortuary painting in the state of Bahia – and recently restored[3] –, all are closed by a wooden lid with polychrome painting close to a rococo style. The central theme is allegories that seek to transmit a funeral sense, among them curves and countercurves and other rococo details. At first glance the models of the designs seem repetitive, but after close observation elements can be noticed that give them a certain individuality, even though they are not nominally identified.

In this sanctuary there is a small altar with retable that follows the aesthetic line of the retables in the nave, but for being made of stucco. The image of Nossa Senhora do Carmo occupies the center of the altar. With its stucco altar attributed to the same artist that executed the façade of the First Order, the cemetery chapel probably dates to 1773.

Burials inside temples were forbidden in the second half of the 19th Century. The construction of public cemeteries led religious orders and associations to take measures to give a worthy burial to their associates, due to statutory requirements. The Third Order of Carmo of Cachoeira decided to build its own cemetery in 1898. The construction of public cemeteries has been interpreted by some specialists as one of the major causes for the depletion and decadence of these associations, because the right to a grave served as an attraction for adopting affiliates. In truth, however, what changed as the mentality, with a decrease in religiosity under the influence of a positivist new world.

Accompanying the information on the Order is some documentation attesting that periods of ascension and decline were part of the everyday life of the institution. Financial difficulties are registered in minutes since the first half of the 19th Century.

Notwithstanding, there is evidence of work being accomplished after the end of the edification. While they are not documented, such is the case, for example, of the open tribunes in the chancel that damaged the tiles covering the walls and the construction of the Senhor dos Passos chapel, which ended up closing one of the arches of the *loggia*.

In 1810 the *parvis* was enclosed by high wall and gate. It is believed that the date on the gate indicates the time of construction of this wall, which still existed in 1867, according to reports by Moraes in his *Brasil Histórico*.

There are some other scattered references on the works and repairs of sacred pieces. In 1813 Brother Manuel Fernandez gave 23$000 to repair a "lamp[4]." On November 19th, 1855, José Teixeira de Assis received 10$000 "for an ampulla that I gilded," and Joaquim Manoel was paid 2$000 to restore a pair of silver candlesticks. On November 22nd Manoel Rodrigues dos Santos received 2$000 "to plate four candlesticks with silver that I made for the banquet of Sr. Bom Jesus dos Passos[5]."

Manoel Bernardino was paid 8$000 in July 1856 for the "repair I made to the roof of the body of the Church and the cloisters of the new order, which provided me with the lime[6]."

In 1855 the Third Order made various investments to recuperate furniture and polychrome imagery, unlike the First Order. It was the time of the cholera epidemic. Given such a situation, it would seem incoherent at first to invest in recovering sacred pieces. But faced with the despair of the population, the prayers, processions, novenas and masses for the dead must have provided comfort and hope, and that required the objects of the cult to be in good conditions.

The 19th Century chronicler Moraes (1866, p. 46) remarked that unlike the church of the monastery, the church of the Third Order was impeccable, affirming that: "entering this temple one feels a certain joy in contemplating its chapels, its images and its architectural taste."

As with the First Order, the occasional interventions of the Third Order are often confused with the history of its construction. In July 1896 the ceiling of the church was repaired and the building was retiled again, the payment according to the damage[7]. In May the following year, the door of the church was repaired for 15$000[8] and in January 1899, the gate was painted for 34$000[9]. Finally, in September 1900, a chandelier of the church was repaired for 36$000[10].

In about 1920, part of the high wall that on closed the *parvis* was demolished, and in its place iron railings and a second gate were installed.

Disagreements between the directors and the brothers, excessive expenses, discord among the friars of the First Order and, finally, new ways of thinking about life and religion led most of these institutions to decadence.

Many orders closed their doors, but not the Third Order Carmelites of Cachoeira. It is still possible to see its architectural set in full operation – church, sacristy, consistory and cemetery –, benefiting, as it will always benefit, from the blessings and protection of Nossa Senhora do Carmo.

NOTES

1 – Archive IPHAN-SSA, Box 154, File 130-10602116.

2 – Archive of the Carmo Convent of Salvador, 3rd Order of Carmo of Cachoeira [licenses, statutes, elections etc.], ms, BH Archive, pg. 1 r-v.

3 – They were restored along with the sculptures with patronage from the Vitae Foundation in order to accomplish an inventory of the chattel and restore important canvases and polychrome images.

4 – Archive of the 3rd Order of Carmo of Cachoeira, *Livro de Irmãos* (1754-1832), ms, BH Archive, p. 240.

5 – Idem, *Livro de Contas da Ordem 3ª* (1855-1856), p. 2v, 3v, 4v.

6 – Idem, p. 21 v.

7 - Idem, *Receitas e Despesa* (1895-1939), p. 2 v.

8 – Idem, p. 5v.

9 – Idem, p. 9v.

10 – Idem, p. 15v.



INTERVENTIONS IN THE CARMO ARCHITECTONIC ENSEMBLE

The history of the interventions

To best understand the changes through which the Carmo Ensemble has passed and to provide due value to the extensive work that the Monumenta Program executed, it is important to take a retrospective look at past maintenance or restoration interventions undertaken for that set.

The interventions only began to be documented in 1938, soon after the creation of the National Historic and Artistic Heritage Service (SPHAN) by the Getúlio Vargas government. Nevertheless, by means of old descriptions, payment books to artisans or minutes of the Carmelite Order, it is possible to obtain a broader vision of the alterations and reforms undertaken by the Carmo Ensemble.

Generally speaking, three main construction and interventions phases for the buildings can be identified:

• Phase 1 – From the donation of the land by João Rodrigues Adorno to the creation of SPHAN (1688-1937).

Throughout this long period the ensemble was slowly put together by means of donations of land and the construction of the buildings, thereby establishing the religious life of the Carmelite Order and the Third Brothers.

Even though documentation is scarce, it is clear that there were two very distinct approaches to the buildings. In terms of (poor) maintenance, the Carmelite community undertook various campaigns. Such actions, commanded by friars and priors at whim, ended up destroying a good part of the artistic content of the churches and were considered "disastrous" by SPHAN. Maybe due to lack of resources, the lay community of the Third Order made less frequent and less harmful interventions.

• Phase 2 – From the creation of SPHAN to the SEPLAN-PR Historic Cities Recovery Program (1937-1985).

In spite of what SPHAN intended, their actions were limited by distance, communications difficulties, shortage of personnel and relationship issues with the Carmelite Order. The periodic flooding of the Paraguaçu River also complicated maintenance services and works to value the set, which SPHAN did not always have the ability to coordinate.

The first available records about mobilizations in favor of Carmo are from around this time. Throughout its history, the priors in the monastery even appealed to presidents of Brazil to defend their heritage.

The period after Cachoeira's listing as a National Monument was marked by sharp changes in the functions of the Carmo Ensemble. The structure of the First Order church and monastery was made idle by social and populational development, and was eventually abandoned by the religious *circa* 1955.

In order to reverse the decadence of the property, a project by the State of Bahia was financed by PCH – Program for Reconstruction of Northeastern Historical Cities, turning the convent into a touristical inn, between 1981 and 1983.

• Phase 3 – From PCH-SEPLAN intervention to the intervention of the Monumenta Program (1985-2006).

Interventions in the set practically ended after the implementation of the inn, since the spaces fell under a private management that only occasionally requested permission from IPHAN to make small repairs.

In 2003 the Monumenta Program, by the Ministry of Culture – MinC, began acting on the nucleus that comprised the Third Order and the Church of the First Order, employing a new philosophy of sustainability that bestowed on the properties functions appropriate to and capable of promoting the maintenance of the buildings through small structural modifications consistent with a good restoration.

Outlined here are the interventions made since the creation of SPHAN and the listing of these religious buildings as national monuments. This passage was not accomplished without difficulties.

In 1938 interventions in the Carmo Convent were fully underway and abruptly affected by the announcement of the ensemble protection as heritage. The prior at the time, Friar Inácio de Jong – probably of Dutch origin –, was the pivot of one of the most turbulent and entertaining controversies in the history of that monastery.

The information that his monastery and church had been registered as national heritage monument on August 22nd, 1938[1], and that – according to Law Nº. 25 of November 30th, 1937 – any work on the ensemble would require the approval and monitoring of SPHAN, came as a great shock to that religious superior. Since the interventions had been initiated before the registration, Friar Inácio was suddenly faced with an unfinished work and without the means to conclude it, given the new conjuncture.

The jobs that he intended to do were generally simple: replacing pieces on the facing and an external and internal painting of the church. After analyzing the artistic value of the monument and establishing the best way to do such a job, SPHAN had no objections.

Other planned works were: removing the balustrade from a small two-landing stairway situated parallel to the façade of the church, and the impermeabilization of the tower areas where tiles had been lost. That also did not encounter any opposition from SPHAN, which later would become involved in the slow and expensive enterprise of building a new stairway to interconnect and harmonize the façades of the two Orders.

However, the idea of completing the right wing of the church, "adding to it the part that was lacking, that is, the gallery or hall of the tribunes[2]," and incorporating one of the arcades of the Third Order, proved to be a problem of greater magnitude than the prior was capable of managing. The project had been attempted about a decade earlier by Friar Pedro Tomás Margallo, prior of the monastery between 1923 and 1926 and who worked on many jobs up to 1931, among them the complementation of the church. Friar Margallo got so far as to begin with the corridor of the tribunes and build the wall – which reached a height of four meters – without, however, completing the expansion. From what is known, the interruption of the work was provoked by protests from the Third Brothers, lords of "mystic"[3] land in the monastery church, because it was affecting their facilities.

In fact, according to Godofredo Filho, responsible in the 1940s for the 5th SPHAN Region of Salvador, this occurred because the situation was questionable since the donation did not establish the limits on the ceded area. The donation of the lands in question – next to the monastery, where the Third Order is located – was conducted legally through a deed in 1702, but that document did not indicate the exact measures of the donated property, thereby causing the referred doubt. Notwithstanding, the donation became irrevocable after the new facilities of the Third Order were built. They explained to the superior that since these lands were received from João Rodrigues Adorno, where the Third Order already had a chapel consecrated to Santa Teresa and a walled sacristy, the friars of the monastery in fact donated the lands permanently so that no one in the future would have the right to revoke or complain about that donation[4].

Friar Margallo's enterprise was abandoned, the wall being the sole remainder to testify to the project. In 1938, a new attempt to continue the job, this time accepted by the Third Brothers, was embargoed by SPHAN. Discussions with respect to the opportunity and means of carrying out the complementation were dragged out for a long period. At that time, the department lacked employees; to make decisions it depended on lenghty exchanges of correspondence between the Bahia regional office and SPHAN headquarters in Rio de Janeiro.

On the other hand, SPHAN's staff in Rio de Janeiro required blueprints with longitudinal and transversal cuts, as well as photos, to allow a correct analysis of the problem, before issuing any opinion.

Administratively, SPHAN's general director Rodrigo Melo Franco de Andrade communicated his decision regarding the works on the complementation of the church to the 5th Regional Office:

As for the complement to the church's blueprints that is being planned, adding to it the part missing on the right (side of the Gospel), that is, the gallery or hall of tribunes, I must communicate that I will only be able to authorize this job after the Reverend Superior of the Carmo Convent makes arrangements to produce to this department the blueprint of the set being considered, accompanied by longitudinal and transversal cuts of the projected hall and covering the parts that interest the 3rd Order, as well as an indication of spaces, reentries and reliefs on the façade, and also a blueprint of the land available in front of the church, the sidewalk, the curb line and the width of the street. Due to the lack of qualified people in Cachoeira, it is therefore imperative that the Reverend Superior hires a competent professional in the Capital to accomplish this service[5].

Although necessary for the operation of the department, this process was invariably slow because it depended on communication between states via letters, telegrams and, frequently, correspondence being sent by steamship to and from Cachoeira. It was also difficult at that time to find a professional to conduct a metric survey and design the plan, at least for a moderate price, as explained Friar Inácio: "I am communicating that up to now it has not been possible to produce the blueprint that Your Excellency has requested, since the engineers are asking for 1:500$000 to make this plan and Your Excellency can understand that it is almost impossible to raise this amount of money[6]."

In the meantime, someone noticed that modern-looking gutters had been placed on the lateral façade of the church, raising new controversy about the need to remove those. The problem was solved with the prior's formal commitment to inlay the gutters during the first whitewashing that he did. Returning to the issue of the temple's complementation, the cleric asked SPHAN to

"… suspend the embargo, because this space is already finished; all it lacks is plaster on the walls and seats by the windows. The Third Brothers are complaining that this space is not yet complete, that it is not proper to leave it like this, as much for our church as for the church of the Third Order. Knowing that Your Excellency is interested in the completion of the national monument and being convinced of the good will of the National Heritage, I await a favorable ruling to avoid bothering the people of Cachoeira, who are so happy with the final reform of this secular work and are already shaken by the embargo[7]."

With the job unfinished the church was not in a condition to be used for the cult, and the impossibility of conducting the customary four daily masses harmed the Carmelite Order financially. Desperate, Friar Inácio de Jong sent a telegram to SPHAN, threatening to remove the scaffolding from the church and resign from his position as prior: "Ask urgent reply respect whitewashing inside church external finish have already waited two months no answer coming will lower scaffolds giving up monastery position[8]."

An answer from SPHAN did not take long. A telegram from the administration explained that:

"As for complement plan right wing building believe that delay is because survey necessary for department to elaborate project more suited to the work not supplied forcing us send engineer Ayrton Carvalho to city to execute referred work whose alleged cost exceeds your resources[9]."

Godofredo Filho was objective in his analysis of Friar Inácio's procedures, and said in a letter to Rodrigo Melo Franco de Andrade: "The friar is confused about the measures taken, the perspectives of loss, threats of thunderstorms that may paralyze any renovation of the roof etc. I believe him to be a man with good intentions, although unable to understand what it means to preserve the beauty of an architectural monument[10]."

After overcoming those issues, the job was approved in June 1939, as was the wall around the *parvis*, complemented by three oculi set according to the instructions and sizes provided by SPHAN. It is not known exactly when the works were completed, but in November the same year the attention of SPHAN and the prior turned to a new enterprise: the stairway in front of the emsemble.

In front of the monastery church there was an L-shaped stairway which extended to the Third Order, occupying the entire front or at least part of it. In the past there had also been a large *parvis* or landing in front of the Third Order to which the arch of the monastery church's narthex opened. This was verified by old photographs and by correspondence exchanged between the Bahia regional office and the SPHAN headquarters reporting the testimony of old residents.

Anyhow, at the end of the 1930s access to the monastery was made via a small stairway with two landings parallel to the façade, guarded by balustrades. According to photos of the time, it extended to the Third Order, rising along an upward slope into which pendant was set a small stairway that did not reach the wall and access gate.

Altered on various occasions, the new project intended to revert the stairway into the original L shape, beginning in front of the church with the number of steps being reduced as it approached the lateral wall of the Order.

The photos, blueprints, budgets and debates surrounding the design continued between Cachoeira and Rio de Janeiro for several years and the execution of the job required the purchase of a small single-story house next to the Third Order, which was demolished in order to open up the view from the chapel and allow the steps to reach as far as they planned .

Located in Aclamação square, Nº. 15, the purchase and demolition of this house involves another interesting story. It is worth being told in a few words.

During discussions about the project for the new stairway – developed by SPHAN technicians in Rio de Janeiro and Godofredo Filho –, it was pointed out that there was a need to open the view of the Third Order of Carmo building, then obstructed by the wall and houses annexed to its land. Nevertheless, the expanded view would produce composition problems for the space and the decision to remove the wall and demolish the bordering houses was abandoned for financial reasons. Notwithstanding, there was a small ground-level construction almost set against the wall that had to be demolished so that the stairway could be built.

At the request of SPHAN, the 5th Regional Office made contacts in Cachoeira, more or less agreeing with the mayor, João Vieira Lopes, about the necessary procedures to accomplish the expropriations, as long as SPHAN collaborated[11]. At the same time, contacts were made with the landowner, who agreed to sell the property for 4:000$000[12].

It seems that the deal with the owner was closed at the right moment. For some reason, the mayor, without dispossessing the house and without any plan for improvements, decided to demolish it, and to worsen things up, the house's owner, Sátiro Teixeira, went mad.

The established plan was for Rodrigo Melo Franco de Andrade to informally deliver the necessary amount to Godofredo Filho, who in turn would buy the property in his name, have the house demolished and then donate it to SPHAN. This whole affair was concocted because for SPHAN to acquire the house formally, it would depend on special permission from the President of Brazil, thus rendering the much-planned composition of the access to the Carmo Ensemble unfeasible[13].

Fortunately the Cachoeira city hall gave up on the idea of demolishing the house and the District Attorney's office interdicted the owner, bestowing his wife the right to dispose of the property. Thus the two conspirators were successful: the transaction was consummated and in 1944 the house was taken down to make room for the stairway[14].

A version of the project that satisfied the conditions of the land and the available budget, then, was finally reached. The single-story house at Nº. 15 was demolished and part of the annex and the backyard of the corner house, Nº. 13, was sectioned. With these arrangements, the front wall of the Third Order was extended until this last house, freeing up part of the view of the monument. .

Completed in 1945, the stairway was reduced to one landing with four steps in front of the arches of the narthex of the Carmo Church and a group of three steps in an L shape that were extended from the edge of the narthex to the edge of the Third Order's property. The number of steps was reduced in accordance with the elevation of the land. Between the level of the upper step and the level of the Third Order *parvis* there was a tract with a slight slope, today a garden.

The following year the director of DPHAN received a letter from the prior of the monastery communicating the bad condition of the roofs and the damage that infiltration was causing to the paintings. Retiling works began in May, but were later paralyzed. In November 1948, two and a half years later, the prior sent a protest, in the name of the people, to President Eurico Gaspar Dutra, requesting the conclusion of the services and the return of Senhor dos Passos to its church, which ended up occurring only in 1952.

By 1955 the monastery was practically uninhabited and had serious problems with its roof. DPHAN budgeted the necessary emergency works at Cr $50,000.00 – application of patches, cornerstone repairs and weed removal. The works were completed the following year.

In 1963 a representative of the directors of the Industrial School of Bahia asked DPHAN for permission to install a feminine gym in the monastery. DPHAN's management was favorable to the idea, but made it clear that it was impossible to restore the building due to a lack of funds and the heavy responsibilities it had already assumed with the restoration of other monuments in Cachoeira.

In September 1971 Cachoeira was declared a National Monument, registered under Nº. 49 in the *Livro de tombo arqueológico, etnográfico e paisagístico* (Book of archaeological, etnographical and landscaping records) and sanctioned by President Emílio G. Médici through Law Nº. 68.045 on January 13th, 1972. Based on this legal document, the president of the Cachoeira City Council, Geraldo Simões Santos, asked the Minister of Culture and Education, Jarbas Passarinho, to make arrangements with the state or the municipality to restore the Carmo Convent.

Around this period, for the first time, a request was made to transform the monastery into a touristic inn and the church into an auditorium for conferences and educational seminars.

Nothing changed until 1976, when the Third Order asked IPHAN and the Artistic and Cultural Heritage Foundation (IPAC) to recuperate the roofs and façade of the monastery, which were in terrible state, threatened to collapse. They suggested reconstructing the roof and disassembling the ceilings. But nothing was done until part of the ceiling ended up falling onto the nave.

Then a series of measures to restore the monastery were taken, wherein the idea to turn it into an inn for tourists and provide it with continual use was rescued. In 1977 an initial blueprint was produced by the Architectural and Urbanistic Renovation Group (Grau) at the Federal University of Bahia's (UFBA) Architectural College, and rejected by IPHAN. Later presented to SEPLAN-PR, the project was approved and included in the PCH – Program for Reconstruction of Northeastern Historical Cities.

A number of changes were made so that the project could be adapted to the requirements of the Bahia State Tourism Board (EMTUR) and labeled as an inn. With the project finally approved in all respects, an agreement was formalized in 1981 between SEPLAN and the Bahia Artistic and Cultural Heritage Foundation to conduct the restoration works on the Carmo Convent. Later the restoration project was authorized by CNTur Resolution 1692 of November 25th, 1981. The works continued throughout 1982 and part of 1983. In May that year, the Pousada do Convento (Monastery Inn) was finally opened.

The proposal to turn the Carmo Church into a multiuse space emerged later. And only in June 1984 was the project forwarded to SPHAN/FNPM, with the Department of the Interior's approval occurring in December the same year.

The following year a dispute arose between SPHAN/FNPM and the Artistic and Cultural Heritage Institute of the Bahia State Industry and Trade Secretariat (IPAC-SIC) as to the handling of the Carmo Church's high altar. The disagreement could have been worked out without much ado if not for the fact that the works were already well underway before receiving approval.

The dispute emerged because only four Solomonic columns with fine carvings and great beauty remained of the original decoration of the church. Within the conception of the project, the future use of the church as a space for events allowed a certain freedom of action and, according to the principles of the restoration, a statement of the new interventions in a modern language.

The theoretical foundation was absolutely correct, and to complement the areas occupied by the high altar it was decided that modern-looking carved panels would be applied to the crowning arch, the spaces between the Solomonic columns, the door of the sacrarium and the pediment of the altar table. The panels were ordered from the studio of Louco ("Crazy"), a popular artist in Cachoeira, who began the production of the *naïf* carvings to be installed in the church.

After analyzing the project, however, SPHAN/FNPM[15] rejected the panels, and in a visit to Cachoeira, staff from the institute discovered that they were almost finished and were already partially installed in the church. The original columns, in their turn, had been painted in cream color and gold using an inadequate technique. After several meetings, the situation was settled with the removal of the painting job on the Solomonic columns and a darkening of the carved panels.

References to jobs done by SPHAN/FNPM ceased after the delivery of the new multiuse space and the opening of the inn, which operated under the management of EMTUR. Only with the creation of the Monumenta Program and the decision to change the function of the Carmo Church it was returned to the authority of SPHAN.

In what concerns the lay order, after the creation of SPHAN in 1937, the chapel and house of prayer of the Third Order of Carmo were both registered as national monuments on August 22nd, 1938, according to records Nº. 103 in the *Livro histórico* (Historical Book) and Nº. 210 in the *Livro das belas artes* (Fine Arts Book). According to what had happened with works already underway in the monastery, the prior received a letter ordering him to suspend the interventions in the Third Order Church and communicating that all prospective jobs to be conducted in these properties would require previous approval.

It is not known with much accuracy what jobs were being done at the time. SPHAN was then involved with the renovation of the monastery. And interventions in the Third Order were probably just of an emergency character.

At some point, SPHAN assumed the task, or even started other jobs there, because an official letter of February 1940 gave an account of works that the Heritage Service was accomplishing in the Third Order Chapel. Major works were initiated in 1939 and lasted until 1942, including the building and recovery of integrated pieces considered by Godofredo Filho "until the present, the most important, extensive and difficult task that SPHAN has undertaken in the 5th Region[16]."

Among the accomplished jobs was the removal of the ceramic covering on the floor of the chapel – "inappropriate, ugly tiles of a bluish color with black designs[17]"– and its replacement with wooden boards, thus reviving the old characteristics of the space. "Old" is just a manner of speech, however, since it is largely imagined that the mills and churches had their floors covered in wood; in truth, the original floors of civil and religious constructions were made of paving stones.

Between 1940 and 1945 SPHAN also focused its attention on the planning and construction of a large stairway to integrate the buildings in the set. Upon conclusion of the stairs, however, the works at Carmo stopped. Beginning in 1946 there were many protests from Prior Augusto de Azevedo Luz, complaints from the community and reports in newspapers in favor of concluding the interventions – even an appeal to the President of Brazil, Eurico Gaspar Dutra[18].

Nevertheless, the manifestations were not successful. Work was only resumed again in 1950. The extensive restoration of the First Order ended in May 1952. Finally the Senhor dos Passos could return to its church. This was the main reason for complaints from the population of Cachoeira.

Although the image belonged to the First Order, it is interesting to notice that it was the prior of the Third Order who led the community movement to terminate works and reestablish the devotion of the Senhor dos Passos in the lay order.

The description of the delivery of the restoration – by the engineer in charge, Pedro Ghislandi – is quite interesting because it lists the jobs that were done, the conditions under which the auditing was made and, especially, it features a colorful description of the typical life and characters of Cachoeira.

"Everything ready. Full restoration. The Monument was delivered to the Brotherhood in March 27th, 1952, but we offered assistance until Easter to help with the feasts and processions.

The Senhor dos Passos was "not at home" for so many years. The celebration of the transfer was so beautiful, slightly nostalgic. It was at night, hundreds of candles slowly moving, like souls in line. Easter Sunday, heavy fireworks, many beautiful girls, lots of people.

Well I finished everything in peace, thank God, although I was already getting upset. Nevertheless I felt some longing. Damn, I won't miss this campaign anymore, the night trips in the old steamship under a cold drizzle, the badly-slept nights in the hammock in the sacristy, or Antenor frying smelly sausages for dinner on three bricks, telling endless lies and the affairs of Diú Dofona, the potbellied black woman who sells hot *caruru* in the steamship and ´has been hiding in her basket a stash of old gold chains this big.`

Very well, let us hope now that the Brotherhood takes care of the Monument. – I left a page there with rules and advice for maintenance – If they take care of everything properly, I will be happy.

This work (Nº. 6) included restoration of the wall of Dona Francisca Cruz' house, a minor restoration of the custodian's house, landscaping and clearing of land belonging to DPHAN in Cachoeira and, finally, the preventive shoring of the Belém Church in Cachoeira.

The accounts are closed, everything paid off. I left a balance of CR$ 77,391.50, according to the model above.

City of Salvador, May 4th, 1952[19]."

Because of the details and sense of humor, Pedro Ghislandi's descriptions are precious documents that leave records of events parallel to the restoration itself.

In 1954 DPHAN began its struggle against the flooding of the Paraguaçu River, which, as pointed out, periodically inundated the city and reached the Church of the Third Order. It seems that the flooding did not bring any major problems for the structure of the monastery, except for some degraded facings that needed to be replaced frequently. The situation of the church of the Third Order, however, was quite different. The wooden floor of the chapel was constantly affected and the restoration works, never accomplished with the necessary promptness, ended up being lost with each new inundation.

From 1954 to 1962 the Third Order buildings were systematically submitted to emergency works in which the recovery of the floor of the nave and the roofs were recurrent. Soon after the flood in January 1964, a new season of renovation began that was prolonged until the following year. During this period a complete restoration of the properties was made, including the integrated pieces.

Another struggle developed within the Third Order from 1961 to 1964 against the depredation that the assets suffered due to the action of custodians, especially the integrated pieces.

Always based on Ghislandi's descriptions, it is known that the alteration of the electrical installations in 1961 was the first measure. The author blames the custodian for having diverted the wiring for personal home use. Describing the state in which he found the electrical network of the Third Order, Ghislandi remarked:

The lamp above the door located at the top of the external stairway was removed and from its tenuous circuit-extension – capable of feeding only a single light bulb – were pulled conductive wires "*a la diable*" to supply energy to the custodian's entire house[20].

A if the "*gatos*"[21] in the electric installation were not enough, the lack of care was also evident in pieces that were broken and on explanations – often hilarious – as to why they were damaged:

"The old crystal chandelier, restored – although incompletely – during the works accomplished in 1960, appeared out of balance to us, with one of the flame arms broken into fragments. Two lamps equally broken. The new custodian (they changed the custodian all the time, each less zealous than the former) blamed the owl that ´flew from here to there in the nave, finally resting on top of the chandelier` (A pest of a blind owl, this one. And the windows, who left them open?)[22]."

But the situation became more serious the following year, when it was discovered that many silver handles from the chest (*arcaz*)[23] drawers in the sacristy were missing. Based on a photograph taken in 1952, when the works of

the previous restoration were being completed, it was verified that only one handle seemed to be lacking then. Now 23 were missing. Suspicion this time fell on the custodian's son or some of the visitors that he surreptitiously introduced to the church in exchange for payoffs.

"The current custodian appears to be a humble, good and honest person, although with a less suitable personality for the function of caretaking and guarding a monument of such importance; however, there are strange stories about the conduct of a youth who lives with him – we don't know for sure if he is adoptive or his own.

On the other hand, a habit seems to be taking shape among tourists and visitors of taking souvenirs. It has been remarked that some have made discreet proposals based on payoffs. It could be, perchance, that among the groups of visitors there are some linked to the trade of antiquities[24]."

A police inquiry began to discover the facts and to try to recover the handles. The police in Feira de Santana and Santo Amaro were notified, but the custodian and his son were not located and the investigations did not produce any effective result.

The roofs were always the target of successive interventions. The engineer in charge recovered the roofs in that same year, although his work was affected "by the winter of 1964 and the action of the custodian's son."

In 1967, recovery from the damages provoked by the flood was concluded once again, although there was the need to protect the carvings and proceed to a complete and meticulous restoration. By this time, a large portion of the carvings had already been replaced. Recomposed and reproducing the previous models, it would be difficult to say that there were still original designs.

In spite of the investments, the Carmo ensemble continued its progressive decline. It was closed in 1969, when Governor Luiz Vianna Filho designated a state employee for the sole function of opening the building to visitors.

In the beginning of this year some pieces were stolen in the Third Order Chapel. Four carved angel *torchères* and a mirror-chandelier disappeared. This time no suspects were pointed out and, once again, the police investigation did not find anything[25].

In 1970 stabilization and restoration works were initiated under the responsibility of the Empresa Nacional de Engenharia (National Engineering Company) and, at the end of the following year, the company Irmão Santos e Cia. conducted a series of small jobs identified as general repairs.

The monument continued to deteriorate in spite of small maintenance works. By 1975, the electric installations were once again dilapidated. The risk to the integrity of the set was so great that IPHAN gave direct orders to the custodian to switch off the general power and not to turn on the lights for any reason, no matter how illustrious the visitor.

With the exception of some emergency repairs, little was done on the Third Order ensemble until 1976. The situation was so serious that the prior asked IPHAN to recover the roofs and the frontispiece of the Carmo Church, which threatened to collapse on the Third Order.

Mobilization of priors along with the community or local authorities in favor of recuperating the buildings or the artistic collection was common in the history of the Carmo ensemble. The community always responded positively within its possibilities, donating funds or construction materials. Depending on the bureaucracy and other interests, the authorities did not always take action.

The first known manifestation was by Prior Augusto de Azevedo Luz in a lecture to the Cachoeira-São Félix Rotary Club during a visit by President Getúlio Vargas to Cachoeira. On that occasion and on behalf of the brotherhood, the prior requested that the federal government finance the restoration of the church's works of art, that were perishing from the effects of time. Later, in a quick conversation, the President confided to the prior his desire to create a Heritage Department that would be responsible for national monuments, based on the model that already existed in many European and American countries.

A short time afterwards, the National Historic and Artistic Heritage Service was created. With the inauguration of this service Cachoeira had thirteen properties immediately registered in its books.

Eleven years later, due to the long paralyzation of the works begun by SPHAN on the Carmo Convent, the community was mobilized once again. This time they pushed the Heritage Service to conclude works that had been suspended for many years and to bring the image of the Senhor dos Passos back to the church of the Order, as mentioned above.

With possibilities of negotiation exhausted, the prior appealed to the President, as informed by the newspaper *A Ordem* in an article on November 2nd, 1948.

"Since Dr. Rodrigo Andrade, Director of the referred Service in the capital of the Republic and Dr. Godofredo Filho, representative of the Heritage in Bahia, have not found a satisfactory solution for the conclusion of such works, we appeal to President Eurico Dutra for His Excellency to seek the definitive formula that the case requires. It is not possible, however, for such a work task to be impeded by lack of understanding and good will. We are certain that with this appeal, Mr. President Eurico Dutra will heed the desires of the Cachoeiran people."

In 1976, the need to recover the roof of the Third Order Chapel forced the prior to fall back on the community to obtain the rafters and tiles for the work. In his request for help to IPHAN, the prior recalled that the previous year about thirty meters of the Carmo Church's cornice had fallen on the cloister of the Third Order. The damaged part was recuperated with the assistance of the population.

At that time the attention was focused on the monastery and the plan for its adaptation to an inn, which would be approved and implemented within the Program for Reconstruction of Northeastern Historical Cities. In comparative terms, little was done on the Third Order. There is a reference to funds being set aside for the reconstruction of the roof in 1977. New reports of works on the Third Order were only registered again in 1981, when the repeated requests for recuperation made by the prior were justified by the predicament of the city.

It is up to us to explain that this Order does not have the financial resources to accomplish the services that the chapel needs, and much less the community, which suffers from insuperable difficulties due to the successive and catastrophic inundations of the Paraguaçu River that have victimized this city, leaving its economic life completely devastated[26].

The flooding took its toll and the chapel was interdicted. New problems with the floor even affected the stability of the altars. With an emergency budget being liberated to solve the problem, a concrete structure was decided on to support the wooden floor. In 1982 a company was hired to begin the works, which included the recovery of the floors, the roofs and the electric installations.

Once again, in 1985 strong rains damaged the roof of the monastery, the house of prayer, the recently installed floor and the carvings. They also provoked a serious tilting of the cemetery wall. The recovery extended until 1987. The slope retaining-wall was rebuilt in stone, and the entire monument was painted.

The Third Order required works again in 1992. The prior appealed to President Fernando Collor de Mello, requesting the restoration of the building and its collection. The initiative does not seem to have been successful, because only in 1994 were works begun with financial support from the National Culture Support Program (PRONAC). Created in 1991 and linked to the Culture Secretariat of the President of the Republic, the program was responsible for raising funds from patrons of the arts and channeling them to finance projects of cultural interest.

Restoration of the artistic pieces began the following year, causing much controversy as to the results because it was badly done. A subsequent inspection conducted by SPHAN/FNPM verified that there really were problems with the restoration.

In 1993 the Brazilian Cultural Heritage Institute (IBPC) – the successor of SPHAN, resulting from changes in the Collor administration – made interventions on the roof and the carvings in the nave.

It was also during that year that the Third Order, supported by the Archdiocese of São Salvador da Bahia, launched the campaign "Don't admit this image, restore it," with the aim of getting assistance to recover its collection of polychrome imagery. The campaign was launched in Cachoeira on May 16th, 1995, with an exhibition of the pieces that required restoration, a blessing from Cardinal Lucas Moreira das Neves, a lecture by restorer José Dirson Argolo and a presentation by the Maciel Choir from Salvador.

In 1998 IPHAN included the Third Order in its work program, with an emergency plan to save the collection of movable and integrated pieces. A call-for-tenders was held. All that remained to be done was to liberate the budgets and service orders when in the second half of the year the federal government canceled all the pledges, frustrating hopes for a rapid recovery of the collection.

Without getting accommodated by the difficulties, in 1996-1997 the Brotherhood of the Third Order of Carmo obtained support from the Vitae Foundation to rescue a set of five canvases from the beginning of the 18th Century that portray Christ's Passion[27], besides the wooden gravemarkers in the cemetery. In 2002 another four images and a large canvas were also restored, in addition to interventions in the *arcaz*, the altar and the closet with *chinoiseries* in the sacristy[28].

Afterwards, many interventions were made in the collection of the small museum of the Third Order. A good part of its sculptures required urgent intervention, as much in terms of conservation as restoration.

Among these works were the seven images of Christ's Passion with oriental characteristics, considered unique in Brazilian sacred art and kept in the singular closet, also painted with oriental motifs. Other seven images were also restored, out of a total of fourteen – all in polychromed wood and most of which in a bad or terrible state of conservation.

A number of these images had thick and successive layers of repainting done by members of the Carmelite community. The layers were removed in order to reveal the original paintings, found to be of good quality.

The following was accomplished at the Argolo Studio with the participation of José Dirson Argolo and a group of junior restorers (ARGOLO, 2005): curative and preventive immunization, consolidation of the cracks and fissures, cleaning, fixation of blocks, replacement of loose elements, rebuilding of missing elements; fixation, filling, leveling of bases and cleaning, fixing, removal of purpurin, reintegration with gold plating. Finally, cleaning, fixation, application of fungicide, removal of repaintings, removal of altered finishes, pictorial reintegration and application of protective varnish in the pictorial layer.

Of unknown authorship, there was among the restored pieces a 150cm high sculpture of Nossa Senhora da Conceição from the end of the 18th Century. The image was entirely repainted with a deformed face and completely inadequate consolidation. The photos show some of the phases of the restoration and the aspect of the image after recovering its former appearance. The same was verified with the image of São Esperidião (118 cm high), also of an unknown author and from the 18th Century. As with that of Nossa Senhora da Conceição, the image – in a terrible state of conservation – showed signs of intervention made by untrained people. The photos also demonstrate the final results of Argolo Studio's intervention. The restoration of some of these pieces required more than three months and as much as a year of continuous work.

An amount of 52 pieces of the church collection were restored, some with the community's aid – as in the case of the image of Nosso Senhor dos Passos. In order to raise public awareness, to give the campaign some momentum and restore the remaining sacred pieces, another exhibit of the damaged images was opened.

Alternating interventions continued almost constantly throughout the existence of the Carmelite heritage in Cachoeira. Priors, superiors, communities and government institutions always endeavored to take care of its movable and immovable properties.

Within this sequence, in 1998-1999 the Third Order Chapel and House of Prayer were included in the Emergency Action Plan by IPHAN. The procedures for their inclusion in the Monumenta Program's priorities developed slowly until in October 2002, in response to a letter from the prior, IPHAN was able to communicate that the Carmo Ensemble had finally been included and was among Monumenta's priorities.

The restoration works and the Monumenta Program

A letter to IPHAN in October 2002 from the prior of the Third Order of Carmo, Jomar Lima da Conceição, conveyed the deplorable conditions that the church and house of prayer were in, and that the civil area, roof and physical structure were quickly deteriorating.

But it was not just the building that required care. Beyond the control and maintenance capacity of the Order, leaks and infiltrations were damaging the integrated pieces. The carvings in the choir were on the verge of collapsing. The paintings on the lateral walls of the chapel had more than fifty percent of their surface compromised. The entire ceiling of the nave suffered from infiltrations that dampened the surface of the painting, corrupting it. And the ceiling of the hall on the upper floor was totally compromised, with parts of the carvings threatening to fall at any moment.

In the words of the prior, the situation of the chapel was "the worst possible and we are worried that irreparable losses will occur if there is not an urgent intervention[29]."

Although in better state, the First Order Church was also in a difficult situation. Restored in the 1980s to operate as a space for events annexed to the inn, but independent of it, it was never granted the vitality that was necessary for its maintenance.

Over the centuries the Third Order was maintained for religious purposes and as the headquarters of the brotherhood, remaining alive as a symbol and reference for the Cachoeira community.

But the First Order, to the contrary, with a deactivated monastery and the Carmelite friars being removed, fell into decadence. Denied religious use, it hosted diverse functions, not all adapted to the space. It had been at times a school, a government department and military barracks. Finally, in the 1980s, its new use as an inn divested the monastery from its church – both belonging to the Third Order –, placing them outside the everyday life of the city.

Dessacralized, without its internal contents and modified according to an artistic proposal that subverted the sober and imposing lines of the building, the First Order Church was equally compromised, although the physical damages were not as aggressive.

After issuing a warning about the urgency of restoration, the prior was informed that the Carmo Ensemble would soon receive an intervention supported by the Monumenta Program.

In fact, on the list of conservation priorities elaborated by a special commission nominated by the Ministry of Culture (MinC) in October 2000, the municipality of Cachoeira had already been chosen as one of the first twenty areas in which the resources of the Program would be applied. The creation of executive projects began in January 2002, with the Carmo Ensemble being analyzed by IPHAN a year later.

Conceived by the Ministry of Culture and the Inter-American Development Bank (IDB), the Monumenta Program was the first continual, nationwide program to finance historical heritage, being based on two key principles: sustainability and replication.

The principle of sustainability can be described as "the permanent maintenance of the properties' original characteristics without new contributions from federal sources[30]." Its adoption promotes a replication effect; that is, repetition of the successful intervention model by other actors on other urban monuments or areas.

Although there is no direct cause and effect relation between physical recovery and economic and social revitalization, the breaking of the vicious cycle of destruction establishes a process in which an example promoted by the public sector is disseminated and personal affluence stimulates the action of private initiative in search for profits.

This unprecedented focus attracted aid for the Monumenta Program from important national and international institutions like UNESCO, the World Bank, the Brazilian Development Bank (BNDES), Caixa Econômica Federal and Banco do Nordeste do Brasil[31].

It also made the Monumenta Program self-replicating, later being adopted by the IDB and UNESCO as a performance model to be installed in other countries that initiate heritage restoration projects.

As mentioned before, in 2003 the project for the Carmo Ensemble was accepted by IPHAN for analysis and approval. IPHAN evaluates each project in meticulous detail, verifying the options that are appropriate to the spaces of the monument and checking if the technical solutions will improve the conditions of the property without inserting discordant elements or making unnecessary efforts.

The Institute's restoration philosophy is one of respecting the past and introducing discreet marks in the present. A good work of restoration is a work of art: it is made present without being imposing on the senses.

Besides adequate concepts and techniques, the success of a restoration process depends on a perfect integration between the persons of the team that conducts it, in charge of the decisions on the site. This integration did in fact occur among the members of the team that worked on the restoration of the Carmo Ensemble. IPHAN and the Monumenta Program worked in unison. The effect of this coexistence can be seen in the results obtained.

The integration resulted in an understanding of the building and the ties that were established between the object being restored and the actors of the restoration. In most cases it was a childlike passion that everyone knows exists, but which no one deigns to admit.

Probably each person who worked there, at some point, used expressions such as: "my church," "my monastery," "my ceiling..." or, as one of the restorers from IPHAN passionately said: "My monastery, the most important monastery in the world!"

The group of buildings that make up the Carmo Ensemble comprises the largest and most important monument in Cachoeira, as much for its architectural importance as for its artistic wealth. Located in the main part of the city in the immediate neighborhood of the Casa de Câmara e Cadeia (Town Council and Jail) and other important multistory buildings, the ensemble is a potential focus of attraction. And a polarizer of attention.

It therefore becomes an element of considerable importance within the urban and landscape structure of Cachoeira which specialized analyses identify as having a strong touristic potential, resulting from:

- Valuable architectural heritage that includes elements with specific characteristics;
- Strong historical appeal linked to important events in the process of national independence;
- Strong historical appeal linked to the economic development of the Recôncavo area and the sugarcane and tobacco economic cycles;

- Vivid religious and cultural traditions and
- Favorable geographical and landscape conditions.

Needless to say, this potential was not associated with a real development of cultural and tourist activities in the city. Understanding this, the Monumenta Program sought in the Carmo Ensemble a performance strategy in which the recovery of the physical heritage was just the visible part of the process. The other aspects, less evident to the non-specialist, were the revitalization of the Order and a choice of projects that created bases for sustainability.

The intervention by the Monumenta Program discarded the monastery area and incorporated the church of Nossa Senhora do Carmo into the space of the Third Order. This dissociation – that may seem recent – in fact existed from the time of the implementation of the inn in the old monastery, when the church became a large hall for events.

Economic thinking soon demonstrated that there was a demand for lodging services, but not for event hosting on a large scale. Unlike the monastery, the church space remained idle; it did not generate the resources to fund its own maintenance and, especially, in not becoming a focus for attracting visitors it withdrew an important element of national heritage from public fruition.

The Monumenta Program defined its principle of sustainability on real bases for the purpose of expansion and adaptation of a Museum of Sacred Art (which embryo already existed in the Third Order) and the creation of a space for events no longer aimed at seminars and congresses, but attending to activities on a smaller scale and with a closer connection to the local community.

This is a viable focus in keeping with the capacity of the Order, that is also coherent with the interests and needs of the Cachoeira population.

The intervention of the Monumenta Program

For intervention purposes, the Monumenta Program considers the Carmo Ensemble to be comprised of the First Order Church and the Chapel and House of Prayer of the Third Order, its constructed area totaling 2,869.17m^2.

The intervention in the Third Order of Carmo was mostly limited to the conservation of the physical structure and the integrated pieces. Maintenance of the existing program was the focus, since religious activities and the museum were fully integrated to the building – they were functioning as it was and did not require alterations in the architectural structure. The project's memorial says:

"The intervention intended for the Third Order of Carmo Church and House of Prayer will consist of, basically, restorative actions to preserve and maintain the existing architectural elements, in addition to the prevention of problems that might place the integrity of the property at risk[32]."

But the polychrome imagery and furniture were also treated, as will be seen further on. Internally, the paintings and missing parts of integrated pieces were restored, among them the supports for the mirror torches. The new pieces were varnished to mark the intervention. The lamps with mirrors, considered rare specimens, were restored.

The adaptation of an events venue was the most remarkable architectural intervention within the ensemble, almost exclusively concentrated in the area of the patio.

In the spaces of the First Order, the greatest emphasis of the intervention also fell on the integrated pieces, especially the restoration of the sacristy and the recuperation of the ceilings and other remainders of the original decoration of the church.

The new function of the Museum of Sacred Art – extended to the First Order – required small and discreet adaptations of space and was implemented with extremely good taste, always within the criterion of marking the current intervention with a contemporary and respectful architectural language.

The patio

As mentioned above, the main interventions in the Third Order were concentrated on the patio. In the beginning, this would have been an area in the backyard of the Order and, more recently, also the place of the custodian's house.

Regularized by a DPHAN intervention in 1950, its appearance back then is known because of the testimony of Pedro Ghislandi, the engineer entrusted with the work: "Initially, earth and rubble were removed from the patio next to the row of Catacombs. Trees and other inappropriate plants were cut down, leaving only the old central coconut tree[33]."

That old coconut tree still stands there, rigid and solemn as a sentry to the space.

For some decades the patio has been used for marriage, baptism and graduation receptions, usually after mass or a religious service. To continue exercising these functions, the old shed – which was already in ruins – was demolished. A new annex was built in that spot, where the pantry and restrooms for events and the museum are now located. The pavement, levelled and covered with irregular stone, created a wide and pleasant space linked to the gallery of the tribunes via an external, independent stairway.

Originally a structure of rectangular brick masonry, the stairway was covered with recent mortar, probably due to the wear and tear of the constructive material. During the intervention, which sought to remove the layer of mortar and return the stairs to their original feature, an engraving showing the date 1778 was found in a riser of the stairway. Moraes[34] mentions the existence of this record, suggesting that it is the conclusion date of the works on the chapel.

Located beside the chapel, separated from the *parvis* by a high wall, accessing the buildings and the back of the property, the patio's position offers a certain privacy to activities held there, while at the same time preventing its interference in the visibility and dynamics of the ensemble.

A careful inspection of the condition of the properties was taken when the intervention began on the Carmo Ensemble in January 2005, confirming that they were stable and did not have cracks, settling, tilting, flaws in the fixation of the masonry or any other important structural damage.

It was verified that the degradation generally occurred due to the lack of periodic maintenance to prevent the action of humidity. The deplorable state of the facing allowed the infiltration of rainwater. Humidity also came from the underground aquifer or from water trapped on the land. Dampness acts as a vehicle for a series of other attacks, since it creates favorable environments for the proliferation of termites, fungi and plants that destroy masonry. It is also an element of degradation in itself through the action of soluble salts.

A general check-up on the roofs was made to control humidity in the buildings, by the cleansing, substitution and immunization of pieces and the recovery of the tiles. A hermetic surface was created between the roof and the joists by the application of an insulation ceiling. The drainage systems for pluvial waters were repaired and cleaned and accumulated waters were blocked or channeled.

On the patio, the immense water infiltration detected in the retaining wall located at the back of the property was dealt with by the cleansing and clearing of the gutter that collected water from the slope.

When interventions had already begun, in January 2005 Prior Jomar Lima da Conceição asked for measures to be taken against improper constructions in the proximities of the church. Indeed, there was a series of spurious annexes to some of the houses neighboring the patio: water tanks and cinderblock walls without plaster interfered visually on the set and blocked access to an old portal that was to be reactivated.

The property owners were notified and the former access to the events area was reopened. Unfortunately, neither IPHAN nor the Monumenta Program could do anything to eliminate the water reservoirs, so they opted for a complementation of the patio and cloister wall. Such a measure reduced the visual interference of elements foreign to the religious buildings.

The *parvis*

Separated from the patio by a wall, there is a *parvis*, a broad space in front of the Third Order Chapel produced by a difference in alignment between the two Carmelite temples.

This *parvis* was enclosed by a high wall with a gate that probably dates to 1810, in the interpretation of Moraes (1866, p. 37). The wall still existed in 1866, according to the engraving that the same author mentions, although it was lowered and complemented with grating in 1920[35] to allow a view of the Third Order Chapel.

In 1940 it was decided that the side view of the Third Order would be opened by removing the wall that enclosed the *parvis*, but eventually the difficulty of such job and a lack of resources led to the abandonment of that idea.

In an attempt to solve the humidity problem, a wide drainage canal crossing the *parvis* was opened in 1940.

Recent surveys conducted to identify the levels of old floors and verify the situation of the drainage gutters have set the scene for certain hypotheses regarding the construction of this part of the ensemble.

During the first prospective search – on the right side of the facing wall – the current flooring bricks were found to be settled on a very thin layer of mud. Below it there was a layer of dirt-fill about 0.70cm thick and, under that, an

old floor of beaten clay settled on natural earth of a dark color, probably once a swamp.

In the second survey, conducted close to the first arcade of the narthex, a floor of mortared stone was identified about 0.15cm below the current level.

During the third search, this time in the direction of the side entrance to the Third Order, "*cabeça-de-nego*" stone floor was found, also located about 15cm below the level of the current brick floor.

In the same direction of the lateral access next to the catacomb there were indications of a gallery that ran along the right wall, and another – of large dimensions (an apparent diameter of 2.50m) – located 0.40 cm below the current floor.

Based on these discoveries it is believed that the original land was covered with earth – since it was lower (0.70cm less) –, which probably occurred at the time of the Third Order construction. Maybe by that time different accesses had been created for the secondary lateral entrance, with a "*cabeça-de-nego*" floor, and for the narthex, with mortared stone (0.15cm less). The upper level was created with the construction of the wall and the small staircases seen in a photo in the Carmelite Order's archives.

Based on oral information collected from the senior population in Cachoeira, in 1941 SPHAN inferred that an atrium once existed in front of the monastery church, with a stairway in the shape of an L that extended as far as the Third Order. A landing that opened to the side arch of the monastery church's narthex would have been located there[36].

Except for the opening of the narthex, it was more or less a reproduction of this access system that SPHAN used when building the new stairway.

The large gallery discovered by the survey at the beginning of Monumenta Program's works was without a doubt the result of SPHAN's intervention in 1943; its documentation can be found in the Central Archive of the institution in Rio de Janeiro.

The better understanding of the space by means of these searches allowed the Monumenta Program's interventions to be ruled by correct criteria, recovering and placing into operation the drainage galleries, reestablishing the paving, recovering the structure of the wall and the gates and reinstating the access portal to the patio, which old photos show was decorated with pinnacles.

The cloister

One who crosses the narthex with sandstone arcades and enters through the main door of the Prayer House can easily see in the background, beyond the shaded corridor, the luminous space of the cloister. Recently restored, it is easy on the eyes with its floor of rustic brick tiling and white walls filling the space with light, emphasizing by contrast the silent and dark corridors that surround it.

At the time when the interventions by the Monumenta Program began, the cloister was used as a garden. There were remains of an old manual pump, leading to suspicion that at some point a cistern existed there. As occurred with the great majority of old buildings that had cloisters or internal patios, these areas usually functioned as collectors of water from the roofs. It was a universally adopted resource – especially in large buildings – for storing rainwater at a time when the water supply depended on springs and wells.

With its function of collecting rainwater, the cloister of the Third Order was in a critical situation due to two factors that provoked serious damage: the high rate of rising humidity – a characteristic of the entire city of Cachoeira –, and probable flaws in the old water storage system.

The floors were prospected for a better understanding of the problems of rising humidity and to identify old layers of paving and drainage pipes. In the process, a marble sill that turned out to be a step was found near the entrance of the sacristy, with a carved torus and a 0.15cm mirror. Later the remains of a brick-tile floor and gutter structures that seemed to come from the lavabo and extended towards the *parvis* were identified. Part of these gutters still contained water, although its source was unknown.

All the earth in the cloister was subsequently removed, revealing large parts of the old brick-tile floor, in bad state. Where possible, the tile floor was consolidated, reapplied and, when necessary, complemented with recent bricks that conformed to the dimensions and layout of the old ones.

To block rising humidity, an insulating subfloor was installed; it extended to the central area and the corridors of the cloister. The brick floor was then applied on top of the subfloor. The old drainage system was recovered and put into operation, channeling the water from the roof and increasing the hermetic properties of the area.

There were the remains of a reflecting pool in the center of the cloister, along with the cistern and a well 4.5 meters deep – almost full of water – which was found to be resting on a spring. The source of at least part of the water that was infiltrating the building was now discovered. It was decided for an analysis of the water to see if it was still potable, and for the recovering of the old pump.

The result of this intervention was a clean and clear space that the recovery brought back to the surface along with the beauty and silence of the old building.

The roofs

In the internal areas of the Third Order, the interventions were more conservative. That is, their goal was to recuperate damage caused by weathering and the lack of maintenance, as much on the ornaments of the property as the integrated pieces – which made the chapel, in the words of Clarival do Prado Valladares (1986), "one of the three finest temples in the country."

To allow the building to be used again, extensive interventions were done to replace wooden pieces attacked by xylophagous insects, substitute degraded plaster, correct humidity problems, recuperate the roofs and recover floors hidden by layers of mortar.

The recovery of the roofs demanded a general revision followed by the cleansing, replacement and immunization of pieces, the recovery and stapling of tiles and, especially, the insertion of a hermetic layer: an insulation lining on top of the ceiling. Removed and cleaned, the tiles were later reused. The oldest of them – which already showed the patina of time – were placed in the most visible areas of the roof.

Many surprises can occur during a restoration. A three hundred year-old building has its secrets and it does not matter how many surveys are done or how many planning models are applied, something unexpected always appears, to the despair of the engineers in charge. Some of these can be frustrating, but the great majority are pleasant and even stimulating. And they always contribute with something to be learned.

As for the roofs, an unusual situation demonstrated the difficulty of the restoration. After examining diverse types of insulation for the ceiling, the technical team opted for fiberglass plates of the Venetian type with anti-flame and anti-UV treatments for the consistory, sacristies and churches of the First and Third Orders. For the remaining areas flat plates were chosen. With the job on the roof of the First Order Church concluded, the provisional covering was removed and, instead of the expected success, a large number of infiltrations were detected.

Several weeks of arduous work were necessary to identify the cause. Concerned that infiltrations could occur in other coverings, all the roofs were reviewed and all the joints between the fiberglass plates were reset. But in spite of all that care, the leaks in the nave continued.

It was finally found that, during the installation of the ceiling, the fiberglass being nailed onto chocks, there were perforations that allowed for much of the infiltration occurring in the covered area. The problem was solved with the simple insulation of the chocks.

In the Third Order, the violent gushing of water from the upper roofs onto the covers of the cloister dislocated and damaged tiles, even reaching the wooden structures. The problem had been endemic throughout the entire history of the interventions made on the building. In 1945 SPHAN engineer Pedro Ghislandi gave one of the most expressive descriptions of the problem:

"If nothing is done to eliminate or correct the downpour of water in cataracts from the roof of the two churches and the front wing – all of which currently without gutters – and falling from a height of about 8m onto the cloister, the repairs on the roof of the said monastery will be nothing but time and money spent. Here very hard water falls onto soft stone. Violent downpours dislocating and breaking the tiles. The water is also sprayed with the shock, impregnating and washing the beams and underlying wood, rotting everything. The side walls are still soaked from the last rain and the floor of clay paving stones, or what remains of it, is cause for embarrassment. The entire roof is propped up by rafter points so as not to collapse. Everything is covered with a thick layer of moss[37]."

Monumenta did not plan to install insulation in the roofs of the cloister. They expected that resetting the tiles and stapling them would be enough to ensure that the roof would be hermetic. The violence of the rainwater was underestimated, however, and although it did not dislocate the tiles it still continued to penetrate through the spaces. It was necessary to mold the fiberglass plates and install them between the top and channel tiles throughout the entire area where the pouring from the upper roofs was taking place.

The facing

With respect to the integrity of the facing in the Carmo Ensemble, there were two distinct situations. In the First Order Church, the replacement rate of the old lime-based plaster for new cement-based mortar was very high. In the Third Order, to the contrary – and in spite of multiple previous interventions –, the rate of substitution for cement-based plaster was low. Nevertheless, the presence of sodium chloride in the stones used for the masonry was common in both buildings.

The presence of salts is responsible for the degradation of facing materials through a process called efflorescence. The salt present in the materials is dissolved by water that comes into contact with the masonry and migrates, along with the humidity, to the surface of the walls. There the evaporation of the water makes the salt crystallize, increasing its volume and breaking up the plaster. This process gets much more aggressive the greater the amount of water in the masonry and the evaporative capacity of the environment.

However, there is a differential that can affect the level of degradation provoked. If the mortar in the plaster is porous and allows the migration of salt to its surface, it crystallizes and lightly powders the outer surface of the wall. If, on the other hand, the plaster mortar or surface painting is impermeable, the salt crystallizes inside the wall, making entire plates of mortar peel. Naturally the correct option is to use mortar with lime due to its porosity and lack of salts; the same goes for silica-mineral paints.

The restoration of the old plaster in the Carmo Ensemble by the Monumenta Program was exemplary. Whenever possible, the plaster was recuperated, reinforced and consolidated in diverse places with injections of polyvinyl acetate diluted in water. When recovery was not possible, granulometric and calcimetric tests were conducted by the UFBA Polytechnic School's Preservation and Restoration Technology Nucleus Laboratory in order to recover the original traits of the settlement and facing mortars, so they could be used in the restoration materials adapted to the old building.

As well as controlling humidity, this sort of care greatly reduced the salinization effects introduced by the contaminated stones, besides suppressing the salinization reactions provoked by the cement.

Interesting examples of conservation with special plaster were in the hall of the consistory, in the room for votive offerings and in a depot located on the upper floor of the Third Order.

During the surveys conducted in those places a smooth and shiny plaster of grayish color was found under a layer of wallpaper, similar in consistency to stucco or *scagliola*, but without decorations. This facing, traditional in the Recôncavo area and known by local stucco artisans, is important because its dating places it in a period coherent with the construction of the building.

A consensual decision was made to remove the layer of repainting that hid the original plaster and recover the areas between the posts of the doors, where there was need for consolidation. This operation was done with injections of polyvinyl acetate dissolved in water and a system of double shoring that sustained the peeling layer until the connection between it and the masonry substratum was reestablished.

The floors

A hot and humid tropical climate is ideal for a fast proliferation of vegetation, fungi and insects that voraciously attack wooden pieces. Throughout the entire Carmelite set, the wooden structures had been attacked by xylophagous insects and had to be carefully cleaned and recovered, with the deteriorated pieces being substituted and all immunized, both new and old.

Joists and boards for floors and ceilings, ridge-flashings and gables, stairways, door posts and sashes, carvings and images – nothing escaped the silent attack of the termites. Furthermore, a complete revision is essential because a piece that might seem healthy could in fact be simply a hollow shell. A small hole that passes unnoticed can be the focus of a future infestation, placing the entire investment at risk.

The main balcony of the Third Order, one of the many places where the wooden floor suffered intervention, will be the example, here, of what was done to other spaces.

When the intervention began, the floor of the balcony was covered by a layer of smooth mortar under which there were old boards. This fact was not exactly a surprise. An inspection report on the Third Order conducted in March/April 1961 noted that the floor of that area was made of wood, and that the Senhor dos Passos chapel, built above the main balcony and closing one of the upper arches, had its marble floor settled on the boards that were rotting, to the point that it was threatened to sink[38].

The floor boards were removed, cleaned, restored and immunized, at the same time that the joists which supported them were cleaned, recuperated and immunized. After being sanded they were resettled on their reverse side – which was not damaged by the cement – , caulked and once again sanded and waxed, so that they were apparent.

There was another wooden floor carefully restored by the Monumenta Program in the nave of the Third Order Chapel. This floor, located in the area below the building, had been systematically invaded by floodwaters until the Pedra do Cavalo Dam was built.

Over the years authors of many reports have described the damages and risked suggesting solutions. Some – such as the creation of a ventilation chamber under the floor, the placement of small brick pillars to support the wooded beams and, finally, swapping the beams for a concrete structure[39] – ended up being implemented. Others like those that proposed complicated floodgates or heating systems[40], remained on paper.

According to information from Godofredo Filho, in 1940 the floor of the chapel's nave contained "tiles placed during a renovation undertaken ten or fifteen years ago; inappropriate, ugly tiles of a bluish color with black designs[41]." Plans were made to substitute them for stone, but studies suggested it would be better to opt for wooden boards, which means to return to the original material used after the first clay paving stones.

It is worth repeating the words of Pedro Ghislandi – the engineer responsible for monitoring IPHAN's works in Cachoeira – when providing a description of the nave's floor in 1961 after the inundation of the previous year. But the situation is even more dramatic if we bear in mind that five years earlier the completely recuperated chapel had been delivered to the brotherhood.

"The state of the large-boarded wooden floor of the nave is now discouraging. The soil underneath still retains strong humidity from the flood that invaded the building in March last year. The boards are lifted, twisted and moldy. The supporting joists are almost certainly lost. For a year the monument has been awaiting resources to restore the current damage from the flood and lack of conservation, which, at this height, due to the general economic situation and the worsening of the ruin, will no longer be enough to attend to so much deterioration. This is unfortunate now that the monument suffers from a visible wave of decadence[42]."

When the works were finally undertaken in 1962 the floor had come completely apart. The ground, flooded in 1960, was still saturated with humidity. The pillars had given in and sunk into the softened soil. Ghislandi became animated with the news that during the demolition of a large house in Salvador, some *vinhático* (mimosa) trunks of "uncommon" size had been acquired and would be used for the floors of the Third Order Chapel[43].

It was around this time that the ventilation chamber was excavated and new pillars of brick masonry were built to substitute those that had sunk. The soil was pounded and a layer of insulation was added[44].

In December 1962 the works on the wooden floor were almost ready and the pieces had been immunized. The chapel was delivered with its floor of recently installed *vinhático* boards protected by a duly waterproofed chamber and a new structure. It had finally recovered from the flood of 1960[45].

But for some reason the Africanist goddess Yemanjá was not favorable to Cachoeira. At the end of 1963 another flood occurred – on which there is little information –, but a despondent Ghislandi in *Informação Técnica* (January/February 1964) said that "last January the building was once again invaded by waters."[46] The restoration campaign continued, now combining repairs from the flood of 1960 with the inundation of 1963.

Almost twenty years later, in 1981, the data provided by technicians from SPHAN/FNPM[47] was no different, nor had the violence of the floods diminished.

"The beams have rotted because of the humidity emanating from the space between the floor (ground) and the boards, where water was deposited from flooding and was not allowed space to evaporate later. The same problem is already threatening to compromise the boards, rotting them also[48]."

Currently the Pedra do Cavalo Dam – built during the first half of the 1980s – protects Cachoeira from the constant flooding of the Paraguaçu River. Nevertheless, the level of humidity in the ventilation chamber under the floor is high and ends up affecting the concrete structure that sustains the floor.

At the time when the Monumenta intervention began the structure was strongly attacked by humidity. To recover the stability and efficiency of the system, the beams were cleaned, the crumbling concrete was removed and the exposed ironwork was sanded. Afterwards, the concrete was redone and the pieces section was recomposed to its original size.

The towers

There is a single tower in the First Order Church, located to the left of the frontispiece. A second tower – unfinished, according to Epifânio Meireles – was a gift from the clerics to the Third Brothers, who never concluded it and let it fall into such ruin that it threatened to collapse[49].

Among the interventions undertaken by the end of 1939 by Friar Inácio de Jong, prior of the First Order, there was the filling of the gaps in the tiled coverage of the cupola, by then already very damaged. The job that he intended to do using cement was vetoed by SPHAN, which demanded the application of tiles of the same color and size.

It is not known exactly what other services were done in the tower during the seventy years that separated Friar Inácio's administration and the Monumenta Program, but by 2005 it showed serious deterioration in the tiles and masonry parapets.

Rain washed particles of iron from the bells, leaving stains on the sandstone of the parapets. In turn, many embedded iron details became rusted with the action of the water, increasing in volume and dislocating plates of sandstone, which, little by little, began corroding and losing their form.

To tackle the problem, the south and southeast spaces of the tower – precisely those that most suffered from the rain – were closed with fixed panels of tempered glass that neither affected their transparency nor the visualization of the bells.

The intervention was completed with the recovery of the parapets, surface cleansing on the bells and a restoration of the bearings that sustained them. These bearings were almost completely ruined.

The masonry

As with the tower parapets, other masonry elements of the building were corrupted by the weather or due to lack of care by its users.

The lavabo of the First Order had several cracks. The same was the case with the columns, the quoins, the bases of the framing in the side chapels, the tower parapets and the upper landing of the access to the main door.

In the Third Order the situation was no different. The lower step of the access stairway to the balcony, the column plinths and the sills of the narthex showed damage that ranged from gaps in the original stone to inadequate interventions and complementations made with rough granite.

The restoration executed by the Monumenta Program was meticulous. The lithic surfaces were cleaned with nonabrasive methods using plaster made of bentonitic clay and distilled water. The smaller fissures and gaps were filled with a paste of resin and stone powder and, as for the larger ones, sandstone prostheses fixed with stainless steel pins were inserted to replace the rough granite insertions that had been applied in previous restorations.

Thus, the structural and aesthetic integrity of the set was recuperated. The new pieces were carefully given sharp edges – a detail which, without inserting discordant elements, allowed them to be differentiated from the old and/or original elements.

The interventions

This differentiation between old or original and new inserts is one of the basic principles of restoration, one which should be translated into historical honesty, as Cesare Brandi emphasizes: "The restoration should aim to reestablish the potential unity of the work of art, whenever possible, without incurring on artistic or historic falsification and without erasing any testimony of the work of art's passage through time" (Brandi, 1988, p. 17).

Modern interventions to adapt the First Order of Carmo space to the new function of a Museum of Sacred Art obeyed this principle, adding elements with simple lines and industrialized materials and generating a space that, besides showing beauty, has two great virtues: historical truth and architectural quality.

The dimensions of the intervention are modest. The gallery of the tribunes needed an access from the nave. To address that, a metallic stairway with a light and transparent structure was installed in the left side chapel near the choir.

A group of bathrooms was installed in the right side corridor that opens up to the *parvis* of the Third Order. Ventilation and lighting there are adequate and the place is reserved, with a hall that allows for the necessary privacy on this type of installation. The colors are light, the quality of the materials is good and they are low-maintenance. It is a functional and discreet adaptation that does not interfere with the building.

Invisible to the visitors' eye, but no less important, is the modern intervention that sustains the ceiling of the First Order nave.

It is worth telling the uneasy story of that ceiling, battered by time and the carelessness of men. Throughout the history of the Carmo Ensemble it has had many ups and downs that help enliven what would otherwise be a plain chronological succession of facts.

According to an old description, the painting of the ceiling in the First Order Church was attributed to the school of José Joaquim da Rocha or Antônio Simões Ribeiro. It was originally a trough-shaped structure fastened with iron spikes to semicircular frames that featured an illusionist painting from the 18th Century in oil on wood.

In 1997, the ceiling was in ruins and ended up falling. A letter from the director of the Artistic and Cultural Heritage Foundation (IPAC) informed IPHAN that:

Visiting the Carmo Convent in Cachoeira last Sunday [...] we verified that a large part of the ceiling that still held in the central nave of the Carmo Convent church had collapsed, taking the painting away with it and fragmenting the joists in hundreds of pieces. The only measure that is possible for us at the moment is to collect and store these fragments once we have a worker in our midst[50]."

The ceiling's long Via Sacra had just begun. It was around this time that the project to convert the monastery into an inn was developed. The proposal to transform the church in a venue for congresses and events came up later and would only be submitted to SPHAN/FNPM in 1984, when the inn had already been opened for over a year.

Amid the tumult between the collapse and the beginning of the PCH financed interventions by IPAC in the church, the ceiling disappeared. An inspection report from a SPHAN/FNPM technician in 1985 that discussed the placement of modern carvings on the high altar complained that some of the ceiling boards were being used as planks on the scaffolds employed for the job[51].

The details are not clear, but an IPHAN architect recalls that, during the intervention, Antero Gomes de Freitas, known as Mr. Doró, a traditional figure in Cachoeira who earned a living transporting cargo in an old wagon, came to him.

Mr. Doró had been hired to move some articles and in spite of being pleased with the job, was concerned about the nature of the service. He was asked to throw away some old boards removed from the monastery. But the boards had paintings on them and he did not want to take responsibility for their disappearance. The coachman thought it better to consult a friend in SPHAN/FNPM so as to avoid any problems. It turns out that they were boards from the ceiling that had been rescued and stored in an attic between the first and second floors of the SPHAN/FNPM headquarters in Aclamação square in Cachoeira. They had been left there and forgotten for twenty years.

And they were saved from the garbage heap by the conscience of Mr. Doró. The heritage of this country is in debt with this simple man and can never pay it back.

The ceiling boards deposited in the IPHAN headquarters were retrieved and taken to the church by the Monumenta Program. There an immense jigsaw puzzle was set up. It was believed that all the fragments belonged to the ceiling of the nave, but little by little discordant pieces began to appear, which complicated the assembly but filled the team with happiness. "Together with fragments from the ceiling of the nave of the Convent of Nossa Senhora of Carmo Church were many boards that were part of the ceilings of the Choir and the Right Side Chapel[52]."

With the jigsaw puzzles assembled, a new problem emerged. How to install a ceiling that no longer had its frames? A similar situation had already been encountered by the Monumenta Program team when restoring the Belém da Cachoeira Seminary. Taking advantage of that experience, a completely new ceiling support structure was created for the Carmo Church composed of a set of five metallic frames interlinked by a profile kept them rigid.

The metallic frames worked perfectly, giving the ceiling the exact curve on which the recovered boards were reassembled. The ceiling boards did not cover the entire surface, but the good taste of the restoration team was able to integrate the original sections with new wood pieces featuring the same color base as the painting.

The result was very positive. And thanks to Mr. Doró, today the church flaunts its real ceilings.

Several parts of the church were also covered with white latex paint, such as the columns, niches and frontals of the side altars. The layers of repainting were removed. The *scagliola* that formerly existed was rediscovered and exposed.

With the property recovered, the emphasis of the intervention turned to the integrated pieces: carvings, ornaments, paintings, images, lamps, balustrades – elements that complete the architecture and confer a religious character to the space, helping it fulfill the function for which it was destined. Everything in the Carmo Ensemble was meticulously restored, recuperating the original beauty and splendor of the decoration.

The final result is visible to all those who pass through Cachoeira. The ensemble is restored, shining as a jewel once again.

But in addition to the technical results and a recovered beauty, the restoration executed by the Monumenta Program achieved something greater, evident in all the buildings. Something which in technical jargon is called "requalification," but which we prefer to call "respect."

The concept is difficult to put into words, but we believe that anyone endowed with a minimum sensibility and who was acquainted with the monument before and after the interventions, will understand the meaning.

We believe that each space has its own character, something that it was granted at the time of architectural conception. When it suffers an intervention and, especially, when it starts being used for a different purpose from what it was originally intended, the space generally loses its character – it is diminished, banalized. This is more deeply felt in sacred spaces which, besides their architectural characteristics, have a strong symbolic component represented by form and function, the actions and rites celebrated there and the intention that guided its design.

A clear expression of this feeling is presented by Antoine de Saint-Exupéry in his book *Citadel*.

"He who, in the vain intent to get to know a house, decides to destroy it, has in front of him a pile of stones, bricks and tiles. What becomes of the shadows, the silence, the intimacy that those stones, bricks and tiles provide? It is hard to find out what other use this formless pile could have had. And all this for what? Because the stones, the bricks and the tiles are seen without the invention that dominated them. [...] The stone is missing the soul and heart of man."

In fact, even without destroying a building it is possible to deprive it of its soul. To keep its materials in perfect shape but rob a space of its character, suppressing the meanings it contains and the feelings it evokes, can give way to an unknown character and future.

With both large and small interventions finally complete, the works were delivered to the Cachoeira public and the Third Brothers by the Minister of Culture, Gilberto Gil, on August 24th, 2006. Present also was the president of the National Historic and Artistic Heritage Institute (IPHAN) and the coordinator of the Monumenta Program, Luiz Fernando de Almeida. On behalf of the Ministry of Culture and IPHAN, the Monumenta Program invested R$ 4.4 million (US$2.4) in the Carmo Ensemble – composed of the Church and Convent of the First Order of Carmo and the Third Order of Carmo.

The restoration conducted by the Monumenta Program was able to achieve this tenuous balance between changing its use and maintaining its character. While the cloister of the Third Order is now a leisure space, it is possible to hear the sounds of water gushing from the old pump. Although the nave of the Carmo Church is now a space for exhibitions, the visitor can still enter the sanctuary in a reverent manner, and his or her eyes can appreciate what was saved and what it offers to our view.

Many people contributed to the building, conservation and restoration of this architectural heritage, but the engineer Pedro Ghislandi's memory should be especially honored, since he dedicated a good part of his life and passion to works on the Carmo Ensemble. Nothing could be more apt than to repeat his own words, recorded in a document on March 27, 1952: "If they take proper care of everything, I will be happy!"

NOTES

1 – Record 102 *Livro histórico*, and Record 209 *Livro das belas artes*.

2 – Archive IPHAN-RJ, Works Section, File 36, Envelope 1, Doc. 2885. Information from Oct. 26, 1938, annexed to the letter from Godofredo Filho to the director of SPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade, p. 35.

3 – Alongside the Convent Church.

4 – Archive IPHAN-SSA, Box 154, File 130,106-2116. Certificate w/o pagination, Public Form of Donation Deed made by the Venerable Third Order of Carmo in this city by the-then vicar of the Convent of Nossa Senhora do Carmo of this same city, Friar Antonio de Rosa Santa, issued on July 9th, 1936 by the Notary Public Joaquim Batista Carneiro Sobrinho according to the entry of Nov. 30th 1702 in the *Livro de Notas* nº 1, pp. 141v of the Sapucaia - Cachoeira Public Registry.

5 – Idem, Letter of Nov. 16th 1938 from Rodrigo Melo Franco de Andrade to the Technical Assistant for SPHAN's 5th Region, p. 48.

6 – Idem, Letter of March 2nd, 1939 from Friar Inácio de Jong, superior of the Carmo Convent of Cachoeira, to SPHAN Director Rodrigo Melo Franco de Andrade, p. 10.

7 – Idem, Envelope 2, Doc. 2899, letter of March 2nd, 1939 from Friar Inácio de Jong, Superior of the Carmo Convent of Cachoeira, to SPHAN Director Rodrigo Melo Franco de Andrade, p. 10.

8 – Idem, Doc. 2908, urgent telegram of May 24th, 1939 from Friar Inácio de Jong, Superior of the Carmo Convent of Cachoeira, to SPHAN Director Rodrigo Melo Franco de Andrade, p. 21.

9 – Idem, Doc. 2909, telegram of June 1st, 1939 from the director of the National Historic and Artistic Heritage Service, Rodrigo Melo Franco de Andrade, to the Superior of the Carmo Convent of Cachoeira, Friar Inácio de Jong, p. 22.

10 – Archive IPHAN-SSA, Box 149, File 130.200-2044, Letter of Oct. 26th, 1938 from Godofredo Filho, Technical Assistant for the 5th Region, to the director of the National Historic and Artistic Heritage Service, Rodrigo Melo Franco de Andrade. No page number.

11 – Idem, Box 155, File 130.100-2109, Proc. 01502.000145/96-92. Reform. Consultation Nº. 2, annexed to official letter Nº. 28 of April 8th, 1940 from Godofredo Filho, Technical Assistant for the 5th Region, to the director of SPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade. No page number.

12 – Idem, Works Section, Box 9, File 40, Envelopes 1 to 8, Doc. 186. Confidential letter of Feb. 19th, 1944 from Godofredo Filho to Rodrigo Melo Franco de Andrade. No page number.

13 – Idem, Box 9, File 40, Envelopes 1 to 8, Doc. 186. Confidential letter of Feb. 19th, 1944 from Godofredo Filho to Rodrigo Melo Franco de Andrade. No page number.

14 – Idem, Doc. 184. Confidential letter of Feb. 16th, 1944 from Rodrigo Melo Franco de Andrade to Godofredo Filho. No page number.

15 – FNPM – National Pro-Memory Foundation

16 – Archive IPHAN-SSA, Box 155, File 130,100-2109, Proc. 01502,000145/96-92. Reform. Correspondence letter without date, forwarded to Rodrigo Melo Franco de Andrade by Godofredo Filho. No page number.

17 – Idem, Consultation Nº. 1A, annexed to Official Letter Nº. 28, Apr. 8th, 1940, from the Technical Assistant of the 5th SPHAN Region, Godofredo Filho, to the director of SPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade. No page number.

18 – Idem, Box 154, File 130.102-2112. Excerpt from the newspaper *A Ordem*, owned and edited by Bel. Euvaldo Silva, of Nov. 2nd, 1948, entitled *Um apelo ao Presidente da República contra o Serviço do Patrimônio Artístico* ("An appeal to the President against the Artistic Heritage Service"). No page number.

19 – Archive IPHAN-RJ, Works Series, Box 10, File 41, Envelope 2, Doc. 501. Monthly Information Bulletin Nº. 24, referent to Mar./Apr. 1952. Dated May 4th, 1952, signed by Pedro Ghislandi.

20 – Idem, File 42, Envelope 1-5 (1960), Doc. 556. Letter without date from Pedro Ghislandi to Rodrigo Melo Franco de Andrade. No page number.

21 – Brazilian slang for clandestine electrical wiring.

22 – Idem, Envelope 1-5 (1960), Doc. 556. Letter without date from Pedro Ghislandi to Rodrigo Melo Franco de Andrade. No page number.

23 – In the 18th Century, this type of furniture was called a coffin. And the chests themselves were called boxes. *Arcaz*, as well as ark, is a denomination used since the creation of SPHAN.

24 – IPHAN-SSA Archive, Box 154, File 130.100-2105. Letter of Mar. 28th, 1962 from Pedro Ghislandi to Godofredo Filho. No page number.

25 – Idem, Box 155, File 130.100-2109. Letter dated Jan. 3rd, 1969 from the head of the 2nd DPHAN District, Godofredo Filho,

to the Chief of Police for Thefts, Robberies and Falsifications, Moisés Luiz de Almeida. No page number.

26 – Idem, Box 155, File 130.100-2109, Proc. 01502.000145/96-92. Reform. Letter of Jan. 14th, 1981 from the prior of the Venerable Third Order of Nossa Senhora do Monte do Carmo, Manoel Martins Gomes, to the director of the 4th SPHAN/FNPM DR, Ary Guimarães. No page number.

27 – Restoration executed by the professional Ana Maria Vilar.

28 – Executed by the Argolo Studio.

29 – Archive IPHAN-SSA, Box 152, File 130.001-4113, Process 01501.000308/2002-64 (37), Letter from the prior of the Third Order of Carmo, Jomar Lima da Conceição, to the superintendent of the 7th IPHAN SR, Adalgisa Maria Bonfim d'Eça, with a copy for the Monumenta Project UEP coordinator, Gabriel Gonçalves, dated Oct. 3rd, 2002.

30 – Taddei, Pedro. *Os grandes projetos*. Available at <www.archi.fr/SIRCHAL/seminair/sirchal4/TaddeiVPT.htm>. Captured in Aug. 2006.

31 – Based on the text *Os grandes projetos* by Pedro Taddei, general coordinator of the Monumenta Program, Idem, ibidem.

32 – Archive IPHAN-SSA, Box 152, File 130.001-4113, Process 01501.000308/2002-64 (Annex 2). Cachoeira/Bahia Project - the Third Order of Carmo Church and House of Prayer, Executive Project Part I, Descriptive Memorial and Technical Specifications, Nov. 2002. p. 101.

33 – Archive IPHAN-RJ, Works Series, Box 10, File 41, Doc. 498. Monthly Information Bulletin N°. 12, Mar./Apr. 1950, dated Mar. 12th, 1950, signed by Pedro Ghislandi.

34 – "According to a date that can be seen next to the stone stairway leading to the hall above the burial niches, it seems that renovation in this church was completed in the year 1778" (Moraes, 1866.).

35 – Archive IPHAN-SSA, Box 155, File 130.100-2109, Proc. 01502.000145/96-92. Reform. Consultation N°. 2, annexed to Official Letter N°. 28 of Apr. 8th, 1940 from the Technical Assistant of the 5th SPHAN Region, Godofredo Filho, to the director of SPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade. No page number.

36 – Archive IPHAN-RJ, Works Section, File 36, Envelope 1, Doc. 2906. Opinion N°. 7 from the Technical Assistant of the 5th Region, Godofredo Filho, to SPHAN Director Rodrigo Melo Franco de Andrade, dated May 2nd, 1939. p. 19.

37 – Archive IPHAN-SSA, Box 155, File 130.100-2109, Proc. 01502.000145/96-92. Reform. Report from engineer Pedro Ghislandi to the head of the 2nd SPHAN District, Godofredo Filho, Dec. 18th, 1945. No page number.

38 – "The floor of the internal Chapel on the top floor where the image of the Senhor dos Passos is worshipped, has sunk. The image, removed hurriedly, has been temporarily stored in the Table Room. The paving in the Chapel is made of flagstones of light and dark marble, settled with mortar (the famous old type!) on a wooden floor lacking any aeration. The woodwork is entirely putrid." Archive IPHAN-RJ, Works Section, Box 10, File 42, Envelopes 01-05 (1960), Doc. 556. Letter without date from Pedro Ghislandi to Rodrigo de Melo Franco. No page number.

39 – "Restoration services for the nave floor were the responsibility of the contractor RESCON. The works began in April 1982 [...] with the removal of the boards and rafters in a state of deterioration and [...] the building of a reinforced concrete framework to replace the old rafting supported by small brick pillars with cleats nailed into their upper side in order to receive the nails of the floor." Archive IPHAN-SSA, Box 155, File 130.100-2109, Proc. 01502.000145/96-92. Reform. Report from architect Alberto João da Cruz to the director of the 5th SPHAN/FNPM Region, dated Jan. 27th, 1983. No page number.

40 – Archive IPHAN-RJ, Box 10, File 42-E 01-05, Doc. 581. Letter from Pedro Ghislandi to Rodrigo Melo Franco de Andrade, dated Jul. 6th, 1961. No page number.

41 – i Archive IPHAN-SSA, Box 155, File 130.100-2109, Proc. 01502.000145/96-92. Reform. Consultation N°. 1A, annexed to Official Letter N°. 28 of Apr. 8th, 1940 from the Technical Assistant of the 5th SPHAN Region, Godofredo Filho, to SPHAN Director Rodrigo Melo Franco de Andrade. No page number

42 – Idem, Works Section, Box 10, File 42, Envelopes 01-05 (1960), Doc. 556. Undated letter from Pedro Ghislandi to Rodrigo Melo Franco. No page number.

43 – Idem, Doc. 587. Monthly Information Bulletin Nº. 31 – Jan./Feb. 1962. No page number.

44 – Idem, Doc. 591. Monthly Information Bulletin Nº. 32 – Mar./Apr. 1962. No page number.

45 – Idem, Doc. 605. Monthly Information Bulletin Nº. 34 – Jul./Aug. 1962. No page number.

46 – Idem, Doc. 617. Monthly Information Bulletin Nº. 31 – Jan./Feb. 1964. No page number.

47 – National Pro-Memory Foundation.

48 – Archive IPHAN-SSA, Box 155, File 130.100-2109, Proc. 01502.000145/96-92. Reform. Technical Information Nº. 12/81 from architect Nadir Santana to the director of the 4th SPHAN/FNPM DR, dated Jan. 26, 1981. No page number.

49 – Meireles, Epifânio. *A cidade de Cachoeira*, p. 45. In: Archive IPHAN-RJ, Works Section, File 36, Envelope 1, Doc. 2885. Information annexed to the letter from Godofredo Filho to SPHAN Director Rodrigo Melo Franco de Andrade, Oct. 26th, 1983, p. 38.

50 – Archive IPHAN-SSA, Box 149, File 130.200-2044. Official Letter Nº. 308/77 of Aug. 9th, 1977 from the executive director of F.P.A.C.BA, Mário Mendonça de Oliveira to the head of the 2nd IPHAN District, Fernando da Rocha Peres. No page number.

51 – Idem, File 130.200-2048. Technical Information 042/85, Mar. 20th, 1985, from architect Nadir Gomes Franco Lima to the director of the 5th SPHAN Region, Ary Guimarães. No page number.

52 – Archive IPHAN-SSA, Box 151, File 130.001-4113, Process 01501.000414/2002-48. Cachoeira/Bahia Project, Church of the First Order of Carmo, Executive Project, Part I, Annex I. Technical Specifications for Interventions in the Integrated Pieces, Sept. 2003, p. 229.



Glossary

A

Acanthus – The leaves of the acanthus have been commonly stylized as ornaments ever since ancient Greece, resembling poppy or parsley leaves.

Acroterium – Architectural ornament placed on a flat base called the acroter or plinth, and mounted at the apex of the pediment.

Altar – Ritual table in any religion. Originally, they were plain tables. Afterwards, they were attached to the walls and used to bear eucharistic objects, then constituting a retable.

Aquifer – Underground water channel located between two impermeable layers of soil. When close to the surface, it may dampen the foundations of buildings.

Arcade – Row of arches.

Arcaz – Piece of religious furniture. Large chest or ark with drawers for storing eucharistic objects. In the 18th century, it was called *caixão* (meaning coffin).

Ashlar – Ashlar is dressed stone work of any type of stone. Ashlar blocks are large rectangular blocks of masonry sculpted to have square edges and even faces.

Archivolt – Decorated or plain frame in the arch's extrados.

Arm-*torchères* – Carving shaped like a human arm holding a torch, used as ornament.

Atlante – Masculine figure, standing or kneeling, that supports horizontal pieces – entablatures or cornices – in the composition of the carvings. The name comes from the myth of the giant Atlas, who supported the world in his shoulders.

B

Balustrade or railings – Row of balusters or rails, made of wood or stone, that usually enclose an area.

Barrel vault – Continuous arch, the length being greater than its diameter.

Beam – Timber piece, with pointed or rounded corners, part of the secondary structure of roofs or, sometimes, floors (see *joist*).

Bentonitic clay – Absorbent clay, used in restoration works to clean up stones.

C

Cabeça de nego – Irregularly shaped stone, with one levelled side in general, used in street pavings.

Camber – The upward curvature of a joist or joist girder, intended to compensate for deflection due to loading.

Canopy – Any piece of cloth or other architectural feature hanging halfway to the height of a room. It is usually placed over an altar or pulpit, a bed or royal throne. When sustained by columns, it's called *baldachin*.

Captaincy – Historical administrative division of the former Spanish and Portuguese colonial empires. Each was governed by a captain-general who had been granted the land instead of acquiring it and was, usually, a Portuguese nobleman.

Carmelite color – Brown.

Carving – Carved wood; relief. May be painted or gilded.

Catacomb – Underground tomb or cemetery.

Chancel – A chancel is the space around the altar at the east end of a church, often enclosed, for use by the clergy. It may terminate in an apse. As well as the altar, the chancel usually houses the lectern, the pulpit, the credence table, and seats for officiating and assisting ministers. It may also include the choir.

Chandelier – Piece usually made of silver and richly decorated, very common in churches.

Chinoiserie – Artifacts that come from China or are inspired by the chinese style.

Choir or **quire** – Church sector where clerics sang during religious services. It used to be placed in the main chapel, but after the reformation by the Council of Trent, it was moved to a mezzanine over the entrance of the temple.

Cistern – Underground reservoir, usually for rain water storage.

Cloister – Inner courtyard, in convents and abbeys, usually square and surrounded by arcaded or colonnaded aisles.

Collateral altar – Altar situated by the wall of the transept. They usually come in pairs.

Consistory – Large room usually above the sacristy, where Third Order gatherings took place.

Console – Shelf. Protruding piece on the wall for holding or storing ornaments and eucharistic vessels.

Cornice – Generally any horizontal decorative molding which crowns any building or furniture element. When it's situated in the upper end of the building, supporting the eave, it's called *geison*.

Council corral – Public pen that sheltered cattle destined for the Council butcher.

Crossing arch – Arch that connects the nave and the main chapel.

E

Efflorescence – Layer of crystallized salt in a masonry surface that deteriorates its covering.

F

Facing – Visible surface of a wall; façade.

Fissure – Groove; crack in a concrete or masonry element.

Flat Arch – An arch which height is smaller than the radius of the semicircle.

Frieze – Generic name for painted or sculpted sections in a wall.

Front – Frontal face of an altar table, usually decorated.

Frontispiece – constitutes the elements that frame and decorate the main, or front, door to a building; façade.

G

Gablet – Triangular or conical terminations to buttresses and towers.

Gallery – Large corridor.

Granitine or marmorite – Aggregate material made with cement and rock fragments, used in floors and sinks.

Guillotine window – Window with two sashes, one of which slides vertically through the frame, descending like a guillotine.

Gutter – Rain gutter, a narrow channel which collects rainwater from the roof of a building and diverts it away from the structure, typically into a drain. Small channels on the ground for the same purpose of collecting rainwater and directing it to a drain are also called gutters.

H

High altar – The main altar in a church, placed in the main chapel.

Hospice – Hostel; religious shelter for travellers and pilgrims. Nowadays the meaning of the word has shifted, it refers to a shelter for the mentally challenged or the elderly.

I

Illusionist painting – Picture painted in perspective that aims to provide for a sense of profundity of space. Very common in nave ceilings on baroque churches, usually utilizing architectural elements to create an illusion of greater height.

Integrated pieces – Ornamental pieces that are integrated to the architectural structure, such as tiles, carvings or engravings, decorated ceilings, altars, baptismal sinks, fountains etc.

J

Jamb – Each of the vertical parts of the frame of a door or window.

Joist – Rectangular piece of wood that supports floorboards or roofbeams.

K

Keystone – Architectural piece at the crown of a vault or arch and marks its apex, locking the other pieces into position. This makes a keystone very important structurally.

L

Lateral Altar – Altar on the side wall of the nave. They are positioned to the left and right, usually in multiples.

Lateral chapel – Structure on the sides of the nave that includes the lateral altar or retable.

Lavabo – Basin located in the sacristy or the lavatory, for the purpose of washing ritual utensils or simply the hands. They are usually shell-shaped stone structures.

Loggia – Italian word that describes an arcaded gallery; domed portico, gallery.

M

Main chapel – The largest chapel in the church, or the most important.

Massapê – Fertile type of dark clay soil found in coastal regions in Brazil.

Mimosa (vinhático) – Very common type of wood used since colonial times. It has a yellowish color, thin fibers and is very easy to cut into.

Minster – In English usage a Minster is a grand type of church; the term may be extended to apply to a cathedral or a collegiate church.

Molding – Decorative finishing strip

"Mystical lands" – Neighboring lands near the church.

N

Narthex – Porch in the entrance of a church, integrated to the façade, usually delimited by columns or arcades.

Nave – Main area of a church. A free space that extends from the door to the high altar.

O

Oculus – Rounded opening – circular, oval, trefoil or quatrefoil – on pediments, sidings or domes with the purpose of lighting and ventilation.

G

Gable – Each of the surfaces covered by roof tiles. A roof is called a gable roof when it has a triangular shape.

P

Parapet – Protection structure that guards high-standing areas such as balconies, bridges and staircases. It may be a low wall, iron or wood railing, a balustrade etc.

***Parvis* or landing** – Open space in front of the church. Originally, it was enclosed by walls or fences.

Patina – Alteration or darkening of surfaces by aging.

Patio – Outdoors area inside a building, a walled courtyard.

Patron saint – Saint of devotion in a church, or worshipped in a secondary altar.

Pediment – Architectural set that adorns the upper part of doors and windows or the main entrance of buildings. The classic pediment is triangular due to the gable. The area between the lines of the pediment is called *tympanum*.

Pendant – Each of the triangles that connect the corners of a square room and a vault. Hanging element, bead, for instance, crystal pendants in a chandelier.

Phytomorphic – shaped as a plant of any type.

Pilaster – Pillar directly set into a wall.

Pillory –The pillory was a device used in punishment by public humiliation and often additional, sometimes lethal, physical abuse. It consisted on hinged wooden boards that formed holes through which the head and/or various limbs were inserted; then the boards were locked together to secure the captive.

Pinnacle – The highest part of a building. Decorative element set in the higher ends of the building; gablet.

Plinth – Column base, pedestal.

Post – Vertical beam that supports a structure.

Predella – Platform or step on which an altar or retable stands. In painting, *predella* refers to the paintings or sculptures running along the frame at the bottom of an altarpiece. They often consist of narrative scenes, e.g. scenes in the life of a particular saint.

President of the province – During the imperial era in Brazil, that was the position that equaled that of governor or captain-general, typical of colonial times, or governor in the republican regime.

Program – Total of function and space necessities that the restoration or building project must address.

Pulpit – Elevated balcony, standing on either side (or both sides) of the nave, from which a priest conducts the mass service.

Q

Quoin – Corner stones that anchor the edge of the building wall.

R

Reflecting pool – a shallow pool of water designed as an architectural element.

Retable – Architectural feature set up at the back of an altar, and generally taking the form of a screen framing

a picture, carved or sculptured work in wood or stone, or mosaic.

Retaining wall – Masonry wall that serves to provide a barrier to the movement of earth, stone or water.

Ridge flashing – Main structural element of a roof, shaped like a triangle. It supports the secondary elements and the tiling.

Riser – Vertical support of a step on which rests its tread.

Rocaille – French word used to designate the style of the Louis XV era, characterized by capricious curves, foliage and baroque-contoured shells, with nature elements.

S

Sacristy – Facility that serves the purpose of storing eucharistic objects and paraments, usually situated in the proximities of the main chapel.

Salomonic column – A Salomonic Column or Solomonic Column is a column with a twisted, S-curve, shaft. It emerged during the Baroque period.

Scagliola – Decorative facing, with plain and shiny finish, usually painted as marble, typical of the 19th century in Bahia.

Scapular – Worn on the shoulders, it consists on two pieces of brown cloth, united by ribbons or strings. One of the cloth pieces features the image of Our Lady of Mount Carmel, and the other one, either the Sacred Heart of Jesus or the Carmelite Order emblem. Consecration symbol for the Carmelite clerics, to the faithful laymen it is a sign of devotion and affection to Our Lady of Carmel. Sometimes substituted by a scapular-medal, its use dates from the Middle Ages.

Sill – Inferior part of the door frame, leveled with the floor or elevated by a few centimeters.

Soluble salts – Salts that are easily soluble in water and are absorbed by the masonry materials due to their porosity. Water evaporation leads to crystallization of the salt on the surface of a wall, forming the efflorescence.

Stapling – Attaching the roof tiles with metallic staples, to avoid them being lifted up by the wind.

Stucco – Stucco is a material made of an aggregate, a binder, and water which is applied wet, and hardens when it dries. It is used as a coating for walls and ceilings and for decoration. *Scagliola* is a type of stucco.

Survey – Examination, prospect.

T

Torch – Long stick with inflammable material on the tip. Used for lighting.

Tribune gallery – Aisle in the upper story of a church. It opens up to the nave through windows with balconies – the tribunes.

Tridentine – refers to the city of Trent (Trento) in Italy and everything related to it, such as the Catholic Reformation.

Throne – Upper part of a retable, situated over the altar, where the Holy Sacrament used to be, but today holds the principal image of the patron saint.

Tympanum – Triangular masonry area limited by the three lines of a pediment.

V

Valance – A form of window treatment that covers the uppermost part of the window and can be hung alone or paired with window blinds, or curtains.

Ventilation chamber – Empty space between two walls or between the building and the terrain, meant to allow evaporation of the humidity in a masonry structure.

Vicariate – Territory under the jurisdiction of a vicar.

W

Wainscot – Large decorative panel. It covers the wall from the baseboard halfway to the ceiling, and may be made of stone, tiling, *scagliola* etc. Besides its decorative function, it serves as protection for the wall.

Wharf – A wharf is a fixed platform, commonly on pilings, where ships are loaded and unloaded.

X

Xylophagus – Insect that attacks wood.

Z

Zoomorphic – Shaped like animals.



Referências Bibliográficas

Fontes documentais

Arquivo do CEAB – Centro de Estudos da Arquitetura na Bahia[1]

Arquivo do CEB – Centro de Estudos Baianos

Arquivo do Convento do Carmo de Salvador, Despesa do Convento Carmo Cachoeira (1814-1832); Arquivo do Convento do Carmo de Salvador, Despesa do Convento Carmo Cachoeira (1816); Arquivo do Convento do Carmo de Salvador, Livro de Atas da Província Carmelitana da Bahia (1720-1780); Arquivo do Convento do Carmo de Salvador, Despesa do Convento Carmo Cachoeira (1841-1877); Arquivo do Convento do Carmo de Salvador, Atas 1780-1850; Arquivo da Ordem 3ª do Carmo de Cachoeira, Livro de Irmãos (1754-1832); Arquivo da Ordem 3ª do Carmo de Cachoeira, Livro de Contas da Ordem 3ª (1855-1856); Arquivo da Ordem 3ª do Carmo de Cachoeira, Receitas e Despesa (1895-1939).

Arquivo do IPHAN – SSA

Caixa 149. Igreja e Convento do Carmo – Pousada do Carmo (pastas 130.200-2043, Miscelânea; 130.200-2044, Reforma Pasta I; 130.201-2045, Reforma Pasta II; 130.202-2046, Pousada do Carmo Pasta II; 130.203-2047, Pousada do Carmo Pasta I; 130.204-2048, Pousada do Carmo Pasta III).

Caixa 150. Igreja da Ordem 1ª do Carmo, Proc. 01502.000414/2002-11 (pastas Monumenta sem referência, Administrativa; Monumenta 2, Relatórios Medição; Monumenta 3, Relatórios Obras; Monumenta 4, Relatórios Obras; Monumenta 5; Monumenta 6; Monumenta 7, Relatório Fotográfico; Monumenta 8, Relatório Fotográfico; Monumenta 9, Relatório Fotográfico; Monumenta 10, Diários de Obras; Monumenta 11, Diários de Obras; Monumenta 12, Diários de Obras; Monumenta 13, Diários de Obras; Monumenta 14, Diários de Obras; Monumenta 15, Diários de Obras).

Caixa 151. Igreja da Ordem 1ª do Carmo, Proc. 01502.000414/2002-11; Projeto Executivo: Anexo, Relatório Fotográfico, ago. 2005; Anexo I, Especificações Técnicas para Intervenção nos Bens Integrados, set. 2003; Anexo I, Especificações Técnicas para Intervenção nos Bens Integrados, set. 2003 (cópia); Caderno de Estudos, jul. 2002; Parte I, Memorial Descritivo e Especificações Técnicas, nov. 2002; Parte II, Projeto Arquitetônico, nov. 2002.

Caixa 152. Igreja da Ordem 3ª do Carmo e Casa de Oração, Projeto Executivo: Pasta 130.001.4113, Sodalício de Cachoeira; Pasta Monumenta 2 (anexos na cx. 18 sobre o arquivo IV); Parte III, Projetos Complementares, jan. 2003.

Caixa 153. Igreja da Ordem 3ª do Carmo e Casa de Oração, Projeto Executivo: Parte I, Memorial Descritivo e Especificações Técnicas, nov. 2002; Parte II, Projeto Arquitetônico, nov. 2002; Relatório Fotográfico, ago. 2005; Caderno de Estudos, jul. 2002.

Caixa 154. Igreja da Ordem 3ª do Carmo: Pasta 130.000-2103; Pasta 130.100-2105; Pasta 130.600-2107; Pasta 130.102-2112, Recorte de Jornal; Pasta 130.103-2113, Pesquisa I; Pasta 130.103.2114, Furtos de Imagens e Catacumbas; Pasta 130.105-2115; Pasta 130.106-2116, Certidão; Pasta 130.600-2118; Pasta 130.009-2119; Pasta 130.600-21181.

Caixa 155. Igreja da Ordem 3ª do Carmo: Processos 01502.000145/96-92, 01502.000126/2002-02; Pasta 130.001.2102; Pasta 130.100-2104; Pasta 130.100-2109; Pasta 130.100-2110, Sodalício; Pasta 130.100-2111; Pasta Docs. 2002; Pasta 308/02-64; Pasta 130.107.2117, Restauração; Pasta 130.600.2119; 2ª Pasta Processo 0145/96-92.

Caixa 156. Igreja da Ordem 3ª do Carmo: Pasta 130.000.2106, Projeto de Restauração e Reforma de Bens Artísticos (textos); Pasta 130.000.2108, Relatório de Restauração e Reforma de Elementos Integrados da Capela-mor; Pasta 130.000.2108, Relatório de Restauração e Reforma de Elementos Integrados da Capela-mor (cópia); Pasta 130.000.2109, Projeto de Restauração e Reforma de Bens Artísticos (imagens); Pasta 130.006.3073, Relatório de Restauração e Reforma de Elementos Integrados da Capela-mor; Pasta de Currículo (Orlando Ramos).

Arquivo do IPHAN-RJ

Série Obras, SPHAN/Adm. Central. Assunto: Obras. Loc. Geog.: BA-Cachoeira. Bem Cultural: Convento – Igreja de

Nossa Senhora do Carmo.

Módulo 37, Caixa 8, Pacote 36 (E01 a E07): Envelope 01, E01 (19 fls.), 1939; Envelope 02, E02 (33 fls.), 1939; Envelope 03 (2 fls.), 1940; Envelope 04, E04 (12 fls.), 1941, 1942, 1946; Envelope E05 (11 fls.), 1955; Envelope 06, E06 (9 fls.), 1956; Envelope 0, E07 (15 fls.), 1964.

Módulo 49, Caixa 38, Pacote 95 (E01a E07): Envelope 01, E01 (sem indicação de nº de folhas), 1976; Envelope 02, E02 (23 fls.), 1978; Envelope 03, E03 (7 fls.), 1979; Envelope 04, E04 (10 fls.), 1980; Envelope 05, E05 (2 fls.), 1980; Envelope 06, E06 (6 fls.), 1982; Envelope 07, E07 (3 fls.), sem data.

Módulo 49, Caixa 38, Pacote 96 (E01 a E05): Envelope 01, E01 (18 fls.), 1980; Envelope 02, E02 (sem indicação de folhas), 1981; Envelope 03, E03 (27 fls.), 1902; Envelope 04, E04 (2 fls.), 1983; Envelope 05, E05 (14 fls.), 1984.

Série Inventário, SPHAN/Adm. Central. Assunto: Inventário. Loc. Geog.: BA-Cachoeira. Bem Cultural: Convento – Igreja de Nossa Senhora do Carmo.

Caixa 18, Pacote 03 (E01 a E11): Envelope 01, E01 (3 fotos); Envelope 02, E02 (0 fotos); Envelope 03, E03 (4 fotos); Envelope 04, E04 (14 fotos); Envelope 05, E05 (6 fotos); Envelope 06, E06 (4 fotos); Envelope 07, E07 (11 fotos); Envelope 08, E08 (5 fotos); Envelope 09, E09 (7 fotos); Envelope 10, E10 (21 fotos); Envelope 11, E11 (27 fotos).

Série Obras, SPHAN/Adm. Central. Assunto: Obras. Loc. Geog.: BA-Cachoeira. Bem Cultural: Ordem Terceira do Carmo.

Caixa 9, Pasta 39 (E01 a E04): 1940 (fotos 41, 42, 43, 25, 27, 29, 31, 142, 134); abril 1940 (fotos 48, 26, 34, 49, 82); 8 abril 1940 (fotos 61, 62, 63, 65, 66, 67, 70, 11, 12, 14); 1939 (doc. 2); 24 maio 1940 (fotos 45, 46, 47); 31 maio 1940 (91. planta de situação, assinada por José de Souza Reis, Seção Técnica); 31 maio 1940 (foto 70); 1940 (fotos 105, 4, 7, 8, 9, 10, 14, 15, 19, 18, 17, 16 + Parecer técnico de José de Souza Reis); março 1941 (fotos 119, 120); maio 1941 (fotos 128, 129); março 1941 (foto 130); maio 1940 (foto 131); 1941 (fotos 172, 132, 133).

Fotos em envelope avulso: dezembro 1941 (fotos 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149).

Caixa 9, Pasta 40 (E1 a E8): 20 abril 1942 (foto 157); 27 abril 1942 (foto 152); 30 abril 1942 (envelope) (3 fotos s/n); 24 agosto 1942 (doc. s/n: parecer de José de Souza Reis, Seção Técnica, sobre pagamento da escadaria); 26 agosto 1942 (doc. s/n: orçamento da escadaria); 2 fevereiro 1942 (150, manuscrito do técnico José de Souza Reis – referente a 8 fotografias. Trabalhos executados plenamente satisfatórios, foto 9); 6 março 1943 (fotos 162, 163, 161, 164, 165); 18 setembro 1943 (fotos 170, 171, 173, 174, 179); 27 outubro 1943 (foto 181); 25 janeiro 1944 (fotos 26, 190); 16 fevereiro 1944 (foto 184); 19 fevereiro 1944 (foto 186); 1944 (foto 185); 30 janeiro 1945 (fotos 197, 198, 199, 202, 203, 204, 205, 207, 208, 209, 210); 25 julho 1946 (doc. 224, carta do prior Augusto de Azevedo Levy para Rodrigo Melo Franco); 1946 (envelope avulso, fotos 709, 715, 713, 711, 716); 2 setembro 1948 (246, recorte de jornal *A Ordem*); 18 setembro 1948 (253, desenho, provavelmente de Ghislandi, encaminhado por P. T. Barreto a Renato de Azevedo Duarte Soeiro, diretor do DCR); novembro 1948 (fotos 247, 248, 249, 250, 251); outubro 1949 (foto 275); novembro 1949 (276, Ofício de Ghislandi sobre enchente; 277, 278, fotos dos três telhados prontos; 279, 5 fotos parciais; 281, vista geral do telhado e forro).

Caixa 10, Pasta 41 a 43 (E01), Módulo 37.

Caixa 10, Pasta 41 (E01): janeiro 1950 (292, 3 fotos s/n); janeiro 1950 (393, 4 fotos s/n); janeiro 1950 (294, 3 fotos s/n); fevereiro 1950 (296, 4 fotos s/n); 12 março 1950 (303, Boletim Mensal de Informações, n. 12 – Assinatura Ghislandi); março 1950 (299, 4 fotos s/n); abril 1950 (350, 4 fotos s/n); junho 1950 (313, 3 fotos; 315, 3 fotos s/n); agosto 1950 (fotos 320, 321); julho/agosto 1950 (317, 4 fotos s/n); julho 1950 (318, 4 fotos desdobradas, s/n); junho/agosto 1950 (326, 3 fotos s/n); setembro 1950 (327, 329); novembro/dezembro 1950 (345, Boletim Mensal de Informação); setembro 1950 (332, 5 fotos s/n; 333, 5 fotos s/n); setembro/outubro 1950 (338, 5 fotos s/n); outubro 1950 (339, 1 foto s/n; 341, 1 foto s/n; 342, 1 foto s/n); novembro/dezembro 1950 (345, Boletim Mensal de Informações, n. 16); dezembro 1950 (349, 3 fotos; 351, 5 fotos; 352, 6 fotos; 353, 6 fotos; 354, 6 fotos; 355, 1 foto; 357, 1 foto; 360, 1 foto; 361, 1 foto).

Caixa 10, Pasta 41 (E02): janeiro/fevereiro 1951 (367, 1 foto); fevereiro 1951 (370, 6 fotos; 373, Boletim Mensal de Informações, n. 18); março/abril 1951 (374, 6 fotos); s/n (6 fotos); maio 1951 (401 e 388, Ofício n. 720, de 21 de maio de 1951, de Ghislandi para Rodrigo Melo Franco); junho 1951 (389, Boletim Mensal de Informação, n.

19); maio/junho 1951 (fotos 391, 392, 395); junho/agosto 1951 (400, Boletim Mensal de Informações, n. 20); julho/agosto 1951 (32, 1 foto; 414, 5 fotos); outubro 1951 (432, of. 1307, de 9 outubro 1951, de Ghislandi para Rodrigo Melo Franco); setembro/outubro 1951 (433, carta de 23 de outubro de 1951 de Ghislandi para Rodrigo Melo Franco; 421, Boletim Mensal de Informações, n. 21; 422, 6 fotos; 423, 6 fotos; 424, 6 fotos; 425, 6 fotos; 426, 1 foto; 429, 1 foto; 430, 1 foto); novembro/dezembro 1951 (438, Boletim Mensal de Informações, n. 22); outubro 1951 (443, Manuscrito de Renato Soeiro sobre a pintura da fachada).

Caixa 10, Pasta 01 (E03): janeiro/fevereiro 1952 (469, Boletim Mensal de Informações, n. 23); fevereiro 1952 (fotos 47-, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 478, 479, 480, 481); março/abril 1952 (501, Boletim Mensal de Informação, n. 24); março 1952 (fotos 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500); abril 1952 (4, Saída da procissão da Semana Santa); março 1952 (s/n, pasta amarela, 6 fotos; s/n, pasta amarela, 6 fotos; s/n, pasta amarela, 4 fotos);(484, Carta de Ghislandi para Rodrigo Melo Franco, 13 de março de 1952); (488, Cópia do telegrama de Godofredo Filho de 27 março 1952); fevereiro 1952 (509, 8 fotos, legenda no verso das fotos; 510, 8 fotos); 510^{A} (doc. s/n, 8 fotos); 511 (8 fotos); 511^{A}(7), 7 fotos).

Caixa 10, Pasta 42 (E01, E03, E05): março 1954 (s/n, Vista do conjunto após a restauração; 516, Correspondência de Ghislandi para Rodrigo Melo Franco sobre o piso da nave, 15 março 1954); julho/agosto 1954 (520, Boletim Mensal de Informações, n. 25); agosto 1954 (525, 5 fotos); setembro/outubro 1954 (522, Boletim Mensal de Informações, n. 26; 523, 3 fotos; 524, 5 fotos); 26 junho 1955 (510, Assistência Permanente, Parte do relatório encaminhado pela carta n^{O} 22 de 4 de maio de 1959, do Chefe do 2º Distrito desta Diretoria, sobre a pintura externa); 1960 (554, 4 fotos dos anos 1960; 555, 2 fotos; 556, Correspondência de Ghislandi para Rodrigo Melo Franco, com 8 fotos); 5 junho 1961 (560, Informação n. 155, de Ghislandi para Renato Soeiro); 6 julho 1961 (581-582, of. n. 979, Informação n. 155, de Ghislandi para Renato Soeiro); janeiro/fevereiro 1962 (587, Boletim Mensal de Informações, n. 31, contém fotos); março/abril 1962 (591, Boletim Mensal de Informações, n. 32, contém fotos; 592, 6 fotos da enchente; 593, 6 fotos assoalho da nave; 594, 4 fotos assoalho e exterior); 28 março 1952 (596, Correspondência confidencial de Ghislandi sobre roubo de puxadores do móvel da sacristia); maio/junho 1952 (598, Boletim Mensal de Informações, n. 33, com 5 fotos); julho/agosto 1962 (605, Boletim Mensal de Informações, n. 34, com 8 fotos); novembro/dezembro 1962 (615, 618; Boletim Mensal de Informações, n. 36, com 4 fotos); 23 e 24 dezembro 1962 (616, 617; Correspondências do Promotor Público para Godofredo Filho sobre puxadores); janeiro/fevereiro 1964 (633, Boletim Mensal de Informações, n. 42, nova enchente); março/abril 1964 (635, Boletim Mensal de Informações, n. 43, com 13 fotos); maio/junho 1964 (638, Boletim Mensal de Informações, n. 44; 639, 4 fotos; s/n, 5 fotos); julho/agosto 1964 (641, Boletim Mensal de Informações, n. 45); maio/junho 1964 (640, 6 fotos); 8 novembro 1964 (647, Correspondência de Ghislandi para Rodrigo Melo Franco); março/abril 1965 (651, Boletim Mensal de Informações, n. 48, efeitos da inundação de 1963, 10 fotos sobre inundação; existem mais 5 do telhado); julho/agosto 1965 (658, Boletim Mensal de Informações, n. 50; 659, 4 fotos anexas ao Boletim); 22 novembro 1965 (663, Ofício 1493, de Renato Soeiro para Godofredo Filho); 5 janeiro 1967 (666, 667; Correspondência de Ghislandi para Rodrigo Melo Franco); 27 fevereiro 1967 (668, Correspondência de Rodrigo Melo Franco para Ghislandi); Existem vários Boletins sobre reparos causados pelas inundações de 1963 e 1964.

Caixa 10, Pasta 43: 1981 (s/n, Histórico; s/n, ProMemória – Justificativa de emergência s.d.); 26 junho 1975 (s/n, Recorte do jornal *A Tarde* sobre o estado do conjunto); 30 janeiro 1976 (s/n, Correspondência do prior da Ordem Terceira pedindo restauro da Igreja; s/n, Foto da Ordem Primeira – Vista da frontaria, olhada de perfil da Igreja de N. Sra. Do Carmo, Cachoeira/Bahia); 8 julho 1980 (s/n, Contrato ProMemória RESCON); 26 janeiro 1981 (s/n, of. 12/81 – Informação Técnica).

Caixa 10, Pasta 43 (E03): 19 julho 1984 (s/n, Correspondência da arq. Nadir Gomes Lima Santana para Ary Guimarães, com fotos).

Arquivo Nacional

Documentos sobre a Ponte Cachoeira–São Félix: Doc. n. 1, Inicial do Processo dirigida da Câmara ao Conde dos Arcos, 6.11.1816; Doc. n. 2, Requerimento da Câmara, 6.11.1816; Doc. n. 3, Anexo n. 1 ao Requerimento, 6.11.1816; Doc. n. 4, Anexo n. 2 ao Requerimento, 6.11.1816; Doc. n. 5, Anexo ao Requerimento, 6.11.1816.

Arquivo da Ordem do Carmo – BH/MG

Carta do prior do Convento de Cachoeira ao Presidente da Província (1881), ms.

Documentos avulsos do início do século XX: Correspondência entre a Ordem Terceira de Cachoeira e o Provincial da Ordem (1913/1930); Correspondência entre o Provincial da Ordem e Intendência Municipal de Cachoeira (1900/1911); Certidão, com transcrição da escritura de doação (feita em 1702) das terras para o estabelecimento da Ordem Terceira de Cachoeira, passada por tabelião, por solicitação desta (1901); Resumo do Histórico do Carmo de Cachoeira dirigido pelo Convento a Getúlio Vargas, chefe do Governo Provisório, solicitando ajuda para as obras de restauro do prédio (1934).

Livro do Convento do Carmo. *Registro Especial para lançamento de documentos officiaes attinentes ás Ordens Terceiras*. Aberto em 1910 por Frei Manoel Baranera Serra.

Livro Primeiro de Actas da Província da Bahia – 1720-1780. (Só existe a primeira parte: 1720-1755). Transcrição datilografada do livro restaurado em 1915.

Termo de Doação das terras para a construção do Convento de Cachoeira, feito por João Rodrigues Adorno e sua mulher, dona Úrsula de Azevedo, em 19 de março de 1688. In: *Memorias da Província Carmelitana da Bahia* 26.12.1798, fl. 6v. (transcrição).

Valladares, Clarival do Prado. Cit. por Resle, Miguel. In: MELLO, Manoel Caetano Bandeira. Correspondência para o Secretário do SPHAN, Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, Arquivo IPHAN/SSA, Caixa 155, Pasta 130.100.2109, 24. fev. 1986, ms.

Arquivo Público do Estado da Bahia

Inventários, Cachoeira, Arquivos Judiciários. Série Inventários e Testamentos. Doc. 13, n. 07/3112/13, 1793; Doc. 20, n. 07/3099/13, 1824; Doc. 18, n. 07/3099/09, 1808-1809; Doc. 17, n. 07/3099/17, 1816; Doc. 18, n. 07/3099/09, 1808-1809; Doc. 01, 1829; Doc. 12, 1787; Doc. 08, n. 08/344808, 1824; Doc. 10, n. 08/3448/10, 1797; Doc. 13, n. 04/1474/1943/13, 1843; Doc. s/n, n. 09/3704/03, 1841; Doc. s/n, n. 07/3099/13, 1818; Doc. 04, n. 04/1474/1943/04, 1843; Doc. 21, n. 08/3466/21, 1776/1777; Doc. s/n, n. 01/638/1092/02, 1742-1745; Doc. 8, n. 07/3103/08, 1891; Doc. s/n, n. 02/545/991/11, 1891.

Cartas do Governo: (1697-1704); (1730-1734); (1728-1748); (1734-1748); (1758-1761); (1774-1777); (1793-1796); (1798-1800); (1787-1802); (1803-1806); (1805-1807); (1806-1807); (1803-1808); (1807-1808); (1809-1810); (1810-1811); (1811-1814); (1814-1817); (1808-1819). Total: 695 documentos.

Presidência da Província: (1825-1858); (1858-1860); (1824-1835); (1836-1844); (1845-1860); (1863-1879); (1836-1889). Total: 418 documentos.

Fontes impressas

Abreu, J. Capistrano de. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil.* Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, 1930.

ACBH – Arquivo do Carmo de Belo Horizonte. Catálogo dos Priores do Convento do Carmo de Cachoeira 1688-1954. ms.

_____. Estatuto da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira, 1915, ms.

_____. Livro de Inventário dos bens do Convento, 1852-1935, doc. 15.289, ms.

Aguiar, Durval Vieira de. *Descrições praticas da Província da Bahia*. Salvador: Typografia do Diário da Bahia, 1888.

Aguiar, Pinto de. O movimento de Independência na Bahia. *Jornal da Bahia*, Salvador, 2 jul. 1973, p. 6.

Annaes da Biblioteca Nacional. *Documentos relativos ao Brasil existentes no Archivo de Marinha e Ultramar*, Bahia, 1763-1786, org. Eduardo de Castro e Almeida. Rio de Janeiro: Bibliotheca Nacional, v. 32, 1914.

Argolo, José Dirson. *Relatório de Restauro*. Salvador, 2005 (digit.).

Arnizau, José Joaquim de Almeida. *Memória topographica e política da villa de Cachoeira da Província da Bahia*. s.c.p., 1886.

AZEVEDO, Pedro. *História da colonização portuguesa no Brasil*. Porto: Litografia Nacional, 1924.

BAHIA, Secretaria da Indústria e Comércio. IPAC-BA: *Inventário de proteção do acervo cultural; monumentos e sítios do Recôncavo*. Salvador: SIC, 1982. v. 2, parte 2.

BAZIN, Germain. *Arquitetura religiosa e barroca no Brasil*. Trad. Glória Lúcia Nunes, rev. técnica e atualização Mário Barata. Rio de Janeiro: Record, 1956. 2v.

BRANDÃO, Jair de Figueiredo e FONSECA, Fernando Luiz da. *Roteiro de Cachoeira*. Salvador: Departamento de Turismo do Estado da Bahia/Secretaria dos Assuntos Municipais e Serviços Urbanos: Departamento de Turismo, s.d.

BRANDÃO, Maria de Azevedo, org. *Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em construção.* Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998.

BRANDI, Cesare. *Teoria de la restauración*. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

CALDAS, José Antonio. *Noticia geral de toda esta capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o presente ano de 1759.* Salvador: Beneditina, 1951. (edição fac-similar).

CALDERÓN, Valentim. A Venerável Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira. *Universitas*, Salvador, n. 11, p. 149-172, set./dez. 1971 (separata).

_____ . *O Convento e a Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira*. Salvador: UFBa. 1976.

CASIMIRO, Ana Palmira Bitencourt. *Mentalidade e estética na Bahia colonial: a Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis na Bahia e o frontispício de sua igreja*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, EGBa, 1996.

COSTA, Alzira. Lápides do século XVII recuperadas em Cachoeira. *A Tarde*, Salvador, 1º ago. 1999.

COSTA, F. A. Pereira da. *A ordem carmelitana em Pernambuco*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1976.

CASTRO, Renato Berbert de. A Casa da Moeda da Vila da Cachoeira e sua cunhagem. *Revista de Cultura da Bahia*, Salvador, n. 8, p. 85-117, jan./dez. 1973.

COVA, Guimarães. *Municípios da Bahia.* Salvador: Tipografia Bahiana, 1913, p. 91-121.

ESTATUTOS da Venerável Ordem Terceira do Carmo da Cidade de Cachoeira do Estado da Bahia, de 9 maio 1915. Arquivo da Ordem Carmelita, Belo Horizonte.

FALLA que recitou o presidente da província da Bahia, Thomaz Xavier Garcia de Almeida, n'abertura da Assembléa Legislativa da mesma província em 2 de fevereiro de 1839. Bahia, Typ. de Manoel Antonio da Silva Serva, 1839.

FALLA que recitou o presidente da província da Bahia, Thomaz Xavier Garcia de Almeida, n'abertura da Assembléa Legislativa da mesma província em 2 de fevereiro de 1840. Bahia, Typ. de Manoel Antonio da Silva Serva, 1839 (i.e. 1840).

FALLA que recitou o excellentissimo presidente da província da Bahia, Paulo José de Mello Azevedo e Brito, n'abertura da Assembléa da mesma província em 2 de fevereiro de 1841. Bahia, Typ. de Epifanio J. Pedroza, 1841. Disponível em <http://www.crl.edu/content/brazil/BAH.htm>. Acesso em out. 2006.

FALLA que recitou o presidente da província da Bahia, o conselheiro Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos, n'abertura da Assembléa Legislativa da mesma província em 2 de fevereiro de 1842. Bahia, Typ. de J. A. Portella e Companhia, 1842.

FALLA que recitou o presidente da província da Bahia, o conselheiro Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos, n'abertura da Assembléa Legislativa da mesma província em 2 de fevereiro de 1843. Bahia, Typ. de J. A. Portella e Companhia, 1842 [i.e. 1843].

FALLA que recitou o presidente da província da Bahia, o conselheiro Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos, n'abertura da Assembléa Legislativa da mesma província em 2 de fevereiro de 1844. Bahia, Typ. de J. A. Portella e Companhia, 1844.

FALLA dirigida a Assembléa Legislativa Provincial da Bahia, na abertura da sessão ordinaria do anno de 1845, pelo

presidente da província, Francisco José de Sousa Soares d'Andrea. Bahia, Typ. de Galdino José Bizerra [i.e. Rizerra] e Companhia, 1845.

FALLA que recitou o presidente da província da Bahia, o dezembargador conselheiro Francisco Gonçalves Martins, n'abertura da Assembléa Legislativa da mesma província em 4 de julho de 1849. Bahia, Typ. de Salvador Moitinho, 1849.

FALLA que recitou o prezidente da província da Bahia, o conselheiro desembargador Francisco Gonçalves Martins, n'abertura da Assembléa Legislativa da mesma província em 1º de março de 1850. Bahia, Typ. Constitucional, 1850.

FALLA que recitou o presidente da província da Bahia, o dezembargador conselheiro Francisco Gonçalves Martins, n'abertura da Assembléa Provincial da mesma província no 1º de março de 1851. Bahia, Typ. Constitucional de Vicente Ribeiro Moreira, 1851.

FALLA recitada na abertura da Assembléa Legislativa da Bahia pelo presidente da provincia, o doutor João Mauricio Wanderley, no 1º de março de 1855. Bahia, Typ. de A. Olavo da França Guerra e Comp., 1855.

FALLA com que o excellentissimo senhor dezembargador João Antonio de Araujo Freitas Henriques abrio a 1ª sessão da 19ª legislatura da Assembléa Provincial da Bahia em 1.o de março de 1872. Bahia, Typ. do Correio da Bahia, 1872.

FALLA dirigida a Assembléa Provincial da Bahia pelo primeiro vice-presidente, dez. João José d'Almeida Couto no 1º de março de 1873. Bahia, Typ. do Correio da Bahia, 1873.

FERREIRA, Jurandir Pires. *Enciclopédia dos municípios*. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 20.

GODOFREDO Filho. Guia poético e prosaico de Cachoeira, cap. IV (em 1938), panoramas. *Revista de Cultura da Bahia*, Salvador, n. 4, jul./dez. 1969.

INVENTÁRIO Nacional de Bens Móveis e Integrados, Bahia. *Igreja e Casa de Oração da Ordem Terceira do Carmo, Cachoeira*, v. 3, módulo 1, Recôncavo. Salvador: MinC /Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1994.

INVENTÁRIO de Proteção do Acervo Cultural da Bahia: monumentos e sítios do Recôncavo, II parte. 2 ed. Salvador: IPAC, 1997, v. 3.

LEÃO, Sônia de Oliveira. *Evolução dos padrões do uso do solo agrícola na Bahia*. Recife: Sudene/DPG/SER, 1987.

LEHMANN, João Batista (pe.). *O Brasil católico*. Juiz de Fora/MG: Typ. Lar Católico, 1943.

LUZ, Augusto de Azevedo. Cachoeira e a primitiva fazenda do Adorno. In: *Diretoria de Estatística e Divulgação do Município de Salvador*, Salvador, ano I, n. 2, mar. 1942.

MACIEL, Affonso Glycerio da Cunha. *Memória descriptiva da construção da ponte D. Pedro II da Estrada de Ferro Central da Bahia, sobre o rio Paraguassú, entre as cidades de Cachoeira e São Félix*. Reeditada no Centenário da Leste Brasileiro. Salvador: 1960. In: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura – CEAB, *Evolução urbana de Cachoeira*. Salvador: Convênio IPHAN-UFBA, 1979. v. 2, p. 131-135.

MARGALLO, Pedro Tomaz (frei). Resumo histórico do convento do Carmo de Cachoeira. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, n. 54, p. 27 e segs.

MARTINEZ, Socorro T. *Ordens Terceira: ideologia e arquitetura*. Salvador: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFBa, 1969. (Dissertação de mestrado em Ciências Sociais UFBA).

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia: a cidade e seu mercado no século XIX*. São Paulo/Salvador: Hucitec/Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

MEIRELES, Domingos. Em ruínas: igrejas históricas baianas. *Estado de São Paulo*, São Paulo, 29 nov. 1974.

MEIRELES, Epifânio. *A cidade de Cachoeira*. In: Arquivo IPHAN-RJ, Seção Obras, Pasta 36, Envelope 1, Doc. 2885.

MILTON, Aristides. Ephemerides cachoeiranas. *Monumento*, Salvador, n. 2, v. 15, set./out. 1981.

MEMÓRIAS sobre as espécies de tabaco que se cultivão, no Brasil, com as observações sobre a sua cultura,

commercio, artes, com a descrição botânica das mesmas espécies, estampas illuminadas e mappa da Villa de Cachoeira. 64 p., 3 il. (collection of George Arents, on 3708). O manuscrito está transcrito detalhadamente em Tobacco, New York, 1943, v. 4, p. 147-148. Apud SMITH, Robert C. *Some Views of colonial Bahia*. Lisboa: Belas Artes: 1948, Cit. por Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura – CEAB, *Introdução ao estudo da evolução urbana de Cachoeira*. Salvador: Convênio IPHAN-UFBA, 1976.

MILTON, Aristides**.** *Ephemerides cachoeiranas.* Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1979. v. 1. (Col. Cachoeira).

MORAES, Alexandre José de Mello. *Brasil histórico*. Rio de Janeiro: Pinheiro & Cia., 1866. (2ª série, ano 1).

OTT, Carlos. *História das artes plásticas na Bahia*. Bahia: Alfa, 1991, v. 1.

_____ . *Atividade artística da Ordem 3ª do Convento do Carmo da Cidade da Bahia e de Cachoeira; 1540-1900*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo/Fundação Cultural/EGBa, 1998.

PEDRAS, Beatriz Junqueira. *Uma leitura do I Livro do Tombo do Convento do Carmo de Salvador: contribuição à construção histórica da ordem dos carmelitas na Bahia-colônia*. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação de Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2000.

PEDRO II, Dom. *Diário de viagem ao norte do Brasil*. Salvador: Livraria Progresso, 1959. (Col. Estudos Brasileiro, Série Marajoara).

PINHO, Wanderley. A Bahia. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de, org. *História geral da civilização brasileira. O Brasil monárquico***.** 2 ed**.** São Paulo: Difusão Européia do Livro/Faculdade de Filosofia/Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1967. t. 2, v. 2.

RELATORIO apresentado á Assembléa Legislativa Provincial da Bahia pelo excellentissimo presidente da província, o commendador Manuel Pinto de Souza Dantas no dia 1º. de março de 1866. Bahia, Typ. de Tourinho & Comp., 1866.

RELATORIO com que o excellentissimo senhor doutor José Bonifácio Nascentes de Azambuja, presidente da província, abriu a Assembléa Legislativa da Bahia no dia 1º. de março de 1868. Bahia, Typ. de Tourinho & Comp., 1868.

RELATORIO apresentado a Assembléa Legislativa da Bahia pelo excellentissimo senhor Barão de S. Lourenço, presidente da mesma província, em 6 de março de 1870. Bahia, Typ. do Jornal da Bahia, 1870.

SANTA MARIA, Agostinho de (frei). Santuário mariano e histórias das imagens milagrosas de Nossa Senhora. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, n. 74, 1947.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *Cidadela*. Trad. Ruy Bello, 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SANTOS, Jadson Luiz dos. *Cachoeira: III séculos de história e tradição*. Bahia: Contraste, 2001.

SANTOS, Milton. A rede urbana do Recôncavo. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo, org. *Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em construção.* Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/Academia de Letras da Bahia/Universidade Federal da Bahia, 1998.

SILVA, Ignácio Accioly Cerqueira da. *Memorias historicas e politicas da provincia da Bahia* anotado por Dr. Braz do Amaral. Bahia : Imprensa Oficial do Estado, 1933. v. 4.

_____ . *Memórias históricas e políticas da Província da Bahia.* Mandadas reeditar e anotar pelo Governo deste Estado. Anotado por Dr. Braz do Amaral. Bahia: Imprensa Oficial, 1937. 5 v.

SILVA, Pedro Celestino da. A Cachoeira e seu município. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia*, Salvador, n. 63**,** p. 75-97, 1937.

_____ . Notas epigraphicas e iconographicas dos feitos heróicos da Campanha da Independência da Bahia, Cachoeira 1934. *Anais do Arquivo Público da Bahia,* Bahia, v. 27, p. 531-449, 1941.

_____ . Datas e tradições cachoeiranas. *Anais do Arquivo Público da Bahia*, Bahia, v. 29, p. 324, 1943.

_____ . Datas e tradições cachoeiranas. *Anais do Arquivo Público da Bahia*, Bahia, v. 32, p. 335-449, 1952.

SIMAS FILHO, Américo, org. e introd. *Termos de arrematação de obras de Cachoeira; 1748/1781*. Salvador:

Universidade Federal da Bahia/Centro Editorial e Didático, 1973. (Col. Estudos Baianos, 8).

SIMÕES, J. M dos Santos. *Azulejaria portuguesa no Brasil, 1500-1822*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

SMITH, Robert. *As artes na Bahia: arquitetura colonial*. Salvador: Prefeitura Municipal do Salvador, 1954.

_____ . *Arquitetura colonial*. Salvador: Livraria Progresso, 1955.

SOUZA, Antônio Loureiro de. *Notícia histórica de Cachoeira*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Núcleo de Publicações da UFBA, 1972. (Col. Estudos Baianos, 5).

SOUZA, Gabriel Soares de. *Notícias do Brasil*. Comentários e notas de Varnhagen, Pirajá da Silva e Edelweiss. São Paulo: Departamento de Assuntos Culturais do MEC, 1974.

SPIX e VON MARTIUS. *Através da Bahia*. Salvador: Imprensa Oficial do Estado da Bahia, 1916.

_____ . *Viagem pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

TAVARES, Jorge Campos. *Dicionário de Santos*, 2 ed. Porto: Lello, 1990.

TARQUINIO, Mário. Vias de comunicação e meios de transportes no Estado da Bahia. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Bahia, n. 60, 1934.

TOURINHO, Eduardo. Cachoeira do Paraguaçu. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Bahia, n. 79, 1955.

VIANNA, Francisco Vicente. *Memória sobre o Estado da Bahia*. Salvador: Diário da Bahia, 1893.

VILHENA, Luís dos Santos. *A Bahia no século XVIII*. Salvador: Itapuã, 1969. 3 v.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Faculdade Arquitetura – Centro de estudos da arquitetura na Bahia/CEAB. *Introdução ao estudo da evolução urbana de Cachoeira*. Salvador: Convênio IPHAN-UFBA, 1976.

_____ . *Evolução urbana de Cachoeira: séculos XIX e XX*. Salvador: Convênio IPHAN–UFBA, 1979.

_____ . *Evolução física de Salvador*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1979, v. 1.

VIDE, Sebastião Monteiro da (Dom). *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, feitas e ordenadas pelo arcebispo, propostas e aceitas em Synodo Diocesano, 12 jun. 1707*. São Paulo: Tip. 2 de Dezembro, 1853. (Impressas em Lisboa no ano de 1719, e em Coimbra em 1720).

Fontes on-line

Cachoeira (BA). Disponível em <http://www.monumenta.gov.br/cidades/cachoeira_ba. Acesso em nov. 2006.

TADDEI, Pedro. *Conferência de Imprensa de Lançamento Oficial do Programa Monumenta* (Ministério da Cultura, Brasília, 8 dez. 1999). Disponível em <http://www.archi.fr/SIRCHAL/seminair/sirchal4/TaddeiVPT.htm>. Acesso em 27/06/2007.

1 - O CEAB dispõe de transcrições e/ou cópias xerox de documentos cujos originais se encontram no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Arquivo Público do Estado da Bahia e Arquivo Municipal de Cachoeira.

Este livro foi impresso em *offset* pela Gráfica Brasil, em papel couché fosco 170 g/m². A família tipográfica é a Frutiger. Esta edição tem 3.000 exemplares.

This book was printed in *offset* by Gráfica Brasil, with couché matte paper 170 g/m². The typographic family is Frutiger. This edition has 3.000 copies.

C752 O Conjunto do Carmo de Cachoeira / Maria Helena O. Flexor, organizadora. – Brasília, DF: IPHAN/Programa Monumenta, 2007.

240 p.: il.; 26 cm.

ISBN – 978-85-7334-058-7

1. Patrimônio Cultural – Bahia. 2. Cachoeira - Bahia. I. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. II. Título.

CDD – 720.0288

C752 O Conjunto do Carmo de Cachoeira / Maria Helena O. Flexor, organizadora. – Brasília, DF: IPHAN/Programa Monumenta, 2007.

240 p.: il.; 26 cm.

ISBN – 978-85-7334-

1. Patrimônio Cultural – Bahia. 2. Cachoeira - Bahia. I. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. II. Título.

CDD – 720.0288



Banco Interamericano
de Desenvolvimento

UNESCO

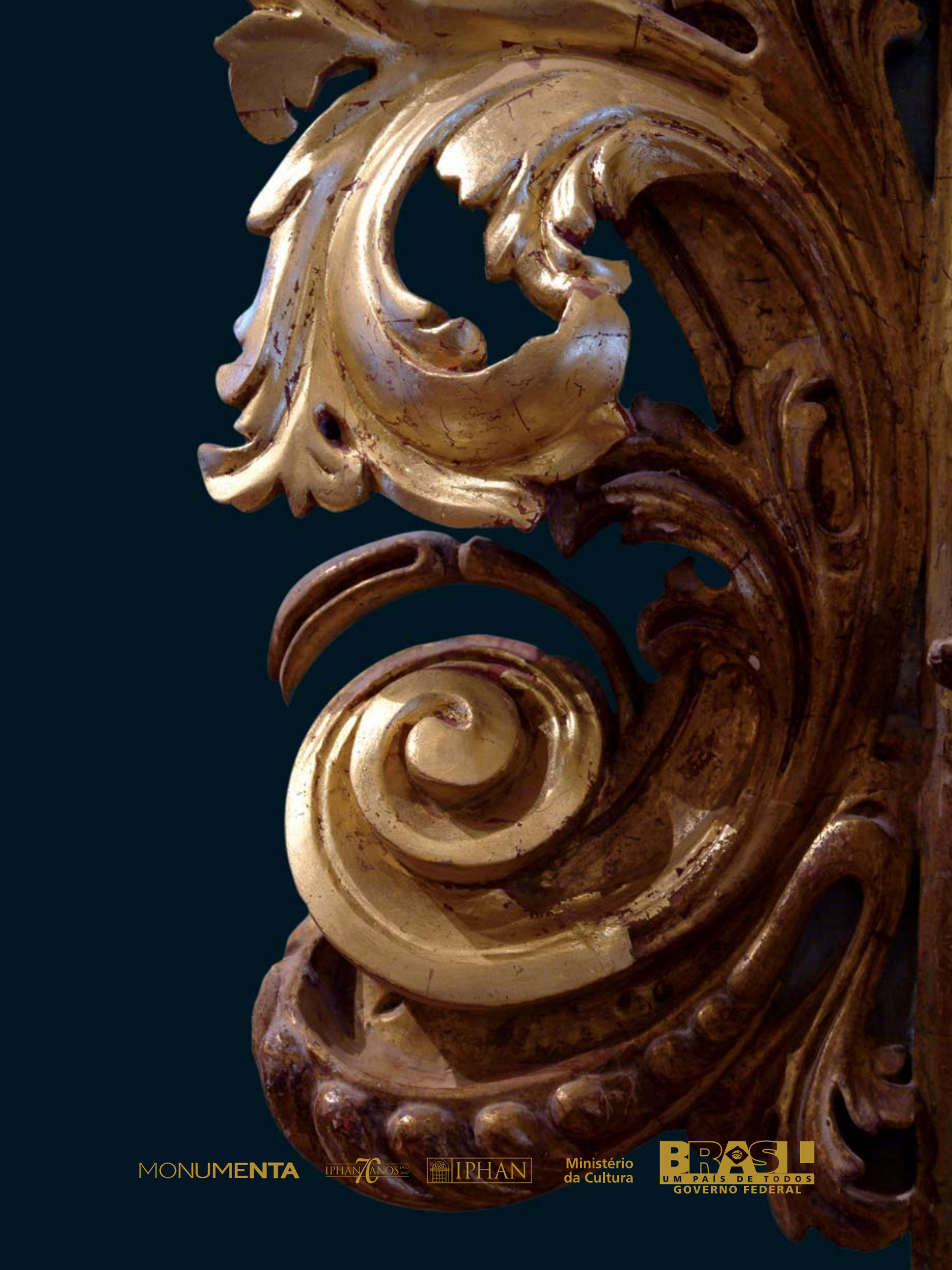
MONUMENTA

IPHAN 70 ANOS 1937 2007



Ministério
da Cultura

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL



MONUMENTA

IPHAN 70 ANOS 1937 2007

IPHAN

Ministério da Cultura

BRASIL UM PAÍS DE TODOS

GOVERNO FEDERAL